

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CAMPUS DE SOROCABA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM EDUCAÇÃO –  
MESTRADO ACADÊMICO

Giselli de Oliveira França

TRAJETÓRIAS AFETIVAS, SEXUAIS E REPRODUTIVAS DE JOVENS MULHERES  
EM VULNERABILIDADE SOCIAL: EXPERIÊNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO.

*Sorocaba*  
*2014*

Giselli de Oliveira França

TRAJETÓRIAS AFETIVAS, SEXUAIS E REPRODUTIVAS DE JOVENS MULHERES  
EM VULNERABILIDADE SOCIAL: EXPERIÊNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, na linha Educação, Comunidade e Movimentos Sociais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Vieira Garcia.

*Sorocaba*  
2014

Giselli de Oliveira França

Trajetórias afetivas, sexuais e reprodutivas de jovens mulheres em vulnerabilidade social:  
Experiências de socialização.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, na linha Educação, Comunidade e Movimentos Sociais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Vieira Garcia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr Marcos Roberto Vieira Garcia

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Belinda Piltcher Haber Mandelbaum

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Viviane Melo Mendonça

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Dissertação apresentada e aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

*Com Amor,  
Para minha avó Tata e  
meu avô João,  
minhas eternas inspirações.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir-me realizar meus sonhos e continuar sempre sonhando.

À minha família:

Pai, que com sua simplicidade sempre aparece com uma palavra de incentivo e de orgulho.

Mãe, inspiradora de todas as lutas e conquistas, meu exemplo de mulher e minha inspiração profissional. É um verdadeiro prazer poder compartilhar a profissão, os espaços de trabalho e o conhecimento. Mas acima de tudo, agradeço por me ensinar a buscar os meus próprios caminhos.

Minhas irmãs Cibelli e Isabelli, amigas e companheiras. Mulheres queridas de minha vida, as quais pela vontade de ser alguém melhor a cada dia fazem-me admirá-las em todos os sentidos. Ter irmãs é saber que nunca se está só.

Aos meus avós, tios, primos, sogros, cunhadas e cunhado por entenderem minhas ausências nos eventos familiares.

Ao Breno, meu amor, por tornar os meus dias mais coloridos e felizes. Obrigada por respeitar, apoiar e acima de tudo admirar minhas escolhas e meus esforços.

Aos meus colegas de mestrado da primeira turma, em especial Marco e Amanda, pelas ricas discussões e aprendizados que não me deixaram nunca esquecer o valor desta jornada. Aos colegas do grupo SexPol, pelas discussões ímpares que transformavam os encontros em ricos momentos de aprendizagem.

Ao professor Marcos Garcia, meu orientador, pelos ensinamentos nesta longa trajetória e por compartilhar comigo seu conhecimento e sua experiência.

À professora Viviane Mendonça pela forma cativante e delicada de transmitir grandes conhecimentos de um jeito simples e poético.

À professora Kelen Leite, que com sua paixão pela sociologia, apresentou-me a conhecimentos que certamente modificaram minha representação de mundo.

À professora Carla Corrochano, por sua incansável disponibilidade e simpatia.

À professora Belinda Mandelbaum, pela contribuição ímpar na estrutura deste trabalho.

À Ana Laura Schliemann, minha supervisora clínica, por sempre acreditar em mim, mas, principalmente por me ensinar a acreditar em mim mesma.

Às minhas queridas amigas, Mariana, Patrícia e Graziella, por toda experiência que compartilhamos em nossa trajetória profissional e pessoal. E às amigas de todas as horas, especialmente Lígia por compreenderem minhas inúmeras faltas nos encontros.

Aos funcionários e professores do Programa de Pós-graduação em Educação UFSCar, campus Sorocaba, por tornar o sonho do mestrado uma realidade. Parabéns pelo incansável trabalho.

E, principalmente, a todas as jovens que conheci no percurso de meu trabalho e de minha pesquisa, por me permitirem compartilhar de suas histórias. Minha trajetória estará para sempre marcada pela riqueza dessas experiências.

"Quando, seu moço  
nasceu meu rebento  
não era o momento  
dele rebentar  
Já foi nascendo  
com cara de fome  
e eu não tinha nem nome  
prá lhe dar  
Como fui levando  
Não sei lhe explicar  
Fui assim levando  
Ele a me levar  
E na sua meninice  
ele um dia me disse  
que chegava lá  
Olha aí! Olha aí!

Olha aí!  
Aí o meu guri, olha aí!"

O Meu Guri  
Chico Buarque

## TRAJETÓRIAS AFETIVAS, SEXUAIS E REPRODUTIVAS DE JOVENS MÃES EM VULNERABILIDADE SOCIAL: EXPERIÊNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO.

### RESUMO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que objetiva analisar as trajetórias afetivas, sexuais e reprodutivas de jovens mães que vivenciaram situações de vulnerabilidade social, incluindo a condição de abrigamento institucional. Objetiva-se avaliar como as jovens percebem a relação entre suas experiências de vida e a forma como vivenciam a sexualidade, a maternidade e o afeto. O conceito de socialização é compreendido a partir do referencial de Berger e Luckmann, e o de gênero, pela definição de Joan Scott. Adotou-se a metodologia de História de vida, dentro do campo da História Oral. Foram realizados encontros com cinco jovens mães que passaram pela experiência de abrigamento em uma instituição da região de Sorocaba (SP) específica para essa população. Duas entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas em profundidade. Na análise, discutiu-se o impacto dos diversos agentes socializadores – públicos e privados, e a construção social das identidades femininas, especialmente a da maternidade. A análise das histórias de vida dessas jovens permitiu compreender a maternidade como um marcador do processo de sedentarização dessas jovens que em geral possuem uma história marcada pelo nomadismo. Além disso, os relatos possibilitaram reflexões acerca das relações de gênero, da construção social e histórica do papel da mulher em nossa sociedade. Ainda discutiu-se a ausência de respostas programáticas voltadas à essa população.

**Palavras-chave:** Socialização, Maternidade, Juventude, Mulheres, Sexualidade, Gravidez.



## **ABSTRACT**

This qualitative research aims to analyze the emotional, sexual and reproductive trajectories of young mothers who have experienced social vulnerability, including the condition of institutional shelters. The goal is to evaluate how young girls perceive the relationship between their life experiences and how they experience sexuality, maternity and affection. The concept of socialization adopts Berger and Luckmann referential, and the gender concept follows the definition of Joan Scott. The methodology of History of Life, within the field of Oral History was adopted. Five interviews with young mothers who had the experience of sheltering next to Sorocaba (SP) were conducted. Two interviews were transcribed in full and deeply examined. In the analysis, the impact of various socializing agents was discussed- public and private, and the social construction of women's identities, especially motherhood. The analysis of the life stories of these young people allows us to understand motherhood as a marker of their sedentarization, who usually have a history marked by nomadism. Moreover, the reports allowed reflections on gender relations, the social and historical construction of the role of women in our society. The absence of programmatic responses referring to this population was discussed, as well.

**Key-words:** Socialization; Motherhood; Youth; Women; Sexuality; Pregnancy.

## Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Minha história com a <i>Associação</i> .....	11
2	INTERSECCIONALIDADES DE GÊNEROS, IDADE, CLASSE , RAÇA E PRODUÇÃO DE VULNERABILIDADES.....	21
2.1	Vulnerabilidades e Juventudes.....	25
2.2	Vulnerabilidade e sociabilidade.....	27
2.3	Vulnerabilidade e gênero.....	29
3	HISTÓRIA DE VIDA COMO FERRAMENTA DE TRABALHO: METODOLOGIA QUALITATIVA.....	32
4	AS HISTÓRIAS DESSAS MULHERES.....	37
4.1	A História de Ana Laura: “Pode me chamar de Negão”.....	37
4.1.1	A infância e a família: primeiras experiências de socialização.....	38
4.1.2	Gravidez e maternidade e afetividade.....	42
4.1.3	Vulnerabilidades, sedentariedade e a maternidade.....	48
4.1.4	Drogas.....	52
4.1.5	As identidades femininas, sexualidade e maternidade.....	54
4.2	A História de Erika.....	58
4.2.1	A infância e a família: primeiras experiências de socialização.....	59
4.2.2	Gravidez e Maternidade e afetividade.....	64
4.2.3	Vulnerabilidades, sedentarização e a maternidade.....	70
4.2.4	Drogas.....	77
4.2.5	Identidades femininas, sexualidade, maternidade.....	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
6	REFERÊNCIAS.....	99
	APÊNDICES.....	105

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de minha experiência profissional em uma instituição que abriga mulheres gestantes e mães em situação de vulnerabilidade social. Durante os três anos em que estive na instituição, entre 2008 e 2010, participei de diversos processos e projetos dentro da estrutura da *Associação*<sup>1</sup> e conheci as jovens que foram entrevistadas nesta pesquisa.

No início de 2008, ingressei como voluntária em um setor novo que ali surgiu. Naquela época havia a demanda específica de trabalhar o desligamento - reinserção social - de cerca de onze jovens e seus filhos, que iriam para o primeiro condomínio social a ser inaugurado pela *Associação*. Para tanto, foi constituída uma nova equipe composta por mim – psicóloga - uma assistente social e uma educadora, momento em que passei a efetivamente trabalhar na (e para a) *Associação*. Trabalhei nesse setor por aproximadamente um ano, e nesse período, houve muitas mudanças e adaptações de estrutura, planejamento e formas de atuação.

Após esse primeiro ano, passei a integrar a equipe que preparava a saída das jovens que residiam no abrigo que poderia ser tanto um retorno para a cidade de origem quanto à moradia em bairros próximos aos núcleos da *Associação*. No último ano, trabalhei como coordenadora do abrigo, com enfoque nas demandas das residentes e na dinâmica interna do próprio abrigo.

A seguir, descrevo brevemente a estrutura e a forma de organização da *Associação*. Isso será realizado com o intuito de constituir um pano de fundo sobre o qual se colocaram os discursos das jovens que relataram as histórias que serão apresentadas no presente trabalho.

### 1.1 Minha história com a *Associação*

Surgida no início dos anos 2000, a *Associação* é pensada a partir da experiência de sua fundadora em uma organização europeia na década de 80. A fundadora trabalhou com jovens

---

<sup>1</sup> Resolvi não utilizar o nome verdadeiro da *Associação*. Também decidi não criar um nome fantasia. Essa decisão não tem o intuito de não revelar a Instituição para preservá-la de alguma crítica, pois as características que serão descritas por si só podem revelá-la. Na verdade, entendo que, por não se tratar de um trabalho de enfoque institucional, preferi dar relevância a história de vida das jovens, que sim, têm nomes. Assim, no decorrer no texto utilizarei somente *Associação* quando eu me referir a essa Instituição que apresento aqui no início do texto.

dependentes de drogas em uma proposta de centro de pronto-acolhimento. Ela percebeu que as jovens que eram mães, tinham também outras demandas relacionadas ao próprio contexto da maternidade – cuidado com o bebê, segurança e limites, dificuldade em constituir vínculo e exposição a inúmeras vulnerabilidades. A partir desse contexto, o centro de acolhimento estimulava a jovem a realizar o enfrentamento dentro da sua própria realidade, agindo sobre ela, de forma a lidar ativamente com as contradições existentes.

Essa metodologia foi base para se iniciar um trabalho com jovens mães no Brasil. A ideia era ajudar a constituir jovens que saíssem do papel de assistidas para agentes formadoras e multiplicadoras da própria metodologia e de novas ideias que gerassem renda e, ao mesmo tempo, em que transformassem a condição emocional das jovens.

Assim, até hoje a *Associação* tem oficialmente as seguintes propostas: atender jovens mães e seus filhos em situação de vulnerabilidade social; resgatar e desenvolver a relação mãe e filho; resgatar e desenvolver a autoestima, o espaço social e a autosustentabilidade, para que, posteriormente, as mães atuem como multiplicadoras de um processo de transformação nas comunidades.

A descrição que trago, portanto, é do período em que estive ligada à *Associação* ativamente. Descrevo os processos tanto da forma pela qual eram propostos, como também pela qual ocorriam muitas vezes.

O funcionamento da *Associação* se dava por meio de acordos estabelecidos entre as partes interessadas, em que ambas as partes teriam suas obrigações e certos benefícios – chamados de parcerias. A *Associação* possuía parcerias com a comunidade local e com os serviços de acolhimento e atendimento social dos municípios que a procuram. Logo na chegada da jovem, também era proposta uma parceria entre ela e a *Associação*, bem como com a equipe, que incluía a anuência de que os cuidados do bebê seriam realizados pela própria mãe. A proposta incluía, também, que a dinâmica do abrigo (refeições, limpeza, organização) deveria ser realizada pelas próprias jovens em sistema de escala e que a jovem deveria frequentar a escola e participar de um projeto de geração de renda da *Associação*, em troca de apoio, assistência médica, psicológica, social e educacional.

A equipe – composta por psicólogos, assistente social e educadores - acompanhava e orientava a jovem em grupos de discussão ou em atendimento individual. As jovens eram divididas em grupos segundo um educador de referência, que trabalhava para ajudá-las a desenvolver sua autonomia, suas competências e habilidades. As jovens recebiam orientações em relação ao cuidado com o filho, ao cuidado com a “casa” (abrigo), ao seguimento de

regras, ao uso de drogas, ao manejo com o dinheiro. Havia atendimento psicológico e aconselhamento, que era realizado de acordo com as demandas individuais das jovens.

As jovens mantinham relações com a comunidade, cabendo a cada uma levar o seu filho ao médico, à creche, bem como frequentar a escola para completar os estudos. Caso a jovem não pudesse mais realizar os estudos em instituição formal (devido à idade), a *Associação* contava com um serviço de parceria, que trazia uma professora até o abrigo e núcleos de geração de renda num modelo de ensino supletivo. Também lhe era mostrado como utilizar os serviços médicos e sociais que a própria comunidade ou mesmo o governo dispunham (UBSs, Centros de referência de Atendimento, Serviços de Assistência Social, Defensoria Pública, etc.).

Assim, os principais projetos imbricados para o funcionamento da dinâmica da *Associação* eram o Abrigo, também conhecido como Comunidade (local de acolhimento das mães e seus filhos), e os projetos de geração de renda (Padaria/Buffer Social, Fábrica de Bonecas/artesanato, Empreiteira social).

Propunha-se que o abrigamento tivesse a duração média de nove meses, mas esse prazo poderia apresentar grandes variações – devido à idade das jovens, autorização judicial, impossibilidade de restabelecer parceria com a cidade de origem, risco das jovens incorrerem em situações de vulnerabilidades, etc.

Após o primeiro mês de abrigamento – exceto na condição de gestação de risco ou proximidade do parto – a jovem era apresentada aos projetos de geração de renda e deveria escolher em qual gostaria de se engajar.

Os projetos de geração de renda eram estruturados como essenciais para a transformação social das meninas, sendo o grande diferencial desta instituição em relação às outras que realizam abrigamento de mães e filhos. Por meio deles, visava-se trabalhar a autoestima, a dignidade, a criatividade e a cidadania, além de auxiliar o processo de profissionalização para a autonomia econômica no futuro. As jovens recebiam, por seu trabalho – realizado em período integral ou meio-período – o valor de uma bolsa, que ficava em corresponsabilidade com a educadora de referência, que as auxiliava a elencar as prioridades e a poupar para a fase de desligamento/reinserção.

Minha maior proximidade com os projetos de geração de renda foi com a empreiteira social. Quando trabalhei no projeto de reinserção, a empreiteira social e o primeiro condomínio social aconteciam no mesmo espaço, num terreno conseguido pela *Associação*.

Na empreiteira, as jovens fabricavam tijolos ecológicos tanto para venda como para a construção de suas próprias casas. Anteriormente à fase de construção, as jovens passaram por cursos de formação e capacitação em construção civil.

No primeiro condomínio foram construídas 14 residências. Depois, conseguiu-se mais um terreno (próximo ao primeiro), em que se construiria cerca de 20 residências, mas por enquanto, há cinco casas construídas. Nessa última fase, eu já não mais acompanhei o processo de construção e mudanças.

No início de 2008, as jovens começaram a se mudar para o condomínio. As primeiras mobílias foram conseguidas por meio de parceria com uma grande loja. Cabia às jovens arcar com as despesas de luz, água, gás e mantimentos. As que trabalhavam nos projetos de geração de renda recebiam seus pagamentos e depois acertavam os débitos direto com o setor financeiro da *Associação*.

As mães pagavam um valor mensal (cerca de 15% dos seus salários) para a constituição de um fundo que ajudaria a financiar a construção das demais casas no segundo condomínio.

O condomínio social surgiu a partir de uma demanda da própria população atendida pela *Associação*. São jovens que, na maioria das vezes, passaram por experiências de exclusão social e vivência em moradias de condições precárias, ou mesmo, por vivência na rua. O déficit habitacional é uma realidade para mais de 10% das famílias brasileiras em 2011, dependendo da região geográfica<sup>2</sup>. As jovens fazem parte desta estatística, e muitas vezes, ao saírem do abrigo, passam a viver de aluguel, algo que consome grande parte de suas rendas, e em locais com condições precárias, que as colocam, mais uma vez, em condição de vulnerabilidade social.

Entendo que uma questão importante era a emocional. Deixar a condição de abrigo era um sonho para elas. Como possuem trajetórias de vida, muitas vezes, atravessadas por períodos de institucionalização, vivência sob regras, pouca autonomia e individualidade, viver na *Associação* as remetia a esse passado, mesmo que esta apresentasse – de certo modo - uma visão e um funcionamento diferente das instituições anteriores. Assim, havia muitas expectativas em relação à forma como poderiam viver no condomínio, à

---

<sup>2</sup> A questão do déficit habitacional no Brasil tem sido reduzida no período entre 2007 e 2012. O déficit habitacional no país caiu 12% em cinco anos, de acordo com a Nota Técnica Estimativas do Déficit Habitacional Brasileiro por Municípios, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). <http://agenciabrasil.etc.com.br/noticia/2013-05-18/estudo-do-ipea-aponta-que-deficit-habitacional-caiu-12-em-cinco-anos>

autonomia e à liberdade que enfim teriam. Acredito que o encantamento que percebiam na vivência de rua está, em base, relacionado a essa percepção de autonomia e liberdade.

Logo que as famílias se mudaram para o primeiro condomínio, iniciei meu trabalho com elas, juntamente com a equipe constituída para esse fim. A recepção foi fria e austera, afinal, representávamos uma ameaça para a tão sonhada liberdade. Apresentávamo-nos como uma equipe disponível a auxiliá-las nesse processo de transição, como também para ajudá-las a constituir um grupo para administrar o condomínio, uma síndica, uma subsíndica, secretárias. Realizávamos visitas nas casas, comparecíamos as primeiras reuniões de condomínio, ajudávamos nos problemas entre vizinhos.

Um grande ponto de tensão foi a constituição de regras de comportamento. Há que se considerar que, por ser uma experiência nova, havia uma expectativa e até certo preconceito das pessoas do bairro acerca dos problemas que poderiam surgir no condomínio, em relação a uso de drogas, álcool, cuidado com os filhos. Assim, discutimos com elas uma série de comportamentos que não poderiam acontecer dentro do condomínio, como o uso de drogas ilícitas, o abandono dos filhos, agressão aos filhos, agressão entre elas, furto, trazer parceiros para morar com elas, entre outras questões.

Houve um período de adaptação até que elas entendessem e aceitassem que algumas regras seriam necessárias para o convívio coletivo. Com o passar do tempo, minhas visitas, assim como da equipe, foram ficando cada vez mais esporádicas, pois começamos a intensificar o trabalho que visava o processo de desligamento das jovens que ainda estavam no abrigo. Nesse contexto, aconteceram dois movimentos interessantes: as jovens do condomínio começaram a solicitar nossas visitas, e até mesmo, a cobrar a frequência em que íamos até o condomínio; as demais jovens que haviam se reinserido em outros bairros (fora do condomínio) também passaram a solicitar nossas visitas, sendo que, grande parte delas se restabelecia em bairros próximos ao abrigo. É importante pontuar que uma minoria não se abriu para as visitas e não constituiu esse tipo de vínculo com a equipe, mesmo com o passar do tempo.

Uma ruptura ocorreu quando deixei essa equipe e passei a trabalhar como coordenadora do abrigo. Diante das demandas internas, a equipe da reinserção foi reestruturada para a manutenção das atividades por novos funcionários, mas devido ao vínculo estabelecido, muitas jovens vinham me procurar no abrigo para conversar, pedir atendimento ou aconselhamento psicológico, ou mesmo telefonavam pedindo que as visitasse no condomínio. Muitas vezes, após o expediente, que era no abrigo, eu ainda passava no

condomínio e as visitava, por vezes ajudando a pensar em formas de resolver os inúmeros conflitos de convivência que existiam. Também visitava algumas meninas que residiam num bairro próximo, constituído como favela. Mesmo após minha saída, no início de 2010, mantive contato com as jovens por meio de longos telefonemas, e-mails, e (poucas) visitas.

Esse vínculo, construído durante esses anos em que trabalhei na *Associação*, foi o alicerce sob o qual o presente trabalho foi construído. Sem dúvida, foi essencial para que, no momento de execução dessa dissertação as entrevistas acontecessem como conversas, longas prosas, e que ainda me proporcionassem momentos cheios de descobertas. Encontrar cada história de vida foi um processo de ouvi-las para além daquilo que eu (achava que) já sabia delas.

Isso justifica o porquê da escolha dessas jovens. Elas já haviam sido abrigadas e já estavam residindo fora do abrigo, algumas no condomínio social, outras em bairros próximos. Acompanhar o processo de desligamento do abrigo, o desejo de autonomia e liberdade, coexistindo com o medo do enfrentamento das situações novas e com a enxurrada de responsabilidades, dentre elas, assumir o cuidado dos filhos, instigava-me.

Todo o processo que vivi na *Associação* despertou-me o interesse em descobrir as particularidades das histórias de vida de cada jovem, entender o que havia acontecido com elas antes do momento em que as conheci. Interessava-me saber como essas meninas constituíram-se como mulheres e mães; como depois de tantas experiências de socialização, nas suas famílias de origem, na rua, em abrigos, na *Associação*, nas suas “novas” casas, constituíram suas identidades em relação a si mesmas e aos outros; como vivenciaram na adolescência sua sexualidade, sua maternidade, seus relacionamentos e como ainda vivenciam hoje.

Essa pesquisa justifica-se pelo fato de trazer à vista da sociedade as memórias, as histórias de meninas que viveram situações de extrema vulnerabilidade social, situações de vivência de rua e também de institucionalização. Histórias que ficam esquecidas, reclusas ou escondidas quando se conta a história de jovens brasileiros. Mais do que falar de gravidez na adolescência enquanto acontecimento concreto pretendi contar histórias, permeadas de memórias, de afetos, de relacionamentos, de dor e de alegrias dessas jovens mulheres. Também é relevante refletir sobre o papel institucional, e com isso, como vivenciaram as situações de institucionalização pelas quais passaram, de que forma influenciaram suas vidas, especialmente desta última instituição.



Tenho como objetivo ouvir essas histórias e descrevê-las em suas particularidades, a fim de tentar compreender as singularidades das trajetórias afetivas, sexuais e reprodutivas de mulheres mães em situação de vulnerabilidade social a partir da narrativa realizada pelas próprias mulheres sobre suas experiências de vida. Como essas mulheres têm em comum a maternidade na adolescência em condições de vulnerabilidade social, esse será o fio que nos aproximará nas discussões. Estão implícitas, também, categorias transversais como “gênero”, “raça/etnia”, “classe social”, além da situação da institucionalização, que constituem um tecido social sob o qual as histórias de vida estão inscritas.

Não me abstenho de discutir o impacto da vivência institucional em minha trajetória profissional, até mesmo em minha identidade profissional e de mulher. As experiências que vivi durante os três anos em que trabalhei com psicóloga institucional continuam ecoando em minha forma de ser até hoje. Experiências prazerosas, desafiantes, mobilizadoras, inovadoras, conviviam muitas vezes com sentimentos de frustração, impotência e injustiça diante dos fatos do dia-a-dia, sendo inerente a própria prática. De acordo com Bleger (1984, p. 42, grifo do autor):

O psicólogo deve saber que a sua participação numa instituição promove ansiedades de tipos e graus diferentes e que o manejo das resistências, contradições e ambiguidades *forma parte, infalivelmente, de sua tarefa.*

Durante algum tempo, procurei compreender o impacto dessas experiências em minha análise pessoal, ou mesmo, nas minhas sessões de supervisão que ocorriam fora do contexto institucional. E talvez aí resida parte da crítica que realizarei no decorrer do trabalho. Não há como colocar um início e um ponto final nas relações construídas dentro da instituição. Afetamos e somos afetados por elas o tempo todo. Sentia falta de um espaço institucional formal, ou melhor, um espaço verdadeiramente instituído para discutir, ou mesmo compartilhar essa questão com a equipe e com as meninas abrigadas.

Mesmo depois de já ter me desligado formalmente da instituição, muitas questões continuavam a me inquietar e percebi que, a partir da minha prática profissional havia surgido um tema, uma inquietude que precisava procurar por respostas, e mais profundamente, comecei a vislumbrar um problema de pesquisa.

Bleger (1984) vai afirmar que, muitas vezes é da prática profissional que surgem as verdadeiras questões a serem investigadas. É a partir das inquietudes e das experiências vividas pelo sujeito que surgem verdadeiros temas de pesquisa, pois no seu entender, é dever do profissional continuamente questionar e buscar compreender os fenômenos que lhe

aparecem, mesmo que muitas vezes, estes sejam fenômenos muito complexos, multideterminados, que levam tempo e exigem cuidados metodológicos para serem analisados. Muitas vezes algumas questões exigem, inclusive, que sejam analisadas isoladamente. Bleger nos leva a refletir sobre o quanto o tema de pesquisa deve estar intrinsecamente ligado às vivências pessoais do pesquisador, e que, portanto, não se trata de uma escolha qualquer. Salomon (2001) resume o sentimento de se ter encontrado um verdadeiro problema de pesquisa quando diz que é o “*sentimento* que se tem em relação à escolha, desde a decisão, de que a pesquisa será prioritariamente uma *contribuição pessoal* para o pesquisador” (SALOMON, 2001, p. 278).

Assim, Salomon (idem) legitima e valoriza, principalmente, os problemas advindos da história de vida do pesquisador, da sua relação com o mundo. Portanto, podemos incluir aí os problemas ou temas advindos de uma prática profissional que tenha sido mobilizadora para este profissional e que podem migrar como problemas de pesquisa para o mundo acadêmico, sem nenhuma perda de validade.

Dessa forma, surgiu, então, o meu tema de pesquisa, e conseqüentemente, o meu objeto de pesquisa. Estarei atenta para buscar o distanciamento necessário para um trabalho acadêmico deste porte, mas não me eximirei das discussões que exigirem um olhar mais comprometido e sensível.

As histórias que trago nesse estudo são de mulheres que conheci no período em que trabalhei na *Associação*. Conduzi cinco entrevistas. Algumas duraram uma hora, outras, cerca de quatro horas. Dentre as cinco, selecionei duas para analisar. Não por entender que elas fossem mais representativas de alguma realidade, pois esse tipo de afirmação seria reducionista diante do conjunto das histórias que ouvi, bem como diante de outras tantas que nem cheguei a conhecer. Eu as escolhi pelas relações que há entre elas, mas principalmente, pela dinâmica estabelecida durante as entrevistas, a entrega e a profundidade dos relatos.

A primeira delas é Ana Laura, uma jovem negra de 30 anos. Sua mãe sempre foi usuária de drogas ilícitas e por isso tinha dificuldade em cuidar dos filhos. Nunca conheceu seu pai. Por alguns anos Ana e seus irmãos viveram em abrigos. Na adolescência usou drogas e devido a conflitos familiares acabou saindo de casa para ficar na rua. Teve três filhos. Uma menina, que sempre viveu com o pai e dois meninos que vivem com ela no condomínio social da *Associação*. Mantém um relacionamento de cinco anos com Talita. Relata que às vezes sonha em poder ser mãe de uma menina novamente.

O discurso de Ana é forte, assim como ela. Descreve-se como protagonista das situações, nunca como vítima. Tem um humor singular nas narrativas, é irônica e engraçada.

Aceitou ser encaminhada para a *Associação*, por temer perder a guarda de seus filhos devido a vulnerabilidade da situação de rua.

Erika, a segunda entrevistada que apresento, também é uma jovem mulher de 30 anos. A mãe de Erika a deixou recém-nascida para sua avó materna. Erika só conheceu sua mãe no velório de sua avó, com 10 anos e o pai, aos 14 anos. Passou grande parte de sua infância e adolescência entre idas e vindas de diversos abrigos. Usou drogas ilícitas desde os 13 anos, como maconha, cola, cocaína e crack.

Das três gestações que teve, a primeira foi fruto de um abuso no início de sua adolescência, e gerou uma menina que foi adotada. Vivendo em situação de rua, conheceu Afonso, o pai de Rafael e Rafaela. Rafael faleceu devido a complicações decorrentes de uma pneumonia com um ano e três meses. Quando Rafael faleceu, Erika estava grávida de oito meses de Rafaela. Depois de duas internações e algumas recaídas, ela pediu para vir para a *Associação*. Refere que se continuasse na rua, acabaria morrendo em pouco tempo.

Essas duas histórias de vida serão melhor apresentadas e aprofundadas no capítulo “*As Histórias dessas mulheres*”. Mais do que meras ilustrações para teorias que gostaria de discutir, elas são o próprio conteúdo. Foi sobre elas que me debrucei.

Tenho certeza de que o conteúdo dessas histórias é tão extenso que poderia (e poderei) revisitá-las por muitas vezes, e que novas discussões se abririam. Nesse sentido posso não ter conseguido reproduzir, aqui, o tamanho e a dimensão que elas representam. Além disso, trago na íntegra os conteúdos das entrevistas (ver APÊNDICES B e C).

Antes de dialogar com as histórias de vida, senti necessidade de apresentar uma breve discussão conceitual, que nos auxiliará na construção de um diálogo com as histórias das jovens mulheres, que será apresentado no capítulo “*Interseccionalidades de gênero, idade, classe, raça e produção de vulnerabilidades*” (ver, p. 21). Nesse capítulo, discuto a relação entre gênero, classe, idade, raça e planos de vulnerabilidade, procurando compreender como esses são marcadores importantes para a formação das identidades e da vida social das jovens mulheres no Brasil.

Segue-se a exposição da metodologia de história de vida, que adotei desde o princípio, capítulo que denominei “*História de vida como ferramenta de trabalho: metodologia qualitativa*” (ver, p. 32). O objetivo inicial era entrevistar as mulheres para compreender as suas vivências durante a gravidez na adolescência. Entretanto, quanto mais eu

me (re)aproximava delas, mais eu queria ouvi-las. As entrevistas, então, ocorreram como longas conversas. Procurei interrompê-las o mínimo possível e deixá-las escolher os rumos de suas narrativas.

Mediante a profundidade do conteúdo das entrevistas e a adoção da metodologia qualitativa de história de vida, meu objetivo passou a ser compreender as relações que essas mulheres estabeleceram e ainda estabelecem com suas maternidades, suas sexualidades e afetividades, bem como, de que forma se deram suas trajetórias a partir de suas relações com a suas famílias, instituições e mesmo em situação de rua.

## **2 INTERSECCIONALIDADES DE GÊNEROS, IDADE, CLASSE , RAÇA E PRODUÇÃO DE VULNERABILIDADES.**

Uma vez apresentado o contexto em que esta pesquisa se desenvolveu, bem como a população com a qual dialogaremos, faz-se necessário olhar para os fenômenos que ali ocorrem. Sendo uma pesquisa de cunho fundamentalmente qualitativo, olharemos os fenômenos não somente de maneira descritiva, mas também compreensiva, discutindo e aprofundando as relações que eles estabelecem entre si. Assim, nesta sessão, procuraremos apresentar e esclarecer os principais referenciais que adotamos.

As categorias “gênero”, “classe”, “raça/etnia” apresentam profundas interseccionalidades, que determinam contextos muito complexos. No presente trabalho, a essas categorias, incluímos também a categoria “idade” ou “geracionalidade”, uma vez que escolhemos uma população formada por jovens mulheres com experiências de maternidade na adolescência, de situação socioeconômica baixa e vulneráveis socialmente.

São categorias que atravessam umas às outras e demarcam o cenário das experiências de socialização dessas mulheres. Para Patai (2010), as categorias “gênero”, “classe” e “raça” organizam a experiência e a percepção da sociedade no Brasil e, portanto, são mais do que categorias conceituais, são também empíricas, apesar de não serem observadas com tanta obviedade.

Saffioti (1992) apresenta uma visão que ressalta a inter-relação entre as categorias. Para a autora, “gênero”, “classe” e “etnia” formam os três eixos estruturadores da vida social e estão intrinsecamente relacionadas. Quando consideradas isoladamente, implicam em formas muito diferentes de relacionamento nos grupos sociais. Entretanto, a relação entre elas podem constituir contextos ainda mais específicos de interação, e conseqüentemente, de subjetivação para cada indivíduo.

Constituímo-nos por meio das relações que estabelecemos com os outros e com o mundo objetivo, as quais nos dão os referenciais que regulam a construção de nossa identidade social, nossa história de vida. Portanto, ser de um sexo ou de outro, pertencer a certa classe social ou a outra, ter a cor da pele de determinada cor ou de outra, produz uma enorme variedade de informações, a partir das quais os indivíduos se constituem e que são qualitativamente diferentes entre si.

Em relação à “classe”, esta se expressa nas histórias por meio das características das vidas das mulheres que entrevistei. Todas as entrevistadas fazem parte de um contexto

socioeconômico precário, que, no Brasil, está intimamente ligado à questão da privação de acesso à educação, à saúde, à renda, à moradia, à cultura e demais oportunidades. Soma-se a isso ainda a prevalência de situações de diversos tipos de discriminação e violência que reiteradamente se associam a condições de pobreza (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002).

A categoria “gênero” apresenta-se com especial relevância num estudo que se propõe a trazer histórias de mulheres a partir de suas perspectivas, vividas numa sociedade sexista. Gênero é aqui entendido como “elemento constitutivo das relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo a forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86). O poder é compreendido como produto de uma relação desigual entre as partes envolvidas, em que uma parte se coloca hierarquicamente superior à outra. O estudo de gênero busca compreender e decodificar essas relações entre os humanos.

O estudo de gênero vai muito além do estudo do feminino e das mulheres, refere-se às relações existentes entre os sexos. O conceito de “gênero”, na verdade, reflete os significados que podem ser produzidos a partir das diferenças corporais. No entanto, os significados podem mudar de acordo com a cultura e com os grupos sociais. Também mudam de acordo com a passagem do tempo: em uma época, os significados atribuídos ao corpo são uns, já em outra, são significados de forma diferente.

Deste modo, gênero não é algo que adquirimos naturalmente, mas sim, algo que produzimos por meio das relações que estabelecemos no dia-a-dia (WELLER, 2005), nas situações em que somos expostos e nas interações que vivemos. Podemos dizer que, as experiências que as mulheres passam são significativamente diferentes das experiências dos homens, e que isso marca a forma com que elas constituem suas identidades. Enquanto aos homens foi reservada historicamente a participação na esfera pública, da produção, para as mulheres coube à esfera privada da reprodução e do cuidado com os outros<sup>3</sup>.

Duque-Arazola (1997, p. 351) faz uma discussão que evidencia que, a forma como a sociedade vivencia a questão de gênero pode determinar a forma de os sujeitos constituírem suas identidades e subjetividades:

O feminino e o masculino são construídos, interpretados e internalizados, portanto personalizados, dependendo das características específicas da sociedade em que homens e mulheres vivem, do ciclo de suas vidas e de suas vivências subjetivas

---

<sup>3</sup> É importante observar, contudo, que as mulheres de camadas populares no Brasil, em muitos momentos, ocuparam os espaços públicos, embora em posição de subalternidade. Muitas trabalharam nas ruas como ambulantes, no comércio sexual, como costureiras, doceiras, renderias ou dentro das casas das patroas da burguesia como lavadeiras, cozinheiras ou domésticas, como podemos constatar em tantas passagens do livro “História das mulheres no Brasil”, organizado por de Mary Del Priore, publicado pela primeira vez em 1997.

como homens e mulheres que pertencem a uma raça, etnia e classe social determinadas.

Especialmente em relação à questão racial, há uma complexa associação de aspectos que compõem a vulnerabilidade das mulheres negras. A questão racial, quando combinada às questões de gênero, posicionam as mulheres negras numa condição subjugada também de classe e isso as expõem numa sobreposição de discriminações: discriminação por serem mulheres (discriminação de gênero), por serem mulheres negras (discriminação de gênero e racial), e também, por serem mulheres, negras e pobres (discriminação de gênero, racial e de classe).

A geracionalidade também se intersecciona com as demais discriminações. Para Taquete (2010, p. 53),

o racismo, a pobreza e o sexismo (conjunto de ações e ideias que privilegiam indivíduos de determinado gênero e orientação sexual e discriminam os que não têm esses atributos) são mais agudos nas mais jovens.

Em comparação com as mulheres brancas, as mulheres negras possuem taxas maiores de mortalidade, sofrem agressão física duas vezes mais durante a gravidez (LOPES, 2005), são mais expostas à violência física e sexual, e têm maiores dificuldades de negociação de práticas sexuais seguras (TAQUETTE, 2010).

A questão da mulher negra ilustra uma das possíveis relações entre as categoriais, alertando-nos quanto aos contextos de vulnerabilidades que podem ser produzidos pelo entrelaçamento destas categorias. Saffioti (1997, p. 61) explicita a forma como as complexas relações entre as categorias de “gênero”, “raça” e “classe social” se articulam:

esses três ordenamentos das relações sociais são três antagonismos fundamentais que se entrelaçam “de modo a formar um nó”, que põem em relevo as contradições próprias de cada ordenamento das relações sociais e que as potencializa, apresentando este nó, uma lógica contraditória.

Assim, as experiências de socialização das mulheres revelam processos muito específicos de padrões de comportamento, de vivência da sexualidade, da gravidez e da maternagem. Para as meninas, desde muito cedo, tenta-se incutir o desejo da maternidade e o interesse por aprender comportamentos de cuidado, demonstrando o quanto a maternidade é um lugar social extremamente valorizado.

A inscrição no grupo familiar de origem – instância fundamental de socialização primária – fornece o universo normativo que enquadra as concepções de maternidade e paternidade, além da própria divisão de atribuições entre homens e mulheres no âmbito doméstico. A gravidez envolve, portanto, questões complexas que remetem tanto a mudança de status, quanto à reafirmação de projetos de mobilidade social para camadas populares. Diante das poucas possibilidades de outros papéis, o papel materno é visto como uma possibilidade de status para muitas jovens, que ascendem do papel de menina, ao papel de mulher (AQUINO, ALMEIDA, ARAÚJO, MENEZES, 2006), como “uma espécie de ‘passaporte’ para entrar na vida adulta” (PANTOJA, 2003, p. S342).

Especialmente em relação ao gênero, Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) utilizam a expressão *socialização de gênero* para se referirem ao repertório comportamental que se constrói nas interações entre os sexos. Nessas relações, os papéis, valores e normas existentes entre os sexos são constantemente (re)construídos, isto porque o processo de socialização é permanente e interminável.

Neste contexto, a família tem uma função ímpar, pois ela modela e reforça padrões de comportamentos na dinâmica do dia-a-dia. É no ambiente doméstico que se aprendem os primeiros modelos de organização – e também de hierarquização – de gênero, das funções a serem desempenhadas por cada membro da família de acordo com o seu sexo e com o grupo social ao qual pertencem. Berger e Luckmann (1998) chamam de socialização primária a esse processo de aprendizagem social com a família. Trata-se de um processo que tem forte carga emocional e que permite que a criança se identifique com os “outros significativos” – pais, tios, irmãos – com os quais ela se relaciona, e os interioriza, tornando-os seus. O indivíduo adquire, assim, conhecimento do papel dos outros, e neste processo, entende o seu papel. Em suma, apreende sua personalidade através de uma atitude reflexa, sendo a linguagem um dos principais mecanismos dessa socialização.

No entanto, a socialização não é um processo linear. Constantemente são produzidas tensões e contradições que podem ser tanto intrínsecas ao processo – dos próprios envolvidos – quanto extrínsecas – tais como mudanças econômicas, reivindicações de movimentos sociais de mulheres – que abrem possibilidades para novas configurações, por meio de rupturas e subversões.

Parte-se, neste trabalho, portanto, de uma visão ampla dos processos de socialização, considerando não apenas os diferentes espaços e trocas interpessoais onde tais processos



acontecem, mas, também, a influência que o indivíduo (seja criança, adolescente ou adulto) exerce sobre o seu grupo social e vice-versa.

## **2.1 Vulnerabilidades e Juventudes**

O recorte da idade, no presente trabalho, é de fundamental importância por envolver uma polêmica muito difundida entre precocidade reprodutiva e o nível socioeconômico.

O modo como jovens são vistos gerou e ainda gera inúmeras controvérsias, não só no meio acadêmico, como em toda a sociedade. São exemplos de concepções bastante divergentes, as que podemos encontrar nos trabalhos de psicologia e das ciências sociais. Encontramos o uso do termo “adolescente”, em geral, em trabalhos e pesquisas que abordam a sexualidade, a saúde reprodutiva e a gravidez, e que trazem discussões a partir de um viés mais biologizante. Já o termo “jovem” aparece com mais frequência em trabalhos ligados à violência, ao trabalho e à profissionalização, estudos mais vinculados à área das ciências sociais. Portanto, o uso de um ou de outro termo sinaliza a lógica sob a qual as discussões ocorrem, sob as concepções e as intenções político-sociais que lhes são intrínsecas (RIOS; PIMENTA; BRITO; TERTO JR; PARKER, 2002; COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005).

Assim, optei por usar a terminologia “juventude” e seus correlatos, sempre que possível, por entender que para além de definições de faixas-etárias, é importante que se construa uma concepção ampla das diferentes juventudes e que se marquem essas diferenças, além de entender que fazendo esse tipo de discussão, pode-se combater a homogeneização e naturalização da categoria. Em alguns momentos, porém, em respeito às fontes citadas, referir-me-nos à adolescência propriamente dita e aos processos decorrentes desta. Reiteramos que a simples troca de uma palavra pela outra, em si mesmo, não garante a quebra das naturalizações e generalizações (COIMBRA et al, 2005), e é por isso que discussões a respeito dessas concepções ainda se fazem tão importantes.

A juventude não é um processo contínuo e linear, pois as formas de existência juvenil podem apresentar uma variada gama de possibilidades, trajetórias e rupturas, constituindo diversas formas de transição, assim como de ser jovem e de ser adulto (ABRAMO, 1997). Pais (1993) salienta que “o que é ser jovem”, “quem é jovem” e “até quando alguém pode ser considerado jovem” são influenciados por contextos sociais, econômicos, políticos.

Dessa forma, procuraremos, no presente estudo, abordar a juventude e seus processos a partir das experiências construídas e vividas pelos jovens. Magro (2003, p. 178) exemplifica uma possibilidade de compreender a juventude,

não mais como uma forma evolucionista, linear e teleológica de subjetividade, mas como uma fase de experiências marcadas por corpos e gêneros, como um conjunto de múltiplas referências situadas socioculturalmente.

As grandes desigualdades sociais no Brasil têm amplo impacto sobre as trajetórias juvenis, particularmente quanto ao processo de escolarização e ingresso no mercado de trabalho. Nesse sentido, é relevante apontar determinantes socioculturais da reprodução juvenil. Segundo dados encontrados na pesquisa GRAVAD<sup>4</sup> - *Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil* – constatou-se um nítido gradiente de associação inversa entre ocorrência de gravidez na adolescência e grau de escolaridade. O mesmo gradiente de associação inversa se reproduz quando examinada a ocorrência de gravidez segundo renda familiar per capita (AQUINO et al, 2006, p. 330).

Entre os grupos sociais mais favorecidos economicamente, constata-se o fenômeno de prolongamento da juventude, identificado em sociedades europeias (GALLAND, 2001), com o aumento do tempo de estudo, a permanência na casa dos pais e a aquisição tardia da autonomia material. Alguns estudos já apontam esse movimento para classes sociais médias e altas no Brasil, em que os jovens têm a possibilidade de construir trajetórias menos lineares, de sair e voltar para a casa dos pais, ou mesmo de permanecer, ainda que já tenham conquistado alguma autonomia financeira. Isso não ocorre da mesma forma nas classes populares, em que os jovens – em grande parte das vezes – interrompem precocemente os estudos e são obrigados a buscar uma inserção (ainda que precária) no mercado de trabalho (HEILBORN et al, 2002). Dessa forma, uma gravidez ocorrida nesses diferentes contextos socioeconômicos têm percursos também muito diferentes, em que podemos incluir o acesso à rede de saúde, o suporte emocional, o cuidado, a possibilidade de refazer planos profissionais e educacionais.

---

<sup>4</sup> O projeto *Gravidez na Adolescência: Estudo Multicêntrico sobre Jovens, Sexualidade e Reprodução no Brasil* (Pesquisa GRAVAD) foi elaborado e realizado por Maria Luiza Heilborn (IMS/UERJ), Michel Bozon (INED, Paris), Estela Aquino (MUSA/UFBA), Daniela Knauth (NUPACS/UFRGS) e Ondina Fachel Leal (NUPACS/UFRGS). Os resultados foram publicados no livro *O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* organizado por HEILBORN et al. (Org.) em 2006.

## 2.2 Vulnerabilidade e sociabilidade

No presente trabalho, compreendemos o fenômeno da gravidez em sua relação com diversas variáveis – tais como pobreza, idade, escolaridade, vivência em situação de rua, entre outras – de forma que o conceito de vulnerabilidade se faz particularmente essencial para explicarmos de que forma se dão essas relações.

Desde a década de 80, o conceito de “vulnerabilidade” vem sendo discutido no Brasil, no contexto da saúde, a partir de estudos epidemiológicos sobre a AIDS. Trata-se de um conceito que surgiu em oposição ao conceito de “risco social” e/ou “epidemiológico”, e foi primeiramente desenvolvido por Mann (1993). O conceito de “risco” é calcado em uma visão de responsabilidade individual, empregado no âmbito da epidemiologia clássica, para demarcar as chances probabilísticas e susceptibilidades de um indivíduo ou de um determinado grupo a determinadas doenças (AYRES, 2002).

Ayres, França, Calazans e Salletti (1999) propõem o conceito de “vulnerabilidade” para as intervenções em saúde, com o objetivo de superar o caráter “objetivista” e “analítico-discriminativo” que o conceito de “risco” impõe. O conceito de “vulnerabilidade”, portanto, retira a responsabilidade individual do cerne da questão, e abrange aspectos coletivos, contextuais e complexos dos fenômenos, além de também levar em conta aspectos que dizem respeito à disponibilidade ou a carência de recursos destinados à proteção das pessoas.

Podemos definir vulnerabilidade como um modelo formado por três planos interdependentes de determinação. Os três planos se organizam de forma que, um se refere ao comportamento pessoal, chamado de vulnerabilidade individual, outro, ao contexto social, chamado de vulnerabilidade social, e o plano que se refere aos programas de atenção e/ou combate a doenças, ao qual também podemos incluir programas sociais, denominado programático.

A intrínseca relação entre os planos de vulnerabilidade pode ser expressa pela incorporação do conceito de “locus de vulnerabilidade”, que poderia ser definido como um lugar simbólico que abrigaria a dinâmica entre os três planos, considerando não cada plano isoladamente, mas sim, a relação indivíduo-coletivo como uma unidade analítica privilegiada. Esse conceito é usado para compreender o modo como cada indivíduo ou grupo é afetado pelas diversas circunstâncias do contexto em que ele se insere (AYRES et al, 1999).

Uma consideração a ser feita sobre o conceito de “vulnerabilidade” é a de que ele mantém uma maior aplicabilidade às questões de saúde, o que exige certa adaptação para ser

utilizado por outras áreas do conhecimento. Por outro lado, o próprio constructo nos traz um modelo que incita a olhar para além da relação indivíduo-coletivo e a pensar sobre as práticas e a entender que sua construção deve ser realizada de maneira participativa e orientada às necessidades dos indivíduos e da coletividade.

Para um conjunto de autores, a concepção de vulnerabilidade é ampla e necessariamente implicada à inter-relação entre fatores sociais, culturais, políticos e econômicos (AYRES, CALAZANS, FRANÇA JR., 1998; PARKER, CAMARGO JR, 2000; PARKER, 2000; RIOS et al., 2002), sendo, por isso, melhor definida pelo uso do termo no plural, “vulnerabilidades”.

Nesse sentido, mais recentemente, o conceito de “vulnerabilidade” passou a ser usado para explicar processos de exclusão, discriminação ou enfraquecimento dos grupos sociais, bem como sua capacidade de reação ou de enfrentamento (SPOSATI, 2004). Por isso se faz tão necessário se aproximar da população e conhecer suas necessidades, bem como que levar em consideração a necessidade de que esta população também seja capaz de reconhecer suas demandas, já que é a partir dela que se podem encontrar alternativas de intervenção às vulnerabilidades.

Adorno e Varanda (2004) adaptaram o conceito de “vulnerabilidade” em seus trabalhos com populações de rua. Para eles, a “vulnerabilização” é um processo dinâmico que ocorre principalmente no universo das redes de relações das classes populares. Os autores introduzem, também, o conceito de “experiências desestruturantes” para explicar o impacto das experiências individuais no enfrentamento dos desafios da vida, enfatizando o quanto as experiências individuais se inter-relacionam com as questões estruturais da sociedade. Assim, segundo Adorno e Varanda (2004), as experiências desestruturantes,

[...] em vez de fortalecer os recursos pessoais que capacitam o indivíduo para enfrentar os desafios que a vida lhe oferece, minam seu potencial de organização interna, sua capacidade de articulação com o meio em que vive, sua autoimagem, autoestima e sua identidade dentro do grupo.

Por esse motivo, não é possível fazer generalizações a respeito da forma como cada indivíduo reage aos efeitos de sua trajetória e analisar somente o universo subjetivo das situações de vulnerabilidade, pois as questões macroestruturais da sociedade são cruciais para esses processos de fragilização e exclusão individual, bem como coletiva.

### 2.3 Vulnerabilidade e gênero

Vimos, portanto, que a vulnerabilidade é composta a partir de uma série de condicionantes. A própria categoria de gênero, segundo Sposati (2004), em especial quando se refere às mulheres, é um forte marcador de vulnerabilidade quando associado à dimensão socioeconômica – tal como renda e escolaridade. Aquino et al (2006), na análise dos dados da Pesquisa GRAVAD, reiteram essa ideia ao constatar que as desigualdades de gênero articulam-se com as de classe social, configurando os cenários em que se inscrevem as experiências de maternidade e paternidade juvenis.

“A presença de mulheres pouco escolarizadas como chefes de família é um indicador que contribui para os ciclos de reprodução de pobreza nas classes menos favorecidas economicamente” (SPOSATI, 2004, p. 17), já que elas têm menor escolaridade, menor remuneração, além de muitas vezes terem de conciliar suas vidas profissionais à criação sozinha dos filhos.

Em relação a mulheres em situação de rua, destaca-se que a vulnerabilidade é ainda maior do que a dos homens, apesar de o número de mulheres nessa condição ser quantitativamente menor do que o de homens. As experiências na rua, dessa forma, também se encontram marcadas pela condição de gênero, incluindo violência física e sexual, sexo para sobrevivência, inserção no mercado sexual em seus múltiplos e complexos aspectos, uniões e separações, gravidez e filhos.

Além disso, no caso das situações de violência sexual (abuso sexual ou exploração sexual), meninas ainda no início de suas vidas reprodutivas podem, muitas vezes, engravidar, o que remete ao fenômeno da “gravidez na infância”. Encontra-se pouca referência bibliográfica em relação especificamente a gravidez de meninas, sendo abordadas, às vezes, pelo eufemismo de “meninas-mães”.

As precárias condições socioeconômicas, quando associadas à infância e à juventude, também podem ser consideradas como fatores que imprimem vulnerabilidades, uma vez que as chances de desenvolvimento desses jovens e crianças ficam bastante prejudicadas, o que, em longo prazo, ajuda a manter as condições a que estão submetidos (SPOSATI, 2004). Nesse sentido, alguns fatores de vulnerabilidades para essa população são, além da gravidez, alfabetização tardia, o risco de morte violenta, o uso de drogas, a prostituição, a violência sexual.

É importante ressaltar que, a gravidez juvenil só pode ser tomada como uma condição que aumenta a vulnerabilidade quando acontece em contextos específicos – sociais, econômicos, ausência de programas específicos para essa população. Nos dados encontrados na pesquisa GRAVAD, um maior índice de gravidez antes dos 20 anos foi relatado por mulheres que se declararam pretas ou pardas, iniciaram-se sexualmente mais cedo, e que apresentavam menor renda e escolaridade (AQUINO et al, 2006).

Por outro lado, encontramos estudos que vão compreender a maternidade como um projeto de vida dessas jovens. Em contextos fortemente marcados por desigualdades de gênero e classe social, a maternidade se apresenta não apenas como “destino”, mas talvez como um projeto possível de reconhecimento social para jovens mulheres cujos eventuais projetos educacionais e profissionais dificilmente poderão se concretizar (PANTOJA, 2003; AQUINO et al, 2006).

Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) mostram essa intencionalidade da gravidez em estudo com 26 mães adolescentes da periferia de Natal. Dentre essas, 73% referiram ter tido intenção de conceber, fosse por desejo seu, do companheiro ou de ambos. Destaca-se que 42% já haviam deixado os estudos antes da gravidez, sendo igual o percentual das que deixaram após a gravidez. Metade das participantes informou categoricamente que a chegada do bebê não causara qualquer mudança nos planos e projetos de vida, não tendo alterado em nada o que ela pretendia fazer.

Verifica-se que a inexistência de planos, ou a própria dificuldade em realizá-los, pode contribuir para a percepção de que eles não foram alterados após a gestação ou nascimento da criança. Seria interessante investigar quais os planos ou projetos de vida que essas possuíam antes da gestação, para poder se constatar se uma gestação durante a adolescência realmente não alterou a sua possibilidade de realização, como também analisar que recursos se apresentavam disponíveis nessa comunidade para que elas pudessem entrar em contato com outras possibilidades e fossem buscar concretizá-las.

Aquino et al (2006) explicitam que a reprodução do ciclo de pobreza é frequente, uma vez que a maior frequência de experiências de gestação antes dos 20 anos é de jovens cujas mães também iniciaram suas carreiras reprodutivas na adolescência. No entanto, os autores apontam que, mesmo com a percepção de que há certa reprodução desse ciclo, a gravidez pode, para essas jovens socioeconomicamente desfavorecidas, auxiliá-las a entrar em contato com outras possibilidades pessoais, educacionais e profissionais, aumentando as chances de elas reverterem esse ciclo e construírem trajetórias diferentes.

O fato de essas jovens mães almejarem um futuro diferente do presente em que vivem, e poucas vezes encontrarem respostas programáticas que verdadeiramente as instrumentalizem a construir novas trajetórias, deve ser a diretriz para a elaboração e implementação de políticas públicas – ou mesmo assistenciais não governamentais - voltadas aos jovens, de forma que essas possibilitem real acesso à saúde, ao trabalho, à educação, de modo a enquadrar o tratamento do tema nos marcos dos direitos sociais, entre os quais se incluem os direitos sexuais e reprodutivos.

Exatamente pelas questões das poucas oportunidades e da própria vulnerabilidade, muitos jovens encontram no desejo de concepção de um filho, um lugar para seu investimento emocional. Nesse caso, podemos falar também da paternidade juvenil, que é um aspecto do fenômeno da gravidez na adolescência que muitas vezes é negligenciado. A questão da gravidez na adolescência acaba sendo tratada, muitas vezes, como sendo um assunto que diz respeito somente às meninas, como se somente a elas coubesse a questão do cuidado e da prevenção da gravidez. A inclusão dos meninos nas respostas programáticas é indispensável como forma de se diminuir a vulnerabilidade das meninas, uma vez que muitas vezes vivenciam sua maternidade como mães-solteiras, com pouca ou nenhuma participação dos pais.

Não podemos nos esquecer de que, no caso específico das meninas, muitas vezes a gravidez pode estar envolta num contexto também de violência de gênero, de relações intergeracionais hierárquicas ou opressoras, de violência sexual, que dificultam ainda mais a vivência da gestação e da maternidade.

### 3 HISTÓRIA DE VIDA COMO FERRAMENTA DE TRABALHO: METODOLOGIA QUALITATIVA

*“Não há vidas sem sentido,  
e não há histórias de vida sem significado”.*  
(PATAI, 2010, p.19)

Inúmeras inquietações me motivaram a refletir e a procurar compreender as relações que as mulheres estabelecem consigo mesmas acerca das suas próprias trajetórias. Interessava-me ouvir as histórias que, especificamente, as mulheres que conheci nessa instituição tinham a contar. Como psicóloga, muitas vezes as ouvi, mas neste trabalho, procurei dar um enquadre diferente para essa escuta, não como psicóloga clínica, mas como pesquisadora, de forma a estabelecer as possíveis relações com o contexto social em que as suas tramas se desenvolveram. Trata-se de um rico exercício de ouvir, partilhar e aprender com cada história.

A presente pesquisa se insere no contexto da pesquisa qualitativa, que segundo Chizotti, (2003) é um campo que envolve as ciências humanas e sociais, que adota variados métodos de investigação para o estudo do sentido do fenómeno, bem como da interpretação do significado que as pessoas dão a ele. Na maior parte das vezes, é utilizado para a investigação de questões que não podem ser quantificadas, e que dizem respeito a um universo específico.

Alguns autores me inspiraram: Ecléa Bosi foi uma das mais importantes. O modo como ela toca e se permite ser tocada pelas histórias de seus oito “velhos” em “*Memória e Sociedade*”<sup>5</sup>, emociona e ensina. Entrevistados em profundidade, as histórias de vida de seus velhos remontam um cenário coletivo e social de certo momento histórico da industrialização paulistana. O cenário se constrói a partir do relato daqueles que vivenciaram esse momento comum, no entanto, valoriza a história particular de cada indivíduo nesse contexto.

Trata-se de um texto recheado de originalidade, desde sua base linguística, sua natureza teórico-metodológica à própria postura da autora em relação aos seus entrevistados, a maneira como os conceitos vão sendo entrelaçados as histórias, sem deixar o texto carregado de teorias repetitivas. Propus-me a seguir pelo menos dois desses caminhos, que são buscar

---

<sup>5</sup> *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. Publicado pela primeira vez em 1979, fruto da tese de livre-docência de Ecléa Bosi. Em 2012, já estava na sua 18ª edição, tendo reconhecimento nacional e internacional como obra-prima da psicologia social e das ciências humanas.



me desvencilhar das amarras teóricas que impedem que se enxergue o sujeito em si, e valorizar os vínculos que se estabelece entre pesquisadora e sujeitos pesquisados, de modo a formar um lugar simbólico rico de interação.

Outra importante pesquisadora e inspiradora foi Daphne Patai, uma norte-americana que na década de 80 se propôs a escrever histórias de mulheres brasileiras. Veio ao Brasil e entrevistou 60 mulheres, de diversas classes sociais e regiões. Seu livro “*História Oral, Feminismo e Política*”<sup>6</sup>, tornou-se, logo depois de publicado, um modelo para trabalhos com narrativas pessoais. A autora tinha como objetivo ouvir mulheres comuns e trazer essas biografias à tona, de forma a aprender como as vidas dessas pessoas se apresentavam para elas mesmas. Patai (2010) entendia que, ao ouvir esses relatos, alcançaria uma percepção da cultura e dos caminhos que direcionavam as vidas das mulheres no Brasil naquele momento. Seu foco era a história de vida das mulheres, o cenário histórico era o contexto.

Apesar das diferentes abordagens, Patai e Bosi apontam um aspecto importante da utilização da pesquisa com história de vida, que se refere aos objetivos do trabalho. Os objetivos do pesquisador devem estar claros para que este possa encontrar um equilíbrio entre o envolvimento com a história de vida do sujeito e o fenômeno que ele está buscando compreender. Além disso, como se produz uma grande quantidade de informações que, se não há um objetivo claro, acabam se perdendo e sendo subutilizadas. Dessa forma reitera-se o valor da história de vida como um documento em si só, único e valioso, aspecto que não podemos negligenciar na busca por generalizações (PATAI, 2010).

Para Michael Pollak, outra importante referência no campo da História Oral e da história de vida, a metodologia de história de vida é uma prática extremamente rica para se colher memórias individuais, funcionando como um verdadeiro instrumento de reconstrução da identidade que vai além de um simples relato de fatos (POLLAK, 1992). Além disso, por ser um instrumento que inicialmente privilegiou a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, também “ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional” (POLLAK, 1989, p.04).

Não pretendi, com as minhas entrevistas, remontar um cenário histórico. No entanto, a partir dos relatos das jovens é possível se captar um cenário coletivo institucional, que é

---

<sup>6</sup> *História oral, feminismo e política*. Publicado primeiramente nos Estados Unidos em 1988 pela Rutgers University Press, trazia uma vasta dimensão da mulher e da sociedade brasileira das décadas de 60 a 80. No Brasil, uma versão editada foi lançada em 2010 pela Editora Letra e Voz.

tanto simbólico como real. Elas passaram pela mesma instituição, nem sempre no mesmo momento, mas certamente foram permeadas pela mesma cultura institucional.

Tendo como objetivo do presente trabalho apresentar essas narrativas, as interpretações decorrentes delas e suas transformações, a verificação se os relatos correspondem à verdade ou não, não foi primordial, pois estávamos em busca da verdade do sujeito. A questão da verdade dos fatos, evidentemente, também é importante, mas principalmente quando se utiliza a metodologia de história oral para reconstituir um cenário histórico ou um dado momento histórico, o que não é o nosso caso. A verificação da verdade é necessária quando há claramente a intencionalidade de se recontar, reconstruir uma memória acerca dos fatos históricos.

Cada entrevista realizada foi um ponto de encontro entre duas subjetividades. No encontro com cada jovem estavam presentes as visões culturais delas e as minhas, as memórias e as minhas perguntas, as percepções de si e as minhas acerca delas, as nossas hesitações, cada palavra (PATAI, 2010). Minha pretensão era constituir um momento de diálogo e de interesse genuíno em cada uma das histórias que elas me permitiam, por meio da conversa, do partilhar.

Não tive a intenção de ser porta-voz delas, de ser mais uma pesquisadora a “dar voz” a essas jovens. No entanto, é importante ressaltar que se trata de histórias que não se revelaram antes de minha chegada como pesquisadora, e que continuariam silenciadas. Entendo que um dos muitos papéis que eu exercia nessa pesquisa era o de poder oferecer o lugar da academia para que elas utilizassem do seu modo, que trouxessem a sua fala.

A seleção dos conteúdos das entrevistas era feita por cada jovem, dependia apenas delas mesmas, daquilo que suas memórias selecionavam. Segundo Bosi (1994), eventos que não provocaram medo, humilhação, expectativa, alegria, ou seja, que não afetaram a pessoa de alguma forma, são mais facilmente relegados ao esquecimento. O processo de recordação, portanto, também inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões.

Portanto, a memória é essencial no processo de recuperação dessas histórias, sendo que, “a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 203). Os modos de construção da memória são realizados em nível individual e social e podem ser tanto conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Adotei um tipo de entrevista menos estruturado, fazia perguntas disparadoras, para que elas construíssem seus discursos de acordo com a seleção de suas memórias. No decorrer da entrevista, buscava estabelecer um diálogo, para que a situação não se assemelhasse a um monólogo da parte delas. Entreguei-me à experiência de escuta e de interlocução, mesmo que, muitas vezes, fizesse-a com o silêncio.

Não havia duração limite para a entrevista, que variou de acordo com a disposição de cada entrevistada, encerrando-se quando a jovem já não tinha mais nada a acrescentar. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio digital, e posteriormente, transcritas textual e integralmente.

A transcrição foi um processo trabalhoso de conseguir transformar as narrativas em um texto contínuo, sem perder a essência de cada história, de forma a imprimir a tonalidade dada por elas. Na verdade, transcrever “exige uma habilidade de transformar as palavras faladas em escritas, de editar o que é relevante, de estudar e interpretar as histórias” (PATAI, 2010, p. 27).

Ao mesmo tempo em que procuramos manter, ao máximo, a fidelidade às histórias, procuramos transmitir a intensidade das entrevistas, as nuances e os silêncios. Patai (2010) enfatiza que se deve procurar fazer isso da maneira mais respeitosa possível, sem criar nenhum exotismo em torno do entrevistado. Nesse sentido, o conteúdo das entrevistas foi mantido integralmente, mas os erros de português foram corrigidos, sendo mantida também a forma coloquial.

Pelo fato de que me propus a entrevistar jovens com as quais já tinha algum tipo de vínculo ou de relação profissional e afetiva, outros conteúdos acabavam sendo mobilizados, alguns de ordem transferencial, ou seja, muitas vezes tinham a expectativa de que eu pudesse auxiliá-las com seus problemas, de que eu tinha a solução ou mesmo um conhecimento que elas não tinham. Incomodo-me com esse lugar do saber atribuído, que atribui certo poder ao pesquisador, mas que deve ser compreendido a partir de uma complexa discussão social. Inevitavelmente, há distâncias entre o pesquisador e as entrevistadas, e especialmente nesse caso, estão implícitas a distância de classe social, de acesso à informação, dentre outras.

Para elas, a experiência de contar ou recontar sua história de vida, era vivida como uma possibilidade de reflexão. Como procurei ouvi-las sem expressar julgamento, foi possível que elas retomassem suas histórias sem temor.

A seleção das participantes se deu a partir dos seguintes critérios: ter vivido pelo menos uma maternidade na adolescência em condições de vulnerabilidade social; ter sido

residente de uma comunidade específica para mães e filhos da região de Sorocaba (neste trabalho chamada de *Associação*) por pelo menos um ano; não estar mais sob condição de abrigo no momento da entrevista; ter pelo menos 18 anos completos no momento da entrevista (por motivos éticos).

No trabalho de campo, foi realizado contato com cinco jovens que contemplavam os critérios acima e realizadas entrevistas com as mesmas. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra. Dessas, foram selecionadas duas para serem analisadas em profundidade: a entrevista de Ana Laura e de Erika. Fui tocada pela narrativa irreverente de Negão e pela sua capacidade de se superar e pela narrativa minuciosamente detalhada de Erika, que me fez percorrer cada passagem como se eu tivesse estado ao seu lado. A análise foi realizada a luz dos processos de socialização das jovens e suas trajetórias de afetividade, sexualidade e maternidade.

As participantes do estudo foram informadas dos objetivos e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (ver APÊNDICE A), no qual constavam os objetivos do trabalho. Foi reforçado também que elas eram autônomas para decidir participar ou não da pesquisa, assim como poderiam desistir da mesma em qualquer fase do trabalho – de acordo com as diretrizes e as normas de pesquisas com seres humanos, estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

## 4 AS HISTÓRIAS DESSAS MULHERES

### 4.1 A História de Ana Laura: “Pode me chamar de Negão”<sup>7</sup>

Realizei uma visita à casa de Negão numa quarta-feira de feriado, pela manhã. Cheguei ao condomínio onde mora com sua parceira e seus filhos e lentamente fui percorrendo as casas. Aos poucos, aproximei-me de sua casa, e lá estava ela e sua companheira, sentadas na área de serviço, Talita tomando um café preto, e Negão fumando um cigarro.

Quando me viram, espantaram-se e receberam-me com alegria. Negão, como de costume, fez graça e piada. Passei o dia com elas e com Johnny e Claudinho, filhos biológicos da Negão, e Vitor e Antônio, filhos biológicos de Talita (Antônio é o bebê de seis meses de Talita e Negão o assume como seu filho também). Negão também é mãe de uma moça de 15 anos, que não mora com ela.

No decorrer da visita, expliquei a elas o trabalho que estava realizando no mestrado e as questioneei se gostariam de participar. Expliquei os objetivos e deixei claro que teriam autonomia para interromper a qualquer momento a participação, caso assim desejassem. Ambas concordaram, e assim, marcamos duas visitas para o final de semana seguinte.

A entrevista com Negão foi realizada num sábado pela manhã. Cheguei ao condomínio e ela já me aguardava. Talita ficava por perto, rondando-nos, e a própria Negão sugeriu que fossemos até a portaria do condomínio onde teríamos mais privacidade. As crianças foram nos seguindo, e segundo Negão, provavelmente a pedido de Talita.

Dessa forma, entramos no meu carro e procuramos um lugar mais privado. Lá conversamos por cerca de duas horas e meia.

Negão, é a terceira filha de oito irmãos maternos - os mais velhos são todos de pais diferentes, os dois caçulas do mesmo pai. Sua mãe era empregada doméstica e seu pai estivador no porto. Não conheceu seu pai biológico, mas entende que o pai dos caçulas (Otávio) foi para ela a figura de referência, de cuidado.

Possui relacionamento homoafetivo com Talita há cinco anos; refere que sempre teve desejo de ser mãe, independente de sua orientação sexual. Apesar de cada uma ter sua própria casa no Condomínio Social da *Associação*, acabam permanecendo mais tempo na casa de

---

<sup>7</sup> Ana Laura é um nome fictício, como todos os outros nomes citados no decorrer do texto. No entanto, Negão é o apelido real com o qual ela se identifica e que por isso autorizou que fosse mantido no presente texto. Além disso, é um nome forte, carregado de significados que demarcam simultaneamente tanto a questão de raça como de gênero, o que tornou sua substituição por um equivalente uma tarefa impossível.

Negão, enquanto a casa de Talita permanece praticamente fechada. Trabalha como ajudante de pedreiro para um mestre-de-obras e atualmente é a provedora da casa.

#### 4.1.1 A infância e a família: primeiras experiências de socialização

Negão é a filha do meio de oito irmãos, sendo que somente os dois mais novos são filhos do mesmo pai. Negão nunca conviveu com o seu pai, mas sabe que ele era estivador no porto. Durante a sua primeira infância morou com a mãe, com os irmãos e com os padrastos. A irmã mais velha, sua mãe deixou com a avó materna, pois logo que ela engravidou, sua mãe a colocou na rua. Em suas referências, apresenta uma visão contraditória da mãe, ora faz referências a uma mãe que tentava se fazer presente, ora traz a percepção de uma mãe pouco afetiva e cuidadora. Também atribui a função do cuidado, e até mesmo, do afeto, a um dos padrastos, Otávio, pai de dois de seus irmãos mais novos. Assim, sua percepção de família é formada por essas relações que estabeleceu com sua mãe, seu padrasto (Otávio) e seus irmãos e irmãs.

Minha mãe teve bastante namorado, mas só pra fazer filho porque pra cuidar mesmo, quem cuidou de nós mesmo, até, até ela morrer, foi o Otávio [padrasto], que é o pai da Tânia e do Fabrício. É ele quem praticamente criou todos nós. Desde o Cadu até a Tamara ele cuidou. A gente sabia que ele não era o pai, mas como ele era apegado muito à gente e a gente era muito apegado nele, só que eu nunca chamei ele de pai, eu chamava ele de Tato e quem o chama de pai mesmo é a Tânia e o Fabrício, ele sabe que os só dois são filho dele, o restante não. Então esse problema nós não tínhamos com ele, porque quando ele dava as coisas para os dois filhos dele originais ele dava pra nós, por igual... Pra todo mundo, ele não, não diferenciava.

O fato de seu padrasto (Otávio) ter assumido a função de cuidado era valorizado por ela. Relata com alegria o fato de ele nunca ter feito diferença entre todos os irmãos, referindo-se tanto aos bens materiais quanto ao cuidado propriamente dito.

Quando falamos de família, falamos das nossas primeiras relações com o mundo, relações que compõem nosso processo de socialização primária. Trata-se de um momento especial no desenvolvimento da personalidade da criança, em que suas principais referências são sua família, sobretudo seus pais, e a realidade vivida por eles. Todo esse processo de aprendizagem da criança é marcado por uma forte carga emocional, que permite que a criança se identifique com os outros significativos com os quais ela se relaciona, e os interiorize, tornando-o seus (BERGER; LUCKMANN, 1998).

Sua mãe foi usuária de crack desde os 15 anos de idade. Faleceu em 2009, vítima de um câncer maligno. Negão apresenta consciência da negligência da mãe, mas não traz um

discurso que a culpabiliza, até porque ela mesma não aceita o lugar de vítima. Ela relata os fatos, mas parece procurar uma forma de não julgar a mãe. Ela diz: “eu nunca descriminei ela, porque se ela escolheu isso daí, eu não posso fazer nada”. Pelo menos dois motivos podem ajudar a compreender essa postura. Um deles seria o fato de a mãe já ter falecido. A morte, por si só, traz certa redenção. Além disso, nos meses que antecederam seu falecimento, Negão trouxe a mãe para morar com ela, para poder cuidar da mãe. Na inversão de papéis que a doença da mãe impôs, talvez Negão tenha tido a oportunidade de lidar com alguns conflitos que a infância deixou. O outro motivo, talvez se relacione ao fato de Negão também ser usuária de crack, e olhar para seu passado já sob a luz das suas próprias vivências, o que de alguma forma, faz com que se identifique com a história de sua mãe.

No entanto, apesar de ela procurar não julgar, ela relata e ressalta esses fatos. Refere-se à variação de parceiros da mãe, inclusive quando esta estava morando com o padrasto - Otávio. Refere-se também à deterioração física da mãe, pelo tempo de dependência e abuso do uso.

A minha mãe sempre usou droga, desde os quinze anos. Acho que de tanto ela usar droga, ela não tinha mais os dentes da boca, desde os quinze anos que ela não tinha dente.

[a mãe] tinha parceiros pra ter dinheiro pra droga. Pra você ter uma ideia, ela fazia a janta, esperava meu padrasto chegar, dava a janta e falava que ia pra casa das meninas. Só que ela não ia. Ela chegava umas seis, sete horas da manhã. Aí o meu padrasto perguntava: Onde você estava? Ah, eu estava com as meninas. Ele falava: Mas e nós? Aí ela respondia: Vocês não estão bem? Eu estou aqui! Aí ela tomava banho, se arrumava e ia trabalhar. Passava a noite com os *peguetes* dela, como ela mesma dizia.

Negão não associava o comportamento sexual da mãe à prostituição. Para ela, tratava-se mais de um comportamento para sustentar a dependência de droga do que uma atividade de trabalho. Como a mãe exercia a atividade de doméstica há muitos anos, Negão considerava que esse era o trabalho propriamente dito, uma vez que esta era a renda destinada para os custos da casa. Também pensa que a mãe tinha liberdade para agir da maneira que desejasse, que ela não poderia julgar, discriminar. A literatura estrangeira, especialmente a americana e a canadense, denomina esse tipo de sexo para obtenção da droga como *survival sex*, principalmente quando ele vem vinculado à vivência em situação de rua (SHANNON et al., 2008; GREENE et al., 1999). No entanto, pode ser usada no caso da mãe de Negão, por estar implícita a ideia de troca do sexo por algo extremamente necessário para ela, mesmo ela tendo residência fixa.

Algumas memórias de Negão em relação a sua infância são bastante recortadas e até mesmo contraditórias. As histórias se sobrepõem em uma narrativa não-linear, que apresenta muitas lacunas. De maneira irreverente, como é de seu costume, Negão atribui esses lapsos de memória ao efeito da droga: “não me lembro, pois a droga comeu uma parte do meu cérebro”.

Ora ela narra uma fase em que viveu com a mãe e com o padrasto (Otávio) e com os irmãos, e que apesar de parecer ter sido um tempo longo, quando tento visualizar essa trajetória de uma maneira um pouco mais linear, é difícil localizar esses momentos. Ora recorda-se das (longas) passagens por abrigos. Segundo ela,

Minha infância eu não lembro muito porque eu vivi mais em abrigo... Teve uma época da nossa vida que nós vivemos todos em abrigo. Do tempo que nós nascemos nós ficamos no abrigo até os sete anos. Depois dos sete anos o juiz conversou com minha mãe e nós voltamos para casa. Até que um dia acho que denunciaram ela pro conselho... E tinha um monte de gente lá em casa, acho que eles estavam fumando, cheirando, eu não lembro. Aí bateu a polícia junto com conselho, aí a minha mãe perdeu a gente, no meio da minha fralda e na fralda do meu irmão tinha um monte de droga... É só o que eu lembro. Então a gente voltou para o abrigo.

Durante o tempo de abrigamento, sua mãe os visitava, mas como não conseguia manter-se abstinente ou em tratamento, não recuperava a guarda das crianças. Por volta dos seus 14 anos, voltam a morar com a mãe. Negão e sua irmã mais velha ajudavam a cuidar dos mais novos. Recorda-se que esse foi um período complicado para ela, pois a mãe tinha um novo parceiro que a assediava e que abusava sexualmente dela. Isso determinou sua saída definitiva de casa. Logo depois, sua mãe perdeu a guarda definitivamente de seus irmãos mais novos. Em relação ao assédio/abuso, sua mãe tendia a acreditar no discurso do padrasto (Edson), que dizia que era Negão quem se insinuava para ele, que ela estaria inventando essa história. Sobre essa fase, ela conta:

Quando eu fiz 14 anos, eu fui morar com a minha mãe, aí a minha mãe resolveu arrumar um lindo de um padrasto [tom de ironia]. A gente não se dava bem porque ele queria que eu *desse* pra ele. Eu falei que eu não era louca de dar pra ele. Aí eu perguntei pra ela: “Viu, a Senhora prefere ficar comigo ou com ele?” Ela respondeu: “Ah, eu prefiro ficar com ele”. Eu falei: “Tá bom”. Aí eu peguei e saí de casa, arrumei um cara e engravidei da minha filha.

Em grande parte das vezes, a saída de casa para a situação de rua se relaciona com a dificuldade de estabelecimento de vínculo sociofamiliar (SARTI, 2003), principalmente no Brasil, em que a família tem um papel de proteção social. Além disso, a fragilidade afetiva da família está relacionada a outras fragilidades de ordem habitacional, ocupacional, econômica,



de aumento da exposição à discriminação e à violência (ESCOREL, 1999), que também contribuem para esse processo.

A forma como essa mãe se relacionava com Negão, com seus irmãos, bem como com seus parceiros, também foi fundamental para a internalização dos referenciais de relacionamento e de família, como também de maternidade. Como explicam Berger e Luckmann (1998) sobre a socialização primária, cada indivíduo apreende sua personalidade através de uma atitude reflexa, a partir de sua interação com os outros. Assim, ao mesmo tempo em que a criança entra em contato com seu mundo social, ela também está submetida em suas experiências aos marcadores de classe, raça, nível de instrução e escolaridade de seus pais, o que tem caráter determinante no processo de interiorização da criança e em sua posterior socialização como adulta.

Negão, também, desde pequena teve que assumir a responsabilidade de cuidar de seus irmãos mais novos. Sobre seus irmãos, fala da semelhança física entre eles, especialmente pelo fato da sua mãe ser negra, e todos os seus irmãos serem negros, mesmo sendo filhos de pais diferentes. Também é interessante observar a relação que Negão estabelece sobre a convivência (interação) e a formação da personalidade, de como as pessoas se tornam parecidas por conviverem umas com as outras, como explana a teoria da socialização de Berger e Luckmann (1998).

Somos um parecido com o outro. A minha mãe era negra, mas são... Tudo parecido. Os homens são mais parecidos com o Otávio e as mulheres são mais parecidas com a minha mãe... Acho que é por causa da convivência, por mais que num seja é pai mesmo, mas acho que conforme a convivência vai se tornando parecido. *É da hora!*

Negão constrói o seu relato a partir de uma perspectiva de autonomia, colocando-se como protagonista nas tomadas de decisões. Como por exemplo, no caso do conflito com o padrasto (Edson), quando ela decide sair de casa pela primeira vez. Negão, ao perceber a rejeição da mãe, refere ter feito a *escolha* de sair de casa, mesmo sem ter para onde ir, não atribui a mãe a responsabilidade por sua saída.

De fato, diante de tamanha combinação de vulnerabilidades, as alternativas acabam sendo restritas, em que a rua aparece como possibilidade real. Contudo, mesmo diante de situações como essa, Negão não apresenta, hoje, um discurso vitimizado, trazendo um relato firme e ativo sobre a realidade que viveu.

Vale ressaltar que não é possível saber se esse discurso de “protagonismo”, como por exemplo, na sua saída de casa aos 14 anos, ocorreu de fato ou se é fruto de uma identidade

construída a partir de suas vivências posteriores, em que houve uma positivação do ato pregresso. A ressignificação do passado é um processo fundamental nas vivências de ressocialização, em que a realidade antiga é reinterpretada de forma a se adequar aos valores da realidade atual (BERGER; LUCKMANN, 1998).

Negão refere sentir culpa por algumas de suas escolhas no passado. Ela diz que passou muitos anos esperando uma oportunidade para pedir perdão a sua mãe. O desenvolvimento desse sentimento de culpa pode estar vinculado ao seu processo de ressocialização. Na ressocialização (BERGER; LUCKMANN, 1998), uma nova moral, novos valores são aprendidos e interiorizados. O indivíduo, então, ressignifica o seu passado a luz dessa nova moral.

Já levo uma culpa por, por eu ter feito minhas *coisas* no passado e que eu me arrependo até hoje, então ela falou pra mim que, antes dela *morrer*, ela me perdoou mas, dá pra saber quando a pessoa fala que perdoou de boca e de coração, e eu sei que ela *num* morreu perdando de coração... então isso daí eu tenho um... *vô levar* isso daí pro resto da minha vida.

#### 4.1.2 Gravidez, maternidade e afetividade

Mesmo tendo percebido sua orientação homossexual desde a infância, Negão diz que “decidiu” relacionar-se com homens durante certa fase de sua vida (dos 15 aos 20 anos). Desses relacionamentos, decorreram três gestações, de três parceiros diferentes. A gravidez nunca foi limitante para Negão. Sempre fazia tudo o que desejava, sem que a gravidez comprometesse sua vida. A ausência de planos para sua juventude e vida adulta, talvez justifique o fato de a gravidez ser encarada com tanta naturalidade por ela. Negão não tem um discurso que atribua a gravidez uma mudança indesejada de planos ou escolhas. Negão não frequentava escola, ficava muito tempo na rua, e muito cedo conheceu e experimentou as drogas. Nesse cenário, em que há inúmeras vulnerabilidades, podemos dizer que a gravidez acaba sendo mais um elemento desse contexto, ou seja, ela não é o problema em si, isolado.

A gravidez entre jovens, quando associada a outros elementos, como pobreza, baixo nível de instrução, pouco acesso a serviços e a programas sociais, pode “reforçar mecanismos de reprodução de desigualdades, *ao tolher ou limitar uma série de oportunidades da mãe*” (SPOSATI, 2004, p. 41, grifos meus). Isso demarca a necessidade de programas que invistam e ofereceram a esses jovens oportunidades de construir um projeto de vida, para que, então, possamos falar que a gravidez tolheu ou limitou a jovem nas suas oportunidades.

Cada uma de suas gestações aconteceu em um contexto muito específico. Na primeira, aos 14 anos, logo depois de sair da casa da mãe para morar na rua, para fugir do assédio e do abuso que sofria do namorado de sua mãe, envolveu-se com um homem mais velho e engravidou. Ao saber da gravidez de Negão, sua mãe a acusou de estar grávida de seu padrasto (Edson), o que desencadeou um grande conflito entre elas. Já com sete meses de gestação, seu padrasto (Edson) continuava afirmando que o filho poderia ser dele. Negão se envolveu numa briga com ele, e agredida na barriga, entrou em trabalho de parto.

Até então um dia que a minha mãe não estava. Ele me deu um soco, eu estava grávida acho que de sete meses, nós *sáimos no soco*, quem entrou no meio foi o vizinho porque eu já estava com sangue correndo pelas pernas, só que como eu não sabia né? Pra mim era normal. Eu falei: “Acho que tá descendo com nenê e tudo!” Aí o vizinho entrou no meio e falou: “Viu, você tá perdendo o seu filho!” Eu falei: “Não! Isso daí é normal!” Ele falou: “Não! Não é normal!” Aí o cara parou, eu parei, aí chamaram a ambulância, mas mesmo assim eu tive a menina, deixei no hospital, voltei lá em casa pra pegar ele.

Seu discurso é totalmente tomado pela violência que sofria do padrasto (Edson), pela raiva que sentia e pelo sentimento de vingança que a movia naquele momento. Relata que logo após o parto, ela saiu escondida da maternidade, antes da sua alta com a bebê, e voltou para casa para agredir o padrasto, dando-lhe várias facadas no ânus. Foi levada pela polícia para a FEBEM e perdeu a guarda de sua primeira filha para o pai dela. Quando se deu conta de que perderia a filha, foi tarde demais. Apesar disso, hoje, traz um discurso resignado, não demonstrando tanto ressentimento a respeito de sua escolha.

Eu pedi para a polícia me levar para o hospital primeiro para eu pegar a minha filha, mas eles me levaram direto para a FEBEM, por causa do flagrante. Quando eu saí, eu já tinha perdido a guarda da menina por eu ser menor de idade e ter saído do hospital e ter dado umas facadas no meu padrasto. Eu acabei perdendo ela para o pai dela, mas pelo menos foi para o pai dela.

No período que passou na FEBEM, sua mãe foi visitá-la e reconciliaram-se. Quando Negão saiu e voltou para casa de sua mãe, ela já estava com outro parceiro, Valter. Com este padrasto (Valter), Negão se relacionava melhor, mas os vínculos afetivos e familiares são tão frágeis e precários que depois de algum tempo, decide sair de casa novamente. Passou meses alternando entre a rua e a casa de sua mãe.

Aos 19 anos, conheceu o pai de seu segundo filho, um traficante do bairro em que morava. Nessa época, Negão já usava maconha com maior frequência e começava a conhecer outras drogas ilícitas.

Foi então que conheci o pai do Johnny. Ele perguntou se eu queria namorar ele, eu falei: “Namorar como? Casar assim, de eu lavar suas cuecas e ficar em casa?” Ele falou: “É assim!” Eu falei: “Não, eu não quero essa vida pra mim. Se eu quisesse uma vida dessa pra mim, eu já estava casada já”. Ele: “Não, vamos tentar!”. Eu falei: “Está bom”. Aí eu ficava em casa, cuidando das coisas, ele falava que ia trabalhar, mas ia vender droga.

Negão e seu parceiro tinham muitos conflitos desde o início do relacionamento, por ela não aceitar as exigências dele de que ela exercesse um papel do estereótipo feminino. Negão também discordava do fato de ele continuar a trabalhar no tráfico, pois tinha muito medo de ser presa e queria que ele encontrasse outro tipo de trabalho. Além disso, nessa época, ela já se sentia atraída por mulheres, e mantinha vários relacionamentos extraoficiais com mulheres. Depois de alguns meses, o relacionamento chegou à agressão física por parte de ambos, até que terminaram. Johnny já havia nascido, estava com três meses de idade. Negão foi com o filho para a rua.

Aí eu separei dele e fiquei no mundão, na rua. Passei, acho que, uns três, quatro anos vivendo na rua com o Johnny. Pedia abrigo só nas épocas de frio e chuva.

Esse foi um período longo na sua vida, em que viveu em situação de rua com seu filho. Ela era bem conhecida na região, o que lhe garantia certa proteção e cuidados. Mesmo na rua, recebia comida, tomava banho, ganhava fraldas. Em épocas de frio, ou quando achava que o Johnny corria algum risco de vida, recorria à proteção institucional, e em geral, solicitava a Giovani – uma pessoa de referência para ela e que coordenava um abrigo na cidade.

Vivendo em situação de rua, acabou engravidando de seu terceiro filho. Em um dia em que havia usado muito crack juntamente com um caminhoneiro, acabou tendo relação com ele e engravidando. Diz que não lembra direito, ou prefere não lembrar. Conta que ficou muito assustada com essa gravidez e que tentou abortar (embora posteriormente tenha decidido levar a gestação adiante):

Ah, num dia da loucura, que eu fumei pedra com um cara eu acabei tendo relação com ele. Depois eu até avisei ele que eu estava grávida, mas ele falou que não era dele. Eu tentei abortar também, dei umas pauladas na minha barriga! *Vixe*, aquele dia fiz uma loucura que, acho que ele só não morreu mesmo por Deus... por Deus mesmo!

Gontijo e Medeiros (2010) relatam que, especialmente para a população jovem em situação de rua, há certa ignorância em relação aos processos do próprio corpo, associada à inconstância ou ausência da utilização de métodos de sexo seguro, especialmente pelo uso de

drogas, o que torna esse grupo particularmente susceptível à contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e à ocorrência da gravidez.

Negão já havia recaído algumas vezes. Ela relata que passou a sentir medo de perder a guarda de seus filhos e resolveu pedir ajuda para Giovani, para tentar um abrigo em que pudesse ficar com seus dois filhos.

Eu não tenho para onde ir, eu quero que você me encaminhe pra um abrigo que dê pra *mim* ficar cos meus dois filhos, porque eles são as únicas pessoas que eu tenho e eu preciso de ajuda de qualquer jeito! Ele falou: Eu vou te ajudar! É a segunda vez que eu vou te ajudar, porque você é a única pessoa que vê que está precisando e que vem pedir ajuda! Mas é a segunda e a última vez que eu vou te ajudar!  
Eu falei: está bom.  
Foi aonde que eu vim parar na *Associação* e estou até hoje aqui.

O pré-natal e o parto de Claudinho aconteceram após sua chegada a *Associação*. Notamos que, apesar de já estar em outro contexto, longe da situação de rua e abrigada, Negão continua mostrando desconhecimento de seu corpo, mesmo sendo sua terceira gestação.

“Ah, aquele dia lá pra mim foi um desespero, porque eu joguei bola até o final da gravidez”. “Eu queria tá lá no fervero do futebol, só as meninas, as bonitinhas e eu lá aaahhhh, aaahhhh, gritando!” “De repente eu achei que eu tinha me *mijado* na calça, só que não era *mijo*, era a bolsa que tinha estourado, e eu continuei jogando bola.”

Ele passou do tempo de nascer, depois desse dia uma educadora me levou pro hospital, e ele nasceu com quarenta e quatro semanas já, eu já não tinha mais nada na barriga, nada eu não sei como ele sobreviveu. Por Deus mesmo eu não sentia dor, eu não sentia nada. Os médicos me chamaram de irresponsável.

Sua narrativa sobre suas gestações e seus partos é irreverente, sendo marcada pelo desconhecimento do processo de transformação de seu próprio corpo. O parto parece ser um acontecimento que ela não esperava – mesmo estando grávida de quase nove meses – como se não soubesse quando vai acontecer, ou estivesse pouco preocupada com esse acontecimento.

Ao mesmo tempo em que podemos estranhar esse desconhecimento de si, enquanto corpo, Negão também parece adotar uma postura subversiva em relação às expectativas sobre as mulheres e seus corpos, sobre a própria gravidez. Negão, mesmo grávida, não se vê impedida de fazer tudo o que deseja: jogar bola, sair à noite, paquerar as meninas.

Essa sua relação com o corpo também pode encobrir sua dificuldade em lidar com a questão da doença, especialmente a de sua mãe. Negão relata certa aversão a médicos, o que

se contrapõe ao medo que sente de morrer. Ela parece funcionar sob a crença de que se for ao médico pode vir a descobrir alguma doença grave.

Eu tenho medo, vai fazer nove anos, nove anos que eu não vou ao ginecologista. Eu tenho medo de chegar lá e descobrir alguma coisa. A última vez que eu fiquei doente eu fiquei de cama, passei três dias de cama, com febre, mas aí eu não fui ao médico, eu fiquei com medo.

Quando fala sobre seu medo, revela tanto o temor de descobrir uma doença grave, o que lhe pode trazer memórias de sua mãe, quanto o medo de deixar seus filhos pequenos desamparados, caso venha a falecer.

Ah, eu tenho medo Giselli, já pensou eu descobrir que tenho câncer? Eu tenho medo de eu morrer e deixar meus filhos pequenos. Morro de medo disso, se eles tivessem uns 15, 16 anos, ainda vá mas eu tenho medo, eles são as únicas pessoas que eu tenho!

Essa fala pode nos remeter a ideia do quanto se sente responsável pelas crianças. Gontijo e Medeiros (2008), em estudo com jovens mães em situação de rua ou em abrigo com experiência em situação de rua, mostram que essas jovens percebem a maternidade como um aumento da responsabilidade e como um fator de amadurecimento: o filho retoma a possibilidade de construção de vínculos duradouros, que até então, haviam se rompido. Elas atribuem, ao filho, um papel de “salvador”, representando a possibilidade de construção de um futuro longe das ruas. Isso aconteceu com Negão, especialmente na segunda e terceira gestação. O medo da morte também interfere na forma como investe afeto nos filhos.

A família de Negão não consegue funcionar como uma rede de apoio e proteção pelas próprias condições a que está submetida. Por isso, faz-se tão impreterível trabalhar a partir do foco da vulnerabilidade programática, pois a formação de uma rede social de apoio e proteção é fundamental para que a jovem consiga interromper ou amenizar um ciclo de recaídas ou de exposição a vulnerabilidades. Nesse sentido, podemos afirmar que, a ausência de programas que trabalhem na perspectiva da vulnerabilidade programática entre jovens mães pode ser considerada um dos mais importantes fatores para a perpetuação de ciclos intergeracionais de pobreza e exclusão (UNICEF, 2013).

Atualmente sua primeira filha mora com o pai, pois logo após a ida de Negão para a FEBEM, ela mesma solicitou que ele ficasse com a menina para protegê-la de um possível abrigo. Negão, às vezes, fala com a filha por telefone, mas há 14 anos não a vê

pessoalmente. Quando fala dessa situação, emociona-se, e algumas vezes, refere o desejo de ter uma filha, para ter a possibilidade de vivenciar esse cuidado, que ela acredita ser diferente por conta do sexo do bebê.

Os outros dois filhos moram com ela e com sua parceira Talita. Talita também tem um filho de oito anos e outro recém-nascido. Convive com o filho mais velho de sua parceira desde que ele era bebê e trata-o com carinho. Em relação ao caçula da parceira, sua atitude é ambivalente: ao mesmo tempo em que Negão se diz brava com a traição, sempre falou do seu desejo de ter outra filha e pedia para sua parceira lhe dar uma menina, uma vez que ela (Negão) não estava disposta a ter relações com homem e engravidar. Relata a expectativa que viveu durante a gestação de Talita e a decepção quando descobriu que era mais um menino. Conta que se apegou a ele e que um dos motivos para não se separar da parceira é o vínculo com as crianças

Sobre os pais de seus filhos, refere que o pai de Johnny nunca procurou por ele. Já o pai de Claudinho, o caçula, depois de alguns anos, passou a procurar, fazer visitas e até manifesta o desejo de registrá-lo. Como ele é caminhoneiro, casado, Negão teme perder sua guarda judicial, por isso prefere que ele não registre por enquanto. Nenhum dos pais paga pensão alimentícia, mas ela também diz não querer. Parece temer que as crianças estabeleçam vínculos duradouros com outras pessoas significativas, e que, em algum momento a deixem.

Nenhum deles paga pensão, mas eu nem quero. [...] O pai do Cláudio quer registrar, eu também e não quero deixar, porque eu tenho medo, porque aí ele também tem o mesmo direito, e aí o Cláudio é muito apegado a mim, eu sou muito apegada a ele.

Agora o Claudinho está querendo ir pra casa do pai. O pai dele falou que um dia antes de eu ir é pra nós ir no fórum para ele assinar um termo de responsabilidade que eu estou deixando ele ir, para ele devolver em tal dia. Eu tenho medo, como ele é caminhoneiro, ele viaja muito e o Cláudio é o único filho caçula... O Cláudio tem o direito de tudo, mas eu não quero as coisas dele!

Sua parceira a auxilia no cuidado dos filhos. Negão é desorganizada, tem dificuldade para estabelecer rotina e impor limites aos filhos. Talita é mais rígida, cobra as crianças das tarefas e as faz cumprir as rotinas, no entanto, muitas vezes adota uma postura mais coercitiva, até mesmo agressiva. Quando Talita corrige as crianças, coloca de castigo ou mesmo bate, Negão frequentemente desaprova e a desautoriza. Os filhos, em geral, são ponto de conflito constante entre elas. Nos períodos em que Negão recai<sup>8</sup>, os filhos ficam com a parceira, até ela voltar.

---

<sup>8</sup>Consideramos recaídas como o momento em que Negão volta a utilizar drogas ilícitas com frequência, prejudicando sua rotina. A questão das recaídas será melhor explicada adiante, no tópico sobre Drogas.

Sobre sua maternidade, ela costuma dizer que tem uma maternidade que ela mesma julga como incomum. Ela diz que se acha uma mãe moderna e explica:

Eu não me acho uma boa mãe, me acho uma mãe moderna. Deixa o filho fazer tudo, mas quando é para dar bronca, eu não bato neles, desde o dia que eles nasceram, minto, eu dei um murro no olho do Johnny e dei um murro no ouvido do Cláudio. Um ficou com o olho roxo e o outro quase perdeu os tímpanos. Aí pedi perdão pra Deus e pedi que ele me mudasse cada vez cada dia que passasse pra que eu não ficasse mais assim.

Depois disso eu nunca mais bati. Gritar eu grito mesmo, grito, *xingo*, que nem uma louca, mas bater, eu não bato, eles sabe disso. Se eu pegar eu machuco.

Existe uma expectativa em relação à forma como a mulher deve amar a sua prole, de que forma deve manifestar esse amor incomensurável. Na verdade, essa é uma construção social e histórica, uma vez que existem muitas formas de amar, de cuidar da prole. À exceção dos extremos, pode-se ter uma maneira muito própria de amar e de cuidar. Negão vai nos mostrar isso com sua história de vida, em que mesmo morando na rua, seu filho era cuidado e amado. A maternidade de Negão apresenta muitas contradições, mas isso não é uma característica só da sua maternidade, pois o como afirma Badinter (1985, p. 22), “O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito”. Na verdade, a imperfeição é inerente da própria espécie humana, as mães, portanto, não fogem a essa regra.

#### 4.1.3 Vulnerabilidades, sedentariedade e a maternidade.

Na trajetória de vida de Negão, o conflito entre a liberdade individual e a necessidade de cuidado que um filho impõe está sempre presente. Na verdade, trata-se de um conflito não só dela, como das mulheres modernas, mesmo que seja vivenciado de formas diferentes.

Foi somente a partir do século XVIII que se estabeleceu a nobreza da maternagem, do valor do cuidado e da abdicação individual por parte da mãe (BADINTER, 1985). Atualmente, o caráter ambivalente e contraditório do vínculo entre mãe e filho reúne sentimentos de aprisionamento e impossibilidade de vivência de planos individuais.

Durante sua infância e parte de sua juventude, Negão viveu em contextos em que se combinavam inúmeras vulnerabilidades, e em que era comum a ausência de planos e projetos de futuro. Vivia de forma presentificada, pautada numa realidade dura e crítica.

A maternidade, para ela, parece desencadear a necessidade social e emocional de se sedentarizar, de estabelecer e de manter vínculos mais duradouros, o que, no entanto, não



ocorreu desde a primeira gravidez. Negão teve três filhos em momentos diferentes de vida, e mesmo dizendo que reconhece em si o desejo de ser mãe desde muito cedo – talvez até por ter exercido esse papel com seus irmãos – ela precisou passar por um processo de amadurecimento emocional para poder gradativamente se estabelecer de maneira mais estável.

Garcia et al (2010) discutem a questão do nomadismo e do sedentarismo em grupos de população LGBT de rua. Uma característica importante é que os modelos de organização das pessoas são diferentes nas duas formas. Para o nomadismo, o modelo de grupalização é o bando, enquanto que no sedentarismo é a família.

O nomadismo aparece como uma condição antitética em relação à sedentariedade, comprometida com as ideias de residência, segurança e domesticação. Numa alusão a essa concepção, pode-se entender, assim, a maternidade como um marco de sedentarização. A maior parte das jovens socialmente desfavorecidas possui trajetórias marcadas por incertezas, instabilidades, nomadismo. Como a maternidade vai contra essa lógica da transitoriedade, ela pode ser compreendida como um processo que pode contribuir para a sedentarização, uma vez que impõe à jovem, pelo menos temporariamente, uma mudança de comportamento, bem como introduz a possibilidade de realização de planos e metas para o futuro (GONTIJO; MEDEIROS, 2008).

Negão, após a separação do pai de Johnny, viveu um período de sua trajetória de forma nômade. Ela foi morar na rua com seu filho por cerca de três a quatro anos. Negão relata que ficou todo esse período na rua por escolha dela. Como ela mesma já tinha a infância marcada pela institucionalização, não queria que seu filho crescesse em abrigos.

A rua, para Negão, não é somente associada a experiências ruins. Pela própria personalidade dela, que não se coloca no lugar de vítima, Negão traz uma visão positiva da rua, sentia-se vivendo somente por seu livre arbítrio, em busca de um prazer imediato, de diversão sem medo do futuro, de pura fruição:

Eu ficava na praia. A noite na praia é um fervero *fia!* [risos], é um fervero da hora!

Apesar disso, estar na situação de rua com uma criança é estar sob condições vulneráveis. Ela, apesar de relatar esse prazer, tinha alguns medos, especialmente relacionados à possibilidade de perder o seu filho. Como permaneceu um tempo relativamente longo na rua e na mesma região, ela era conhecida dos moradores, dos comerciantes, dos

policiais, e esses acabavam exercendo um papel de proteção, o que foi, para ela, uma das suas principais estratégias de sobrevivência.

Como é uma cidade que eu conhecia bem, passa fome quem quer né? Quem tem boca vai à Roma, e o povo já me conhecia, eu só não pegava mantimento porque eu não tinha onde fazer. O povo já me conhecia já, eles me davam comida, roupa, eles falavam: 'Tal hora você vem aqui toma banho e janta e depois você vai embora'. Eu só tinha medo de dormir e alguém pegar o Johnny. Eu quase nem dormia, ficava acesa.

Assim, entrar na rua significa desenvolver um processo compensatório em relação às perdas e começar a usar outros recursos de sobrevivência, até então ignorados, e assimilar novas formas de organização que permitem a satisfação das necessidades e a superação dos obstáculos que a cidade apresenta (VARANDA; ADORNO, 2004). Em períodos de chuva e frio, Negão recorria a sua mãe ou ao coordenador de uma casa de abrigo, Giovani, que a acolhia temporariamente sem impor que tivesse que sair definitivamente da situação de rua. O fato de estar na rua com uma criança trouxe a necessidade de, pelo menos esporadicamente, ter um abrigo e segurança.

À situação de rua, combinam-se outras vulnerabilidades. Negão sempre usou drogas enquanto estava em situação de rua, com mais frequência maconha, mas também usou cola, cocaína e crack. Em uma situação, Negão estava usando crack e teve uma ideiação paranóide de que seu filho Johnny estava pegando suas pedras de crack e quase o matou. Sufocou seu pescoço, até que um conhecido da polícia a viu e ameaçou tirar a guarda de seu filho, caso ela não aceitasse se cuidar.

Eu estava na rua eu fumei droga, achava que o Johnny estava roubando minhas pedras, eu quase matei ele, a sorte é que veio um guarda municipal que já me conhecia já e me ajudou.

Aí foi aonde que eu vim pra cá [*Associação*], estou até hoje... Com o Johnny e com o Claudio, essa foi a minha sorte porque, independente que eu era usuária eu cuidava bem dos meus filhos mais acho que por causa do vício, da droga que é mais forte, eles viram que eu cuidava bem do Johnny, não andava suja e que independente que eu morava na rua, eu andava limpinha, então eles admiravam isso daí, só que eles não aceitaram mais porque eu quase matei ele, por causa da droga. Aí eu vim parar aqui!.

Neste trecho, podemos observar que, a ocorrência de um fato crítico lhe impõe a mudança de modo de vida. Estava cada vez mais difícil conjugar a maternidade com um modelo de vida nômade, principalmente pelo risco de perder a guarda de seu filho, caso optasse em permanecer na rua. Além disso, como já estava grávida novamente, ficaria ainda

mais complicado ficar com duas crianças na rua. Por esses motivos, Negão acaba aceitando viver em abrigo, contanto que pudesse ficar com as crianças.

Neste momento, reforça-se a importância da existência de um vínculo com pelo menos uma pessoa de referência, no caso dela, Giovani. Ela escolhe abrigar-se – mesmo com sua história de resistência a morar em abrigos - por causa dos filhos. Mais uma vez, vê-se a importância de pensar a respeito de programas que trabalhem na perspectiva da vulnerabilidade programática, especialmente no sentido de constituir vínculos com as jovens em situação de rua, para que essas tenham aonde recorrer quando precisarem, pois, havendo o vínculo, a jovem pode, aos poucos, perceber outras oportunidades, começar a construir planos e ter uma figura de referência nesse processo.

Quando Negão chega à *Associação*, teme ter que viver novamente sob condutas autoritárias e imposição de regras, como já havia acontecido quando ficou abrigada na infância. Ela conta:

Na minha cabeça, era só mais um que eu ia ficar trancada, nossa, me revoltei, queria ir embora, queria ligar para o Giovani. ‘Vai, liga que eu quero ir embora, não quero mais ficar aqui!’

No entanto, após ter a certeza de que poderia ficar com seus filhos, passou por um período de adaptação, e aos poucos, foi estabelecendo novos vínculos, novas amizades e relacionamentos. Voltou a estudar – aprendeu a ler a escrever - participou de projetos de geração de renda.

Seu processo de sedentariedade se desenvolve juntamente com sua maternidade, gradualmente e cheio de oscilações. Voltar definitivamente para rua, ela nunca desejou voltar, mas até hoje, esporadicamente tem suas recaídas, de uma ou duas noites.

Eu não fico sem trabalhar, mas quando me dá cinco minutos que eu quero *tirar* umas férias por conta própria, eu fico [sem trabalhar].

Existe uma resistência de Negão em se submeter a um mundo em que perceba que só tem que cumprir regras. Ela ainda deseja fazer suas próprias regras, bem como suas próprias concessões. Por isso, precisa da rede de apoio para conseguir fazer escolhas de maneira um pouco mais consciente ou menos impulsiva.

Eu vou voltar pra trás de novo? Se eu voltar a fazer tudo que eu fazia, eu vou voltar pra trás e isso eu não quero.

Depois de algum tempo abrigada na *Associação*, logo alugou uma casa nos arredores e continuou trabalhando nos projetos da ONG. Depois, juntamente com a presidente da ONG, elaborou um projeto de tijolos ecológicos, e depois, de construção de casas populares. Como constituiu uma nova rede social entorno do abrigo, Negão passa a querer ter sua própria casa na região.

Fez cursos técnicos de construção civil, hidráulica e elétrica. Trabalhou como mestre de obras no projeto e hoje tem sua casa, onde mora com seus filhos. Mas ela não pensa em morar junto definitivamente com a parceira, pois ter um teto para seus filhos é hoje um sonho que conseguiu realizar.

Uma frustração que refere é a demora para que a documentação da casa venha em nome de seus filhos,. Por isso envolver um processo burocrático com a *Associação*, poderá levar anos a ser resolvido.

#### 4.1.4 Drogas

Sobre a sua relação com as drogas, conta que sua primeira experiência foi com um dos namorados (Valter) da mãe. Ela experimentou maconha logo após sair da Fundação Casa, aos 16 anos.

Quando eu saí eu conheci o lindo do padrasto da minha mãe, o meu lindo padrasto, aí ele fumava maconha, aí eu pedia pra minha mãe se eu podia fumar, ela falava que não, eu falei: 'Tá bom'. Aí teve um dia que ela não estava, ela estava trabalhando, aí eu falei pra ele: "você está fumando maconha?" Ele falou: "Estou". Eu falei "Deixa eu fumar?" Ele falou: "Não, se você quiser fumar você fala com a sua mãe, se ela deixar eu libero". Aí, arrumei cinco reais e fui lá comprar uma buchinha de maconha. Nossa, fumei, sem saber, fumei, fumei, fumei fumei, quase tive uma overdose de maconha, fumei com a barriga vazia, e eu não sabia que tinha que comer antes né? Eu já tinha dado uns trago, mais uns trago é, mínimo, fumei uma bucha, nossa, sozinha, imagina como eu cheguei em casa...

Quando sua mãe descobriu, não proibiu e nem a orientou, impondo como única restrição o fato de que ela teria que sustentar seu uso com seu próprio dinheiro. É possível que o próprio modelo materno de uso prejudicial de drogas a impediram de funcionar como uma figura de apoio, de informação e de proteção.

Gradativamente, Negão passa a experimentar outras drogas até chegar ao uso do crack. O uso de drogas acabou aos poucos corroborando para a saída de casa.

Um dia minha mãe disse: “A partir do momento que você trabalha e não me dá nenhum B.O., você pode fazer o que você quiser da sua vida, aí foi embora, eu peguei e fui embora”.

Eu vim a usar [outras drogas, que não a maconha] droga quando eu saí de casa... quando eu me envolvi com o pai do Johnny, que ele era traficante pé de chinelo..

Depois que experimenta o crack, a maior parte de suas recaídas está relacionada a ele. Utiliza até hoje maconha e bebida de maneira esporádica, referindo que não afeta no cuidado com os filhos e o trabalho. No entanto, diz que algumas vezes bebe muito e por isso acaba faltando no trabalho ou chegando atrasada e deixando de acompanhar algumas rotinas dos filhos. Contudo, isso parece não romper com os modelos de sedentariedade. Já quando recai no crack, desorganiza-se e parece desejar abandonar esses modelos e voltar a viver uma vida de menos regras e compromissos. Nos últimos anos, em que já estava na *Associação*, teve recaídas esporádicas no uso de crack, utilizando todo o dinheiro que tem disponível para consumo compulsivo de crack, caracterizando um padrão de uso chamado de *binge*<sup>9</sup>

Os filhos, assim como a parceira, foram preponderantes para que ela não abandonasse por completo o modelo de vida que vinha construindo. Talvez essas recaídas se relacionem com um sufocamento produzido pela própria normatização, a qual, aos poucos, ela vai se moldando, ou é cobrada a se moldar.

Ao mesmo tempo, Negão relata que a pressão que a parceira exerce também é causa das suas recaídas. Negão relata que a parceira é muito agressiva e que esse excesso de conflito entre elas a esgota. Além disso, sente necessidade de manter uma vida social, referindo que isso funciona como uma válvula de escape. Diz que sua parceira restringe sua vida social fora do âmbito familiar, motivada por ciúmes, o que faz com que Negão se sinta cada vez mais sufocada e acabe muitas vezes recaído. Por outro lado, a única pessoa que consegue fazer com que Negão interrompa o uso compulsivo é sua parceira, nem que tenha que utilizar a força física. As duas estabelecem um modelo cíclico de pressão e recaídas, o que ainda mantém a relação entre elas, pois apesar de Negão relatar o seu desejo de romper com Talita, não parece ter força o bastante para fazê-lo.

Ela quer que eu me abra com ela, mas na primeira briga ela já fala tudo na cara o que eu falei. Então eu prefiro guardar pra mim. Que nem, ontem eu estava mal, se eu tivesse dinheiro eu tinha fumado, tinha mesmo, juro por deus que tá no céu, eu tinha fumado, a minha sorte que eu só vou pegar o dinheiro segunda-feira porque se eu tivesse pegado ontem uma hora dessa eu nem estava aqui, só ia chegar na segunda-feira

---

<sup>9</sup> *Binge* é o chamado padrão de consumo intenso, contínuo e repetitivo de crack. Provocado pela fissura, pode durar dias até que o suprimento de droga termine, ou que haja a exaustão do usuário.

É muita pressão. Então, eu penso nos meus filhos, é muita coisa pra minha cabeça, é muita pressão, eu quero largar da Talita, mas quando eu falo a verdade, ela não quer aceitar.

Ela não quer que eu fique no celular, não quer que eu fique passando mensagem, não quer que eu fique na casa das meninas. Ela quer que eu fique dentro de casa! Ó, minha rotina do serviço. É da casa pro serviço, do serviço pra casa. Quando eu quero saí, ir aqui na lanchonete, ela fala: “Não!”. Ou quando chega alguém ela diz: “Vai vamos descer, vamos embora”.

Eu já tenho 31 anos, eu não sou nenhuma criança. Posso ter meus probleminhas assim de recair porque, pra mim não é defeito e também não é normal, mas aí é por causa de muita pressão. É muita pressão demais.

Assim, suas recaídas parecem estar relacionadas a esse conflito entre o mundo sedentarizado e o mundo nômade, para além da dependência química por si só. Negão administra o uso de álcool e maconha sem que isso cause grandes perdas em sua vida e na vida de seus filhos, diferentemente da recaída do crack, até pela forma como isso acontece.

#### 4.1.5 As identidades femininas, sexualidade e maternidade.

A construção da identidade sexual iniciada na infância e as concepções culturais acerca do que devem ser homens e mulheres interagem com estruturas sociais, políticas e econômicas e interferem no cotidiano das e dos jovens, refletindo suas ações nos espaços público e privado (PRÁ; EPPING, 2008). As categorias “idade” e “sexo” refletem a posição de um indivíduo na sociedade e definem padrões de comportamentos esperados para homens e mulheres em cada idade.

As identidades sexuais e de gênero são interiorizadas pelos indivíduos desde o seu nascimento, e vão sofrendo influências de acordo com as experiências de vida na família e na sociedade de maneira geral. Essas concepções – aprendidas e interiorizadas – serão transmitidas às gerações seguintes, com suas tradições, e/ou inovações, pois elas podem ser passíveis de algumas transformações, de acordo com condições sócio-históricas vividas pelo indivíduo. Essas pequenas transformações, em geral, são lentas e complexas, pois podem causar grandes tensões sociais. Negão relata perceber sua orientação homossexual desde muito pequena, mas que, por algum tempo, tentou seguir um padrão heteronormativo, que era também desejado por sua mãe:

[...] minha mãe queria que eu casasse, e eu acabei fazendo a vontade da minha família, mais quem saiu perdendo fui eu.

No entanto, desde a adolescência já se interessava e se relacionava com mulheres.

A primeira experiência com mulher foi aos 15 anos, com uma mulher mais velha. Ela tinha quarenta e cinco... eu já fui viúva já [risos] Eu gostava dela pra caramba. Aquela ali eu gostava dela de verdade. Eu já sabia que gostava de mulher. Pra mim, com ela eu me sentia melhor que se eu tivesse com pai da Kelly e do Johnny sabia?

Na trajetória de Negão, podemos notar que suas experiências heterossexuais estão associadas com a gravidez e a maternidade. Já suas experiências homossexuais, trazem maior conotação de prazer. No entanto, de forma geral, suas experiências sexuais parecem estar mais associadas à necessidade de estabelecer ligações afetivas do que com a descoberta sexual propriamente dita, principalmente na fase de iniciação, em que preferia se relacionar com pessoas mais velhas.

Conta que mesmo morando com o pai de Johnny, ela continuava a se encontrar com mulheres. Seu discurso também é pontuado por uma valorização do assédio que sofre por parte das mulheres. Quando chega à *Associação*, esse assédio se mantém e ela passa a se relacionar com as outras jovens do próprio abrigo.

Desde a sua última gravidez, há onze anos, não teve mais nenhum relacionamento heterossexual, definindo-se, hoje, como lésbica. Deixa muito claro, também, que o fato de ter se descoberto lésbica, nunca interferiu no seu desejo de ser mãe.

É, eu gosto de mulher e independente da minha opção sexual, eu sempre quis ter filhos, independente da minha opção sexual mas aí Deus resolveu me dar três filhos, Graças à Deus...

Desde crianças somos inseridos em um processo de socialização que, por meio de diferentes práticas, vai-nos exigindo certos tipos de atitudes e trajetórias como adequadas ao nosso sexo, a nossa etnia, idade e posição socioeconômica (BERGER; LUCKMANN, 1998; COUTINHO, 2006). Na verdade, a socialização diferenciada para homens e mulheres define a construção de identidade, de gênero, desde a família de origem, e será reproduzida nos diversos contextos sociais, imprimindo sua marca nas relações afetivas e futuramente na formação do próprio núcleo familiar com parceiros e filhos (OLIVEIRA, 2007). Nessa perspectiva, as relações de gênero permeiam, dinamicamente, todo o tecido social, manifestando-se de formas específicas nos diferentes grupos sociais, ainda que mantendo, geralmente, a hierarquização como marca.

Negão traz algumas falas que mostram esses modelos aprendidos tanto na família, quanto nos outros ambientes sociais. Ela nos mostra o quanto, apesar da sua postura irreverente, os modelos de interação com o mesmo sexo e com o sexo oposto são reproduzidos, principalmente quando ainda não há consciência da dinâmica de poder existente nas relações de gênero.

O povo me vê como pai, não me vê como mãe. Eu me vejo como pai e mãe, porque mãe solteira é mãe e pai ao mesmo tempo. Mãe e pai, por quê? Porque mãe, mãe cuida, e o pai é o que trabalha então eu cuido e trabalho, então fica como se fosse mãe e pai ao mesmo tempo.

Por outro lado, também vai mostrar como rompe com esses modelos, mesmo não compreendendo politicamente a questão de gênero. Ela revela, por meio de suas falas e de seu comportamento, que existem muitas formas de ser mãe, e que nenhuma maternidade precisa ser engessada num modelo de comportamento feminino socialmente demarcado, bem como que existem várias formas de se ser mulher.

Fizeram uma assembleia quando cheguei na *Associação*. Uma educadora me falou: “Vai Negão, toma um banho, põe uma roupa de mulher”.

Eu falei: “Põe uma roupa de mulher você fia! Tá loca?” “Não, põe uma roupa de mulher!” Falei: “Num vou colocar porque você quer. Eu sempre usei cabelo raspado, e bermudão, chinelo e camiseta”.

“Fui mesmo, bela e formosa com cigarrão na boca, de chinelão, bermudão, chapéu e camisa”.

Nossa, as menina ficaram tudo ouriçada, acharam que eu era um homem! Ai nossa fiquei numa raiva Giselli, se eu pudesse eu catava um pedaço de pau e tinha dado em todo mundo.

Quando adota esses comportamentos ou quando se expressa por essas falas, ao mesmo tempo em que reproduz alguns modelos socialmente aprendidos, Negão também subverte as concepções de identidades, os papéis femininos, o modelo de mãe disseminado, assim como também subverte os modelos de lésbica. Não adota essa postura de forma politicamente engajada ou intelectualizada, mas parece assumi-la cotidianamente, desejando construir sua vida sem se preocupar com rótulos, como podemos observar na conversa que tem com os filhos sobre sua orientação sexual:

Um dia eu, *muito loca de goró* (bebida), meus filhos chegaram e perguntaram: “Você pode conversar?”

Eu respondi: “Posso, mas eu estou bêbada, vocês sabem”.

Eles: “a gente sabe, que até a tua língua tá enrolando. É... você é feliz?”.

O Johnny me chama de Negão, o Cláudio me chama de mãe.

Aí eu falei: “Qual dos dois que vai falar, a mãe ou a Negão?”



O Johnny respondeu: “Negão”.

Eu falei: “Então tá”. Ele repetiu: “Negão, você é feliz?”

Eu falei: eu sou. Independente da minha *opção* sexual eu sô feliz com vocês.

Aí o Cláudio falou: “a gente quer saber em matéria de mulher”

Eu falei: “Hum... mas vocês também não gostam de mulher?”

Ele respondeu: “Ah gosta, mas a Senhora é mulher né? Mas como é que a senhora vai poder gostar de uma mulher?”.

Falei: “isso são coisas da vida que um dia acontecem, se um dia vocês quiserem gostar de homem, eu vou ter que aceitar, do mesmo jeito que vocês estão aceitando”.

Ele disse: “Ah, mas eu não vou beijar em boca de homem não! *Tá loca, ô!*”

Falei: “eu entendi o que você quis dizer”

Mas aí o Johnny falou: “Eu quero saber se a Senhora é feliz com mulher”.

Eu falei: “Eu sou”.

Ele disse: “Ah, tá bom então, se a Senhora é feliz com mulher nós também somos felizes”.

Negão nos mostra o quanto a sexualidade é uma expressão da singularidade e da relação de cada ser humano consigo mesmo e com o outro. Sua postura contribui para a mudança de valores tradicionais, como aqueles que limitam o exercício da sexualidade, que estabelecem relações de poder entre os gêneros. Além disso, também favorece a expressão mais livre e plural da sexualidade, envolvendo diferentes sensibilidades e possibilidades.

## 4.2 A História de Erika<sup>10</sup>

Erika é uma das mulheres que conheci e que mais se vinculou comigo quando comecei a trabalhar na *Associação*, em meados de 2008. Ela foi se aproximando aos poucos, discreta, mas muito firme, e logo pediu por “atendimento psicológico individual”. Fazia questão que fosse individual, pois era “muito reservada” e não gostava de se expor na frente das outras jovens.

Dos atendimentos, logo surgiram as visitas, os aconselhamentos, e assim, nossa relação se fortaleceu. Após minha saída da *Associação*, ela continuou a me telefonar para conversar, relatar suas angústias. Ora fazíamos isso por telefone, ora marcávamos para nos encontrar. Vez por outra, ela me telefonava, dizia que havia conversado com a presidente da *Associação* para que me oferecesse trabalho novamente. Erika parecia não aceitar que era eu que tinha pedido para sair.

Em um desses telefonemas, expliquei-lhe que estava fazendo mestrado e os objetivos da pesquisa e perguntei se ela gostaria de participar. Ela aceitou imediatamente, e assim, marcamos um encontro. No primeiro encontro, ela pediu para conversar sobre suas angústias, falar do que estava acontecendo em sua vida. Ao final desse dia, marquei outro encontro com ela, para que pudéssemos realizar a entrevista.

Erika atualmente trabalha como educadora no abrigo da *Associação*. Sua função é acolher e auxiliar as novas meninas em seus processos de adaptação e permanência no abrigo. Já trabalhou em diversos núcleos, sendo, inclusive, coordenadora de um deles.

Na época da entrevista, estava enfrentando um complicado processo de separação de sua parceira, com quem o relacionamento, entre idas e vindas, durou quatro anos. Sua parceira construiu uma casa em um bairro pobre, próximo ao condomínio social da instituição. A sogra de Erika cedeu o terreno, a parceira comprou os materiais e Erika, os eletrodomésticos e os móveis. Sua parceira trabalha no tráfico de drogas e isso era um ponto que gerava grande conflito entre elas. Além disso, Erika contraiu inúmeras dívidas para mobiliar a casa e, após a separação, não conseguiu manter os pagamentos.

Sua parceira a traiu e está se relacionando com outra menina do bairro, o que tem lhe causado muito sofrimento e, inclusive, motivou sua última recaída. Depois disso, pensou em se reconciliar com o pai de sua filha, que está para sair da cadeia.

---

<sup>10</sup> Erika é um nome fictício, bem como todos os outros nomes que aparecem no decorrer do texto.

A história de Erika foi permeada por diversos abandonos, inclusive o da própria mãe. Percebemos que, nas relações que estabelece, reviveu inúmeras vezes, o abandono primário. Nesses momentos de abandono, teve algumas recaídas em relação ao uso de drogas, mas em geral, conseguiu se controlar e romper com o ciclo de uso de álcool e drogas (maconha e cocaína, principalmente) pelo desejo de viver sua maternidade. Hoje é mãe cuidadora, e transparece ter uma relação bastante afetiva com a filha.

Em seu relato, percebemos os marcos da institucionalização. Erika teve passagens por diversas instituições, abrigos, FEBEM, casas de passagem. Foi rejeitada e, muitas vezes, desacreditada.

Antes da caçula, Rafaela, de oito anos, teve outros dois filhos. Engravidou de sua primeira filha aos 16 anos, fruto de um abuso, do qual Erika ficou muito traumatizada. Relata que seus sentimentos em relação à menina eram muito ambivalentes, que acarretaram na perda do pátrio-poder, o que até certo ponto, era desejado por Erika. Seus dois outros filhos foram frutos de seu relacionamento com Afonso. Dele, engravidou aos 21 anos, teve Rafael, que acabou falecendo com um ano e três meses de idade, vítima de pneumonia, quando já estava grávida de Rafaela.

De todas as entrevistas, a de Erika foi aquela em que pude observar a construção de um discurso linear sobre si, focado principalmente nos fatos de sua infância e adolescência. Em relação ao presente, trouxe menos detalhes. Contar e recontar a própria história era um processo recorrente dentro da dinâmica de abrigamento. Ao fazê-lo de forma reiterada aos diferentes agentes institucionais, a pessoa acaba por construir um discurso sobre si com certo distanciamento afetivo. O discurso de Erika possui essas marcas da institucionalização.

#### 4.2.1 A infância e a família: primeiras experiências de socialização

Erika teve uma história de vida marcada por intensas vulnerabilidades advindas da combinação de contextos problemáticos e precários. A história de sua infância e de sua adolescência pode ser dividida em quatro grandes momentos: infância na Bahia, morar com a mãe em São Paulo, abrigamento e situação de rua. Esses momentos não ocorreram de maneira linear, sendo marcados por muitas idas e vindas.

Nascida no interior da Bahia, sua mãe a entregou recém-nascida para a avó materna criá-la. Erika só conheceu a mãe aos dez anos de idade no velório da avó, e o pai somente aos catorze anos.

Quando eu tinha 10 anos, eu conheci minha mãe, foi no velório da minha avó. Porque quando ela ia pra casa da minha avó, ela ia de noite a hora que a gente estava dormindo, então eu não a via. Eu nunca tinha visto ela. A gente morava na Bahia, o pessoal da igreja que ajudava a minha avó.

Após o falecimento da avó, houve um desmantelamento da família. Erika ficou desamparada. Todos os seus nove irmãos – cinco de mesmo pai, que também viviam com a avó – foram separados. Uma de suas irmãs foi adotada, os outros, ela nunca mais viu. Sua passagem pelas casas dos tios foi permeada por inseguranças e situações de muita vulnerabilidade, agressão física, negligência, fome, tentativas de abuso sexual. Uma conhecida a levou para morar com a mãe em São Paulo, sem que a mãe de Erika soubesse.

Eu achei que estava vindo pra São Paulo morar com minha mãe, só quando cheguei aqui que vi que minha mãe nem me queria.

Essa falta de vínculos e de referências positivas foi extremamente marcante para ela. Erika não se sentia amparada, segura, ou importante para alguém. Após a morte de sua avó, não havia um adulto em quem pudesse confiar, alguém que lhe garantisse segurança e afeto. Se pensarmos em termos de processo de socialização primária (BERGER; LUCKMANN, 1998), seu mundo objetivo era precário de outros significativos que pudessem servir como referências afetivas positivas.

Sobre o pai, ela relatou que, quando criança, tinha muita vontade de conhecê-lo e de que ele pudesse levá-la embora. Vivia a espera de um salvador, de alguém que a retirasse daquela condição vulnerável.

Eu fui criada sempre numa ilusão: que meu pai ia vir me buscar, que ele ia me levar pra ir morar com ele.  
Os meus tios sempre falavam isso pra mim. Eu nunca tinha visto a cara dele.  
Um dia falaram para mim que meu pai estava na cidade e que ele queria saber de mim. Briguei com todo mundo porque eu queria ir embora para conhecer meu pai.  
Eu fugi e fui pra cidade. Só que era mentira.

Com 12 anos, Erika chegou a São Paulo para morar com a mãe. Era mantida praticamente em uma espécie de cárcere privado. Sua mãe racionava alimentos e não se mostrava disposta a estabelecer qualquer vínculo afetivo e de cuidado com ela. Como Erika ficava muito sozinha, passou a sair com sua irmã, Nega, de 15 anos, e com seu cunhado, momento em que começou a usar drogas e a beber.

Eu vim morar com minha mãe, minha irmã mais velha a Nega, já morava com ela. Ela morava em um cômodo. Durante o dia ela me deixava fechada o dia inteiro no cômodo, eu tinha uns 12 anos, ela me trancava. Falava que não era pra eu sair, eu fugia pela janelinha, pra brincar porque eu não ia à escola. Eu ficava trancada dentro da casa o dia inteiro! Nem banheiro eu tinha pra usar, ela deixava um baldinho pra eu usar durante o dia. Eu ficava sozinha. Então, eu comecei a fugir pela janelinha, pelo vidro. Foi quando eu fui conhecendo o pessoal, os vizinhos, fazendo amizade.

Erika passou parte de sua primeira e segunda infância em torno do conflito da perda da avó, da vivência de desamparo afetivo, alimentando fantasias idealizadas sobre os pais - um pai salvador e uma mãe arrependida. Depois que os conhece, passou a sofrer pela frustração e pela decepção ao se defrontar com os pais reais.

Ao se referir a sua mãe, comentou que ela tinha um comportamento promíscuo, que a incomodava muito, que se sentia envergonhada e com raiva de sua mãe. Sua mãe insinuava-se até para o marido de sua irmã, o que resultou em conflito entre elas.

Relatou que a mãe tinha muitos parceiros, mas falava que não era profissional do sexo. Sua mãe dizia que era doméstica e aos finais de semana, trabalhava em um restaurante.

Ela trabalhava em casa de família, mas todo dia ela tinha um parceiro, e ela bebia. Ela dizia que era namoro, não era prostituição. Dizia que era namoro, mas todo dia era um, ela era cheia dos namorados.

Nesse ínterim, sua mãe engravidou mais uma vez e resolveu doar a criança logo após o nascimento. Isso foi um evento muito mobilizador para Erika, pois desencadeou lembranças de seu próprio abandono. A naturalidade com que sua mãe lidava com esse fato a indignava, e gerava muita revolta.

Eu me lembro de tudo isso, umas semanas depois da saída de minha irmã de casa, minha mãe ganhou o neném. Eu vi o neném porque eu fui ao hospital. Porque ela não levou pra casa, já tinha uma mulher lá esperando a criança pra pegar.

Lembro que ela falou assim: “Vamos ao mercado?” Eu falei: “eu não, não vou ao mercado com você! Eu vou no mercado com você pra quê? Pra todo mundo ficar perguntando: “Cadê seu filho?” Pra você falar que você deu? Eu tenho vergonha de você, eu falei quantos filhos mais você vai arrumar e vai dar?”

Erika julgava moralmente o comportamento de sua mãe com socialmente inaceitável e diante da impotência que sentia em diversas situações, Erika passou a usar drogas ilícitas e a beber cada vez com maior frequência. Sua mãe procurou seu pai, para que Erika fosse morar com ele, e foi assim, que ela o conheceu.

Como eu estava começando a dar trabalho, ela foi atrás do meu pai. Ela conseguiu achar o endereço do meu pai, que meu pai tinha que cuidar de mim, porque ela não queria saber de cuidar de mim.

Quando foi um dia a tarde, chegou um homem batendo na porta, aí eu fui abrir a porta, ela estava deitada assistindo televisão e eu estava sentada também assistindo. Abri a porta e fui até ela, e falei: “tem um homem te chamando aqui”, aí ela falou assim pra mim: “Ah, você não vai pedir benção não? É o seu pai!”.

Eu disse pra ela assim: “Pode vir um mendigo aqui e falar que é meu pai eu, não conheço nunca vi foto, eu vou acreditar!”.

Eu não quis não, não abracei, também não conversei. Demorou, acho que, uns dois meses a minha mãe me levou na casa dele, pra morar com ele.

Seu pai era um desconhecido para ela e sua madrasta não aceitava sua presença. Além disso, seu pai bebia todos os dias e a agredia. Diante de tanta violência, Erika fugiu e tentou voltar para a casa de sua mãe, que decidiu entregá-la ao Conselho Tutelar. O caso foi para decisão judicial, que manteve Erika residindo com a genitora.

Eu cheguei lá, minha mãe na hora falou que não me queria lá, que eu era um estorvo na vida dela, que ela ia me entregar para o conselho tutelar. Ela foi e me entregou para o conselho com 14 anos.

Aí o conselho começou a chamar meu pai e minha mãe, mas nem ela nem meu pai me queriam.

Mas o juiz obrigou minha mãe a ficar comigo.

Diante desse contexto, Erika permanece mais tempo na rua do que em casa, onde usando e vendendo drogas. Durante três meses, ficou recolhida na FEBEM sem que ninguém tenha ido visitá-la. Somente depois disso, foi determinado judicialmente seu primeiro abrigo aos 14 anos.

É indignante olhar para a reiteração de processos de abandono que Erika sofreu, não só por parte de sua mãe, de seu pai e de seus familiares, mas, também, mediado por um sistema de assistência social e judiciário que insistiu em mantê-la sob a guarda de uma mãe que a rejeitava e que ia continuar a agredi-la. Não cogitando outras alternativas, tal sistema reiteradamente a recolocava em situação de vitimização. Faltaram estratégias que trabalhassem esse contexto de vulnerabilidade de maneira profunda, com profissionais que conhecessem e que acompanhassem a história da família e da jovem, para uma tomada de decisão mais coerente e protetiva, inclusive em relação a outras alternativas de acolhimento, como é o caso de famílias substitutas.

Erika iniciou um processo com períodos de permanência no abrigo, de fugas e de retorno ao bairro em que vivia com a mãe, constituindo um ciclo de desamparo e de total desvinculação familiar, que resultou na sua entrada para a trajetória do tráfico. Como a mãe não a aceitava em casa, Erika permanecia na casa de uma traficante do bairro, trabalhando

tanto para sustentar a sua dependência quanto para ter abrigo. Vez por outra, entrava na casa de sua mãe pela janela – durante sua ausência – muitas vezes para dormir, pegar comida e roupas. Este foi um período em que se envolveu mais intensivamente com o tráfico, chegando, inclusive, a levar drogas para outros Estados.

É importante ressaltar a função de “rede de proteção” da família como fundamental na forma de organização social que temos no Brasil. Em condições sociais muito precárias, a ausência dessa função é ainda mais problemática, uma vez que implica um processo de socialização primária cercado de referências negativas, que são internalizadas pela criança, por meio da relação com esses outros significativos:

[...] o mundo social é “filtrado” para o indivíduo. Assim, a criança das classes inferiores não somente absorvem uma perspectiva da classe inferior a respeito do mundo social, mas absorve esta percepção com a colaboração particular que lhe é dada por seus pais (1998, p. 176).

Podemos, dessa forma, inferir que a perspectiva que é dada pelos pais não se refere somente a classe, como também se relacionam ao gênero e a raça. Assim, Erika foi também recebendo os valores associados aos papéis femininos e masculinos que afetaram suas escolhas e condutas.

Aos 15 anos, Erika voltou a se envolver em pequenos delitos devido ao uso abusivo de drogas, ficando reclusa na FEBEM por cerca de seis meses. Logo depois, foi para o abrigo e fugiu novamente, passando a trabalhar para outra traficante do bairro, mas continuava em situação de rua. Num dia em que estava indo buscar droga para vender, Erika foi estuprada, episódio que gerou uma gravidez indesejada.

Mesmo grávida, Erika continuou a trabalhar com a venda de drogas, até que o juiz determinou seu abrigo. Durante esse período, evadiu-se algumas vezes para ficar na rua e para usar drogas. Após o nascimento da bebê, alternou períodos de abrigo e períodos em situação de rua. Quando fugia dos abrigos, deixava a filha. Depois de alguns meses nessa condição, atingiu a maioridade e rompeu definitivamente com sua família. Logo foi internada numa clínica para dependentes químicos, como veremos adiante.

Erika apresentou um discurso vitimizado e triste. Relatou detalhadamente as passagens de sua infância, demonstrando sofrimento ao lembrá-las.

#### 4.2.2 Gravidez e Maternidade e afetividade

A primeira gravidez de Erika foi fruto de um estupro sofrido aos 16 anos. Erika negava a gravidez para si mesma, negava as mudanças de seu corpo, demonstrando sua rejeição e aversão por tudo o que tinha acontecido. Essa foi, para ela, a sua primeira experiência sexual, uma experiência marcada pela violência, que acarretou marcas na forma de Erika se relacionar com sua sexualidade, com seu corpo.

A história do abuso era algo que ela evitou comentar. Não se sentiu a vontade para falar sobre isso, e por sua história de vida, notamos que, ela teve poucas possibilidades de enfrentar ou elaborar essa experiência aos 16 anos. Ela contou:

Foi quando eu estava indo pegar droga dessa mulher [uma das traficantes para quem trabalhou], eu estava subindo a escada, a hora que o cara me empurrou e me estuprou. Ele é o pai da Fernanda, minha primeira filha, nesse dia eu engravidei, só que eu não sabia, eu nem entendi direito o que era aquilo.

Na época, ela morava no mesmo bairro que a mãe, mas na casa de uma traficante para quem vendia. Ela relatou que nem pensava na gravidez, que continuou vendendo e usando drogas. Um dia, a sua mãe a viu e delatou sua gravidez, tanto para a traficante quanto para o conselho tutelar.

Um dia minha mãe me encontrou pelo bairro e disse: “Você voltou a vender pra *Loira* daí?” “Voltei!” eu respondi. Então ela foi para a *Loira* e falou: “A Nina tá grávida!” Ela usava meu apelido de criança.

Erika decidiu fazer um aborto. Pediu dinheiro emprestado à traficante para comprar o abortivo, mas não o realizou devido ao tempo de gestação (já estava de cinco meses).

Eu fui para a *Loira* e pedi dinheiro para tirar o neném: “Eu preciso de dinheiro porque eu vou tirar, preciso comprar *Cytotec*®!” A *Loira* disse: “Eu compro e você vai vendendo e me pagando você vai ter que me pagar todo o meu dinheiro 800 reais.” Eu tinha 16 anos.  
[...] Então o cara da farmácia perguntou: “Você está de quanto tempo?” Eu respondi: “ah, eu acho que eu só estou de cinco meses!” Ai ele falou para a traficante: “Oh *Loira*, estou fora, se eu der, se eu aplicar nela vai os dois pro saco, não só a criança como ela também, não tem como mais”. Então fui para o abrigo.

O aborto legal, isto é, aquele que é autorizado judicialmente devido a mulher ter engravidado vítima de um estupro, poderia ter sido uma alternativa para Erika para interromper essa gravidez indesejada. No entanto, o seu silêncio diante da violência, a total



falta de amparo familiar, bem como o fato de localizar-se a margem dos atendimentos dos serviços sociais e de saúde impossibilitaram essa alternativa.

Erika tentou utilizar uma medicação abortiva conhecida como Cytotec<sup>®</sup>, mas devido ao tempo de gestação que já tinha, o farmacêutico se negou, pois o risco de vida era alto. Segundo a pesquisa GRAVAD (HEILBORN et al, 2006), já citada no presente trabalho, o Cytotec<sup>®</sup> é referido como a medicação mais usada para a indução do primeiro aborto no país, independente da idade das jovens.

Assim, a primeira gestação foi vivida de maneira sofrida, por ser fruto de uma situação de violência, por não entender as mudanças físicas e por lhe faltar condições psicossociais para viver essa maternidade. A bebê nasceu aos oito meses de gestação, enquanto Erika estava abrigada numa instituição temporária para meninas-mães. Após o nascimento da filha, tinha dificuldade para cuidar, não conseguia constituir um vínculo com a bebê. Relatou que, durante sua permanência no abrigo, a equipe pouco trabalhou com ela a questão da sua gravidez e da vivência da sua maternidade, e quando o faziam, era no sentido de despotencializá-la.

A mulher queria tirar o neném, a Fernanda de mim, por eu ser menor, por eu estar com problema na FEBEM, eu fiz um *fuzuê* com o pessoal desse abrigo. A eu liguei no fórum e inventei um monte de coisa da mulher. Fiquei 15 dias só depois que eu ganhei a bebê.

Eles me levaram pra outra casa-abrigo, era meio que um núcleo da FEBEM. Lá já podia ficar mãe e criança. Eu fiquei quatro meses.

O sistema e a dinâmica assistencialista de funcionamento institucional a desresponsabilizava do cuidado com a bebê. Em outro abrigo que costumava ficar, o cuidado com sua filha, muitas vezes, foi atribuído como uma punição. Além disso, em nenhum momento foi oferecido um espaço para ela falar sobre seus sentimentos e seus anseios em relação a uma maternidade advinda de uma situação de violência.

Mas sabe, eu não cuidava da Fernanda, a gente nem dormia juntas, porque lá tinha um quarto pra nós e o berçário pras crianças. E tinha gente pra cuidar das crianças, o máximo que eu fazia era lavar a mamadeira e colocar um pouco de leite, às vezes só, e mais nada, trocar fralda? Eu não trocava...

Não pegava nem ela no colo. Às vezes lavava roupa.

A abordagem dos educadores, dos cuidadores e do próprio sistema de assistência social e judiciário não contribuiu para que Erika se sentisse acolhida, orientada, querida. Não lhe foi dado espaço, nem condições para que pudesse trabalhar os abandonos que sofreu, as situações de violência pelas quais passou, os sentimentos ambivalentes mobilizados nessa

maternidade, o direito de abdicar dessa maternidade, ou mesmo, de tentar vivê-la e solicitar ajuda.

Erika sentia-se uma jovem desacreditada, sem perspectivas de futuro, vivendo em uma instituição enrijecida em suas práticas. O tempo de abrigo nessas instituições era provisório (cerca de quatro meses), pouco tempo para que a jovem se organizasse e pudesse encontrar um novo destino. Nesse ínterim, Erika começou a participar de atividades em um projeto de perspectiva educativa e que fazia intervenções com crianças e jovens em situação de rua. Ali, conheceu Roberta, futura fundadora da *Associação* para mães e filhos na região de Sorocaba.

Como o tempo de permanência nesses abrigos para jovens mães se esgotou, por determinação judicial, Erika foi encaminhada para o mesmo abrigo-lar onde havia passado inúmeras vezes.

Aí eu cheguei lá, a irmã falou: “Ah você!” Ela não queria me aceitar, mas foi obrigada a me aceitar de volta, então ela falou: “Você vai fugir!”.

Em muitos momentos, Erika expressou sua dificuldade em lidar com essa maternidade, mostrando revolta e resistência a se assumir como mãe, como podemos notar no excerto abaixo:

Eu nem lembrava da neném. Um dia eu cheguei e falei que eu não queria, cheguei na assistente social do fórum e falei: “Eu não quero ficar com ela, eu não quero essa criança! Vocês vão me deixar com ela? Eu tenho vontade de judiar dela!”

Eu não me sentia a mãe dela. Eu tinha um ódio quando eu via ela, eu tinha vontade de bater nela!

Mas em outros, quando via a possibilidade de perder a guarda realmente, ela voltava a expressar seu desejo de ver a bebê e de ficar com ela. Certa vez, em que foi impedida de ver a filha, depois de muitas fugas e pouco contato, ela se mostrou revoltada contra a instituição e verbalizou que queria ver e ficar com a filha. Parecia agir sob uma lógica de posse sobre a criança, algo como “a filha é minha e eu resolvo como fazer”, e não baseada em uma ressignificação do sentido da maternidade para ela (mesmo porque a possibilidade de reflexão sobre o processo vivido não lhe foi proporcionada nos espaços institucionais).

Yvonne Bezerra de Mello, fundadora do projeto *Uerê* e ganhadora de prêmio da UNESCO por sua metodologia no trabalho com crianças e jovens em situação de rua, narra,

em um texto sobre seus primeiros trabalhos no Rio de Janeiro, a percepção que teve sobre jovens meninas que lidam com o filho como um objeto de sua posse (MELLO, 1996, p. 157):

Para elas, a concepção não é um ato de amor. Todas querem ter filhos desde muito jovens; dizem sempre que a criança será a única coisa que possuem. Uma coisa só delas. Se eu reclamava que a criança estava suja ou coisa parecida, a resposta vinha rápida: “A senhora não tem nada com isso. Se eu quiser bater eu bato, se quiser matar, eu mato”.

Erika relatou que, ao chegar ao Lar, queria ir ao quarto da filha para vê-la, mas a mãe, por julgar que ela estava drogada, impediu-a.

“Eu vou entrar lá no berçário pra ver a Fernanda e você não vai me impedir, você acha que você é quem? Você não é nada, o juiz manda em você!” Ela foi e ligou no fórum, a promotora não gostava de mim, ela ligou direto na sala da promotora, falou que eu tinha chegado drogada, quebrando tudo lá na sala. A promotora mandou a viatura ir me buscar e me levar pra delegacia e não pro fórum, porque ela sabia que se me mandasse pro fórum o juiz ia mandar voltar pra lá. Eu fui e eles me mandaram para outro abrigo, longe da menina.

Erika, devido aos inúmeros abandonos que viveu, relatou que sofria ao perceber que poderia reproduzir com a filha a história vivida por ela na infância. Ao mesmo tempo, percebeu não ter condições emocionais e sociais de cuidar da bebê, devido tanto ao abuso sexual que sofreu quanto às condições de vulnerabilidade que estava imersa. Em uma audiência, foi determinado que ficasse com a filha. Ela se revoltou e disse para a equipe do judiciário:

“Não sei o que vocês estão tentando porque eu não quero, eu não quero ser mãe, ela veio de uma forma que eu não quis, não foi uma coisa que eu quis! Vocês vão *coisar* porque eu vou judiar dela, então, é melhor vocês darem ela pra outra pessoa que cuide!”.

Mais uma vez o judiciário insistiu e propôs que seus pais alugassem um lugar para Erika morar com sua filha. Ela verbalizou que não queria. Por isso, foi novamente abrigada, e visitava sua filha, que ficou em outro abrigo. Posteriormente, foi abrigada junto a menina novamente, mas não construiu vínculos com a filha.

Lá eu também não cuidava da bebê, porque tinha as tias que cuidavam. Era tudo separado.  
Só na hora do almoço que a irmã me fazia eu lá, pra dar comida pra ela e dar banho, e ajudar a cuidar das crianças.

Depois de uma nova fuga do abrigo, sem a filha, permaneceu um período em situação de rua até que pediu ajuda para educadores de rua. Como já tinha 18 anos foi internada em uma clínica para dependentes químicos pela primeira vez. Lá, descobriu que o juiz havia dado um prazo para ela se “tratar” e decidir se queria a guarda da filha. Logo que chegou à clínica para dependentes químicos, ela disse que pensava em não desistir de Fernanda.

Na época, eu falei para o juiz que eu ia pra clínica porque eu não queria perder a guarda dela. Eu fui pra clínica e o pessoal de uma instituição de apoio aos moradores de rua que me conheciam fez um relatório contando minha história, e que eu cheguei a comentar que eu queria a Fernanda, só que eu tinha dúvida.

Durante o tempo em que Erika permaneceu na clínica, a equipe contatou o fórum para tomar ciência da situação do processo de guarda de Fernanda, no entanto, Erika já havia perdido a guarda e a menina já havia sido adotada.

O fato de a menina ter sido adotada parece ter soado como um alívio e uma redenção. Ela não seria mais “obrigada” a enfrentar sua própria ambivalência entre lutar pela filha e o desejo de não reproduzir a sua história de abandono, e ao mesmo tempo, poderia viver a fantasia de que sua filha conquistou a “sonhada” família que ela nunca teve.

Em relação às outras gestações, foram todas decorrentes de seu relacionamento com Afonso. Na primeira gravidez dele, Erika sofreu um aborto espontâneo quando estava com mais ou menos três meses.

Eu conheci o Afonso na rua. Eu gostava dele. Foi onde eu engravidei do meu primeiro filho com ele. Só que um dia roubando perdi, tive um aborto, estava grávida de três meses e por conta da droga, do crack eu perdi. Eu nem sabia que eu estava grávida, eu fui no banheiro e saí. Ele me levou pro médico e eu fiquei internada, teve que fazer curetagem que eu já estava de três meses.

Após essa perda, permanece em situação de rua com Afonso por alguns anos. Depois, acabou engravidando de Rafael, aos 21 anos.

Na minha segunda internação, eu comecei a passar mal, passar mal, passar mal. Minha madrinha me levou pro médico, duas horas depois saiu que eu estava grávida do Rafael. Cheguei *na* clínica, como eu tinha que levar exames, minha madrinha me levou pro médico. Fiz vários exames. Duas horas depois saiu que eu estava grávida do Rafael.

Na época, a assistente social da *Associação* a auxiliou para que Rafael fosse registrado também no nome do pai, mesmo ele estando preso. Erika foi visitar seu parceiro e

acabou engravidando novamente. Logo, recaiu, pois por medo de rejeição, não contou a ninguém de sua gravidez e voltou a morar na rua. Algum tempo depois, quase perdeu a guarda do filho para a avó paterna do menino, e, por isso, resolveu voltar para a *Associação*.

O meu filho você não vai pegar, por que eu vou voltar para a *Associação*.  
Fui pra *Associação* grávida do Rafael. Ganhei o Rafael, ganhei em novembro. Quando foi em fevereiro eu fui embora pra casa da madrinha da Rafaela, em Osasco. E aí eu comecei a fazer visita pro Afonso que estava preso. E engravidei da Rafaela.

Das gestações com Afonso, Erika não verbalizou revolta ou ambivalência, queria ter os bebês, e podemos, inclusive, notar que sua gravidez foi determinante para que iniciasse um ciclo de renovação, de cuidado, de desejo de viver e de cuidar de seus filhos.

Meses depois, Rafael veio a falecer devido a complicações decorrentes de uma pneumonia.

O Rafael nasceu em 2004. Eu fiquei grávida da Rafaela em 2005, e ela nasceu em 2006.

Aí eu fui no projeto social de atendimento de rua e falei que queria voltar pra *Associação*. Então eu voltei. Depois de quatro meses, o Rafael ficou muito doente, ficou 15 dias na UTI e faleceu. 13 dias depois que ele faleceu, a Rafaela nasceu. Ele faleceu dia primeiro de fevereiro de 2006, e o enterro dele foi no dia dois.

Após a perda do Rafael, Erika passou por um período depressivo complicado. Como Rafaela nasceu poucos dias depois da perda de Rafael, Erika chegou a rejeitá-la, não conseguindo exercer os cuidados básicos. A estrutura da *Associação*, o trabalho, bem como o próprio cuidado com a filha, ajudou-a a superar o luto.

Erika construiu vínculos afetivos com a sua educadora na *Associação*, bem como com a presidente. Na época, a aproximação com sua filha foi realizada gradualmente, havia atendimento psicológico para que ela falasse sobre sua dor e tivesse o tempo necessário para sua recuperação.

Dia 13 de fevereiro eu ganhei a Rafaela. Mas eu queria largar a Rafa. Ela nasceu de oito meses. Todos os meus filhos não chegaram a nove meses, a Fernanda eu cheguei até os oito, o Rafael até os oito e a Rafa também até os oito.

Eu queria largar tudo porque eu queria o Rafael, não queria a Rafaela, mas eu resisto e fiquei na *Associação*.

O cuidado com a Rafaela foi terapêutico para Erika. Ela tinha alguém para cuidar, que dependia dela e que não a abandonaria. Sentia-se muito culpada pela morte de seu filho, o que possivelmente se somou à dor por não ter conseguido cuidar da primeira filha.

Hoje Erika atribui sua força para não recair ao vínculo com sua filha Rafaela. Não deseja ter mais filhos, luta para que sua filha tenha uma vida com mais recursos – materiais, educacionais, sociais e afetivos - que a sua.

Mas eu gostava de estar na *Associação*, porque eu me sentia bem, eu não usava droga, eu estava fazendo diferente, começando a fazer a história da minha filha ser diferente da minha.

Lá eu podia ficar com a minha filha. A gente que cuidava, que fazia tudo, e nos outros abrigos não, a gente não faz nada. Come, bebe e dorme e só.

Na *Associação* é o contrário, você pode aprender a fazer tudo.

#### 4.2.3 Vulnerabilidades, sedentarização e a maternidade.

Toda a primeira infância e adolescência de Erika foram marcadas por muitas mudanças e deslocamentos, uma enorme transitoriedade: mudanças de casa, de cidade, de família, de referências. Após a morte de sua avó, Erika perdeu sua principal - e única – referência de vínculo afetivo, e iniciou uma busca por relações afetivas significativas que nortearam toda sua trajetória de vida.

Podemos associar a ideia de nomadismo, em seu caso, com a busca pela constituição de vínculos afetivos para poder fixar-se. Garcia et al (2010) trazem uma visão do nomadismo como uma condição associada “a múltiplas identificações e, portanto muitos lugares”. Escorel (1999) considera que o nomadismo não é uma característica intrínseca da natureza da pessoa em situação de rua, como se fosse algo que ela pudesse escolher. Ela considera o nomadismo como uma imposição da pobreza e dos fluxos de circulação das cidades, o que se confirma no caso de Erika, pois, para ela, essas mudanças constantes são vividas como uma experiência marcadamente negativa, pois não se sentia pertencer a nenhum lugar, não tinha nenhuma relação profunda estabelecida com alguém, como vimos no tópico acima, em que narramos suas experiências de socialização na infância e na família.

No período de abrigamento, também não encontrou acolhimento. Cada passagem por abrigos era sofrida e marcada pelo despreparo das equipes de acolhimento. Seu primeiro abrigamento foi aos 14 anos, Erika já percebia a projeção de vários estigmas associados à situação de rua e ao uso de drogas, que depositados sobre ela se somavam ao seu histórico familiar, desencadeando sentimentos de inadequação e revolta. Ela relata uma discussão com uma educadora de um abrigo, em que era tratada dessa forma:

Bem, um dia eu saí pra ir assinar o papel do fórum, eu já estava com uns 17 anos e encontrei a minha mãe e eu discuti com ela na rua. Eu já tinha ido *no* fórum e estava

voltando sozinha. Eu cheguei no lar e apertei interfone e entrei. No que eu entrei, eu passei na secretaria e fui pro quarto. A irmã, a chefona, estava descendo as escadas, me viu e falou assim: “Você fumou maconha sua nóia, sua drogada?” Eu falei: “Não, não usei! Eu estou careta!”

A irmã falou: “A sua mãe é uma vagabunda, se sua mãe prestasse você não estava aqui!” Eu respondi: “Ela pode ser vagabunda, mas você é mais!”

Ela ameaçou de dar na minha cara. As crianças choravam, ela batia nas crianças.

Quando ela veio dar na minha cara, eu falei assim:

‘Se você dar na minha cara, eu vou arrebentar você! Porque na minha cara ninguém dá não!’

Ela abaixou a mão, no que ela abaixou, ela levantou de novo a mão pra dar em mim, eu peguei e dei na cara dela!

O comportamento impulsivo de agressão de Erika reforçava a projeção negativa que a educadora fazia sobre ela. Após esse episódio, Erika foi transferida de abrigo, mas em pouco tempo, voltou a condição de rua. Com a proximidade dos seus 18 anos, ficava cada vez mais difícil encontrar instituições que pudessem acolhê-la.

As muitas instituições de acolhimento pelas quais Erika passou não tiveram estratégias adequadas para lidar com ela. Entretanto, durante o tempo que permaneceu na transitoriedade da rua, conheceu alguns educadores sociais que puderam desenvolver estas estratégias. Por mais que naquela época, Erika não tenha saído da condição de vulnerabilidade, ela teve a oportunidade de conhecer pessoas e programas aos quais poderia recorrer.

O conceito de *locus de vulnerabilidade* proposto por Ayres et al (1999), que vimos anteriormente, é produtivo para compreendermos questões complexas, como no caso de Erika. Esse *locus* concentra os planos de vulnerabilidade pessoal e social e mostra-nos um caminho para atuação com populações vulneráveis, enfatizando a necessidade de as ações que ocorrem nas ruas serem integradas para serem efetivas. A prática no espaço da rua deve incorporar o saber, a experiência e a cultura das pessoas que o constituem e deve ser construída a partir de uma relação interpessoal baseada na construção do vínculo, no acolhimento, na aceitação por parte das pessoas a serem atendidas e na escuta qualificada (JORGE; CORRADI-WEBSTER, 2012).

Erika, durante algum tempo, tentou estabelecer vínculos com pessoas que conheceu por meio do uso das drogas, especialmente duas traficantes da região. Por mais de uma vez, ela pediu acolhimento na casa dessas traficantes em troca de trabalhar no tráfico para elas. Ao mesmo tempo em que permanecia na casa das traficantes, Erika continuava no bairro próximo a casa de sua mãe, o que mostrava sua dificuldade em afastar-se dessa mãe, única representante de alguma referência de família que Erika ainda poderia ter.

Logo depois que completou a maioridade, como vimos anteriormente, Erika passou pela sua primeira internação numa clínica de reabilitação para álcool e drogas. Erika passou por todo o programa da clínica de internação. Após os primeiros seis meses, em que se preza a abstinência e o isolamento, a pessoa pode retomar o contato com o mundo exterior, fazendo visitas e viagens a familiares por até uma semana. Para Erika, foi muito marcante o fato de ninguém a ter visitado nesses primeiros seis meses e que, portanto, não tinha a quem visitar. Erika, então, viajou para a casa de um casal que trabalhava na clínica, voltou e terminou seu processo de recuperação. Os vínculos que construiu no período que permaneceu nessa clínica são extremamente fortes para ela, sendo referências que mantém até hoje. Após essa viagem, pediu ao casal que a batizasse na igreja, e eles são seus padrinhos com quem tem contato até hoje.

Depois de seis meses que eu estava na clínica, eu podia sair e ficar uma semana fora. Nesse tempo ninguém me visitou. Então eu ia pra casa de uma moça que eu conheci lá e que virou minha madrinha. Então eu falei que queria ser batizada. Eles aceitaram.

Eu fui pra casa da minha madrinha fiquei lá uma semana e voltei pra clínica.

Quando voltou dessa viagem, Erika retornou determinada a terminar o programa de nove meses. Começou a fazer novos planos, e, inclusive, demonstrou desejo em coordenar grupos e ajudar na clínica. Sua madrinha a acolheu após a finalização do programa. Durante quase dois anos, ela morou na casa da madrinha e trabalhava na clínica, coordenando grupos de apoio.

Esse foi um período extremamente significativo para Erika. Sentia-se bem consigo mesma, sentia que tinha um valor dentro da clínica, e construído uma relação significativa – e recíproca – de cuidado e afeto com o casal que a apadrinhou, quase que numa relação de adoção. Na perspectiva de Berger e Luckmann (1998), Erika, nesse contexto, teve a oportunidade de reviver relações carregadas de afeto com outros significativos e iniciar um processo de ressocialização. A ressocialização, para Berger e Luckmann (1998), é chamada de alternância. Trata-se de um processo semelhante à socialização primária, exatamente por sua mobilização afetiva com o pessoal socializante, a partir do qual o indivíduo interioriza a sua nova realidade social, com suas regras e significados.

Este também foi um período de sedentarização que, para ela, durou quase dois anos. Foi significativo principalmente por ter construído um registro, para ela, de referências positivas de afeto, de cuidado, de vida, ao qual ela, a partir de agora, poderia recorrer e retornar, mas que talvez ainda não possamos denominar de ressocialização completa.



Nesse período, Erika viajou para visitar uma colega que conheceu na clínica<sup>11</sup> e acabou indo ao encontro de uma colega do passado, na verdade, uma “namorada”, como ela conta, e recaiu, voltando para a situação de rua por alguns anos.

Então eu falei que ia para a casa da Rose, minha madrinha me deu 150 reais na minha mão. Eu cheguei na Barra Funda e, em vez de ir pra Osasco, eu fui pra Guaianases na casa da Vanessa que é uma pessoa que eu já namorei enquanto estava na rua. Chegando lá, vi todo mundo. Falaram assim pra mim:  
Vai ter um show de Rap vamos?  
Vamos! Aí não voltei mais, eu fui pro show e 2 horas da manhã, eu já estava louca louca de cocaína e de bebida, lança perfume. Fiquei lá usando. Três meses depois, fiquei lá em Guaianases, depois fui pra Paulista, ficava andando na rua porque eu não conseguia ficar em lugar fechado.  
Voltei a fazer “corre”, roubar.

Encontrar um elemento que a remeteu às vivências do passado, enquanto esta nova realidade ainda não se encontrava totalmente consolidada, foi crucial para que ela recaísse. Alguns estudos vão falar da dificuldade do indivíduo de reconstruir uma nova identidade, pois ele necessita de um compartilhamento e de legitimação social para conseguir sustentá-la, por isso, o indivíduo precisa de outras relações que o auxiliem a romper com a identidade anterior que, até então, dava sentido ao seu mundo. Como ponderam Berger e Luckmann (1998, p. 190), "são necessários graves choques no curso da vida para desintegrar a maciça realidade interiorizada na primeira infância", seja, portanto, ela boa ou ruim. Campos e Ferreira (2007, p. 219) procuraram investigar as causas relacionadas às recaídas, especificamente dos alcoolistas, a partir da compreensão de Berger e Luckmann.

Acreditamos que um dos principais fatores que levam um alcoolista à recaída pós-tratamento seja a dificuldade de reconstrução de sua identidade, pois se encontra desamparado, em um lugar social que lhe é imputado nas relações sociais, em que lhe são atribuídos apenas padrões que o consideram doente, incapaz, improdutivo, não confiável, sem caráter, e tantos outros adjetivos pejorativos. E as recaídas intermitentes acabam "confirmando" esses padrões a ele atribuídos. Tais circunstâncias podem impedir o processo de alternância

Algumas dessas dificuldades podemos encontrar na história de Erika, principalmente a dificuldade de romper com os padrões que lhe foram atribuídos, e também, os que ela mesma atribuiu a si mesma. A visão negativa de si mesma, construída e internalizada em relações sociais estigmatizadoras, levou a jovem a manter sua condição de usuária de drogas e de moradora de rua, determinando, em muitos casos, sucessivas recaídas.

---

<sup>11</sup> Rose, uma pessoa importante para Erika, que depois veio a se tornar madrinha de sua filha Rafaela.

Nesse período que permaneceu em situação de rua, Erika conheceu Afonso, primeiro homem com quem se relacionou. Afonso também vivia na rua, era usuário de drogas, às vezes roubava, às vezes mendigava. Portanto, sua situação não era deveras diferente da de Erika. Mas com ele, ela sentia-se segura, sentia-se cuidada e protegida.

Aí foi quando eu conheci o pai da Rafaela, ele estava pedindo dinheiro no ponto de ônibus e ele roubava também. Conheci e fiquei com ele. A gente morava na rua, em casa invadida, casa abandonada.  
Pra comer, pra usar droga, a gente roubava.  
[...] Eu gostava muito dele, de ficar com ele. Ele me respeitava.

Mesmo morando na rua, sem residência fixa, o fato de ter encontrado uma pessoa – Afonso – que lhe ofereceu a possibilidade de um vínculo, cuidado e proteção, a manteve-a na condição de rua por mais tempo. Ela encontra em Afonso uma “morada afetiva”, que permitiu que ela se *sedentarizasse* - não socialmente, pois não tinham residência fixa, mas, sim, em um relacionamento afetivo, mesmo que esse tenha ocorrido na rua.

Depois de algum tempo, vivendo em situação de rua com Afonso, ela sofreu o aborto espontâneo que narramos anteriormente. Erika, então, começou a manifestar seu desejo de sair da rua, e de que o parceiro também o fizesse.

[...] Eu falei pra ele que eu queria sair da rua, que eu queria parar de usar droga, que eu não estava aguentando mais. “Eu não aguento mais essa vida, vamos (nos) internar!”  
Ele dizia: “Então vocês vão ter que arrumar internação pra gente ser internados no mesmo dia, porque pra largar ela na rua eu não vou, e se acontecer a mesma coisa pra ela também?”

Como Afonso passou a comportar-se de maneira ciumenta e agressiva, Erika decidiu afastar-se dele e ir para a clínica para dependentes químicos, sozinha. Erika recorreu a madrinha e solicitou ajuda. Como Erika já havia experimentado um novo padrão de socialização com a madrinha, ela tinha alguém para recorrer e um lugar para voltar. A construção de vínculos afetivos com outras referências significativas foi fundamental para essa escolha de Erika. A madrinha se constituiu como *outro significativo* para ela, sendo uma relação afetiva que mantém até hoje.

Um dia eu liguei pra minha madrinha e pedi ajuda. Ela disse:  
Eu te dou 15 dias pra você me ligar, duas vezes por dia. Se você me ligar e falar que você quer ajuda, eu ajudo você.  
Nisso o Afonso começou a me bater por ciúmes [...]  
Eu fui pra clínica na sexta. E o Afonso continuou na rua.

Na sua primeira semana de internação na clínica essa instituição, Erika descobriu que estava grávida de Rafael, a madrinha condicionou a sua ajuda ao término de sua relação com Afonso. Erika não concorda em romper com ele, conforme o trecho abaixo nos mostra.

Minha madrinha pegou e falou que me ajudava, mas que pra ela me ajudar eu tinha que largar do Afonso. Eu falei que não ia largar dele, que eu não podia fazer isso com ele. Aí ela falou: “Então nos vamos repensar como é que a gente vai fazer, se você ficar com ele eu não te ajudo”. Eu falei: “Não tem problema, eu fico seis meses na clínica e eu vou pra uma *Associação* em que as mães podem ficar com seus filhos”.

Em sua primeira gestação, quando Erika passou por várias instituições, ela soube que havia uma instituição no interior de São Paulo em que as mães podiam ficar junto com seus filhos. Também na época em que estava em situação de rua, conheceu uma educadora que depois veio a ser a fundadora da *Associação* (Roberta).

Eu fiquei seis meses na clínica, fiz minha triagem e vim pra *Associação*. Eu já conhecia a Roberta desde os meus 16 anos [...] quando veio da Europa. Eu ouvia falar que era um abrigo que a mãe pode ficar com o filho assim por mais tempo porque nos abrigos que eu já havia ficado só podia ficar seis meses. Fui pra *Associação* grávida do Rafael.

Depois de alguns meses na *Associação*, Rafael nasceu. Erika já tinha voltado a estudar e vinculou-se aos projetos de geração de renda. Aos poucos, vinculou-se a sua educadora, que a ajudava com os primeiros passos do cuidado e da maternidade que, para ela, estava sendo vivida como a primeira.

Mesmo assim, ainda manifestava o desejo de retomar seu relacionamento com Afonso, que estava preso. Como vimos, a gravidez inesperada de Rafaela, numa das visitas a ele, desestabilizou Erika. Ela voltou à situação de rua, com Rafael, até que a fundadora da *Associação* enviou um educador a São Paulo para buscá-la.

Após o falecimento do menino e nascimento de Rafaela, Afonso saiu da cadeia e eles tentaram, enfim, construir uma vida juntos. A *Associação* ofereceu suporte para que Erika pudesse iniciar sua vida. Afonso voltou a agredir Erika e a cometer os delitos novamente. Erika sentiu-se insegura, temendo por mais uma recaída, rompeu com Afonso e voltou para a *Associação* definitivamente. Afonso foi preso mais uma vez, e, até hoje, os dois nunca mais se viram. Ele, até hoje envia cartas em que pergunta da filha e em que tenta restabelecer uma relação com Erika.

Eu falei pra ele que eu não queria mais saber da vida do crime:

Eu não quero mais saber, eu tenho um filho, filha, eu já perdi um, se eu voltar pra cá [rua] eu vou voltar pra mesma *bosta!* Eu já tentei sair de lá [*Associação*] e não consegui ficar bem, eu vou ficar lá [na *Associação*]!  
Eu estava bem, sem usar [droga], aí decidi e voltei.

A maternidade e os vínculos que construiu nos seus processos de internação na clínica para dependentes e abrigo na *Associação* foram fundamentais para que Erika tivesse forças para interromper seus ciclos de recaídas graves.

O falecimento de seu filho foi também impactante para essa mudança de trajetória. Erika sentia-se muito culpada pela morte do menino, principalmente, por ter permanecido meses com ele na situação de rua, o que pode ter comprometido seu estado de saúde. Isso interferiu fortemente na maneira como concebe e vive sua maternidade, vivendo-a, hoje, mais de acordo com o modelo de sedentariedade, e valorizando referências de lar, proteção e cuidado.

Além disso, sentir-se valorizada por meio do trabalho, sem dúvidas, também contribuiu para sua sedentarização. Erika exerceu papéis, progressivamente, cada vez mais importantes dentro da *Associação*: educadora auxiliar, educadora, funções dentro dos núcleos de geração de renda, coordenadora. Quando tinha que trabalhar, levava Rafaela junto e nos intervalos, cuidava, trocava, alimentava.

Depois que deixou de ser residente do abrigo e foi morar sozinha, continuou trabalhando na *Associação*. Alguns horários ficaram incompatíveis com a escola de Rafaela, e Erika pagava para que uma babá a levasse à escola e ficasse com ela até que ela voltasse do trabalho.

Eu já estava bem já, já tinha passado aquela fase difícil, a Rafa já estava na creche. Ela tinha quatro meses, mas ela já ia pra creche e a presidente da *Associação* falou que eu tinha que começar a trabalhar a minha saída do abrigo. Eu já queria sair, mas eu não tinha casa ainda. Mas como tinha brigado dentro do abrigo, percebi que minha hora estava chegando.

Foi uma das primeiras a ter o direito de ter uma casa no condomínio social. No entanto, optou por não aceitar. Construiu, em 2011, juntamente com sua parceira, uma casa para as três morarem juntas. Mesmo depois de terminada a relação, Erika ficou com a casa, mobilhou-a a seu gosto e hoje mantém a casa com apreço. Uma dificuldade que, em geral, encontra é na administração de seu dinheiro. Erika acumula dívidas em cartões de crédito e em compras de crédito. Apesar de ter grande parte de seu dinheiro consumido pelos juros, essa parece ter sido uma forma que Erika encontrou para se autocontrolar em relação às

recaídas, uma vez que estando seu dinheiro comprometido, não pode gastar com álcool e drogas.

#### 4.2.4 Drogas

Desde o tempo em que residia na Bahia, Erika já tinha contato com as drogas. Relatou que sabia que seus primos usavam e vendiam drogas na cidade, mas naquela época, não chegou a experimentar. Alguns de seus tios com os quais morou também apresentavam problemas devido à dependência de álcool.

Assim que saiu da Bahia, aos 12 anos, foi morar com a sua mãe, o contato com as drogas foi uma questão de tempo. Sua mãe bebia todos os dias. Trabalhava de manhã e a noite saía para beber, muitas vezes Erika e sua irmã, Nega, a acompanhavam. Foi nesse contexto que Erika começou a beber com frequência. Além disso, durante a semana Erika ficava sozinha grande parte do dia, e passou a sair para conhecer a vizinhança. Elas residiam num bairro de forte atuação do tráfico e, em pouco tempo, Erika passou a usar maconha.

[...] Eu ficava sozinha. Então, eu comecei a fugir pela janelinha, pelo vidro. Foi quando eu fui conhecendo o pessoal, os vizinhos, fazendo amizade.

[...] Aí eu comecei a beber, no que eu comecei beber, logo depois, uns seis meses, eu comecei a usar droga, comecei com a maconha.

Quando Erika tinha uns 14 anos, ficava a maior parte do tempo na casa de uma traficante do bairro, a quem se referia de *Loira*. Erika tinha muitos conflitos com a mãe e a casa da traficante passou a ser um refúgio para ela. Erika conheceu a cocaína e passou a traficar para sustentar sua dependência.

Mais uma vez, em busca de afeto, Erika projetava em outra pessoa o cuidado e a atenção que desejava receber de sua mãe. Dessa forma, ficava muito vulnerável e aceitava participar das rotinas do tráfico, tais como transportar drogas, viajar para outros estados com droga no corpo.

A evolução do seu envolvimento com as drogas foi muito rápida e progressiva, mas contudo, foi longa, durando em torno de dez anos. Com uma mãe cada vez mais distante emocional e afetivamente, o consumo de drogas, bem como o tráfico, funcionaram como refúgio.

Um dia, a *Loira* precisava levar uma droga pra Minas, que a filha dela, que também era traficante, estava precisando. Aí eu fui de ônibus levando a drogas, sozinha.

Eles me puseram dentro do ônibus no terminal do Tiete e disseram: “Olha você vai descer lá na rodoviária de Santos Dumont!”  
 Chegando lá, vai ter uma pessoa pra te pegar, aí eu fui, eu fiquei três meses lá em Minas, na casa da filha dela.  
 Aí eu voltei, fiquei de novo na casa dessa mulher e continuei vendendo. Eu usava maconha e pó nessa época. Ganhava e usava.  
 Só o crack que ainda não.

Todo o seu desenvolvimento e sua adolescência foram permeados pelo abandono, pela negligência da mãe e pelo consumo de drogas. Epele (2010, apud; RAUP; ADORNO, 2011) argumenta que o uso de psicoativos nas classes populares pode estar relacionado à necessidade de ter forças para o enfrentamento de uma realidade marcada por dificuldades que são intrínsecas ao contexto, tais como maus-tratos e discordâncias familiares, que acarretam, inclusive, a ida da criança para a situação de rua.

O dia de sua menarca foi marcado por também ter sido o primeiro dia em que usou cocaína. Seu envolvimento com as drogas evoluiu muito rapidamente. Morou com seu pai por alguns meses, mas devido às agressões que sofreu voltou para a casa de sua mãe. Ficava muito tempo na rua, usando e vendendo drogas, até que foi morar com uma traficante.

No entanto, sua permanência na casa da traficante foi ficando cada vez mais insustentável, pois suas vendas não mantinham mais o seu consumo. Começou a usar a quantidade que tinha para vender e passou a ter conflitos com a *Loira* (traficante).

Aí, um dia a mulher me chamou de *nóia*.  
 Ela disse: “Vê se não vai usar *meus pó* sua *nóia*!”  
 Eu enfrentei: “Ah é?”  
 Ela: “Se você usar eu vou matar você!”  
 Então eu falei: “Vai matar?” Peguei e abri todo o pacotão que ela me deu pra vender e cheirei na frente dela, na frente dela na cozinha!  
 “Se vai matar, então pode matar porque quando eu pra FEBEM na primeira vez, que eu fiquei três você não mandou um cigarro pra mim, eu já estou indo pra minha segunda passagem de tráfico vendendo droga pra você e você nunca me deu nada, agora você vem me xingar de *nóia* e quer que eu pague a droga que esta aí, eu não! Eu não vou pagar nada! Você vai me matar?”  
 Então ela me mandou sumir da casa dela: “Pode sumir que eu não quero mais você aqui! Vou te dar dois pacotões pra você vender e você vai ter que me trazer o dinheiro!”  
 Eu falei: “você vai me dar? Eu vou usar!”  
 E ela me deu e eu usei, tudo, usei tudo aí eu fui fazer um corre, fui pro bar, no estacionamento e comecei a me drogar, aí eu voltei de novo pra FEBEM, eu tinha uns 15 anos.

Neste trecho, podemos notar o conflito de interesses entre Erika e a traficante. Enquanto a traficante a cobrava pela dívida em relação ao uso da droga, Erika a cobrava por não se sentir cuidada e lembrada quando esteve reclusa na FEBEM, projetando, na traficante, o cuidado que não recebia nem de sua mãe. Sentia muita raiva e a externalizava por meio de

um comportamento agressivo e explosivo, usava droga na frente da traficante, enfrentando-a como uma criança num comportamento de birra.

Durante os muitos ciclos de passagens institucionais, Erika encontrava alternativas para manter o uso de drogas, como também de álcool e cigarro. Quando abrigada, fugia para usar, cometia pequenos furtos ou praticava a mendicância.

Aos 16 anos, passou semanas na rua, usando cola, thinner e álcool. Quando rompeu com a traficante *Loira*, Erika passou a vender para outra traficante. Foi a partir desse momento que passou a usar o crack. O crack marcou, para ela, um aprofundamento em sua dependência.

Nesse contexto, Erika foi vítima de estupro, engravidou e durante toda a gravidez, vendeu e fez uso abusivo de drogas. No final da gravidez, passou algum tempo institucionalizada. Depois do nascimento, também ficou um tempo sem usar drogas. Erika participou de projetos e tinha acompanhamento semanal no fórum. Dessa época, construiu algum vínculo com os educadores sociais de projetos psicoeducacionais para população em situação de rua, no entanto, teve uma forte recaída e voltou para rua. Sua filha ficou no abrigo. Muitas vezes era encontrada por projetos de apoio ou mesmo pela polícia e, insistentemente, o judiciário a mandava de volta para o mesmo abrigo onde estava sua filha. Erika fugia e ficava na rua. Quando o abrigo se negou a recebê-la, passou a ter ordem de abrigamento em outros locais. Mas também permanecia poucos dias e fugia.

Foi uma época de intensa vivência de rua, em que se envolvia em situações arriscadas, cometia pequenos delitos e usava drogas ilícitas. Raup e Adorno (2011) mostram que a situação de rua pode intensificar o consumo da droga, bem como o próprio uso intenso pode contribuir para a permanência nessa situação, ou seja, acabam sendo situações que se retroalimentam.

Erika, então, pediu ajuda para um dos educadores de rua que tinha vínculo, e que conheceu quando participou dos projetos psicoeducacionais. É interessante notar que o vínculo que havia construído com alguns educadores ocorria no contexto da redução de danos, mas Erika os procurava para pedir internação, pois naquele momento não conseguia mais administrar o uso sem que ele acontecesse de maneira compulsiva. Dessa forma, ocorreu sua primeira internação, na qual permaneceu todo o programa de nove meses de tratamento, como vimos nos tópicos anterior. Ela relatou o que dizia a si mesma naquela época:

“Eu quero terminar a minha caminhada de nove meses e eu vou ser uma coordenadora de grupo de sala”.

Eu terminei os nove meses. Peguei meu certificado de que eu estava apta a conduzir a minha vida e de outras pessoas que aparecessem.  
Eu fiquei um ano e 11 meses bem, morando com a minha madrinha, morando na casa dela. Todo dia eu ia e coordenava os grupos e também fazia visita nos bairros junto com ela.

Depois desse período, teve uma recaída e voltou para rua, Nessa recaída, iniciou um relacionamento com Afonso e engravidou três vezes, como descrevemos detalhadamente nos tópicos anteriores. Teve um aborto e dois filhos Rafael e Rafaela.

Entre as duas últimas gestações iniciou-se um período de recaídas frequentes, porém, menos intensas. Suas recaídas, nessa fase, envolviam, principalmente, a instabilidade afetiva de seu relacionamento com Afonso, no entanto, Erika já havia passado por relações significativas que, de alguma forma, diminuíram a necessidade que tinha de se vincular afetivamente a ele. De acordo com Berger e Luckmann (1998), a conservação ou transformação da identidade depende das relações sociais que o indivíduo estabelece, e portanto, novos relacionamentos significativos são capazes de transformar uma realidade.

Como vimos mas detalhadamente no tópico anterior, devido aos inúmeros conflitos com Afonso, pediu a ajuda da madrinha e retornou a *Associação*. Quando Rafael faleceu, Erika não recaiu. Sua filha nasceu logo em seguida, e Erika ainda tentou retomar seu relacionamento com Afonso. No entanto, como ele manteve o padrão de agressão, de uso de drogas e de envolvimento com o tráfico, Erika rompeu definitivamente com ele e voltou para a *Associação*.

Mesmo hoje, que trabalha como educadora no abrigo da *Associação*, que tem sua casa, sua filha saudável, em alguns momentos, ainda sofre recaídas. Em suas memórias, ainda tem o registro de quando buscava nas drogas a solução imediata para sua dor. Em geral, começa com o uso esporádico de álcool e/ou maconha, e às vezes, evolui para a cocaína. Teme recair no crack e, por isso tenta evitá-lo ao máximo. Em outubro de 2013, recaiu na cocaína, usando com frequência até dezembro do mesmo ano. Relatou que havia descoberto traições de sua parceira e terminado o seu relacionamento de quatro anos, e que, por isso, ficou muito fragilizada.

Em dezembro, decidiu sozinha parar com a cocaína e trocar por maconha, por ter medo de não conseguir interromper e ter uma recaída grave. Em janeiro de 2014, parou de usar maconha todo dia, usa-a esporadicamente, e mantém o cigarro todos os dias.

Erika parece ter internalizado a metodologia de redução de danos, pois no intuito de reduzir os danos que o uso abusivo provoca quando não consegue se manter abstinente, adota condutas que minimizam as chances de recair completamente.



Aparentemente não vive a contradição entre maternidade e liberdade, mas sim, o dilema da fragilidade emocional e de sua autoestima, que fazem com que, muitas vezes, sintasse ameaçada em perder tudo o que conquistou e por isso, acaba se desestabilizando emocionalmente. Em relação a isso, Raup e Adorno (2011) denotam a importância de percebermos a estreita relação entre momentos de maior estabilidade econômico/social/afetiva e a possibilidade de parar ou controlar o uso de crack (bem como outras drogas), apontando à necessidade de compreender as diferentes formas de relação com as drogas, não apenas a partir de suas características farmacológicas, mas principalmente a partir de uma perspectiva que as considere em relação ao horizonte de possibilidades do sujeito.

#### 4.2.5 Identidades femininas, sexualidade, maternidade.

As relações de gênero devem ser olhadas sempre a partir de seus contextos sociais, pois eles demarcam e delimitam as possibilidades e os modelos de interação entre as pessoas. A trama social de Erika, como vimos, era formada pela complexa combinação de vulnerabilidades protagonizadas na maior parte das vezes por mulheres: avó, mãe, traficante. Nos abrigos pelos quais passou, todos para meninas, só se relacionou com educadoras do sexo feminino. Os modelos masculinos foram precários, e poucos foram importantes.

O papel que os pais e a família exercem na vida do indivíduo é fundamental para o desenvolvimento de sua identidade. No caso da socialização de gênero, além do papel que os pais e a família assumem, aquilo que a comunidade espera de cada indivíduo tem fator impactante no seu processo identitário.

O modelo de interação dado por sua mãe mobilizava em Erika uma resistência e, até mesmo, uma rejeição, especialmente em relação ao seu comportamento sexual. Erika referiu sentir-se envergonhada pela maneira como sua mãe se comportava com os homens.

Todo dia minha mãe trocava de parceiro. Todo dia, todo dia, ia um homem na casa dela.

Minha mãe também ia, mas dava em cima de todo mundo. Ficava se esfregando nos meninos novinhos no pagode. Todo mundo falava: “olá sua mãe lá!” Dava muita vergonha!

Dos vários relacionamentos que teve, sua mãe engravidou algumas vezes sem nem saber quem era o pai. Algumas gestações, ela levava até o final, mas entregava as crianças assim que nasciam, como fez com a própria Erika. Outras, ela interrompeu, provocando

abortos. Erika muitas vezes relatou sua indignação perante essa postura da mãe, pedindo para que interrompesse essa dinâmica de ter filhos e abandoná-los.

Ela fez um aborto esses dias, todo dia vai um homem dormir lá! Lógico que não me quer na casa dela [...]!

A mãe de Erika, portanto, contraria a expectativa e o modelo hoje difundido, que assume o amor materno como algo incondicional. Badinter (1985) defende que o amor materno não é algo natural, incondicional e/ou espontâneo, mas sim uma construção sócio-histórica, que como qualquer sentimento, depende da relação estabelecida entre a mulher e a criança, mas que também depende do meio social onde a díade está inserida. A partir disso, podemos dizer que, talvez tenha faltado à mãe de Erika, modelos de socialização responsivos e afetivos, tanto na sua infância, como nos relacionamentos que estabeleceu a posteriori.

Erika tinha um discurso muito crítico e rígido em relação à postura de sua mãe, de forma que podemos hipotetizar que, havia um desejo e uma valorização pelo papel normativo de mãe, um ideal de mãe cuidadora, afetiva, protetora, que não abandona.

Os papéis de gênero bem como as expectativas referentes ao comportamento e às habilidades dos indivíduos de cada sexo, fazem parte do universo simbólico dos adolescentes, contribuindo na construção de suas autoimagens (TRAVERSO-YÉPEZ; PINHEIRO, 2005, p. 155).

É possível que Erika, na sua socialização, tenha internalizado a imagem da mãe no contexto de um universo simbólico com fortes componentes aversivos e punitivos, especialmente em relação à sexualidade, contribuindo para sua construção em relação aos papéis de cada gênero. Parece ter buscado um caminho que marcasse a diferença em relação ao modelo dado pela mãe. Quando adolescente, por vezes, negou o desenvolvimento de sua sexualidade. Contou também que preferia, por exemplo, vestir-se de bermuda e camiseta e boné. Muitas vezes, quando estava em situação de rua, esse modo de se vestir acontecia por uma necessidade de esconder-se ou de proteger-se, uma vez que Erika vivenciou situações específicas de vulnerabilidade de gênero, sentia-se exposta a agressões, física e sexual.

A relação com sua madrinha foi um contraponto para os modelos recebidos de sua mãe. O contato com a madrinha ofereceu a Erika novas referências de comportamento e de interação, provocando um verdadeiro processo de transformação na identidade adquirida na socialização primária.

Sobre sua relação com o corpo, percebemos que, mesmo antes da gravidez, Erika tinha pouca compreensão das mudanças corporais advindas da própria puberdade, o que em geral é comum para jovens em situação de vulnerabilidade, para os quais a descoberta e o exercício da sexualidade são frequentemente permeados pelo desconhecimento da dinâmica do próprio corpo (GONTIJO; MEDEIROS, 2009). Mesmo depois de sua menarca, Erika ainda não tinha consciência de que isso anunciava mudanças hormonais para a condição adulta, e que, portanto acarretaria em transformações em seu corpo. Depois da gravidez, acontecida de forma violenta, Erika continuou negando os processos de transformação, que ainda se imbricam com a negação da própria gravidez.

A gravidez resultante do estupro aumenta ainda mais a dor e o desespero, porque a estuprada carregará o fruto desse ultraje no seu próprio corpo e depois pela vida afora, a possibilidade de rejeição é incontestável. (VELOSO, 2009, p. 2).

A experiência do estupro, além de afetar a forma que Erika lida com seu corpo e com sua sexualidade, por ter gerado uma gravidez indesejada, também afetou a sua forma de viver a maternidade. Como já vimos no decorrer do texto, por várias vezes demonstrou e verbalizou a rejeição que sentia da filha, exatamente por ter sido gerada no contexto de estupro, o que se exemplifica, por exemplo, quando diz: “ela veio de um jeito que eu não quis”, “tenho vontade de judiar dela”.

Ter conseguido abdicar dessa maternidade, apesar de todo o processo ambivalente que sofreu, foi uma absolvição para ela e, provavelmente, para sua filha, que pôde ter a oportunidade de vivenciar outras relações que não viessem tão impregnadas de vivências violentas.

Erika também comentou sobre suas experiências em relação ao aborto. Relembra que em sua primeira gravidez, devido ao estupro, desejou realizar um aborto, mas não concretizou devido ao tempo de gestação. Como discutimos anteriormente, faltou-lhe acesso a respostas programáticas no sentido de encaminhá-la para os procedimentos legalmente reconhecidos para esse caso. Em outro momento, quando estava em situação de rua sofreu um aborto espontâneo. A ocorrência de abortos é muito comum em mulheres em situação de rua, e pode estar relacionada às condições precárias em que elas vivem – em que falta alimento, higiene, proteção, e também devido ao uso abusivo de substâncias químicas.

Sobre sua orientação sexual, Erika não a definiu. Ela falou de suas experiências, mas não se enquadrou em nenhum estereótipo. Relatou que teve poucas experiências sexuais com homens, somente o estupro e com Afonso, pai de seus filhos.

Com 19 anos eu conheci o Afonso. Foi meu primeiro homem. O pai da Rafa. [...] Eu comecei a ficar com o Afonso, *nos corres* da rua. [...] Eu nunca tinha tido contato com homem, além do abuso. Nunca tinha beijado homem nem transado. Foi a primeira vez.

Depois, ficou com mais alguns meninos, mas não conseguiu ter relação sexual com mais nenhum deles com naturalidade.

Depois que eu fiquei com ele [Afonso], eu fiquei com outros moleques, mas não tive relação, nada.

Mais recentemente, conheceu um rapaz, com o qual tentou namorar.

Nessa época eu comecei a namorar com um carinha, o Cassiano. Meu segundo homem. Só que eu não deixava ele ir em casa, ele só ia em casa quando eu queria. Pro Cassiano ir em casa ele ligava perguntando se ele podia ir, Eu até ficava com ele, mas na hora de ter relação não conseguia.

Erika refere ter muita dificuldade para ter relações sexuais com homens. O abuso foi um evento marcante em relação à maneira como internalizou o significado do sexo.

Com o pai da Rafa quando eu comecei a ter relação com ele eu fui e contei pra ele, antes que alguém chegasse e contasse. Eu falei que nunca tinha tido relação com homem, nem ficado com homem e eu falei o que aconteceu comigo do abuso. Quando a gente ia ter relação era um trauma, eu pedia pra ele parar e ele parava. Por isso que a gente conseguiu ficar quatro anos juntos. Ele nunca forçou.

Apesar de Afonso mostrar-se compreensivo em relação a dificuldade de Erika quanto ao ato sexual, ele sentia-se inseguro em relação aos relacionamentos de Erika com meninas, de forma que seu ciúmes desestabilizava a relação deles e, muitas vezes, fazia com que agisse de maneira agressiva com ela.

Quando ele saía pros “corre” com os meninos, eu saía com as meninas. Só que se estava junto com as meninas, ele falava que eu ficava (de beijar) com as meninas. Quando eu estava com os meninos ele nem ligava, agora quando eu estava com as meninas ele falava “Ahhhh, não!”.

Mas enquanto a gente tava junto, eu e ele, eu não ficava [com meninas].

No entanto, Erika já havia tido experiências de relacionamentos com meninas, tanto nos abrigos quanto na situação de rua. Sua primeira experiência de relacionamento foi aos 14 anos com uma mulher. Segundo ela relatou,

[...] Eu fiquei com mulher a primeira vez dentro da FEBEM com 14 anos, na minha primeira passagem.

[...] Quando estava na rua também ficava com as meninas, ou com as meninas que eu já tinha conhecido na FEBEM mesmo.

[...] Nessa época eu namorava mulher, eu namorei com a Rita um tempo, depois eu namorei com a Vanessa. E nunca tinha namorado homem.

A experimentação e os relacionamentos homoafetivos dentro de instituições são muito comuns, pois os espaços são determinados para cada sexo. Na rua, também acontecem tanto para meninas quanto para meninos, mas parece ter mais um caráter afetivo do que sexual, ficam juntos para trocar carinho, e às vezes, para trocar calor como forma de se protegerem do frio. Como relata Mello (1996, p. 157)

A homossexualidade e a bissexualidade são muito comuns nas ruas. E acabam se perpetuando nos abrigos e ou prisões. [...] O sexo muitas vezes funciona como atividade de lazer, de proteção ou de sobrevivência.

Erika, mesmo depois de vir a *Associação*, preferencialmente se relacionou com meninas. Teve uma parceira<sup>12</sup> de quatro anos, moraram juntas e tinham uma rotina como a de qualquer outra família, de modo que cada uma assumia uma parte das responsabilidades.

No que se refere aos significados atribuídos à gravidez, ela parece ter sido permeada por sentimentos contraditórios, nos quais as percepções de perdas, dúvidas, medos e aumento da responsabilidade se mesclaram com percepções relacionadas ao estabelecimento de vínculos de afeto, maior reconhecimento social e possibilidade de mudanças na trajetória de vida. As gestações de Rafael e Rafaela, certamente, impulsionaram essas mudanças. No caso dela, ainda tem-se a questão do falecimento do menino, que parece ter sido fundamental na mudança da sua forma de viver a maternidade.

Neste sentido, os filhos podem assumir caráter de centralidade na vida destas mulheres, sendo propulsores de mudanças positivas e fonte de estabelecimento de relações de afeto genuínas (GONTIJO; MEDEIROS, 2008, p. 470).

Como sua primeira gravidez, entre outros fatores de vulnerabilidade, foi decorrente de um estupro, Erika não a vivenciou de forma positiva. Já na relação com seus dois outros filhos, foi possível amar, cuidar, não desde o primeiro momento em que descobriu que estava grávida, mas durante o processo de transformação que vivenciou. A morte de Rafael a fez sofrer demais, até pela culpa que assumiu para si, mas, também, modificou sua identidade materna.

---

<sup>12</sup> Na época da entrevista para o presente trabalho, as duas tinham acabado de se separar devido a uma traição que Erika descobriu.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da história de vida como metodologia de pesquisa abriu caminho para uma rica interlocução com as mulheres. Foi um processo dialógico e rico tanto para mim, como pesquisadora, quanto para elas, que no processo de narrar as suas histórias, puderam revisar suas escolhas, seus caminhos. O presente trabalho buscou cumprir esse papel, trazendo a narrativa de duas jovens mães que se dispuseram a rever e a compartilhar suas memórias, suas histórias.

No percurso de construção desse trabalho, ouvi muitas histórias, passagens e lembranças. Escolhi, por motivos metodológicos, as histórias de duas mulheres que traziam uma gama de conteúdos que me permitiria um aprofundamento das temáticas desse trabalho. Posso afirmar que, essa escolha deveu-se parcialmente a questões de ordem afetiva, uma vez que são histórias que, de alguma forma, afetaram-me por seus conflitos, suas resistências, lutas, violências e sobrevivências.

O intuito deste texto não foi de produzir uma narrativa fiel à realidade ou confrontar informações e/ou fatos em busca de uma única “verdade”. Tratou-se, sim, de oferecer um espaço real e simbólico para que as jovens falassem e que pudessem ser ouvidas, de modo que, a partir das suas vivências, pudessemos repensar as respostas programáticas de atenção a jovens mães socialmente vulneráveis. Além disso, esse espaço pôde ser um momento de acionar memórias significativas e ressignificar suas histórias.

As narrativas de Negão e Erika nos trazem um histórico que evidencia as múltiplas vulnerabilidades a que foram expostas. Ambas nasceram em comunidades periféricas, com vínculos familiares precários, famílias numerosas, mães com padrão de usuária de drogas ilícitas e/ou álcool e com figuras paternas distantes. Ambas foram vítimas de violência física por parte dos responsáveis (mãe, padrasto, tias e tios), tiveram pouca instrução escolar, pouco acesso a instituições de saúde, vivências em instituições de abrigamento mal preparadas, períodos de moradia na rua, períodos de fome, envolvimento com uso de drogas e álcool e com atividades ilícitas.

Assim, podemos dizer que, tanto a história de Negão quanto a de Erika foram vivenciadas em contextos em que os três planos da vulnerabilidade - individual, social e programática – estavam comprometidos. As narrativas foram importantes para que identificássemos que um plano não necessariamente prepondera sobre outro, mas sim, se

combinam, de forma a constituir contextos e situações extremamente precárias, ao qual Ayres et al (1999) denominam *locus* de vulnerabilidade.

O contexto de vulnerabilidade social é prévio e pré-existente a Erika e Negão, sendo um contexto socioeconômico de extrema pobreza e de violência. Esse contexto demarca, também, suas trajetórias afetivas, mesmo que não as determine totalmente, uma vez que ambas nasceram e cresceram em ambientes de grande precariedade afetiva, fragilidade dos vínculos familiares e abandono. Adorno e Varanda (2004) explicitam que essa é uma característica comum em pessoas que vivem na condição de pobreza. A própria dinâmica social contribui para que a rede de proteção social seja enfraquecida, estando quase sempre susceptível às condições impostas pela realidade e às *experiências desestruturantes* ao longo da vida, conceito que nos foi útil para compreender a relação entre os conflitos internos do indivíduo e sua relação com a sociedade. Diante disso, confirmou-se que a ausência ou a fragilidade de vínculos sociofamiliares foi preponderante para o processo de ida para as ruas, uma vez que caberia a família exercer uma espécie de proteção social, especialmente no Brasil (SARTI, 2003).

Ainda em relação ao *locus* de vulnerabilidade, a análise das histórias de vida também nos permitiu perceber a reprodução intergeracional e a reincidência da situação de vulnerabilidade. Revendo as dinâmicas das gerações anteriores – pais e avós – evidenciou-se a reprodução e a reiteração de condições precárias de sobrevivência. Essa forte tendência de perpetuação dos padrões de vulnerabilidade social se deve, principalmente, à rigidez dos contextos macrossocial e econômico, que caso não haja respostas programáticas adequadas, impossibilita – ou dificulta muito – a mudança individual.

Se por um lado, os vínculos têm a capacidade de afetar negativamente as trajetórias de vida, por outro, novos vínculos afetivos e sociais saudáveis podem interferir positivamente e amenizar o ciclo de reprodução de vulnerabilidades. Alguns estudos já mostraram que algumas jovens percebem a maternidade como um aumento da responsabilidade e como fator de amadurecimento, em que o filho possibilita a construção de vínculos duradouros, que haviam se rompido, além de representar a possibilidade de construção de um futuro próspero longe das ruas (GONTIJO E MEDEIROS, 2008; HEILBORN et al, 2006). Em contextos vulneráveis, portanto, a própria maternidade, o afeto investido no bebê e o desejo de que o filho não reproduza sua história, podem ser disparadores para mudanças, como vimos nas trajetórias de Erika e Negão.

Ao mencionarmos a possibilidade de amenizar ou interromper o ciclo de reprodução de vulnerabilidades por meio de novos vínculos afetivos e sociais saudáveis, não estamos atribuindo às jovens a responsabilidade de interromper suas condições de vulnerabilidade. Há diversas particularidades nas experiências individuais e nas trajetórias construídas nas vivências de rua, que impedem generalizações.

Berger e Luckmann (1998, p. 176) afirmam que:

uma criança da classe inferior não somente irá habitar um mundo grandemente diferente do que é próprio da criança de uma classe superior, mas pode chegar a ter um mundo inteiramente diferente daquele da criança de classe inferior que mora na casa ao lado.

Diante disso, reiteramos a total necessidade de compreender os planos de vulnerabilidade de maneira integral e enfatizamos a importância de se demarcar o lugar e a importância das ações programáticas que respondam às necessidades das jovens mães em situação de rua, abarcando suas particularidades, assim como buscar a transformação dos aspectos macrosociais que determinam esse contexto.

As ações programáticas bem sucedidas que identificamos nas histórias de Erika e Negão foram isoladas e pontuais. A maioria das ações foi desarticulada e baseada na mera imposição de regras e modelos a serem seguidos, sem que os vínculos afetivos tenham sido priorizados. Talvez, a execução de algumas ações tenha sido dificultada pelo fato de as trajetórias dessas jovens serem marcadas por uma não linearidade, muitas idas e vindas, tentativas de saída da condição de rua e retorno a essa condição, períodos de institucionalização e períodos de vivência na rua, períodos de abstinência e períodos de uso abusivo de drogas. Contudo, respostas programáticas voltadas a essa população deveriam indubitavelmente considerar esses movimentos, pois eles são característicos das mesmas.

A partir dos relatos de Negão e Erika foi possível notar o quanto os vínculos afetivos são imprescindíveis para o sucesso de respostas programáticas voltadas a essa população. Ambas citaram pessoas a quem recorriam e que ainda hoje recorrem quando se sentem susceptíveis.

Desse modo, evidenciamos que os processos de ressocialização são fundamentais para amenizar os ciclos de vulnerabilidade e possibilitar a constituição de outros caminhos. No entanto, esses processos são efetivos quando ocorre uma identificação com um “outro significativo” pautado no vínculo afetivo, tal como uma reedição da socialização primária, como apontam Berger e Luckmann (1998). Esse processo possibilita, ao indivíduo, transitar



entre dois mundos: um mundo infantil, associado a referências afetivas negativas e um mundo ressocializado, denominado de *alternação*. Isso só é possível, porque o passado não é apagado, ele tem um valor afetivo, mas, no entanto, é ressignificado a partir das vivências e dos valores da ressocialização.

Nas histórias de Negão e Erika, a socialização primária foi comprometida. Seus modelos parentais, ou seja, seus primeiros “outros significativos”, foram frágeis, instáveis, pouco responsivos às necessidades dos filhos e percebidos por elas como referências negativas, no caso de suas mães, ou praticamente ausentes para ambas, no caso de seus pais. A interação com esse tipo de modelo parental interfere na construção da realidade e de formação da identidade da criança. Como observamos nos relatos das jovens, suas trajetórias trazem marcas das rupturas afetivas pelas quais passaram, por meio da constante busca por outras figuras afetivas significativas que pudessem funcionar como substitutivos e auxiliá-las em seus processos.

Em relação à socialização primária, Erika passou toda a infância sem ter uma referência fixa de lar. Ela transitava entre as casas de parentes sem jamais ser bem-vinda, mesmo quando morava com sua mãe ou com seu pai. Além disso, o comportamento da mãe era percebido por ela como promiscuo e, por isso, rejeitado. O mesmo comportamento era percebido por Negão em relação a sua mãe, que passava noites seguidas fora de casa para conseguir e usar drogas. Apesar de oferecer alguns cuidados básicos, como comprar alimentos e cozinhar, muitas vezes era negligente, pois deixava Negão e seus irmãos sozinhos com o padrasto, que os assediava. Quanto a mãe de Erika, ela alternava entre a negligência e a perversidade, visto que trancava os armários para que a menina não comesse, não trocasse de roupa e deixava a casa trancada para que ela ficasse na rua.

A adolescência foi vivida por elas como um momento em que buscaram romper com a dinâmica de abandono e de violência vivida na esfera familiar. Com um intenso desejo de liberdade, a rua se apresentou como um cenário propício, apesar de indiscutivelmente aumentar das condições de vulnerabilidade. Nos relatos de Negão e Erika há uma grande valoração das situações vividas na rua, que são permeadas por atividades ilícitas, pelo tráfico, por envolvimento afetivos (homo e heterossexual), e, que só foram repensadas diante da proximidade real da morte (devido ao uso prejudicial de drogas) e do desejo de vivenciar a maternidade e preservar o bebê desse contexto.

Especialmente no caso de mulheres, a vivência de rua pode ser experimentada como uma fantasia de libertação da opressão vivida no espaço privado – em suas casas onde são

submetidas a inúmeras formas de violência de gênero. Contudo, na rua, em condições de extrema vulnerabilidade, a violência de gênero permanece, seja de maneira explícita e/ou simbólica, marcada por múltiplas formas de expressão e associada ao consumo de drogas (CEZIMBRA, 2001).

Na verdade, para Erika e Negão, “entrar na rua” significou desenvolver um processo compensatório em relação às perdas e começar a usar outros recursos de sobrevivência, além de assimilar novas formas de organização que permitiram a satisfação das necessidades e a superação de outros obstáculos que a cidade apresentava. Cada uma delas apresentou características muito específicas que justificaram a ida para a situação de rua, apesar de nas duas situações estarem relacionadas à precariedade dos vínculos familiares. Negão saiu de casa motivada principalmente pelos conflitos com o padrasto; já Erika, desde muito nova já passava grande parte de seu tempo na rua, o que facilitou sua *Associação* com o consumo e tráfico de drogas ilícitas.

Ainda em relação a Erika, ela permaneceu por algum tempo na região onde sua mãe morava, mesmo com a rejeição dela. Depois, o uso de drogas a levou para o centro de São Paulo, onde se juntou a grupos que, mesmo transitórios, serviam de proteção ou para compartilhar objetos e drogas. Para se alimentar, vestir e usar drogas, Erika pedia dinheiro ou praticava pequenos furtos. Já Negão, ela permaneceu nos arredores do centro comercial de sua cidade. Todos a conheciam, por isso recebia alimentos, roupas e pedia dinheiro para comprar drogas. Nos períodos de frio ou de chuva, pedia abrigo para a mãe ou no abrigo em que conhecia o coordenador.

A partir dos relatos, identificamos que o comportamento nômade apareceu com mais evidência na trajetória de Erika do que na trajetória de Negão, principalmente pela questão da grupalidade. O nomadismo, no formato discutido por Garcia et al (2010), tem na grupalização de bando sua referência, caracterizada pela ausência de poder, pela alta transitoriedade e pela rotatividade. Na trajetória de Erika, ela alternou entre momentos na rua e momentos abrigada, mas quando estava na rua, procurava por esses bandos, ou encontrava um relacionamento que pudesse lhe dar essa segurança. Já Negão, aparentou depender menos de um grupo específico ou de um parceiro afetivo nas ruas, no entanto, não ficava totalmente solitária, e sentia-se segura por ter conseguido construir um espaço e ser conhecida pelos agentes assistenciais e de segurança da cidade.

A maternidade, também apresentou-se como um evento que pôde alterar a dinâmica nômade. As jovens mães sentiram necessidade de mudar seu comportamento – mesmo que

temporariamente - e começaram a fazer planos para seus filhos, sendo que, até então, não faziam planos nem para elas mesmas. O filho passou a representar a possibilidade de construir um futuro longe das ruas o que contribuiu para o processo de sedentarização de Negão e de Erika. Elas passaram a ser mais inspiradas pelo modelo socialmente construído de mãe, e, gradualmente, sentiam-se mais responsáveis, desejavam trabalhar, dar oportunidades aos filhos, bem como – mesmo que inconscientemente - passaram a desejar se constituírem como modelos positivos a seus filhos.

É importante ressaltar que, tanto Negão como Erika tiveram uma primeira gestação em que, após o nascimento do bebê, não estabeleceram esse tipo de vínculo e de relação. Negão perdeu a guarda da primeira filha para o pai da criança e nunca mais a viu. Já Erika, por ter sua primeira gravidez a partir de um abuso sexual, projetava muitos sentimentos negativos na criança, e chegou a solicitar, judicialmente, que lhe retirassem a guarda da filha – o que só aconteceu depois de alguns anos. As primeiras gestações delas – aos 16 anos – ocorreram em um momento em que não tinham condições psíquicas para se verem como mães, de projetar na maternidade um caminho de mudanças positivas, pois não se sentiam vinculadas aos bebês, o que também estava relacionado à ausência de respostas programáticas adequadas para aquele momento. As instituições e os programas sociais pelos quais as jovens passaram não ofereceram condições adequadas para que elas se sentissem acolhidas e repensassem suas escolhas ou buscassem outras oportunidades para suas vidas. Na maior parte das vezes, foram julgadas, penalizadas ou excluídas por práticas mecânicas e rígidas, que mais excluía do que incluía. Adorno e Varanda (2004, p. 66) explicitam essa dinâmica encontrada em grande parte dos programas que atendem a essa população:

Os programas sociais desenvolvidos nesse contexto trazem a marca ideológica do descarte social de uma população que é tratada como excedente. São programas marcados pela institucionalização de práticas que visam à retirada dessas pessoas das ruas, oferecendo, entretanto poucas possibilidades de uma reestruturação de suas vidas.

As trajetórias de Erika e Negão nos evidenciam o despreparo e a resistência a se pensar em novas práticas que fujam da reprodução de um modelo assistencialista ou medicalizante – que tem sido muito comum nos programas de combate ao uso de crack atuais.

No Brasil, ainda há poucos estudos sobre a população jovem de rua e pouca oferta de projetos que realmente os envolvam e atendam às suas demandas. A maior parte dos trabalhos com população de rua aborda a população adulta, e, portanto travam discussões que abordam

prioritariamente as questões de exclusão social, de precarização do trabalho e dos efeitos da automatização do processo produtivo.

Ainda em relação ao atendimento institucional, é interessante destacar a percepção das jovens em relação a práticas opressoras. Tanto Negão quanto Erika tiveram passagens pela FEBEM, e não demarcaram nenhuma diferença em relação as práticas de atendimento que recebiam nessa instituição ou nas instituições de acolhimento. Na verdade, aludiram similaridades no que se refere à exigência de cumprimento de regras, aos poucos espaços para se expressar e se desenvolver, poucas situações de afeto e a privação de liberdade. As práticas uniformizadas e mecanizadas foram percebidas pelas jovens como análogas, o que é preocupante, inclusive por ser contrária ao que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>13</sup>.

Essas práticas precisam ser repensadas para que os abrigos possam exercer o seu papel de proteção, de apoio e de afeto para, assim, distanciarem-se do modelo punitivo, que tem baixa capacidade de ressocialização, por não oferecerem ferramentas objetivas e subjetivas para a transformação de suas realidades. No caso de Erika e Negão, podemos perceber que, como a maior parte das ações se enquadraram nesse modelo, as ações bem sucedidas foram ações isoladas ou individuais, de alguns agentes institucionais.

A *Associação* se apresentou, para elas, nesse contexto. Por meio das trocas de informações que acontecem nas ruas, souberam da possibilidade de ficar em um local em que pudessem permanecer com seus bebês e trabalhar nos projetos de geração de renda, para que, quando tivessem cumprido seu tempo na *Associação*, tivessem alguma autonomia sobre suas vidas. É evidente que existem inúmeras questões administrativas e políticas que impedem que esse seja um modelo totalmente efetivo, no entanto, a *Associação* se apresentou, para elas, como uma possibilidade de amenizar o *lôcus* de vulnerabilidade de uma maneira mais permanente.

Além disso, o modelo de ressocialização, praticado na *Associação*, apresentou as contingências do que Berger e Luckmann (1998) apontam como necessárias a um processo de ressocialização propriamente dito, das quais podemos destacar a disponibilidade de acolhimento, a oferta de condições para que as jovens restabelecessem vínculos, quando fosse

---

<sup>13</sup> Trata-se de uma reflexão importante, pois o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) dispõe sobre os diferentes níveis de sistemas de atendimento a crianças e adolescentes: primário, secundário e terciário. Primário atende as políticas públicas de atendimento, o secundário trata das medidas de proteção em situações de risco, onde se incluem os abrigos e o terciário que trata das medidas socioeducativas para adolescentes em conflito com a lei, ou atos infracionais.

possível, e caso não fosse, condições para que elas construíssem novos vínculos, com educadores, entre si, e com os filhos.

O estudo realizado por Gontijo e Medeiros (2008) já apontou que, o abrigo para jovens mães em que elas podem permanecer com seus filhos, pode ser um lugar propício para ajudá-las a romper com o ciclo de quebras de vínculos, que é característico de seus passados, e descobrir novas formas de se relacionar com seu filho e com o mundo. Para que isso seja possível, o abrigo deve oferecer oportunidades reais de mudança a médio e a longo prazo, como profissionalização e grupos terapêuticos.

Martins (2009) apontou que, a maior parte dos abrigos oferece acolhimento por somente por quatro meses após o nascimento do bebê, tempo padrão legal de licença maternidade que as mulheres trabalhadoras recebem. Para essas jovens mulheres esse tempo é insuficiente para que tenham condições de se reorganizar e, concretamente, construir um futuro para si e para seu(s) filho(s), distante das condições de vulnerabilidades a que anteriormente estavam expostas.

Na *Associação*, Negão e Erika vivenciaram um abrigamento de pelo menos nove meses – tempo de uma gestação – e projetos de geração de renda e educação para que, ao se desligar do abrigo, tivessem condições reais de buscar uma realidade diferente da anterior.

Além disso, podemos dizer que, o abrigamento na *Associação*, possui uma característica peculiar, visto que oferece um modelo diferente das outras instituições, no que se refere ao conflito entre a vivência da maternidade e o desejo de liberdade. Em geral, grande parte das instituições de acolhimento acaba obrigando a jovem a se inserir em um modelo estereotipado de mulher, de mãe e de cuidadora. Esse modelo pode ser, em alguma medida, importante para a criança, mas é vivido por elas, como algo muito restritivo em relação à liberdade individual.

A vivência da maternidade traz um conflito para Erika e Negão, pois, o papel socialmente construído de mãe demanda certos comportamentos, que são pautados no ideário do amor materno construído ao longo dos séculos: um amor que teria caráter instintivo e incontestável, inerente à condição de mulher, associado à ideia de abdicação de si para dedicação ao filho (BADINTER, 1985). Além disso, a maternidade de mulheres em situação de vulnerabilidade social pode vir acompanhada pela invisibilidade paterna, uma vez que a gravidez pode ser decorrente de relacionamentos instáveis, ou de parceiros desconhecidos e/ou de uma condição de violência (estupro), depositando uma expectativa ainda maior sobre o comportamento dessas mães. Muitas vezes, essas jovens podem acabar sendo julgadas em

relação à forma como realizam o cuidado e investem o afeto, o que leva a inferências de que não amariam seus filhos, sendo, inclusive, classificadas como egoístas, por não fazerem sacrifícios. O descrédito de autoridades e de profissionais da assistência social, frequentemente pautado em inferências morais, pode ser percebido, muitas vezes, em atitudes que despotencializam e desacreditam as jovens em seus papéis de mãe.

A forma como Erika, e mais especialmente, Negão vivenciam a maternidade pode significar a busca de novas formas de viver a maternidade que não impliquem em abdicação absoluta ou na reprodução do modelo socialmente difundido. Dessa forma, superam a visão moralista e desconstruem a visão biológico-determinista de maternidade.

No entanto, a presença de um bebê exigem algumas condições e mudanças concretas no comportamento das jovens, tais como amamentar, trocar, alimentar, proteger do frio, da violência, as quais são dificultadas pela dinâmica nômade da rua. A maternidade, gradualmente, direcionou Negão e Erika a buscar um estilo de vida mais sedentário – que incluiu o desejo de ter uma casa, de ter vínculos afetivos mais estáveis, de ter trabalho, entre outros – provocando uma situação de tensão em relação à vida prévia.

Nas trajetórias de Erika e Negão, o conflito entre liberdade e maternidade pode ser observado até hoje nos momentos em que se alternam comportamentos associados ao sedentarismo versus comportamentos associados ao nomadismo. Assim, periodicamente, alternam períodos de abstinência de uso de drogas, regularidade no trabalho, abrigo/residência em casas, cuidado com a casa, cuidado com os filhos com períodos de recaídas ao uso de drogas, permanência na rua, ausência no trabalho, dentre outros. Percebe-se que quando passam por momentos que lhes infligem tensão ou pressão tanto por não corresponderem a algumas expectativas depositadas sobre elas, bem como quando se sentem impotentes diante de questões estruturais da sociedade, tendem a se sentir mais frágeis e o retorno à vida prévia funciona como alternativa.

Assim, entendemos que, a recaída, no caso delas, não é fruto, exclusivamente, da dependência química da droga, mas sim, um processo que surge da tensão entre a vida prévia e a vida que elas se propõem a levar na atualidade. Cada recaída possui um valor simbólico de retorno a um universo sem regras e obrigações, que foi experimentado na adolescência. Esse movimento de transitar entre dois mundos, só é possível porque as jovens foram capazes de construir um “novo mundo” a partir da ressocialização. Por meio da memória afetiva que o mundo prévio nelas mobiliza, podem *alternar* entre o mundo anterior e o atual, e assim,

“escolher” continuar na vida que construíram atualmente. Segundo Berger e Luckmann (1998, p. 208),

A alternância bem sucedida deve incluir condições sociais e conceituais, servindo as condições sociais evidentemente de matrizes para as conceituais. A condição social mais importante é a possibilidade de dispor de uma estrutura efetiva de plausibilidade, isto é, de uma base social que sirva de “laboratório da transformação”. Esta estrutura de plausibilidade será oferecida ao indivíduo pelos outros significativos com os quais estabelecer forte identificação afetiva.

A ressocialização das jovens possibilitou um processo de transformação porque foi possível resgatar a carga afetiva das interações que deveriam ter sido vividas na socialização primária. Diante disso, destacamos que esse tipo de ressocialização deve ser condição indispensável em programas com essa população.

Assim, podemos dizer que o conflito existente entre liberdade individual e maternidade talvez não tenha uma única solução. Para Erika, as recaídas são vividas como falhas: ela sente-se culpada e teme perder a guarda de sua filha caso se exceda. Atualmente, Erika enxerga sua identidade constituída no papel de mãe e de trabalhadora. Ela refere necessitar de companhia, de ter uma pessoa que a apoie para não se sentir sozinha. Tende a se relacionar mais com mulheres, mas não se auto-identifica nem como homo, bi ou heterossexual. Erika entende que se relaciona afetivamente e não sexualmente com as pessoas, e que esse afeto pode tanto acontecer com homens como com mulheres, apesar de, nos últimos anos, ter acontecido somente com mulheres. Erika associa sua dificuldade de manter relações afetivas com homens ao abuso sexual sofrido na adolescência e entende que isso ainda é um fato mobilizador para ela, dificultando relacionamentos com homens.

Já para Negão, o conflito entre maternidade e liberdade se dá de outra forma, pois acredita não ser necessário fazer grandes abdições. Ela relativiza o modelo de mãe sedentária, uma vez que por cerca de dois anos com um de seus filhos na rua. No entanto, aos poucos sentiu necessidade de construir uma vida mais estável. Seu estilo de se comportar – modo de vestir (bermudas, camiseta, boné), jeito irreverente (fala palavrões, gírias) – também evidencia um rompimento com esse modelo de mãe e de mulher socialmente difundido, não interferindo, para ela, na sua capacidade de ser mãe. Sua maternagem é, até hoje, facilitada pelo auxílio de sua parceira, que a ajuda nos cuidados com as crianças, permitindo certo descompromisso. Suas “recaídas” ocorrem esporadicamente (cerca de duas vezes ao ano), geralmente quando recebe algum pagamento extra, que utiliza todo para consumo compulsivo

de crack. No entanto sua parceira, como muitas vezes já aconteceu, a leva pra casa e assegura que não saia para rua até passar a “fissura”.

A questão da identidade sexual, para Negão, é múltipla e complexa. Além de romper com o modelo tradicional de mãe, afasta-se do comportamento esperado para as mulheres, vestindo-se com roupas de homem, ao mesmo tempo em que reivindica ser reconhecida como mãe. Por outro lado, em seu relacionamento afetivo, sua companheira assume o lugar tradicional do estereótipo de mulher/esposa: dona-de-casa e responsável pela educação dos filhos, enquanto Negão sai para trabalhar e prover financeiramente as necessidades da família. A questão da orientação sexual também é bastante marcada para ela: define-se como homossexual, e percebe-se assim, desde o início da adolescência. Seus relacionamentos com homens foram muito pontuais, dos quais decorreram suas gestações.

Negão não associa o papel social de mãe com o desejo de maternidade. Para ela a maternidade não é vivenciada como algo que é compulsoriamente atribuído às mulheres. Refere o desejo de ser mãe desde a adolescência, independentemente de sua orientação homossexual, que naquela época já era clara para ela. Rompe com o modelo normativo de construção de gênero e de identidade sexual, mostrando, por sua postura, que é possível romper com algumas construções sociais rígidas e pré-concebidas.

É interessante apontar que, as próprias mães de Erika e de Negão escolheram a “liberdade” em detrimento da maternidade e das obrigações impostas por esse papel. De certa forma, a mãe de Negão tentou resolver essa tensão, pois como relatou Negão, ela só ‘saía de casa, depois de cumprir com o que acreditava ser sua obrigação: cozinhar para os filhos. Esse talvez tenha sido um elemento importante na referência que Negão em relação ao cuidado e ao afeto, diferentemente de Erika, para a qual a ausência de qualquer modelo de cuidado e afeto na infância é marcante.

Dessa forma, a tensão entre viver a maternidade e o desejo de liberdade é complexa e multideterminada, não podendo ser equacionada de forma única ou definitiva. É essencial a oferta de programas que busquem trabalhar com essa tensão, possibilitando ações que não reifiquem um único modelo de maternidade e identidade feminina.

A *Associação* apesar das dificuldades que um modelo atípico como esse acaba encontrando – recursos, manutenção, ausência de profissionais preparados – parece ter oferecido oportunidades para que as jovens pudessem expressar seus desejos de liberdade. Elas podiam, por exemplo, sair sozinhas do abrigo, namorar, viajar, passar os fins de semana fora. Elas relatam que existia uma tolerância a alguns comportamentos, por se compreender



que eram naturais para uma população jovem e com histórico de vivência em situação de rua. Quando transgrediam as regras desses espaços, tinham consequências, mas não eram abandonadas ou excluídas do abrigo por essa razão.

Verificamos que, a gravidez pode ser um momento peculiar para abordar essas jovens mulheres em situação de vulnerabilidade, pois esse estado as coloca mais próximas a programas ou a instituições que podem iniciar um trabalho de aproximação e de apresentação de alternativas. A partir dos seus relatos, percebemos que a maternidade foi o momento em que começaram a repensar as suas condições de vida e as condições que dariam a seus filhos. Ressaltamos, no entanto, esses programas devem ser pensados no sentido de compreender a individualidade e a história de cada jovem, a partir da flexibilização das expectativas em relação aos modelos de maternidade socialmente valorizados, sendo isso, um desafio para programas das áreas da saúde e da educação.

É notável que as jovens mães deste estudo rompem com as concepções rígidas de gênero, desconstruindo um série de modelos sócio-históricos construídos. Conjugam diversos papéis, como de mãe, irmã, namorada, homo, hetero, bissexual, ora estando na rua, ora procurando uma família, ora entendendo que seu filho é sua única família, ora não querendo ser mais mãe.

Apesar da minha tentativa de compreender os fenômenos – maternidade, sexualidade e afetividade – em si mesmos -, percebi que um fenômeno está totalmente imbricado ao outro, o que torna totalmente inviável encaixá-los em modelos pré-construídos. Neste processo, foi possível perceber que, talvez essas jovens mulheres (o que não significa que seja exclusivo delas) estejam tentando construir suas trajetórias a fim de buscar a combinação ideal entre os próprios desejos e os de seus filhos. Cabe a nós, como educadores que somos, procurar oferecer meios e circunstâncias para que crianças e jovens possam construir, autônoma e criticamente, sua própria trajetória e condição de vida. O processo de socialização, especialmente da criança pobre é uma tarefa social, e por isso não deve ser visto como um dever somente da mãe, ou da mulher.

Tendo em vista a complexidade dos fenômenos, aqui discutidos, Adorno (2001, p. 13) nos oferece uma reflexão de como podemos pensar alternativas para que os jovens, de todos os sexos, classe e raça, tenham maiores e melhores condições de viver sua juventude de maneira plena. Nas palavras do autor (p.13),

é preciso pensar nos jovens sempre como agentes e protagonistas de suas histórias e de que a diversidade do mundo e das pessoas é sempre maior do que aquela que situamos numa primeira observação, num primeiro olhar, num primeiro raciocínio.

[...]

Se entendermos que os jovens são atores que vivem em palcos cujas platéias são diferentes, que possuem mais ou menos adereços para se apresentar e que têm mais ou menos censura ou apoio para suas apresentações, estaremos mais próximos de entender a complexidade da sociedade e da juventude.

Nesse sentido, ações programáticas de qualidade – com vistas ao atendimento de jovens em situação de vulnerabilidade social – que abarquem práticas baseadas no vínculo afetivo, podem ser desenvolvidas se forem integradas duas premissas valorizadas por Berger e Luckmann (1998): (1) o valor da conversa como um instrumento legitimador de uma nova realidade, e (2) a importância do indivíduo poder lembrar-se de suas experiências passadas e reinterpretá-las a luz de suas novas referências. Para que isso seja possível, os atendimentos devem ser sempre personalizados, a fim de que se possa conhecer a vida de cada um, seus problemas e anseios, e, então, propor ações que realmente atinjam essa população.

Falando e (re)contando suas histórias, Negão e Erika puderam, ao mesmo tempo que olhavam para suas velhas realidades, perceberem-se como protagonistas destas. Também tiveram a oportunidade de entender que, apesar de terem vivido muitas experiências em um espaço relativamente curto de tempo, que ainda têm muitas histórias para serem vividas, uma vez que o processo de socialização é dinâmico e interminável, possibilitando a (re)construção gradativa e constante de suas personalidades. Conforme diriam Berger e Luckmann (1998), as histórias, agora, reinterpretadas, são expressas por meio das máximas “eu era.. agora eu sou” ou “eu pensava...agora eu sei”, e refletem a transformação que essas jovens alcançaram até agora.

Assim, parafraseando a canção de Chico Buarque, essas jovens puderam “rebentar” enquanto mulheres e mães, em meio a trajetórias carregadas de tensão, mas que mostram que as possibilidades de resistir aos mecanismos de opressão sempre existem.

## 6 REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5-6, p. 23-36, maio/dez. 1997. Número especial Juventude e contemporaneidade. Disponível em: <[http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_05\\_HELENA\\_WENDEL\\_ABRAMO.pdf](http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2012.
- ADORNO, Rubens Camargo Ferreira. **Os jovens e sua vulnerabilidade social**. São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001. Disponível em: <<http://www.bvs-sp.fsp.usp.br/tecom/docs/2001/ado001.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2014.
- AQUINO, Estela; ALMEIDA, Maria da Conceição; ARAUJO, Maria Jenny; MENEZES, Greice. Gravidez na Adolescência: a Heterogeneidade Revelada. In: HEILBORN, M. L. et al. (Org.). **O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Garamond, 2006. p.310-360.
- AYRES, José Ricardo. **Sobre o risco: Para compreender a epidemiologia**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- AYRES, José Ricardo; CALAZANS, Gabriela; FRANÇA JR., Ivan. Vulnerabilidade do adolescente ao HIV/AIDS. In: VIEIRA, E. et al. (Org.). **Seminário Gravidez na Adolescência**. Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família, 1998.
- AYRES, José Ricardo; FRANÇA JR., Ivan; CALAZANS, Gabriela, SALLETI, H. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In: BARBOSA, R.; PARKER, R. (Org.). **Sexualidade pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1999. p. 50-71.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Trad. Floriano Fernandes. 16ª edição. Rio de Janeiro, editora Vozes, 1998. (1ª edição em Inglês, New York, 1966).
- BLEGER, José. **Psico-higiene e Psicologia Institucional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CAMPOS, Geraldo Mendes de; FERREIRA, Ricardo Franklin. A importância da legitimação social na (re)construção da identidade de um alcoolista. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 215-225, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n2/v24n2a08.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2014.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa*, v. 116, p. 143-173, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14402>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

CEZIMBRA, Leda Maria Lopes. Mulheres de rua e as particularidades que revelam o feminino. In: GROSSI, P. K.; WERBA, G. C. *Violência e gênero*: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 117 -128.

CHIZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa*, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: <[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/1350495029.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350495029.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2012.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672005000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672005000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 28 ago. 2012.

COUTINHO, Janaina. **Gênero e Juventude: traçando novas possibilidades a partir de novas definições**. Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania. Brasília, 2006. p.10. Disponível em:<[www.idac.org](http://www.idac.org)>. Acesso em: 18 fev. 2013.

DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.). **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 343-402.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu**: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 2001.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira; SALGADO, Fernanda; PAIVA, Vera e Cols. Jovens LGBT em situação de rua: Interfaces entre orientação sexual, estilo de vida e abuso de drogas ilícitas. In: I Seminário Violar – Problematizando as Juventudes na

Contemporaneidade, Agosto 2010, Campinas. **Anais do I Seminário Violar**. Campinas: UNICAMP, p. 444-456, 2010.

GONTIJO, Daniela; MEDEIROS, Marcelo. Significados da maternidade e paternidade para adolescentes em processo de vulnerabilidade e desfiliação social. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet], v. 12, n. 4, p. 607-15, 2010. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a03.htm>>. Acesso em: 4 out.2013.

GONTIJO, Daniela; MEDEIROS, Marcelo. Adolescência, gênero e processo de vulnerabilidade/desfiliação social: compreendendo as relações de gênero para adolescentes em situação de rua. **Rev. baiana saúde pública**, v.33, n. 4, p. 605-17, 2009. Disponível em:<<http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2009/v33n4/a009.pdf>>. Acesso em: 4 out.2013.

GONTIJO, Daniela; MEDEIROS, Marcelo. “Tava morta e revivi”: significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 469-472, fev. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000200026](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000200026)>. Acesso em: 4 out. 2013.

GREENE, Jody M.; ENNETT, Susan T.; RINGWALT, Christopher L. Prevalence and Correlates of Survival Sex Among Runaway and Homeless Youth. **American Journal of Public Health**, September, v.89, N.9, p. 1406- 1409, 1999. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10474560>>. Acesso em: 18 abr.2014.

HEILBORN, M. L. et al. (Org.). **O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Garamond, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza; SALEM, Tania; ROHDEN, Fabíola; BRANDÃO, Elaine; KNAUTH, Daniela; VICTORA, Ceres; AQUINO, Estela; MCCALLUM, Cecilia; BOZON, Michel. **Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.8, n.17, p. 13-45, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832002000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100002)>. Acesso em: 05 dez.2012

JORGE, Jorgina Sales; CORRADI-WEBSTER, Clarissa Mendonça. Consultório de Rua: Contribuições e Desafios de uma Prática em Construção. **Saúde Transform. Soc.** [online], v.3, n.1, p. 39-48, 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2178-70852012000100007&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2178-70852012000100007&script=sci_arttext)> Acesso em: 18 abr.2014.

LOPES, Fernanda. Para além das barreiras dos números: desigualdades raciais e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1595-1601, set/out. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2005000500034](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000500034)>. Acesso em: 04 out. 2013.

- MAGRO, Viviane Mello de Mendonça. **Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas**. 2003. 208f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2003.
- MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel; NETTER, Thomas. Como avaliar a vulnerabilidade à infecção pelo HIV e AIDS. In: PARKER, Richard. **A AIDS no mundo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p. 276-300.
- MARTINS, Juliana Teixeira de Souza. **Maternidade Impedida: A mulher Marginalizada em face do Atendimento Institucional**. Dissertação. 2009. 127f. (Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MELLO, Yvonne Bezerra. Problemas psicológicos encontrados em crianças que vivem em contato constante com a violência: um depoimento. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 140-160, 1996. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000100009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 05 nov. 2013.
- OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **Sexualidade, maternidade e gênero: Experiências de Socialização de mulheres jovens de estratos populares**. 2007. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PAIS, José Machado. Aventuras, desventuras e amores na ilha de Santa Maria dos Açores. **Análise Social**, XXVIII (123-124), p. 1011-1041, 1993.
- PANTOJA, Ana Lúcia Nauar. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p. S335-S343, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a15v19s2.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2014.
- PARKER, Richard. **Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política**. Rio de Janeiro: Abia. São Paulo: Editora 34, 2000.
- PARKER, Richard; CAMARGO JR., Kenneth Rochel. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n. 1, p. 89-102, 2000. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v16s1/2215.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

PATAI, Daphne. **História Oral, Feminismo e Política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria esquecimento silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 5 set. 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>>. Acesso em: 5 set. 2013.

RAUPP, Luciane; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 2613-2622, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000500031](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000500031)>. Acesso em: 22 fev. 2013.

RIOS, Luís Felipe; PIMENTA, Cristina; BRITO, Ivo; VERIANO, Tertor Jr; PARKER, Richard. Rumo à adultez: Oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, ago. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622002000200004&lng=pt&nrm=iso&userID=-2](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200004&lng=pt&nrm=iso&userID=-2)>. Acesso em: 28 ago. 2012.

PRÁ, Jussara Reis; EPPING, Léa. Juventude, cidadania, gênero e gerações. Trabalho apresentado no Simpósio Temático: Juventudes, Gênero e Violência. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST20/Pra-Epping\\_20.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST20/Pra-Epping_20.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

---

. Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 2, p. 59-79, 1997. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/neils/downloads/v2\\_artigo\\_saffioti.pdf](http://www.pucsp.br/neils/downloads/v2_artigo_saffioti.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2013.

SALOMON, Décio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10<sup>a</sup> ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, p.16, jul/dez. 1995. Disponível em: <<http://www.observem.com/upload/935db796164ce35091c80e10df659a66.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2012.
- SHANNON, Kate; KERR, Thomas; ALLINOTT, Shari; CHETTIAR, Jill; SHOVELLER, Jean; TYNDALL, Mark W. Social and Structural violence and power relations in mitigating HIV risk of drug-using Women in Survival sex work. **Social Science & Medicine**, v. 66, p. 911-921, 2008. Disponível em: <[www.elsevier.com/locate/socscimed](http://www.elsevier.com/locate/socscimed)>. Acesso em: 18 abr. 2014.
- SPOSATI, Aldaíza (Org.). **Mapa da Vulnerabilidade Social da População da Cidade de São Paulo**. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento-Cebrap, Serviço Social do Comércio-SESC e Secretaria Municipal de Assistência Social de São Paulo, SAS-PMSP. São Paulo, 2004.
- TAQUETTE, Stella R.. Interseccionalidade de gênero, classe e raça e vulnerabilidade de adolescentes negras às DST/aids. **Saúde e Sociedade**, v.19, p. 51-62, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902010000600006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902010000600006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 02 out. 2013.
- TRAVERSO-YÉPEZ, Martha A.; PINHEIRO, Verônica de Souza. Socialização de Gênero e Adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 13, p. 147-162, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a10v13n1>>. Acesso em: 10 nov. 2012.
- UNICEF. **Situação da Adolescência Brasileira 2011** – O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2013.
- VARANDA, Walter; ADORNO, Rubens Camargo Ferreira. Descartáveis Urbanos: Discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v.13, n.1, p.56-69, jan/abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/07.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2014.
- VELOSO, Roberto Carvalho. O aborto da estuprada: onde está o cinismo? **BuscaLegis**, 2009. Disponível em: < <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/journals/2/articles/30218/submission/review/30218-30909-1-RV.pdf>> Acesso em: 10 out. 2013
- WELLER, Wivian. A Presença Feminina nas (Sub)Culturas Juvenis: A Arte de Se Tornar Visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.1, n.13, p. 216, jan/abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a08v13n1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.



# APÊNDICES

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada \_\_\_\_\_

Esta é uma pesquisa que tem como objetivo entender as trajetórias afetivas, sexuais e reprodutivas de mães que vivenciaram situações de vulnerabilidade social na juventude.

Gostaria de ouvir a sua história de vida, mais especificamente histórias sobre seus relacionamentos com sua família, amigos e parceiros. Além disso, gostaria de ouvir mais especificamente suas experiências com a sua maternidade na juventude: gravidez, cuidado e afeto.

Também é interessante que você destaque os momentos em que viveu em abrigos, instituições com FEBEM ou mesmo em situação de rua. Conte detalhadamente como foi, por quanto tempo e como se sentia nesses locais.

Se você concordar em dar a entrevista, marcaremos horários individuais. As entrevistas serão gravadas e depois transformadas em um texto escrito. Posteriormente, essas gravações serão apagadas ou devolvidas a você, caso queira. Tudo o que for dito na entrevista, será confidencial e serão usados nomes fictícios. As informações recolhidas serão usadas somente nesta pesquisa e em seus desdobramentos.

Mesmo tendo concordado, você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem precisar dar explicações, bastando avisar a pesquisadora.

Essa pesquisa será desenvolvida por mim, **Giselli de Oliveira França**, psicóloga, aluna do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de São Carlos – Campus de Sorocaba, durante os anos de 2012 e 2013 sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Roberto Vieira Garcia.

Caso precise de maiores informações, seguem meu telefone e e-mail: (15) 9715-9799 e [gisellifranca@hotmail.com](mailto:gisellifranca@hotmail.com).

Qualquer dúvida, questão ou esclarecimento, por favor, entre em contato.

Agradeço, desde, já sua colaboração e espero poder contar com sua participação.

Sorocaba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui informada dos objetivos e das justificativas desta pesquisa de forma clara e detalhada. Todas as minhas dúvidas foram respondidas e estou ciente de que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento, bem como solicitar o meu desligamento sem necessidade de maiores explicações.

---

Assinatura da entrevistada

---

Assinatura da pesquisadora

## APÊNDICE B – Entrevista Ana Laura – Negão

Descrição realizada a partir de uma entrevista gravada e transcrita. Foram feitos ajustes e correções de português e de gramática a fim de tornar-se um texto descritivo e fluído. Na medida do possível, foi mantida a forma coloquial em que foi narrado.

Eu nasci em Santos, eu e meus irmãos somos de Santos, nós somos em oito irmãos. Quatro mulheres e quatro homens. Eu sou a mais velha do meio, porque nós somos tudo escadinha.

Sou a do meio mais velha, é, a do meio mais velha. Os dois penúltimos que é do mesmo pai e o restante são tudo de pai diferente. Os penúltimos que são do mesmo pai, que é a Tânia e o Felipe que são do mesmo pai. A Eliane o Cadu, eu a Tamara, o Fausto e o Francisco são tudo de pai diferente, só a Tânia e o Felipe que são do mesmo pai.

A minha mãe era empregada doméstica. E o meu pai trabalhava com, é..., exportação de soja no cais de Santos. Bem não sei como ela se relacionou com ele. Depois tinha minha irmã, ela engravidou da minha irmã quando eu tinha quinze anos, mas a minha vó a mando embora e deixar a criança, aí ela pegou e deixou a minha irmã mais velha, aí quando eu nasci já tinha o meu outro irmão que é o Cadu, porque eu sou a terceira mais velha da família.

Minha mãe teve bastante namorado, só pra fazer filho porque pra cuidar mesmo, quem cuidou de nós mesmo, até, até ela morrer, foi o Otávio, que é o pai do, da Tânia e do Fabrício. É ele quem praticamente criou todos nós. Desde o Cadu até a Tamara ele cuidou. A gente sabia que ele não era o pai, mas como ele era apegado muito à gente e a gente era muito apegado nele, só que eu nunca chamei ele de pai eu chamava ele de Tato e quem o chama de pai mesmo é a Tânia e o Fabrício, só que ele sabe que os dois são filho dele, o restante não. Então desse problema nós não tínhamos com ele porque quando ele dava as coisas para os dois filhos dele originais ele dava pra nós, por igual... Pra todo mundo, ele não, não diferenciava.

Somos um parecido com o outro. A minha mãe era negra, mas são... Tudo parecido. Os homens são mais parecidos com o Otávio e as mulheres são mais parecidas com a minha mãe... Acho que é por causa da convivência, por mais que num seja é pai mesmo, mas acho que conforme a convivência vai se tornando parecido. É da hora.

A minha mãe sempre usou droga, desde os quinze anos... É acho que de tanto ela usa droga por isso que ela não tinha mais os dentes da boca, desde os quinze anos que ela não tinha dente. Eu num, eu num, eu num sei o que usava naquela época porque eu num era nascida ainda, quem era nascida só a Eliane que foi morar com a minha vó, ela saiu de casa e deixou a Eliane com a minha vó, depois ela se relacionou e estava, e tinha o Cadu... E aí depois eu nasci. Sempre usando droga. Eu acho que foi por causa disso, porque a minha vó queria que ela casasse, e ela não queria casar até então que eu tenho duas tias que não, que teve filho só que não é casada, e ela apoiou, por isso que eu e a minha

vó num se dá muito bem por causa disso daí, porque a, a minhas duas tias ela apoiou, que num tem marido, só que só tem filho e num tem marido só que ela apoiou, quando foi no caso da minha mãe ela não quis apoiar aí eu peguei e me revoltei com ela.

A minha vó é viva ainda. A última vez que eu falei com ela foi ao velório da minha mãe... Foi a última vez que eu vi ela. Ela falou que era pra eu ir lá levar minha mulher, meus filhos eu falei não, que se dependesse de mim eles nunca ia conhecer a vó... Parente minha, só ia conhecer a vó, parente dos pais deles, então.

Minha mãe morreu em dois mil... Tem cinco anos que ela morreu, em 2008 acho. É dois mil e oito que ela veio pra cá e eu tentei cuidar dela, mas aí a doença dela estava muito grave, muito grave. Quando, quando ela descobriu que estava com essa doença já, já foi tarde porque nem fui eu que descobri, foi a minha irmã, ela, como ela morava com a minha mãe, aí ela começou a sentir muitas dores fortes muito sangramento aí foi levar ela no, no médico aí o médico falo que ela estava com câncer já estava em. É... Em termo... em termo final. Terminal, só que aí eles queriam que eu assinasse um papel pá ver se conseguia fazer uma cirurgia pra poder, pra poder diminuir, aí eu perguntei se tinha chance dela morrer dela sobreviver aí o médico falou que ele, que ele num garantisse, aí eu falei eu não vou assinar então, porque depois eu vou assinar e ela morre eu vou ficar levando isso daí, apesar de que eu já levo já, já levo uma culpa por, por eu ter feito minhas coisa no passado e que eu me arrependo até hoje, então ela falou pra mim que, antes dela morrer, ela me perdoou, mas, dá pra saber quando a pessoa fala que perdoou de boca e de coração, e eu sei que ela não, morreu não perdoando de coração... Então isso daí eu tenho um... Vou levar isso daí pro resto da minha vida.

Eu a trouxe de lá porque lá pra mim ela estava muito "regada", a Tânia não tinha muito tempo pra ficar com ela; os meus outros irmãos também não. Não tinham muito tempo porque eles trabalhavam, ela sozinha, ela ficava com as dores dela lá e iam levar ela ao hospital quando ela estava quase desmaiando. Aí eu a trouxe pra cá, mas mesmo assim num consegui salvar ela, mas pelo menos a minha parte eu tentei fazer. Mas, como já estava muito tarde, já estava avançado, já estava comendo por dentro dela e já tinha cinco anos; o médico ainda falou que se fossem uns dois anos até poderia conseguir, mas, uma também que ela usava muita droga, e saía com Deus, fundo o mundo e o Raimundo, só que aí, aí eu perguntei: ela tem AIDS? Ele falou: não. Aí então nesse caso, como ela saía com muitos homens ela se prevenia, só que ela num sabia que tinha essa doença, ela sentia muita dor.

Mesmo mais velha ela continuava usando droga continuava saindo com os caras, mas aí, mas aí numa parte ela foi ligeira porque ela, ela usava camisinha se protegia, mas por outro com o câncer, esse câncer é de família já.

Já vem de... Geração já... Aí eu tenho medo de ter câncer de, já pensou? Por que... Isso daí é... É de família, vai passando de geração por geração.

Eu tenho medo. Vai fazer nove anos que eu não vou ao ginecologista... Eu tenho medo de chegar lá e descobrir alguma coisa. A última vez que eu fiquei doente eu fiquei de cama, passei três dias de cama, com febre, mais aí eu não fui ao médico eu fiquei com medo... Eu passei três dias de cama

Já pensou eu descobrir que tenho câncer? Eu tenho medo de eu morrer e deixar meus filhos pequenos. Morro de medo disso daí como se tivesse uns quinze, dezesseis anos, mas eu tenho medo, eles são as, as únicas pessoas que eu tenho que são eles... Meus irmãos já pediram pra eu ir lá morar com eles, mas eu num vou, mas você sabe como é que é parente, atura uns dois, três meses e depois, então, bem ou mal eu prefiro ficar aqui, tem o meu serviço, tem minha casinha, por mais que nunca vai ser minha mas...

Eu fiz dois consórcios que se fala né? Eu fiz um da casinha e um do carro, é por isso que eu estou diminuindo de dar dinheiro pra Talita investindo no carro e na casa ao mesmo tempo. Pro banco da Nossa Caixa. É um consórcio fez, eu e o meu patrão. A Talita não sabe. Eu fiz, a, a casa é trinta mil e o carro que eu quero tá sete, oito mil, que é um gol quadrado, esses antigos...

Não, aí eu ponho, eu ponho cento e cinquenta no depósito da casa e cento e cinquenta no depósito do carro. Como eu recebo duas vezes no mês... Então eu vou pondo, aí o que sobra eu trago pra casa.

Aí até então que ela achou que eu tinha uma mulher que eu num estava trazendo dinheiro todo pra casa. Ela perguntou: Você tem outra mulher? Eu falei: Não. Mais como que você não tem se você chega só com dinheiro da metade? Aí eu falei: Ai que eu gastei em bebida num churrasco, mais mentira né? Que ela acha que eu tenho uma mulher por fora só que eu não tenho. Só que eu não quero falar pra ela que eu tenho um consórcio de uma casa e de um carro, porque assim ela já não quer trabalhar se eu for falar e aí é que ela não vai mesmo, entendeu, então porque, como dizem, amanhã ou depois se Deus me livre acontece alguma coisa... Se a Roberta morrer, isso aqui nunca vai ser nosso, então eu já estou me precavendo, porque se amanhã ou depois eu sair daqui pelo menos eu tenho pra onde ir, ter uma casa.

Eu não sei se vai ser nosso, agora a Ester falou pra nós que tá resolvendo um negócio do poste, da rua, que a Roberta vai vir com um advogado pra nós ir lá ao cartório pra passar no nome dos meus filhos que no meu nome eu não quero, eu quero no nome dos meus filhos, é... Usos e frutos, até quando eu tiver vida. Mais aí eu tenho medo, porque vai que Deus o livre a mulher morre aí e aí, eu vou com os meus filhos pra rua? Por isso que eu já pensei, aí ele me ajudou, aí nós fizemos um consórcio. Mas a Talita não sabe.

Que assim ela já não quer trabalhar imagina se eu falar pra ela então, aí que ela não vai. É ela vai falar: Ah não já que você tá fazendo um consórcio pruma casa, num vou trabalhar que é isso que ela quer, porque ela acha porque eu ganho dois mil cada quinze dia ela acha que eu tenho que... Eu

banco ela, não tenho problema de bancar, mas não custa também ela trabalhar né? Porque ela só tá engordando cada vez mais só ela que não percebeu...

Falei pra ela: e outra, eu não quero ficar com ela pra sempre, eu já não quero, estou falando pra ela, é de uns de uns três meses pra cá, eu estou tendo tanto tanta coisa na minha cabeça, que eu não estou ó, passei a “makita” na mão. Passei a, a furadeira estou com um rasgo aqui, tanto porque, eu saio daqui sete horas da manhã, (minha mão já tá até suando), eu vou trabalhar, ela fica em casa, não sei o que ela faz, que ela fica em casa, eu chego em casa tem louça pra lavar, tem casa pra limpar, tem roupa e tem o Antônio pra cuidar. Aí eu pergunto pra ela: O que você fez? Ai, eu estou cansada, esse moleque não me deixa fazer nada, eu falei: Bem feito, quando ele era bebê eu falo, dá banho, dá mamá e o deixa aí na cama, não aí qualquer coisa que ele gemia ela pegava ele no colo, ela até pegava até que hoje em dia ela não consegue fazer nada porque ela acostumou ele no colo.

Aí ó que nem, agora ela surtou com as menina foi na terça-feira que ela começou, é, foi na terça-feira ela começou, começou, ela foi, surtou e veio embora. Cheguei aqui, nossa ela só faltou me bater, ela só não bateu porque eu não deixei, porque se não ela tinha me batido.

Ela surta por causa das meninas, porque eu falo com todo mundo aqui, ela não fala com ninguém, ela acha que ela não fala eu também não posso falar e eu falo: Viu, fia, eu não tenho nada a ver, eu tenho caso com você e tenho amizade com elas. Eu não vou defender elas, eu não vou ficar contra você e defender elas, eu não vou defender elas nem ficar contra você, eu fico no meio, eu não compro briga nem de uma, nem de outra.

Eu fico no meio, aí todo dia que ela que ela surta é sempre por causa das meninas, nunca é por causa de nós duas, sempre é por causa delas. Eu falei: Talita eu não estou aguentando mais, eu já tipo, por tudo mesmo que tive meus tempos de cagadas, hoje em dia eu penso em voltar a fazer minhas cagadas, mas aí depois eu penso falei: Puta! Estou fazendo um monte de coisa, estou trabalhando, estou sossegado, eu vou tipo, voltar pra trás de novo? Não. Eu quero erguer mais pra frente, o que eu puder erguer mais pra frente eu vou erguer, porque se eu voltar a fazer o que eu fazia, tipo vai ser em vão tudo o que eu fiz, então pra mim já não, eu já não... Bebo aí minhas cervejinhas, ela deixa, eu vou aqui compro e bebo em casa, a gente conversa e aí que tá, pra você ver, ela não quer que eu fique pregada no celular, não quer que eu fique na mensagem, e não quer que eu fique na casa das meninas, sabe o que ela quer? É que eu fico dentro de casa, eu falei pra ela esses dias: a menina veio perguntar pra mim se eu saí do castigo. Eu quase dei um murro na cara da menina, eu só não dei mesmo, por que com a raiva que eu estava, se eu desse um murro na cara da menina eu tinha desmaiado a menina, eu falei na cara dela: Vá tomar no seu c\_ e sai da minha frente se não eu vou virar essa cadeira, a menina foi. Muitas vezes estou trocando mensagem com a Mariana. Porque é a única pessoa que eu consigo conversar, num abro a minha vida pra ela, nós conversa do dia-a-dia, ela também fica com mulher, mas num rola nada, é só conversa. E a raiva da Talita é que eu fico defendendo as meninas. Mais é verdade, ela quer bater em todo mundo que entra aqui, você acha que é certo?

Ela tem ciúmes de mim, aliás, ela tem ciúmes até com meu patrão. Pra você ver aonde é que vai a loucura dela.

Mas se eu vou conversar com ela, ela só quer falar sobre essas meninas, eu já não aguento mais, toda vez é: Essa menina que não sei o quê, não sei o quê!

Eu falei: Talita se você for falar comigo sobre nós, eu escuto, agora se você for falar das meninas, sinto muito, eu enfio um fone no ouvido e já era! Quando eu não quero escutar o que ela fala das meninas, é aí a parte que me toca o celular e a Sky, aí ela vai e desliga, pois também não vou pagar essa porra, acaba que no fim eu pago porque eu gosto de ver os canais de futebol e de MMA, é a parte que eu mais gosto de ver então... Aí fica o dito pelo não dito, aí eu falei pra ela, que ela acha que eu estava estressada porque ela falou que ia embora, eu já falei pra ela: Pra mim você pode ir pro inferno fã, mas o meu problema é por causa do moleque, eu me apeguei a ele, ele se apegou a mim.

Ir embora pra Silvana A Silvana já falou que se ela for embora... Ela a ajuda. Eu falei: Pode ir, mas que deixe o moleque comigo, mas ela não quer deixar o moleque...

A minha mãe se prostituía pra poder usar a droga, mas era pra ter o dinheiro pra droga... Pra você ter uma ideia, ela, ela fazia janta, esperava meu padrasto chegar, dava janta e falava que ia pra casa das meninas só que ela não ia... Ela chegava umas 6, 7 horas da manhã, aí o meu padrasto perguntava: Onde você estava? Ah, eu estava com as meninas. Ele falava, mas e nós. Ela: vocês não tão bem? Eu vim aqui... ! Aí ela tomava banho, se arrumava e ia trabalhar. Passava a noite Cos cara, com os peguete dela, como ela mesmo falava. Usando droga também

Mas, se você pensa bem dá como prostituição... Mas eu nunca a discriminei assim, nunca a discriminei porque... É a vida dela, se ela preferiu isso daí... Ninguém pode fazer nada

Minha infância eu não lembro muito porque eu vivi mais em abrigo... Teve uma época da nossa vida que nós vivemos todos em abrigo... Era eu e o Cadu... Do tempo que nós nascemos nós ficamos no abrigo até os sete anos. Depois dos sete anos o juiz conversou com minha mãe que se ela... Porque eu não sei, eu não lembro muito meu, quando eu era menor, eu não lembro muito porque a droga comeu um pouco do meu cérebro, o que eu lembro, o que eu lembro que um dia é, acho que denunciaram ela pro conselho... E tinha um monte de gente lá em casa, acho que eles estavam fumando, cheirando eu não lembro, aí bateu a polícia junto com conselho, aí a minha mãe perdeu nós, aí no meio da minha fralda e na fralda do meu irmão tinha um monte de droga... É só o que eu lembro. É, é... Acho que foi isso, eu não lembro muito, só, só lembro que tinha um carro piscando assim ó, a única coisa que eu lembro.

É praticamente desde pequena fui morar num abrigo... Aí quando eu fiz catorze anos aí eu fui morar com a minha mãe, aí a minha mãe resolveu de arrumar um lindo de um padrasto... Aí nós dois não se dava bem porque ele queria que eu desse pra ele, eu falei que eu não era loca de dá pra ele aí eu perguntei: Viu, a Senhora prefere ficar comigo ou com ele? Ah, eu prefiro ficar com ele, eu falei: Tá



bom... Aí eu peguei e saí de casa... Arrumei um cara, engravidei da minha filha. Eu tinha de catorze pra quinze anos... Eu lembro até hoje como que foi... Ah eu lembro poucas coisas.

Eu falei pra ela, mais aí ela achou que eu tinha dado pro marido dela... Eu falei que eu não tinha dado pra ele... E ele pra... Tipo acho que pra fazer raiva pra pirraçar falou que era pai da minha filha, eu falei que não era... Eu falei se ela quiser fazer o DNA eu me viro e pago, mas eu nunca ia dá pro seu marido... Ah, mas ele falou que você dava em cima dele, eu falei: Eu nunca dava em cima desse filho da puta!

Até então um dia que a minha mãe não estava. Ele me deu um soco, eu estava grávida acho que de sete meses, nós saímos no soco, quem entrou no meio foi o vizinho porque eu já estava com sangue correndo pelas pernas, só que como eu não sabia né? Pra mim era normal, eu falei acho que tá descendo com nenê e tudo, aí o vizinho entro no meio e falou: Viu, você tá perdendo o seu filho... Eu falei: não mais daí é normal, ele falou: Não! Não é normal! Aí o cara parou, eu parei, aí chamaram a ambulância, mais mesmo assim eu tive a menina, deixei no hospital, voltei lá em casa, peguei uma faca e dei umas pregadas no c\_ dele. E aí depois eu voltei pro hospital, com a roupa e tudo, só coloquei mais uma roupa que as roupa do hospital [Giselli interrompe]. Enfiei a faca na bunda dele, dei um monte de pregada na bunda dele, ele estava dormindo, é que tem aquelas roupa de hospital que são você põe ela aberta, aí coloquei uma em cima da outra e saí, a mulher falou: Aonde você vai? Eu: Vou ali fumar um cigarro! Mentira! Pedi dinheiro no ponto de ônibus e fui pra minha casa, cheguei lá em casa ele estava dormindo, aí eu de raiva catei um facão do meu padrasto que era, assim, aqueles facões de cortar cana, estava bem fininho bem aponta Dinho, dei um monte de pregada na bunda dele, dei mesmo de raiva... Aí ele chamou a polícia, eu falei: Pode chamar, aí chamou a polícia, a polícia: Viu, você vem do hospital de louco? Eu falei não, eu vim do hospital que a minha filha tá lá no hospital: Você é menor de idade? Eu falei: Sou. Então vamos chamar o conselho. Então me leva pro hospital primeiro pra eu pegar minha filha. Não, você vai pra FEBEM lá, passei um tempinho lá...

É aí na hora que eu saí eu já tinha perdido a guarda da menina por eu ser menor de idade e ter saído do hospital e ter dado umas pregadas no... Aí eu acabei perdendo ela para o pai dela, mas pelo menos foi pro pai dela.

Eu pedi pra assistente social do abrigo, do abrigo não, é que pra mim fundação casa é tudo abrigo. Aí eu pedi pra falar com ela, ela falou: Ó, avisa ele que a filha dele já nasceu, que eu estou indo lá pra fundação casa lá que é pra ele pegar a guarda da menina que eu não vou poder ficar, ela falou: Por quê? Eu falei: Porque eu estou, eu vou, eu dei umas pregadas no meu padrasto eu vou ficar presa. Eles: Não a gente põe advogado, eu: Não, não só quero só cuida da menina, aí ele foi lá conversou comigo, perguntou se eu queria pagar advogado eu falei: Não, eu só quero só que você fica com a menina. Falou: Tá bom, tá até hoje lá, já vai fazer dezoito... Ela já vai fazer dezoito anos já, tá maior do que eu já.

A última vez que eu vi ela, ela tinha um ano e nove meses [pausa] Ela já vai fazer dezoito ano já... Praticamente tem dezoito anos já que eu não a vejo. Falar eu falo, converso com ela, mas a, Talita não sabe... Ela vive ligando aí pra mim mais eu não quero falar com ela perto da Talita, que a Talita tem ciúmes.

Ela me trata bem, mas não me chama de mãe, me chama de Ana Laura, eu falei, tá bom, mas que nem eu falo pro Dita, mas você sabe que eu sou sua mãe né? Falei: Eu sei meu pai já me contou uma história eu não sei se é verdade, que você deu umas pregadas no seu padrasto. Eu falei: É verdade, eu dei mesmo. Ela: Não tá bom, ela quer vir morar comigo mais, eu não quero que ela venha morar comigo por causa da Talita, que ela já vai fazer dezoito anos, ela pode fazer o que ela quiser só que eu não quero trazer ela por causa da Talita, e ele falou que se eu quiser morar com ela eu até posso morar, mas, que seja lá em Santos, aqui ele não quer que aqui ele não conhece nada, só eu conheço, mas eu não quero ir.

Morar juntas ia ser estranho... Eu já falei, pra mim vai ser estranho. O Johnny conhece ele, mas ele fala que conhece, mas não se lembra dela... Ele não se lembra dela

Eu fiquei dos quinze até os dezessete na Fundação casa, porque a assistente social falou que foi tentativa de assassinato, mas eu falei: eu não matei ele, eu dei umas pregadas na bunda dele... Mas é pelo código é tentativa, mas deu várias pregadas nele, entrou até o talo da faca, aquela faca, o facão é grande, foi até o cabo... Eu dava, dava mesmo, ele falava: Ai ai ai. Eu: Cala a boca! Cala a boca! Ele gritava lá, aí os vizinhos saíram e chamaram a polícia pra mim... Falei isso daí é pra você aprender pra você nunca mais falar que eu dava em cima de você, aí acabou no fim a minha mãe foi lá visitar, pediu desculpa pra mim que eu perdoasse, eu falei: Perdoo à senhora do coração. Ele contou a verdade, que você nunca deu em cima dele. Eu falei: Tá vendo? Pá Senhora ver, quando eu falava a senhora não acreditava, aí depois ela largou dele. Por causa disso daí, porque eu não queria, ela queria que eu morasse com ela. Aí eu falei, enquanto ele tiver lá eu não vou morar.

Minha mãe ia me visitar, ela ia todo dia me visitar. Ela ia, o pai da minha filha ia só que não podia levar a menina. Eu não continuei mais com ele, mas ele ia lá, ia ele e minha mãe, iam todo dia. Ele ficou com a menina, mas ia me ver. Ele era mais velho que eu uns quinze, vinte anos.

Quando eu saí da Fundação Casa, eu fiquei na rua. Não voltei pra casa, eu não voltei, eu só voltei pra casa quando era uma época bem de chuva, porque essa época de chuva é osso! Aí eu voltei pra casa, pedi pra minha mãe se eu podia ficar uns tempos lá, aí ela estava com meu outro padrasto, e já era outro já, eu perguntei, viu você já tá com outro. Ela: É, viu, eu sou velha, mas não sou morta. Eu falei: Tá bom. Falei: Mas esse daí não é que nem aquele borra linguixa? Não ele é totalmente diferente, aí eu me apresentei pra ele... Até que ele era bonzinho, admirava a bondade dele, falei viu: Não vem de garfo que hoje é dia de sopa, e falei assim: e uma, se vier tocar um dedo, fala alguma coisa de mim pra minha mãe eu quebro você na porrada Aí: mas você é mulher. Eu falei: Independente, eu quebro você na porrada. Ele: Não, a sua mãe já contou a história, a única coisa que

eu quero de você, é só que você me respeite. Eu falei: a partir do momento que você me respeitar eu jamais vou te desrespeitar. Aí nós ficamos juntos, morando juntos.

Antes mesmo de ir para a fundação casa já tinha experimentado maconha. Lá dentro só fumava cigarro mesmo. Ainda contado ainda. Dava uma raiva. Que era cigarro contado, era seis horas tinha que levantar, toma café, arrumar o quarto e depois a gente ia fazer atividade, ou se não, cada dia era uma tarefa diferente, tinha dia que eu era no banheiro, tinha dia que eu era na cozinha, rodava igual na cadeia.

Não igual na Associação porque lá dava pra sair, lá não saía fã, lá é lá só tinha só o pátio, a gente ficava, brincando, jogando bola, já era. Deu o horário tem que entrar pra dentro. A associação já é diferente, não é um sistema de cadeia. Não é fechado.

Quando eu saí de lá eu quis ficar na rua porque eu fiquei com medo de ir pra minha casa e dar de cara com o meu padrasto. Que eu dei umas pregadas na bunda dele que ele falou que não ia deixar barato. Aí como eu tinha acabado de sair, eu fiquei com medo de eu ir pra lá, nós dois se enfrentar de novo e eu tiver que volta, porque se eu voltasse eu ia pra cadeia agora, pois estava quase ficando maior e ia ficar na fundação casa um ano, que daí eu já ia fazer dezoito e já ia pra cadeia... Aí eu fiquei com medo, aí eu passei acho que uns dois meses na rua e como era tempo de chuva, era época de frio, eu fui lá bati na porta da minha mãe com o c\_ na mão achando que ele ia atender né? Aí quem atendeu foi ela, eu falei: Eu vim pedir pra senhora me deixar ficar uns tempos aqui até eu me resolver. Ela falou: você já saiu? Eu falei: Já. Mas você não fugiu não. Eu falei: Não, eu não fugi, eles já me liberaram já. Aí ela me mostrou o lindo padrasto. Até que era bonitinho! [risos] Até que você é bonitinho, gostosinho, a minha mãe me olhava torto eu falei é brincadeira, eu nunca vou querer nada com o seu marido.

Ai morei lá um tempo, depois eu fiquei de maior, aí como ela trabalhava na Dona Rosa, que ela trabalhou na Dona Rosa desde os quinze anos até quase o final da doença dela. É uma moça que na hora que nós mais precisamos ela sempre ajuda, mais ela nunca registrou minha mãe, então dava uma raiva às vezes, quando a minha mãe trabalhava sábado e domingo e ela nunca registrou minha mãe, teve um dia que a minha mãe ficou doente que ela não pôde ir, ela mandou minha mãe embora, aí eu peguei de raiva e fui lá com um pedaço de pau pá querer bater na mulher, eu falei: Ó, o negócio é o seguinte: Minha mãe nunca deixou de vir trabalhar, você sabe disso que ela sempre trabalhou na vida dela para a senhora, então seria sacanagem da senhora mandar ela embora. Ela disse: Não, mas foi na hora do nervoso. Eu falei: É bom mesmo, que se não eu volto aqui... Aí eu fiquei trabalhando lá como ajudante de cozinha pra Dona Rosa, ficava eu e a minha mãe. Eu trabalhei um tempinho com ela, um bom tempo.

Nessa época eu não usava droga. Aí quando eu saí eu conheci o lindo do padrasto da minha mãe, o meu lindo padrasto, aí ele fumava maconha, aí eu pedia pra minha mãe se eu podia fumar, ela falava que não, eu falei: Tá bom, aí teve um dia que ela não estava, ela estava trabalhando, aí eu falei

pra ele Você tá fumando maconha? Ele falou: estou. Eu falei me deixa fumar? Ele falou: Não, se você quiser fumar você fala com a sua mãe, se ela deixar eu libero. Eu falei: Ah, você não quer me dar seu filho da puta? Falei: Pirai! Aí, arrumei cinco reais e fui lá comprar uma buchinha de maconha. Nossa, fumei, sem saber, fumei, fumei, fumei, quase tive uma overdose de maconha, fumei com a barriga vazia, e eu não sabia que tinha que comer antes né? Eu já tinha dado uns trago, mais uns trago é, mínimo, fumei uma bucha, nossa, sozinha, imagina como eu cheguei em casa...

Cheguei em casa, desmaiei de fome, me levaram pro hospital, se demorasse mais uns cinco minuto eu tinha entrado em coma por causa do, da maconha porque eu estava com a barriga vazia, e eu não sabia, estava dano começo de overdose, aí minha mãe, aí minha mãe foi lá e brigou com ele, aí depois que ela brigou com ele, aí ela foi lá no hospital e falou: Ele te deu maconha? Eu falei: Não. Como que ele não te deu? Como você fumou? Eu falei: Viu, se ele não quis me dar, eu arrumei cinco reais, e fui e comprei e fumei sozinha, aí ela: Então é pra você aprender quando eu falar não, pras coisas pra você, você me acata. Eu falei: Tá bom, aí eu saí do hospital, aí eu pedi pra ela se eu podia fumar, ela falou: A partir do momento que você trabalha e não me dá nenhum B.O. Você pode fazer o que você quiser da sua vida, aí foi embora, eu peguei e fui embora.

Aí eu comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar com ela. Aí eu vi que a mulher estava me tirando aí eu comecei a trabalhar, aí eu vi que a mulher estava, estava me tirando aí eu peguei e saí da mulher, antes que eu quebrasse a cara da mulher.

Eu comecei a usar drogas pela maconha, eu vim a usar droga (outra drogas) quando eu saí de casa... Quando eu me envolvi com o pai do Johnny, que ele era traficante pé de chinelo, nós saía na mão direto. Eu nem sabia que ele era traficante, aí eu tive um caso com ele. Isso eu estava com 19 anos.

Ele perguntou se eu queria namorar com ele, eu falei: Namorar como? Casar assim, de eu lavar suas cuecas? E ficar em casa? Ele falou: É! Eu falei: Não, eu não quero essa vida pra mim. Se eu quisesse uma vida dessas pra mim, eu já estava casada já. Ele: Não vamos tentar, eu falei: Tá bom. Aí eu ficava em casa, cuidando das coisas, ele falava que ia trabalhar pra mim ele estava trabalhando...

Eu não sabia que ele traficava. Eu ficava em casa, lavava cozinhas, passava e ele chegava com um monte de dinheiro. Toma, esse dinheiro é pra você. Eu falei: Eu não quero seu dinheiro. Não, é pá você comprar as coisas, Eu: Não, eu não quero seu dinheiro, quero só que você vá lá ao mercado e compre as coisas que faltam pra dentro de casa e já era. Ele: Nossa como você é amargurada da vida, ele falava que eu era amargurada da vida. Falei: Porque eu não quero seu dinheiro, você acha que eu sou amargurada da vida? Aí um belo dum dia, ele deixou o dinheiro daí eu fui ao supermercado, aí estava aquela muvuca no supermercado, eu como sou curiosa, fui lá ver. Estava lá parado com as mãos cheias de droga. Eu falei: É esse o seu serviço? Ele: Ah, desculpa, eu não queria que você descobrisse. Eu falei: Ah, porque, você não foi homem pra chegar em mim pra namorar? Você tinha que ser homem pra chegar e falar pra mim que estava vendendo droga. Ele: Ai, eu vendo, eu falei: Tá bom, eu

vou catar minhas coisa e vou voltar pra casa da minha mãe porque eu não quero essa vida, eu não pretendo ficar na porta de cadeia.

Nessa época, quando ele saía pra trabalhar e eu catava as meninas. Catava mesmo. Mas não foi a primeira vez, a primeira vez eu tinha quinze anos... Antes de eu dar umas pregadas no c\_ do meu padrasto, eu tinha quinze anos, ela tinha quarenta e cinco; eu já fui viúva já (risos). Ela já morreu.

Eu gostava dela pra caramba. Aquela ali eu gostava dela de verdade, ou porque eu era menor de idade, era criança, mas, eu gostava dela de verdade. Eu percebi que gostava de mulher. Pra mim, com ela eu me sentia melhor que se eu tivesse com pai da Kelly e do Johnny sabia? Que ela me tratava bem, eu sempre tratei ela bem, apesar de que o pai da Kelly eu nunca tive problema com ele por causa da mãe dele, eu nunca tive problema com ele, ele nunca encostou a mão em mim, nunca falou palavras que me machucava, ele só me dava conselho bom. Como eu era descabeçada, eu não estava nem aí, falei pra ele: Se conselho fosse bom, ninguém dava, então pega seus conselho só pra você. Aí ele já se revoltou comigo

Com o pai do Johnny a gente saía no soco feio. Porque ele ia ficar com as meninas e eu ficava com as meninas primeiro, e depois as meninas iam ficar com ele, depois vinha, falava pra ele que eu estava cantando elas, sabendo que elas que me cantavam... Ah, já fiquei numa raiva, falei É, então tá. Depois eu falei pra ele: Você fica aí no banheiro aí você vai ver tudinho, aí ele vai, falava que ia trabalhar, pras meninas poder ver saindo, ele dava a volta no quarteirão inteiro, pra entrar pelo fundo de casa. Aí eu falava: Fica aí no banheiro que você vai escutar. As meninas: Aí, que não sei o que, que não sei o que, e ele só escutando aí acho que ele se revoltou, não aguentou, saiu do banheiro com um pedaço de pau deste tamanho pra bate em mim e nas meninas. Eu falei: Num vem querer bater em mim não seu filho da puta, porque eu falei pra você que não era eu, que era elas.

Ele queria bater em todo mundo! Eu falei: Vai toma no seu c.. Fio! Eu não te falei que eram elas que davam em cima de mim? Que não era eu? Ah, mas vocês duas são safadas. Eu falei: mais safado é você que aceito, então vai toma no seu c\_ fio.

Ai eu separei dele, Johnny já tinha nascido já, estava com uns dois, três meses já. Foi depois de tudo isso, Aí eu separei dele e fiquei no mundão. Na rua, passei acho que uns três, quatro anos na rua, aí como era época de frio eu aí fui parar num abrigo, como eu conheço o dono do abrigo que é assim, que ele é veadinho e eu gosto de mulher e nós somos assim, eu aí eu falei pra ele: Olha Giovani, eu estou na rua, tem condições de eu passar um tempo aí, conversar com a assistente social, pá ver se ela pagar uns dois meses de aluguel? Ele falou: Não, demorou Ana Laura, pede lá.

Aí cheguei lá, a mulher não queria me deixa entrar, aí eu peguei e liguei pro Giovani a cobrar, que ele já sabia que era só eu que ligo a cobrar, aí era acho que uma meia noite, estava chovendo muito, e o Johnny já estava com começo de pneumonia, a mulher não queria me deixar entrar, aí eu falei: Giovani estou com o Johnny na rua.

Nos quatro anos que fiquei pela rua ele ficou comigo. O Johnny lembra bem. Não passamos fome, pois quem tem boca vai a Roma, e o povo já me conhecia, me dava fralda roupa, eu só não pegava mantimento porque eu não tinha onde fazer, mas o povo me conhecia. Eles diziam tal hora você vem aqui toma banho e janta e depois você vai embora, eu falei: Tá bom,

Mas aí quando era época de chuva o povo me chamava pra dormir, mas aí eu ficava com medo de dormir e o povo pegar o Johnny, eu tinha medo, nem dormia, eu ficava acesa, aí um belo dia eu liguei pro Giovani, falei: Ó Giovani, meia noite, desculpa eu ligar a cobrar, mas a mulher não tá me deixando entrar e o meu filho tá com começo de pneumonia... Aí ele desligou falou: Volta lá e vai lá que a mulher vai abrir a porta. Eu falei: Certeza? Certeza. Aí eu fui lá, bati, a mulher me deixou entrar lá e quando foi numa segunda-feira ele falou: Ó, o negócio é o seguinte, você quer ficar aqui, você vai ficar, mais você vai ter que ajuda. Eu falei: Tudo bem, se for pra eu ajudar a limpar os quartos, o refeitório, eu ajudo, você sabe disso. Ele: Não, tá bom. Aí eu comecei a ficar lá, aí ele conversou com a assistente social, a assistente social falou que se eu queria alugar uma casa, que eles pagavam três meses de aluguel, mas pra mim três meses de aluguel pra mim lá não compensa porque lá é muito fraco de serviço, falei, pra mim não compensa Giovani, eu posso até ir trabalha, mas aí você guarda meu dinheiro. Ele: Tá bom, guardo.

Aí eu fui trabalhando, fui trabalhando, um belo dia me revoltei, peguei o dinheiro e fumei tudo (crack). Deixei o Johnny lá... Lá no Giovani, no abrigo, e paguei cem reais pra mulher e saí. Foi mil e duzentos em menos de uma hora, aí eu voltei, depois eu voltei lá com mó cara de bunda, aí o Giovani: eu não vou te ajudar mais.

Foi a primeira vez que eu usei crack.

O Giovani ficou decepcionado. Eu perguntei por que, ele disse: Meu você vem aqui pedi ajuda, eu te ajudo, você pega o dinheiro e deixa o seu filho, por mais que você pagou você trabalha, eu sei que você é uma pessoa trabalhadora, mas o que te atrapalha é o vício. Eu falei: Ó Giovani, eu já não sei mais o que eu faço, eu já estava grávida já, já tinha arrumado outro filho já. Eu engravidei num dia de loucura lá. Que eu fumei lá com cara lá.

Eu avisei que eu estava grávida e o cara falou que não era dele, aí eu tentei abortar também, dei várias pauladas na minha barriga, vixe, aquele dia fiz uma loucura que, acho que ele só não morreu mesmo por Deus mesmo, aí eu me revoltei.

Ai falei: Olha Giovani. O negócio é o seguinte: Eu não tenho pra onde ir, eu quero que você me encaminhe pra um abrigo que dê pra eu ficar cos meus dois filhos, porque eles são as únicas pessoas que eu tenho e eu preciso de ajuda de qualquer jeito, ele falou: Ó, eu vou te ajuda, é a segunda vez que eu vou te ajuda, você é a única pessoa que você vê que tá precisando e que vem pedi ajuda, mas é a segunda e a última vez que eu vou te ajudar eu falei: Tá bom. Foi onde que eu vim para no *Associação* e estou até hoje aqui

Na época da rua eu fumava mais maconha, num sou muito de bebe, sou mais de usar droga. Eu ficava na rua andando, na praia. A noite na praia é um fervo fia! [risos], é um fervo da hora.

Eu só fumava maconha, maconha é droga.

É isso, é não porque acho que uns dois meses quando eu estava na rua eu fumei droga e achava que o Johnny estava roubando minhas pedras, eu quase matei ele, a sorte é que veio um guarda municipal que já me conhecia já. Eu achava que ele estava roubando minhas pedras de crack e por brisa minha, ele estava todo "gorfado", e estava com gorfo na mão, colocando na boca, estava roubando minhas pedra, eu grudei no pescoço dele, a minha sorte que foi um guarda municipal como já me conhecia, aí ele conversou comigo, me levou, me levou, lá pro, pras guarita deles, que na praia tem guarita [Giselli concorda] e ele já me conhecia já né? Aí levou eu lá para a guarita, fez eu toma banho gelado num puta dum frio, me fez tomar um banho gelado, tomar um café, comer alguma coisa ele falou: o Negócio é o seguinte, você quase matou o seu filho por causa dessas drogas, eu vou te encaminhar amanhã, se eu pegar você na rua, além de eu tomar seu filho eu vou te dá um pau. Eu falei: Não, mas o Gininho tá me ajudando. Pois eu vou ligar agora pro Giovani. Ligo pro Giovani, era duas horas da manhã o Giovani foi lá na praia, me pegar, aí ele já tinham dado banho, aí eu, a hora que passou a "nóia" eu falei que quero meu filho, quero meu filho, já passei a mão no cassetete deles, eu falei: Eu quero meu filho, aí veio uma, a mulher desse rapaz veio com o Johnny todo limpinho, cheiroso, ele: Ó, nós vai ligar pro Giovani pra ele te encaminhar pra outro abrigo, que se nós pegar você aqui em Santos de novo, com esse moleque, essas hora da noite, nós vai pegar seu filho vai levar pro abrigo e nós vai dá um pau em você. Aí foi aonde que eu vim pra cá, estou até hoje... Com Johnny e com Cláudio, essa foi a minha sorte porque, independente que eu era usuária eu cuidava bem dos meus filhos mais acho que por causa do vício, da droga que é mais forte, eles viram que eu cuidava bem do Johnny, não andava suja e que independente que eu morava na rua, eu andava limpinha, então eles admiravam isso daí, só que eles não aceitaram mais porque eu quase o matei, por causa da droga. Aí eu vim parar aqui.

E Eu nem sabia que estava grávida, aí o Giovani me fez ir lá ao médico particular, ele pago, aí entrou lá na sala passou um gel na minha barriga e falou: você não tem nada, a única coisa que você tem é mais uma criança: Eu: Ai! Eu não acredito! Eu não quero esse filho, eu não quero. Saí do médico, quase que o ônibus me atropelou porque eu saí tão, tão descabelada tão com o cérebro meio chapado por causa das coisas, nossa, na hora que eu atravessei a avenida eu não olhei pro sinaleiro, na hora que eu olhei estava vindo o ônibus, freou em cima de mim, e vinha mais um carro, se tivesse pegado o ônibus tinha me jogado para o carro e o carro tinha me prensado na parede... O Giovani saiu desesperado aí eu sentei, minhas pernas começo a bambear por causa do susto, começo a bambear, eu sentei no chão aí o Giovani pego água pra mim, aí nós conversamos ele falou: Ó Negão, eu vou te ajudar porque eu gosto muito de você, e eu conheço sua família, eu vou te ajudar, eu vou te encaminhar pra um lugar, que lá fica mãe e filho. Mas por favor, quer fumar as suas drogas, seus

filhos não tem culpa, se você quiser fumar, você assina um termo que eu saio daqui de Santos, vou lá, os busco, abro um, não é abro um processo, abrir um negócio lá que eu posso ficar com a tutelar deles. Eu falei: Não, tá loco, se eu estou fazendo tudo isso é por causa deles, você acha que eu vou dá... Então eu vou te encaminhar pra lá, se eu souber de alguma coisa você já sabe que eu estou lá no dia seguinte né? Até que eu dava minhas fugidas eu ficava pensando depois: Já pensou o Giovani vem aqui de perua e cata meus filhos? Aaaahhhh não.

Eu tinha vinte e um quando engravidei do Claudinho. O pai do Claudinho é um caminhoneiro, ele tá em Santos, ele já conversou com o pai dele já, eu já levei ele na casa do pai dele, ele quer ir agora ao final do ano, eu vou o deixar ir, mas aí eu tenho medo, ele falou que quando for pra eu ir, porque nós vai que eu e ele vai ao fórum pra ele assinar um termo que eu vou o deixa visitar. Ele sabe que ele é o pai, é que ele é pilantra, ele é meio safado. Nenhum pai paga pensão pros meus filhos eu não quero...O pai do Claudinho quer registrar, eu que não quero deixar, porque eu tenho medo, porque aí ele também tem o mesmo direito, e aí o Cláudio é muito apegado a mim, eu sou muito apegado a ele, até então que o Johnny vai pra casa do Fausto que é meu irmão para Santos e, o Johnny vai para casa do Fausto e o Cláudio vai pra casa do pai, só que aí ele falou que um dia antes de eu ir é pra nós ir ao fórum para ele assinar um termo de responsabilidade que eu estou deixando ele, para ele devolver em tal dia... Que aí eu tenho medo, como ele é caminhoneiro, ele viaja muito e o Cláudio é o único filho caçula, o Cláudio tem o direito de tudo mais eu não quero as coisas dele.

Ele é casado, a mulher dele não gosta de mim, ela acha que eu vou querer ele, eu falei: Ai, eu não quero seu marido não fia! Eu já peguei essa carcaça, o restante eu deixo pra você. Ela fala: Tá vendo? Que eu não gosto que ela venha aqui, por mais que seja mãe do seu filho, que ela é muito folgada, ele fala: bom, você fica cutucando ela [Giselli ri] Ele tem carro, ele tem moto, ele já falou pra mim que quando eu fosse pra lá, ele põe uma casa no nome dele, eu falei: Pode deixa o nome aí, na casa dele, que quando eu saí daqui, eu posso ir pra lá, só que aí ele avisou: Eu aceito você, seu outro filho, mas aquela sua mulher, eu não quero na minha casa, que é a Thais, nem minha família gosta dela por causa do jeito dela, ninguém aceita ela... Entendeu...

Bem aí quando cheguei ao abrigo da *Associação* foi complicado, foi um c\_ meu, Ai ficar trancada, já tinha passado quase metade da minha vida, ia ficar lá trancada? Na minha cabeça, era só mais um que eu ia ficar trancada, nossa, me revoltei, queria ir embora, queria ligar pro Giovani. Vai, liga pro Giovani que eu quero ir embora, não quero mais ficar aqui

Na hora que eu cheguei eu falei: liga que eu quero ir embora, eu não quero ficar nessa porra, eu quero ir embora, mó barriguinha já, o Johnny grudado em mim, falei: você fica aí também caralho, [Giselli ri] estou aqui por causa de vocês porra! Nossa, já comecei a surtar. Quero ir embora, não quero ficar aqui. Ainda falei: Passei a maior parte da minha vida em porra de abrigo, em casa eu não quero mais ficar aqui, eu quero ir embora, me leva, Ih, já queria começar a quebrar todo mundo, tudo, aí veio as psicólogas Flávia e a Aline, falou: Vamos ali na salinha, eu falei: Mas vocês vão me



oferecer o que? Vocês vão falar o que pra mim? É mais umas psicóloga que vem, fala, fala, fala e acha que fala vai mudar minha situação? Não, se acalme. Eu falei: Não, eu não estou estressada, eu já estou calma. Você quer uma água com açúcar? Eu falei: Dá pra você tomar que eu estou muito bem. Me dá um cigarro aí, um cigarro me acalma, aí me deram um cigarro, aí me acalmei, elas conversaram: Ó, aqui não é tipo, onde você passou... Que nós não sabe como você passou, se você não quiser falar, você tem livre e espontânea vontade pra não falar. Aqui é um abrigo que aceita mães e filhos, como muitos abrigos que você [Ana Laura pede para Giselli subir a janela]. Quantos abrigos você já passou e pôde ficar com o filho? Eu falei: Nenhum, só no Giovanni, que também é durante seis meses só. Aí o Giovanni ligou pra nós, conversou, que aqui só fica mães e filhos, eu falei: O que quer é isso: Mães e filho? Ele: É você e seus dois filhos. Eu falei: Que dois filhos? E o que tá na barriga? Eu: Hum malditas, então você já sabe? Chamei até as mulheres de maldito. Como é que você sabe? O Giovanni já explicou toda a situação lá, aqui é isso e isso, é,

*Associação* (instituição) é reeducação, fundação lá não sei do que, pra ficar mãe e filho pra trabalhar a maternidade com a mãe, que não quer ter filho, que nós faz um trabalho que é dependendo da situação que ela chega, porque dependendo da situação ela não quer ficar com as crianças, então nós estamos aqui pra ajudar, pra auxiliar quem não quer ficar com os filhos, porque amanhã ou depois eles são suas famílias. Eu falei: Tá bom. Eu fiquei. Nem conversava né? Elas mais falavam e eu lá calada. Elas: você não tem nada pra falar? Eu: Não porque de, por tudo que eu passei, por tudo que eu vivi, psicólogo só fala, fala, fala e acaba que no fim não adianta nada, eu absorvo aquilo que me serve, o que não me serve eu não pego pra mim, [Giselli concorda] elas falou: Tá bom, aí fui saindo da sala, fumei mais um cigarro, aí eu fui fazendo terapia com a Aline, até antes quando eu saí da *Associação* que eu vim mora aqui, eu estava fazendo terapia ainda, com a Aline, mas aí eu resolvi não fazer .

E as meninas quando eu cheguei? Nossa, ficaram tudo ouriçada, acharam que eu era um homem!

Não, aí nossa fiquei numa raiva, se eu pudesse eu catava um pedaço de pau e tinha dado em todo mundo. Eu sempre usei cabelo curto independente da minha opção sexual, eu sempre quis ter filho, mas aí de acordo que foi passando um tempo, minha mãe queria que eu casasse, e eu acabei fazendo a vontade da minha família, mais quem saiu perdendo fui eu, porque que eu já estou com três filhos já.

Mas pra eu gostar de mulher, não tinha nada a ver com o meu desejo de ser mãe. Eu gostava de mulher, independente da minha opção sexual, eu sempre quis ter filhos, independente da minha opção sexual, mas aí Deus resolveu me dar três filhos então, independente da minha opção sexual, tenho filho, Graças a Deus, eu não quero ter mais, porque pela minha idade, se eu tiver mais um, os dois têm um infarto, eles já falaram. Não quero mais ter irmão. Eu já tenho, não quero mais...

E outra já faz, deixa-me ver Cláudio tá com quantos anos? (reflexiva) O Cláudio tá vai fazer onze, tem onze anos já que não tenho mais relação com homem.

Bem daí no abrigo logo que eu cheguei fizeram uma assembleia lá né, daí eu fui lá, fui ver quem estava lá só tinha mais uma menina de Santos, falou: Negão, vai lá, toma um banho, dá um banho no boquinha, que ele a Adriana chamava o Johnny de boquinha porque ele não chorava, ele gritava, aí o apelidou de boquinha. Vai lá Negão, toma um banho, põe uma roupa de mulher. Eu falei: Põe uma roupa de mulher você fia! Tá loca? Não, põe uma roupa de mulher. Falei: Num vou colocar porque você quer. Vou de bermudão, chinelo e camiseta e no boquinha eu vou colocar uma coisa mais fechada, como era muito frio, cheguei à época do frio aqui também, sempre me falam que eu chego na hora do frio. Vou lá, bela e formosa com cigarrão na boca, de chinelão, bermudão, chapéu (boné) e camisa.

As meninas falavam. Ai, como é que nós vai fazer assembleia com um homem aqui tia? Mais homem não pode participar. Eu só estou lá escutando, eu falei: Fia, cala a boca, escuta, depois você reclama. Então, essa daqui é a Ana Laura, ela gosta de mulher, o apelido dela é Negão, nossa pra que quê elas falaram isso, ai Negão que não sei o que, vem no meu quarto, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Na hora estava uma maravilha né? Ali babá e seu harém de mulher, e cheguei à época que tinha mulher bonita, que agora só tem canhão, sai fora [risos]. Cheguei numa época que tinha umas meninas da hora

Aí eu peguei todo mundo. Fizemos lá a assembleia, eu falei: Ó, o negócio é o seguinte, eu curto mulher mas, só que como já me deram uma freada lá na frente, falaram que eu não vou poder ficar com nenhuma de vocês mas se der uma escapadinha lá no portão lá da rua pode né tia? Aí a tia falou: Ô Ana Laura, não é pra falar assim. Mas, é verdade! Aqui dentro não pode, mas a partir do momento que se eu ponho o pé pra fora você pode fazer tudo né? Ela: Não, não é assim, aí perguntaram do que eu trabalhava eu falei: Ah, eu trabalho só serviço pesado padaria, boneca já não serve, tem que ser serviço pesado, aí as meninas quebravam os guarda-roupas, quebrava as porta só pra eu ir lá ao quarto

Eu ia arrumar e ganhava uns beijinhos, às vezes dentro do abrigo, era muito "da hora", aquela época minha foi boa.

Foi a melhor, não por beijar as meninas, mas pela, acho que por tudo que eu passei, é pela atenção que eles me davam, eles conversavam, pegavam no meu pé por causa das meninas, mas eu relevava porque eu via que ele eles conversavam bastante, davam bastante conselho. Ô, a semana tem cinco dia e eu falava quase quatro dias com psicólogo, me sobrava um dia no final de semana.

É, eu tinha uma vida, não tipo direita, meio tortinha, que eu dava minhas escapadinha pra beijar as meninas.

Parei de usar droga nesse tempo, parei, porque o Giovani já passou todo o relatório, fiquei numa raiva, aí me fizeram assinar um termo de responsabilidade, não um termo, eles falam um termo de responsabilidade que eu Ana Laura, se voltar a usa droga, Giovani sei lá das quantas vinha pegar minhas crianças, tá bom.

Ah, era mó da hora que tinha dia que tinha assembleia, aí lá vaio meu nome no meio: Ai Negão que não sei o que com fulana, Ai Negão que não sei o que com fulana.

Naquela época tinha quase umas cinquenta meninas e só dava eu ali pra catar as meninas, cada assembleia era só dava eu, aí teve um dia que a Roberta falou: Viu, me deixa fazer uma pergunta? Negão, bem assim com aquela cara de debochada. Negão você já catou todas as menina? Falei: Não, catei metade, mas ainda falta catar a outra metade. Ela falou: Nossa como você ainda é folgada, você não quer me catar? Eu falei: Não a senhora é muito velha! Nossa ela ficava loca comigo, não a senhora é muito velha. Porque, no dia eu catava quatro cinco meninas na parte da manhã...

Umás sete à noite, fora nas madrugadas ainda né, porque os educadores, os educadores lá babava porque antigamente a sala era lá em cima e eu ficava embaixo. A parte de cima não tinha ainda, aquela parte de cima era um salão enorme, só tinha só a sala do educador, ali era um salão enorme, e onde que era um refeitório era o nosso banheiro.

Aí eu esperava todo mundo, aí alguns educadores me deixavam na porta do banheiro. Eu falei: Olha que maravilha. Aí como não tinha porta, aí eu peguei umas madeirite e coloquei pra poder fechar, não sei o que as menina fazia lá que quebrava, eu falei que eu não ia arrumar mais, aí eu ficava vendo, não ficava vendo elas tomar banho.

Aí eu trabalhava só na manutenção da casa, eu ganhava cinquenta reais, quinze era do cigarro, me sobrava trinta e cinco, eu falei: Viu, trinta e cinco não dá nem pra eu limpar minha bunda.

Aí o educador falou: Olha, nós vamos desconta quinze reais do seu cigarro, daí eu falei: Viu, mas eu não fumo um pacote de cigarro não. Ah, fuma sim. Ah, não fumo porque eles estão me dando cinco cigarros, então se for pra eu pagar quinze reais para comprar pacote pra mim distribuí tudo pra essas barangas eu vou parar de fumar. Parei nada, que eu tinha uns maços ainda, escondidos, deixava de pagar da casa e pegava cigarro escondido. Que aí eu tinha o dinheiro, aí eu pedia sempre, quando eu ia saí pro supermercado, eles sempre, nunca queriam me dar trinta quarenta conto, com medo de eu conhece o Braquiara que é o famoso Braquiara né? Aí eu ia até a porta do Braquiara, olhava, falei o que é que tinha de tão interessante que tem aqui que o povo fala? Que aí tem droga. Ah, vende maconha aí [falou sussurrando]. Vende, mas você é da *Associação* né? Falei: Sou. Pra você não vou vender porra nenhuma. Falei: Caralho, vai toma no c\_. Aí quando eu comecei á voltar a fumar maconha eu dava dez reais pro cara pegar cinco pra ele, pra ele trazer uma bucha de maconha pra mim

    Não fumava dentro do abrigo mas, fumava fora, chegava com os olhos tudo vermelho

Eles Percebiam, que ninguém era otário né? Porque que seu olho tá vermelho? Ah por causa dessa porra desse negócio aí meu olho é alérgico, mentira né? Aí fizeram uma assembleia, só eu lá na sala e aqueles monte de educador. Na época tinha uns educadores bons e tinha uns educadores que não ia com a minha cara porque eu enfrentava mesmo, não estava nem aí, eu enfrentava mesmo. Ah, você fumou? Falei: Fumei, aquele dia que você me deu os dez conto, que eu dei cinco pro cara fazer os

corre e dei cinco pra nós dois fumar. Eu Falava mesmo, não estava nem aí, aí depois eu vi que não estava me levando a nada, aí eu cabei parando de fumar.

O dia em que o Claudinho nasceu foi um desespero pra mim. Porque eu joguei bola até o final da gravidez... Eu queria tá lá no fervo do futebol, só as meninas, as bonitinhas e eu lá aaahhhh!

Aaahhhhh o caralho! Eu achei que eu tinha feito xixi na calça, só que não era xixi, era a bolsa, só que eu não sabia. Aí a mulher, viu Negão, sua bermuda está molhada, eu: É, eu fiz xixi. Ela certeza?: Eu: Ah eu me mijei mas eu não senti nada, eu só senti a água escorrendo, Ah, mas a sua bolsa estourou. Eu falei: o que é que é isso? Bolsa? A minha mochila tá ali mas não está estourada, eu não sabia.

Porque nas outras gravidez eu não fiz pré-natal direito. Quando eu ia, eu ia obrigada porque ligavam pro pai dela, pro pai dela me leva, eu ia arrastada, eu não ia, ele me carregava no colo, eu não ia. O pai da Kelly me levava às vezes na força, e pra entrar na sala, eu grudava na maçaneta que eu não queria entrar. Eu não vou entrar nessa p\_\_\_, minha filha não vai nascer c\_\_\_\_\_! Vamos! aí eu ahhhh, aí eu soltava e entrava.

Do Claudinho eu fiz pré-natal até o final, mas aí ele passou do tempo de nascer, aí na época era a Daniela, aí ela me levou lá pro hospital, me colocou no soro e nasceu com quarenta semanas já, eu já não tinha mais nada na barriga, nada eu não sei como ele sobreviveu. Por Deus mesmo, porque eu não sentia dor, eu não sentia nada!

Com trinta semanas, o médico ainda me chamou de irresponsável. Falou: Como que a senhora não veio no médico. Eu falei: Mas eu não senti nada. Minha bolsa já tinha estourado há muito tempo né que eu achei que era urina. Achei que era urina!

Quando ele veio comigo pro abrigo eu não queria ficar com ele não, eu não queria mesmo, não queria. Que uns dois três meses que, como ele é branco, filho de alemão tem um monte de frescura, fresco, nasceu um monte de ferida e eu achei que era consequência da droga... Me arrependi depois sabia? Ele ficou um mês, uns dois meses na UTI, depois ele fico fora, depois ele voltou pra incubadora que ficou acho que é amarelão que o povo fala ...

Nossa, eu nem vinha pra *Associação*, eu ficava lá direto, num comia, num fazia nada, só tomava banho, já estava já definhando meu corpo, já estava bem magra, quem via parecia que eu tinha usado droga, mais eu estava no hospital, não queria saber de comer, não queria saber de nada, só tomava banho mesmo porque era obrigado, passei um bom tempo no hospital, aí as meninas vinham conversar comigo, os educador ia ao hospital, não vai pra lá, dorme, descansa, qualquer coisa nós avisa, eu falei: Não, não vou saí daqui enquanto meu filho não melhorar... Aí até que ele melhorou, e ele saiu da UTI e ficou na incubadora, e depois o trouxeram pro quarto, aí como ele estava já melhorzinho.

O Claudinho nunca mamou no meu peito, o Johnny também acho que só uns dois três meses só, depois não mamou mais, aí nessa parte quem me ajudou foi uma menina lá do abrigo, a gente fazia

troca, ela ia ficava com Cláudio e eu ficava com a menina dela, que na época ela só tinha uma, e aí a gente fazia tudo. Ela me ajudou bastante. Eu cheguei a ficar com ela. Foi uma acho, das primeiras que eu fiquei. Mas de quem eu gostei mesmo não posso falar, é segredo. Duma menina, da Débora. Ela é de São Paulo, ela ficou um tempinho aí, dela eu gostei, das outra eu pegava só pra beijar, só pra não dizer que não ficava com ninguém, só pra beijar mesmo, gostar, gostar de verdade só da Débora mesmo.

Mas ai acabei ficando com a Talita. Eu não me considero casada, ela já se considera, eu num, acho que por tudo já que eu fiz e ela fez, pra mim já num, tipo eu já num consigo mais ver ela como mulher, eu vejo ela como minha amiga, eu já falei isso daí pra ela...

Não temos mais relação sexual. Bem antes de ela ficar grávida, nós já não tinha, ela engravidou, piorou, agora piorou, nós não tem mais relação. Acho que já vai fazer uns quatro anos, quatro anos e seis meses que o Antônio tem, já que nós não têm relação. Acho que por tudo, porque às vezes ela me culpa, que nem o dia que eu saí com a Maria, não foi para comer a Maria, nem para beijar, foi para fumar mesmo. E ela acha que eu comi a Maria, aí de raiva ela foi e saiu com o cara, só que ela foi tão burra que não usou camisinha, aí ela ficou com raiva.

Mas eu não saí com a Maria pra beijar, eu saía com a Maria só pra fumar pedra. E ela achou que eu saí pra transar, pra comer a Maria. Eu falei Talita, eu juro pelos meus dois filhos mortos aqui na terra e minha mãe no céu que eu não saí pra beijar ela, eu nunca beijei ela, graças a Deus, isso daí eu falo de boca cheia, eu nunca fiquei com ela, nem dá uns beijinho nela, que pra mim não desce e pra mim quando não desce, não desce mesmo, não compensa, aí ela por sua vez foi lá e saiu com o cara, só que aí eu falei: Viu, você foi tão burra fia, que você não soube nem fazer, usasse camisinha, imagine se você pegasse na gravidez uma doença e aí? O que é que ia resolver a sua vingança? Não ia resolver nada.

Eu só descobri que ela estava grávida quando já estava de quatro meses. Ai eu descobri que ela tinha me traído.

Porque aí eu tive que gastar meu salário inteiro pra fazer a endoscopia e o ultrassom. Só que aí eu falei: Ó, eu te dou o dinheiro do meu pagamento, eu não vou deixar de trabalhar, eu vou trabalhar e você vai. A sorte dela é que ela fez a ultrassom, que se ela tivesse aí feito a endoscopia tinha matado a criança, sorte dela que ela fez a ultrassom, aí ela me ligou, falei: E aí você... Que a gente estava já para se separar já, a gente já estava se separando ela estava subindo as coisas dela, eu já estava ajeitando a minha vida. Aí ela ligou pra mim falou: Negão, eu tenho uma coisa pra te falar, eu falei: Puta merda! Falei ó, se for uma doença eu fico com você até o final e fico com o Vitor você sabe disso, não tem problema; Não Negão, agora é sério pra mim já era uma doença grave entendeu? Imagine o desespero que eu fiquei? Eu queria vim embora, falei: vai fio, vamos, que a minha mulher tá com uma doença lá e eu preciso sabe o que é, até que nesse dia, eu cheguei era meia-noite, que eu com o meu nervoso eu fiz tudo errado, tive que quebra as parede e refazer tudo, vixe foi mó treta aquele dia. Aí eu cheguei ela

estava aqui em cima chorando. Aí eu conversei com ela falei: Talita, independente do que for, eu nunca vou te abandonar porque na hora que eu mais precisei você estava do meu lado e eu vou ficar com você. Ela: Eu estou grávida. Eu: Quê? Ela: Eu estou grávida. Eu: Quê? Falei: Nossa, não acredito que você tá grávida, de quem fia? Ah, então, sabe aquele dia que você saiu com a Maria para comer? Eu falei: Talita, eu já expliquei que eu não comi ela, eu saí com ela para fumar. Ah, mas independente, eu fui e saí com um cara. Eu falei: Firmeza. Mas nesse dia que eu dei um pau nela, eu dei mesmo. Dei de raiva, Dei de raiva, chutei a barriga dela, grudei nos cabelo dela, dei uma pá de murro nela, dei mesmo, que no dia seguinte amanheceu toda roxa. Aí também eu nem pedi desculpa também de raiva. Ah eu não pedi, não estava a fim mesmo. Vixe, aquele dia pra mim foi o fim da picada...

E ainda veio um menino, Ô! Eu ia aceitar, mas aí quando eu fui, quando ela foi pro hospital, ela não queria ir, ela já estava com quarenta semanas, já ia inteira a terceira, quarenta e três semana, aí eu fui o médico falou: Olha, tem que ficar, que agora ela não tem mais líquido, que nós tem medo do neném morre, eu falei: Tá bom. Falei: Talita, eu vou arrumar alguém pra trazer as roupas se eu não puder vim, aí eu pedi dez real emprestado pra mulher da lanchonete pra dá pra Daniela ir de moto leva a roupa. Aí eu comprei tudo rosa, até a bolsa, tudo rosa, aí eu dei pra Daniela, como ela tinha carta.

Ela falou: O Negão, você quer ir com a minha moto? Eu falei: Não, uma que eu estou muito nervosa e outra que eu não tenho carta. Aí eu falei: Ó, eu tenho dez real, eu ponho a gasolina só pra você levar a roupa e falar como que é a criança tá? Chegou aqui ela me fala: Ai, é um menino, aí nossa, pense numa pessoa que encheu a cara de cachaça! Enchi, mas bebi, bebi, bebi, bebi, bebi que eu nem sei como é que vim parar aqui em casa, aqui na lanchonete. A Mariana me carregou eu, bêbada que nem um gambá, chorando que nem loca. Ahhh, é um menino, é um menino, nossa, pensa numa pessoa que encheu a cara, eu enchi mesmo! Eu só consegui chega em casa por causa da Mariana, aí eu falei: Mari, eu sei que eu estou bêbada, mas me ajuda, dá banho, eu tomo banho com eles, eu dando banho em filho bêbado, imagina, tomei um tombo no banheiro, fiz um corte aqui na cabeça, aí eu falei: Mary, só da janta só pra eles, pra mim que eu estou mal, eu vou pra minha casa. Ela falou: Tá bom. Aí ela deu janta, deu banho e eu RRRRRRRR dormi, apaguei. E pra ir visitar a Talita? Eu não queria ir não, fui passando mal com uma puta duma ressaca dentro daquele ônibus, aquele calor, e eu suando que nem vara verde, sem ter comido. Ela falou: você fumou? Eu falei: Não, Talita, eu não fumei. Até hoje ela acha que aquele dia eu bebi e fumei, eu não fumei. Bebi eu bebi mesmo. Bebi, bebi.

Aí ela: Pega o menino!. Eu sei que é um menino Talita, não precisa você jogar na cara. A mulher já falou. Ela: Pega o menino, eu falei: Eu não quero pegar! Eu fui mesmo pra não pegar, pra ter certeza mesmo, ver com meus próprios olhos que era um menino. Nossa tive mó, como é, mó frustração do caramba, falei Aaaarrghh!

Aí eu o peguei, abriu o olho dele e deu mó sorriso, ah meu, aí eu me derreti, taquei maçã no c\_ dele (risos). E a médica: pai como você é loco, não pode. Eu falei: É meu filho, é filho de pobre, pode comer tudo.

Dei maçã. Amassei assim com o dedo, lavei a mão primeiro, com sabonete, desinfetei com álcool líquido e taquei, amassei assim dei maçã, dei café com leite, dei bolacha. Mas mãe, avisa pro pai que não pode! Ela: Mas eu já avisei, ele não quer, ele não quer saber, ele dá. Aí eu peguei, aí ele acostumou, come de tudo. Isso é que é o bom disso daí!

Bom mas sobre o trabalho a ideia da empreiteira foi minha e da Roberta junto

Um dia eu falei: Ó Roberta, eu fui pra padaria, só queria sabe de comer. Comer, comer, comer! E as meninas só de beijar, beijar, beijar, beijar, e comer.

Eu queria sabe de comer , comer, as meninas queriam saber de beijar, beijar. Aí eu falei: Eu como e beijo: Aí a Roberta: Como assim como e beijo? Eu como a comida da padaria e dou uns beijos nas meninas e lavo a louça, porque a única coisa que serviria pra mim na padaria era lavar a louça.

Ai então, vamos pra Fabrica de bonecas. Vamos. Chegando lá ficava sentada costurando as bonequinhas e eu só tuf tuf tuf no dedo. Chegou uma época que os meus dois dedões inflamaram, de muita picada. Aí eu falei: Oi Roberta. Aí me levaram no médico que falou: Ó se ela continuar assim furando o dedo nós vai ter que amputar os dois dedos. Eu: Ha que amputar os dois dedos o c \_\_\_\_\_!. Amputa o seu fio, o meu não. Aí eu saí.

Aí eu não tinha o que fazer, aí ficava na manutenção da casa, que já não tinha mais porra nenhuma, as meninas que caçavam pra eu ir lá né? Aí eu falei: Roberta, vamos, a senhora tem bastante dinheiro, eu posso ver um terreno, a senhora podia um projeto de casa

Aí ela falou: Como assim? Fazer casa, eu entendo, é só a senhora pagar um curso na Facens ou no SENAI que eu me atualizo e eu ajudo você. Você entra com material que eu entro com a mão de obra que a única coisa que eu tenho é só a mão de obra só. Se a senhora me arrumar uns lugares aí pra fazer o curso aí pra mim me atualizar , a única coisa que eu posso garantir é a mão de obra que a senhora já não precisa pagar.

Eu tive essa ideia sabe, porque eu queria uma casa... Não queria ficar, na época, o salário era duzentos e cinquenta. Eu já tinha saído do abrigo , Eu e algumas meninas, o bom nosso, é que os educadores pegaram tanto no nosso pé que numa parte foi boa, que nós pagamos quase cinco meses de aluguel adiantado, pelo salário que nós ganhava, era duzentos e cinquenta reais só.

Fomos morar tudo vizinha, lá no Braquiara, uma da outra que nem no condomínio. Você imagine o fervo que dava, eu, a Erica, a Rebeca, só a Talita que não ia muito lá, que me fazia um favor de não ir. Eu já ficava com ela e com todo mundo, mas pra ela eu era dela, mas pra mim eu era dela e de todo mundo. Que na época o nosso salário era duzentos e cinquenta, e nós pagava duzentos... De aluguel. Aí eu falei, eu falei: Olha, eu posso pagar cinco meses adiantados. Ele tá bom. Aí todo mundo foi no meu embalo, pago cinco meses adiantado, que nós ganhava, nós ia tirando cada mês cem cento e cinquenta pra chegar no outro pagamento mais cento e cinquenta pra inteirar com o aluguel.

Mas continuava tendo contato com o abrigo, Nós não saía de lá. A gente não saía de lá, a gente ia a toda festinha iam avisar a gente e a gente ia. Ah, eu gostava dessa época, gostava de ir lá porque,

tinha festa, a gente quando tinha o CEASA eles iam lá na nossa casa levar, tinha a Virgínia também que era da Splice, era, aquela ali foi uma ótima pessoa pra nós. Ia ela, a Tônia, a Cláudia nunca foi, ia ela a Tônia a Ângela, alguns educadores ia à nossa casa pra

Eu já gritava: Ah, olha o Zé povinho chegando da *Associação*! Eles iam sós pra saber se a gente estava usando droga ou faltando comida, só que aí eles quebravam a cara que as nossas geladeiras e os nossos armários ficavam cheios, fora as cervejas que quando eles chegavam, todo mundo, eu, a Rebeca, a Patrícia a Selma, juntava todas as cervejas, aí a gente deixava no quintal a gente colocava uma lona e um monte de saco de lixo em cima.

Naquela época era só isso, nós não usava droga não, a gente usou depois que a Roberta começou com essas palhaçadas com a gente, que foi quando me revoltei com ela. Não querer pagar o salário, querendo pagar uma bolsa de cinquenta reais, nós, eu a Patrícia, a Selma, e a Rebeca nos reuniu e falamos:

Olha Roberta, Não tem como nós ganha uma bolsa de cinquenta reais se nós paga aluguel fia. Então nós volta tudo pro *Associação*, Ah... Na *Associação* eu não quero mais vocês, mas nós viemos daí, você é obrigada a aceita fia. Ô... Como é que nós ia sobreviver com cinquenta reais pagando aluguel? Ô, eu quase bati nela, eu a Patrícia, nós quase batemos nela.

A gente trabalhava tudo na empreiteira na construção das casas e o combinado era que ela daria os cursos. Ela disse, eu vou profissionalizar vocês, eu não sei falar essa palavra é...? AL: É, profissionalizar. Eu tenho dez diplomas, eu tenho desde a fundação da casa até o telhado!

Um dia ela falou ó, ela me chama de Ana Laura, ela: Ana Laura, arrumei um curso pra você fazer, você quer chamar alguma amiga? Eu falei: eu quero! Não é só pra mim o projeto que tá na minha cabeça, ela: Fala, eu no, vamos fazer o curso depois eu te falo. Aí nós fizemos o de elétrica, hidráulica, tudo, aí eu E mais dez meninas. E eu, eu só sabia de babá lá RRRRRRRR, ficava dormindo.

Eu vi a Rafael e falei e aí, e a minha ideia, ela disse: é de fazer casa? Eu como você sabe? Ela ah, é que na Facens o curso que você pediu é pra construção civil.

Eu falei: Eu sei mas é isso mesmo o que eu queria, mas chegava lá na hora da aula teórica eu RRRR, não aprendi porra nenhuma estava RRRRR babando lá, ele: Ó vamos. Eu: vamos pra onde fio? Ela: Vamos? Vamos? Eu falei: Eu estou babando, deixe-me babar. Eu quero ver se que você vai sabe de alguma coisa na prática! Eu falei: Eu vou dar o melhor. E dito e feito, chegou ao final eu fui a única que tirei nota C.

Ele nossa, como que você dorme na aula todinha, na aula teórica e na prática você sabe? Eu falei: Porque eu já sabia já, por isso que eu babava, roncava e chegava aqui, ó parabéns.

Aí nós viemos atrás aqui da mulher pra comprar o terreno, aí nós compramos o terreno, aí nós fizemos aquela casinha verde, eu falei: Olha Roberta, o que eu sei é isso daí. Nossa mas, você sabe



fazer tudo isso? Eu falei: Sei, aí na época o Seu Zé entrou, ela: O que você acha do Seu Zé entrar? Eu: Pra mim é até bom que me ajuda. Aí nós começamos

As outras meninas eram mais ajudantes. Que não sabia, aí nós foi dividindo os [platô], dividindo todos os [platô], aí falei pra Roberta: como uma casa vai sê muito grande, então vamos fazer geminada. Ela o que é isso geminada? Eu falei: É duas casas numa só. Ela como assim? Eu falei: Duas casas numa só. Usa só um paredão pra dividi ela. Como você sabe? Eu falei: Porque eu já sei fia. Eu entendo um pouco. Aí nós fizemos... aí ela tipo, a minha revolta dela é mais porque ela usou a ideia do meu sonho pra poder subir na vida, quando é pra ela resolver mesmo que é pra da as casa para os outro, porque, a minha intenção era de fazer essas casa, por mais que ela pagasse, independente nós estava pagando de qualquer jeito também pra ela, que era para ela dar as casa para as meninas que estava junto e as meninas foram tudo embora, as única que ficou foi eu e a Talita. Ela devolveu o dinheiro pras meninas que foram embora, devolveu mil e quinhentos, e se mandaram de raiva dela.

Ai na época decidiram que as casas iam ser divididas.

A Roberta falou: Ó, quem quiser é a casa já vai avisando, aí ela foi anotando porque, as quatro casas primeira de cima é pra mãe que tem um filho, a da Valquíria em diante é pra quem tinha dois. Como eu e a Talita já estava naquele pé de guerra, então a Talita foi embora, então eu falei: vai toma no seu c., cata suas coisa e some da minha vida. Ela foi um tempo mora em Votorantim, aí se envolveu com uns traficantes lá, os traficantes queria catar o filho dela, aí ela voltou pra cá entendeu?

Ai as casas seriam para as meninas que estavam ajudando na construção das casas. A gente trabalhava de dia de sábado, domingo, feriado, até duas horas da manhã. Mas também havia meninas da comunidade que trabalhavam la também.

É, que, o projeto, o projeto que estava na minha cabeça, que ela compraria esse terreno, de acordo que nós ia trabalhando pra ela, ela ia pagando e com esse próprio dinheiro que a gente ia pagando, ela ia fazer um contrato de compra e venda, só que ela fez locatória de aluguel. Ah, na hora que eu vi aquele contrato. Sabe o que eu fiz com o contrato? Passei na bunda, passei na frente, piquei e dei pra ela, falei: Tá aqui teu resultado.

Me revoltei Giselli, porque o que eu tinha conversado com ela era assim: Roberta o contrato é de locação, não de compra e venda! não é locação! Não é contrato de aluguel! Trabalhamos sábado e domingo até duas horas da manhã pra acabar e no fim não ser nosso?

Pra mim foi uma brincadeira isso daí. Aí ficou por isso mesmo, aí ela comprou esse lado do terreno. E quem que estava pagando a gente não era a *Associação*, era a Petrobrás, que eu escrevi uma carta, ela tem um conhecido lá da Petrobrás, aí ela pediu pra mim escrever uma carta se podia ajudar. Eu como nada boba né? Já falei tudo que achava que devia, aí eles fizeram um contrato de dois anos com a *Associação* que era pra ser renovado, eu não sei o que ela fez, que não foi renovado o contrato da Petrobrás, foi a Petrobrás que bancou o nosso salário e essas coisas que ela entrou só com a boca, eu entrei com a mão de obra, ela entrou só com a boca e a Petrobrás entrou com a matéria prima. Aí

foi então onde ela acha que pegou o dinheiro e comprou o outro lado do terreno que eu falei: Roberta, como a gente já está morando aqui, já tá tudo certo, então vamos comprar outro terreno, que aí você faz a metade, você deixa pras meninas que trabalham no projeto, e a outra metade você aluga, que pelo menos é uma geração de renda. Ali cabem trinta e sete casa, faz a conta. Trinta e sete dividido por dois dá...vamos se dizer que dá dezessete casa... Dezessete casa, que é uma casa sozinha só, não é platô, é uma casa, podia dar as dezessete pra quem fosse trabalhar e as outra dezessete, ela podia alugar, com esse dinheiro do aluguel, ela podia investir na rua, no asfalto, no poste. Foi o que ela não soube fazer aqui, pegou o nosso dinheiro de trinta e seis vezes de cento e vinte e cinco, que dá quatro mil e cinquenta, é so fazer a conta, de quatro mil e cinquenta de doze casa. Podia ter feito o asfalto da rua, podia ter colocado o poste, cada um na sua casa, e ela pegou o dinheiro e enfiou aonde? E agora tá nesse pé de guerra aí ó! Essa que é a minha revolta com ela

As primeiras máquinas eu pedi pra mulher da Ecomáquinas fazer uma doação, ela fez. Eu pedi pra alguém do escritório entrar no site e procurei o telefone dessa mulher. Eu conheci essa Ecomáquinas pela máquina manual...

A máquina manual foi doada para a Roberta. A primeira máquina manual, nós sofremos, com essa máquina manual fia, imagine manual. Manual é braçal fia, ficava duas segurando a máquina e três pra prensa o tijolo, que é assim, na hora de você prensar o tijolo a máquina vinha contra nós por causa do peso.

Essa maquina tinha vindo do fórum de Sorocaba porque o, cara comprou a máquina e não pagou, aí o outro entrou na justiça e a justiça pego a máquina e não mandou nem pra um, nem pra outro, quando vocês resolverem eu devolvo, e tá até hoje e aí eu pedi, que na época não era nem o Manu era o Cláudio que é o padrinho do Claudinho, eu falei: Cláudio, entra num site de tijolos é Ecomáquinas, ele: Que? Eu: Ecomáquinas, como ele é italiano, eu entendo algumas coisa que ele fala que eu já vivi com ele. É Ecomáquinas, entra aí pra mim e procura sabe quem é a dona ou a diretora pra mim escrever um e-mail. Ele falou: De onde você tirou essa daí: Eu: da cabeça. Ele: Nossa, você tem umas ideia muito boa! Aí eu entrei, aí eu pedi pra, como eu não consigo que é muitos botão, aí eu pedi pra ele e a mulher veio me conhece, aí eu expliquei pra ela que eu era de uma ONG se não tinha como ela fazer uma doação de máquina, que se fosse o caso pra gente pagar de acordo que ia saindo os tijolo, a gente ia pagando por... como que se fala? Por parcela.

Parcela, não, eu dou, como você foi honesta comigo e não pediu a máquina pa fazer sacanagem que nem muitas pessoas, eu dou a máquina pra vocês. Aí doou. Aí tá essa bichera aí, compensa? Dá muita revolta de ver isso aqui fechado.

Por causa, pra você ter uma ideia, a vaca da Roberta, eu falei pra ela, deixa eu assumir, eu posso ser descabeçada, mas quando é pra responsabilidade eu assumo. Não! Passou pro Seu Eduardo, Seu Eduardo não pagou meu FGTS, tá com a minha carteira de trabalho já vai fazer três anos e não pagou meu salário, está aí parado aí.. depois eu penso em pegar de volta.

Os tijolos que a gente fazia a gente vendia, mas eu não sei o que acontecia que chegava lá no escritório, o povo não dava o dinheiro pra gente. Aí porque assim, quando você compra um, em, tipo fabricação, você dá quarenta por cento adiantado pra poder compra a matéria-prima, os outros que faltavam você dava depois da entrega, e nós fazendo tijolo que nem loca, que estava saindo bastante, como eu tenho muito conhecimento, eu já estava já vendendo tijolo e mão de obra, só que aí me tesouraram e eu de raiva também não anunciei pra mais ninguém, aí chegava no dia de salário, não tinha dinheiro, aí eu falei, eu fui lá no, na época era a Viviane, eu falei: Viviane, como é que não tem salário se eu vendi não sei quantos milheiro... por mês e não tem salário?

Aonde foi parar do dinheiro que eu já tinha falado pra Roberta, falei: Roberta, o dinheiro da fabricação do tijolo, os quarenta por cento você compra matéria-prima, os outros que pagarem, você faz um caixa dois e Deixa só pro salário. Quando chegasse um tanto de salário pra pagar nós, o outro que sobrava, você Deixava guardado pra quando as pessoas viessem dá os quarenta por cento, já Deixava separado pro salário o que sobrasse comprava mais matéria-prima. Estava dano dinheiro, mas não sei quando chegava lá o dinheiro era desviado, quando chegava no dia de receber não tinha dinheiro meu? Aí eu quebrava tudo o escritório, queria bater em todo mundo. Seu bando de ladrão, vocês são tudo ladrão, enquanto a gente fica lá se matando pra vende tijolo, vocês fica tudo coçando, aí eu peguei me revoltei e desanimei também. Porque, do jeito que eu estava fazendo , estava indo, porque assim, o tijolo ecológico está, vamos dizer que ele custa..., o tijolo baianinho tá cinquenta centavos, nós fazia à quarenta e cinco, o milheiro sai quatrocentos e cinquenta.

Pra fazer o milheiro, dá cinco sacos de cimento... ainda sobrava, essa máquina por cada segundo, fazia, é, cada massada dava pra fazer sessenta e seis tijolo, cada massada que daria uma lata de dezoito litro, cheia de cimento, e uns seis baldinho, dava e ainda sobrava ainda, do jeito que eu falei pra Roberta, dava pra até sobrar dinheiro.

Dava pra te pagado o salário de todo mundo, pra pagar a cesta básica e ainda sobrar um dinheirinho pra eles.

só que eles são tão ganancioso, por dinheiro, que, a ganancia deles mesmo foi que fecho isso daí. Isso daí que me revolta, isso daí. Eu falei pra Roberta, se eu tiver que pegar, vai sê do meu jeito, e eu não quero que ninguém se intrometa, a única pessoa que eu quero que se intrometa é alguém do financeiro pra me ajudar nas contas, porque aí eu ia fazer assim: Eu ia pegar os quarenta por cento que eles iam dá, eu ia colocar, eu ia comprar mais matéria-prima, eu ia investi tudo em matéria-prima. Os outros quarenta por cento eu ia depositar no banco pra deixar pra pegar só quando fosse pagar os salário.

E o que sobrasse, e o que sobrasse que desse uma, falar: Sobrou dinheiro, tem a matéria prima, tem a venda, esse dinheiro que sobrou eu vou ver quantas pessoas têm e vou dá uma cesta básica de gratificação. Dava pra ter feito isso daí, mas acho que, viu que a gente estava vendendo tijolo, a ambição foi tão grande pelo dinheiro que eles mesmos acabaram com que fizesse, com que fechasse

isso daí ó. E depois arrendaram pra um picareta, porque ele é mó estelionatário, ainda falei: Bem feito isso daí pra vocês porque se tivesse deixado comigo, nada disso teria acontecido.

E o dinheiro que sobrasse, eu ia aumenta o barracão e ia coloca asfalto aqui, dava pra ter, eu já tinha conversado com a mulher da prefeitura, ela ia cobrar pela metade do preço por ser uma ONG, só que aí a Roberta se intrometeu, eu falei: Tá bom. Eu falei pra ela, se ela quis é que eu assumo, mas vai sê do meu jeito, eu não quero ninguém do escritório, a única pessoa que eu quero, que seja do financeiro pra me ajuda, caso ao contrário eu não quero.

Foi muito desgaste, e eu ganho o dobro hoje em dia, eu ganho mil e duzentos por cada quinzena, em um mês eu ganho dois salário que dá dois mil e quatrocentos.

Quando fechou aqui eu fui achar outro trabalho, porque eu não fico sem trabalhar, eu fico quando eu quero. Quando me dá cinco minutos que eu quero tirar umas férias por conta própria que eu fico.

Quando eu vou fazer um serviço, eu deixo o número do meu telefone aí como. Aí eu fui, eu fui trabalhar no condomínio com ex genro do Seu Elson.. aí eu conheci ele, ai você não quer trabalhar comigo?

Seu Elson é motorista, o ex genro dele tem um filho com a filha dele. Ele: você não que trabalhar pra mim? Eu falei: Quanto você vai pagar? No máximo eu quero oitenta contos, porque menos de oitenta conto eu fico em casa. Não eu pago, aí acabo lá a obra, eu fui. Aí o cara falou: Ô Negão, o seu nome é Ana Laura né? Eu falei: É! O que você quer? Ah, mas seu apelido é Negão? Eu falei: É, por quê? O que é que você tem pra me dizer? Não é que eu queria que você viesse pra trabalhar pra mim. Eu cobro oitenta conto o meu dia. Ele: Não, eu pago. Falei: então tá bom. Já vai fazer uns cinco meses já... entendeu?

Num sou registrada, mas recebo direitinho. Isso é que é o bom, recebo direitinho, mas não sou registrada. Trabalho de sábado, mas aí dia de sábado e domingo e cem conto. Cem no sábado e cem no domingo mesmo se a *Associação* viesse hoje, me oferecesse trabalho, se ele pagasse o mesmo que eu ganho eu ia, se pagar menos eu não vou, mas se não pagasse a mesma coisa eu não vou, mesmo se fosse pra cuidar da empreiteira. sabe por quê? Porque ela já pegou no meu ponto fraco. Tá assim, vai lá pego sozinha, a hora que estiver bombando, pegando fogo ela resolve tomar? Ô!

Sabe, como eu sou meio atrapalhada, eu converso com todo mundo. Eu tenho lábia pra ganhar a pessoa só na lábia. Como a Roberta ela mesmo diz: Que eu ganho muitas

Ela já falou pra mim. A metade das visitas que vêm aí era eu que falava. Aqueles povo tudo enrolado, eu ainda tirava onda pa eles dá risada entendeu? Ela sabe que eu tenho o jeito pra ganhar as pessoas na lábia, então, se for pra eu pegar isso daí, pra mim vai ser bom, mas na hora que tiver no auge lá, bombando, que o dinheiro estiver saindo, aí ela vai querer tomar.

Porque eu conheço ela, ela é assim. Ela vai querer tomar. Ela não vai querer, ela não vai aceita que eu estou ganhando dinheiro pra ajuda a empreiteira, ela vai querer entrar no meio pra pegar metade do dinheiro, eu já não aceito isso daí.

Ela vai querer pra colocar nos outros projetos sabe, no abrigo, Ela Deixa no abrigo *Associação* pra fazer as outras coisa, o que é pra fazer realmente, ninguém faz... desvia o dinheiro, num sei...

Bem quanto a maternidade...o povo me vê como pai, não me vê como mãe...Eu me vejo como pai e mãe. eu não vou dizer pra você que eu me acho uma boa mãe que eu vou tá mentindo, eu me acho aquela mãe moderna!

Moderna. Que Deixa o filho fazer tudo, mas quando é pra dá bronca, eu não bato neles, desde o dia que eles nasceram, minto, eu bati no, dei um murro no olho do Johnny... e dei um murro no ouvido do Cláudio um ficou com o olho roxo e o outro quase perdeu os tímpano [não entendi] Aí pedi perdão pra Deus e pedi que ele me mudasse cada vez, cada dia que passasse, pra que eu não ficasse mais assim, depois de lá pra cá eu nunca mais bati, mas gritar eu grito mesmo, grito, xingo que nem louca, mas bater eu não bato, eles sabem disso. Se eu pegar eu machuco.

Então pra mim, uma parte a *Associação* me ajudou, em matéria de maternidade, fala que quando é mãe solteira, mãe solteira é mãe e pai ao mesmo tempo. Mãe e pai, por quê? Porque mãe, mãe cuida, e o pai é o que trabalha, então eu cuido e trabalho, então fica como se fosse mãe e pai ao mesmo tempo. A mãe é aquela que cuida e o pai é aquele que trabalha, então eu faço tipo os dois lados, eu cuido e trabalho. Então pra mim eu não vejo nenhuma dificuldade. Estou tendo dificuldade agora porque, eles tão crescendo, eles sabem o que é certo, o que é errado, em matéria de sexo, eu já falo logo o português claro, eu não fico enrolando, colocando meias palavra, eu já falo já o que é a sexualidade. A Talita fala que não pode sê assim, eu falo: Talita eu tenho que sê assim, porque se eu ficar falando aos picados, e ficar enrolando pra falar lá na rua eles vão aprender pior, então eu prefiro que eles aprendam do meu jeito, loco de falar logo a realidade do que ficar contando aos picados.

Meus filós nunca falaram nada de eu morar com mulher, nunca perguntaram nada, só perguntaram se eu era feliz. um dia eu muito loca de goró, eles chegaram: Você pode conversar? Eu: posso, mas eu estou bêbada, vocês sabem. Não, a gente sabe, que até a tua língua tá enrolando!

Negão, você é feliz? Que o Johnny me chama de Negão, o Cláudio me chama de mãe.

Aí eu falei: Qual dos dois que vai falar? A mãe ou o Negão?

O Johnny: A Negão. Eu falei: Então tá. Negão, você é feliz?

Eu falei: eu sou. Independente da minha opção sexual eu sou feliz com vocês.

Não, nós tá, mãe, aí o Cláudio falou: Nós quer saber em matéria de mulher.

Eu falei: Hum... mas vocês também não gostam de mulher?

Ah gosta, mas a Senhora é mulher né? Como é que a senhora vai pode gostar de uma mulher?

Falei: isso são coisas da vida que um dia acontecem, se um dia vocês quiserem gostar de homem eu vou te aceitar do mesmo jeito que vocês estão me aceitando.

Ah, mas eu não vou beijar em boca de homem não! Tá loca, ô!

Falei eu entendi o que você quis dizer!

Mas aí o Johnny falou: Negão pode voltar o assunto que não foi essa pergunta que eu te perguntei. Eu quero saber se a Senhora é feliz com mulher. Eu falei: Eu sou. Ah, tá bom então, se a Senhora é feliz com mulher nós também somos felizes. Eu falei: Então tá bom. Eles aceitaram de boa, mas eles não querem que eu fique com a Talita.

Eles não querem. Eles acham que por tudo que eles viram, eles mesmos não aceitam mais. Nós, é que hoje em dia, nós, eu parei de saí no soco com ela porque pra mim não compensa mais. Nós saía direto no soco. E eles entravam no meio e nós não queria saber, saía dano. Então pra eles acho que tipo, o Claudinho até hoje, até hoje ele caga na calça, mijava na calça. vai fazer doze, vai fazer onze ano o moleque. Porque quando ele mijava, porque quando eu morava com a minha outra mulher, antes de eu vir pra cá com a Talita, ele não cagava, não mijava, ela também não batia, conversava com ele: Ó se você fizer xixi e cocô na calça, a tia vai brigar com você e não vai deixar você brinca. Ele: Tá bom. Ele parou. Como eu não sei o que acontece que eu saio daqui pra trabalhar, às vezes eu chego em casa, a sorte dele que as vezes quando ela vai bater eu estou em cima, porque quando ela vai bater, ela machuca e eu não gosto disso. Eu já não bato pra não machucar meus filhos, então eu não aceito que ninguém bate. Acho que por tudo que aconteceu ele fico com isso na cabeça, ele faz cocô e xixi até hoje, aí às vezes eu chego, ela tá gritando com ele.

Aí ela fala: É não é só porque a sua mãe chegou não viu, mas eu vou te bater. Eu falei: Se você bater nele eu te quebro. Ah, mas você tá se intrometendo. Independente, é meu filho eu nunca puis a mão no Vitor. Pode pergunta pra ela, eu nunca bati nele, porque eu não curto bater. Então eu acho que ele fixou isso na cabeça, que ele tem um pouco de trauma disso daí, porque até hoje ele faz cocô e xixi na cama, aí e quando eu estou ele não faz nada disso, quando eu não estou, aí acho que quando eu estou perto pra chegar, ela já ver, aí começa a gritar com ele. Aí eu falo: Para de gritar, chega e conversa. Mai não adianta conversar com esse moleque, ele é um monga, um retardado, acho que fixou na cabeça dele, aí ela fala: Ó, se você contar pra ela, quando ela sair eu vou te bater.

Acho que ela o ameaçou que ele fica meio... Travado. Eu não sei por que é isso.

Mas ela que não separa de mim. Eu já pedi pra ela a separação, eu já conversei com ela ontem. Se você tivesse vindo aqui ontem eu nem tinha falado com você que eu estava tão revoltada ontem, tão revoltada que eu até chorei. Não por ela falar que vai embora, porque eu já falei que por mim você pode ir embora fia, o meu problema é por causa do Antônio, por ele não ser menina eu acabei me apegando mais. Aí é a parte que me toca que ela sabe que o que me toca são as crianças.

É como se fosse meu filho porque, pra mim é como se fosse meu filho, eu, o Vitor, eu conheci a Talita o Vitor estava na barriga, eu estou com ele até agora, e ele já falou que quando a gente fosse larga ele não quer ir com ela, ele quer ficar comigo. Só que aí eu não posso ficar com ele, porque ela nunca vai aceitar, e é a mesma coisa com o Antônio. Aí eu peço pra ela sair da minha casa ela fala que

não vai sair aí eu falo que eu vou largar você, que eu vou desprezar você. Ela Fala: Eu faço da sua vida um inferno. Você acha que eu tenho que sair da minha casa por causa dela? Pois eu já bati o pé, eu não vou sair daqui e se você quiser sair você pega seus lixo e como você mesma disse que eu só tenho lixo, eu falei: Eu tenho lixo, mas é com lixo que você quer ficar junto. Porque eu tenho capacidade de comprar móveis bons, mas eu já comprei, e ela quebrou tudo, então por raiva também eu não compro mais, compro, o dia que ela resolver sair da minha casa eu compro tudo novo. Ó, comprei a cama bonitinha, paguei trezentos conto, ela só tá em pé porque tá com quatro cones, porque ela moeu, quebrou, falei, eu vou ficar comprando as coisas pra ela quebrar? Não compensa, pra mim não vale a pena. Falei: eu não compro mais nada, enquanto você estiver comigo eu não compro mais nada.

Eu consigo separar dela. Eu tenho esse problema aí, eu tenho força de vontade. Eu já falei pra ela que eu não quero mais. Você não viu ela falando? De manhã cedo? Eu tenho força de vontade pra chegar e, eu vivo falando pra ela, eu já não trabalho direito, não vivo direito, ontem, de uma semana, ontem que eu vim comer comida de sal. Eu quase passei mal esses dias, quase passei a makita no braço, meti a furadeira. Praticamente acho que uns três meses atrás eu não estou comendo direito, eu não estou dormindo direito e não estou trabalhando direito, por causa disso daí. Ela não quer aceitar que eu falo que eu não quero mais com ela. Ela acha que eu sou obrigada a viver com ela, a vida não é assim...

O que eu sou hoje não é por causa dela um pouco até é e um pouco é por causa da *Associação*, então isso não justifica o que ela faz. É mais por causa da *Associação* que eu mudei. Porque se não tivesse ela, tinha a *Associação*, então como é que pode se julgar que ela ajudou? Por um lado, ela é o tipo daquela pessoa, tipo da Roberta, ela dá numa mão e puxa na outra. Ela ajuda, que nem ela colocou foi dia dos namorados, ela falou: O que você vai me dá? Um chute no c\_. Eu não vou te dá mais nada. Se depender de mim, não vou dá mais nada pra você. Ah, mas eu te dei. Você me deu o que? Só se foi desgosto, porque a única coisa que eu vejo. Uma, eu não consigo mais enxergar ela como mulher, eu enxergo ela como uma amiga, eu num consigo mais ter tesão, ela me chama pra ter relação, mas na hora meu cérebro trava, eu não consigo.

Não consigo já, praticamente, é que nem eu falei pra ela, nós tá se engolindo, não sei por que é, mas a gente está se engolindo. Então, ela não quer enxergar isso daí, Por isso que agora ela quer deixar de trabalhar porque eu ganho mil e quatrocentos? Não é justo isso daí. Você acha? Por um lado, eu até acho que eu tenho obrigação de sustenta ela, mas por outro lado não. Aí eu vou ter que comprar roupa pra seis pessoas. Comprar roupa pra seis pessoas, colocar a comida pra dentro de casa, pra mim eu até consigo, porque eu já consigo administrar um pouco o meu dinheiro.

Porque é ela que administra ainda né, não muito, porque eu não dou mais o dinheiro todo na mão dela. Ó, eu pego mil e duzentos, eu dou quatrocentos na mão dela, dou cento e cinquenta do carro, dou cento e cinquenta da casa, compro meu passe e ainda fica uma merreca pra durante a semana ainda, e ela quer que eu dê toda vez o meu dinheiro na mão dela, eu não dou, eu não dou mais,

porque, na semana passada eu dei novecentos contos, pergunta pra mim o que ela fez com novecentos contos. Nada, comprou uma peça de roupa pro Antônio, só. Comprou uma peça de roupa pro Antônio, comprou dois preto barba, dois detergente, dois sabão em pó... e cadê o restante do dinheiro? Eu pergunto pra ela: Cadê o restante do dinheiro? Ah, eu não sei. Eu falei: Viu, eu dou o dinheiro pra você, novecentos contos e você vem fala pra mim que não sabe no que gastou? Vamos dizer que no mínimo essas coisas que ela comprou, ela gastou trezentos conto. Ainda sobra seiscentos, cadê os seiscentos? É o que eu pergunto pra ela até hoje. E até hoje ela não me fala

A gente ainda dorme na mesma cama né Giselli? Porque eu não vou dormir no chão pra deixar ela na cama. E nem vou aceitar que ela dorme no chão pra eu ficar na cama por causa do Antônio

Dormem os três o Antônio dorme no meio de nós duas (risos) entendeu?

A ultima vez que recai acho até que foi por pressão dela. É mais por causa da pressão dela. A última vez em que eu recai foi com a Maria. Tem seis meses. Seis? Vai fazer um ano já...

É, porque eu tipo, ela quer que eu me abra com ela, mas até eu tento me abrir, mas depois eu vejo que não vai compensar, sabe por quê? Ela quer que eu fale aí tá. Na primeira briga ela já fala tudo na cara o que eu falei você acha que compensa? Eu não, eu prefiro guardar pra mim né? Que nem, ontem eu estava mal, se eu tivesse dinheiro eu tinha fumado, tinha mesmo, juro por Deus que tá no céu, eu tinha fumado, a minha sorte que eu vou pegar o dinheiro segunda feira porque se eu tivesse pagado ontem fã, uma hora dessa eu nem estava aqui, só ia chegar à segunda feira.

É muita pressão. Então, eu penso também nos meus filhos, é muita coisa pra minha cabeça, é muita pressão, eu quero largar dela, quando eu falo a verdade, ela não quer aceita.

Ela só quer saber de falar, aí quando eu falo, ela não quer aceita, tipo, minha pressão fica muito em cima. Ela não quer que eu fique no celular, não quer que eu fique passando mensagem, não quer que eu fique na casa das meninas. Ela quer que eu fique dentro de casa Giselli. Ó minha rotina do serviço. É da casa pro serviço, do serviço pra casa. Quando eu quero sair, quando meu patrão esta aí. Às vezes ele pede pra mim pra eu ir aqui à lanchonete, ela fala: Não. Ou quando ele chega fala: Vai vamos descer, vamos descer. Pelo amor de Deus, eu não curto isso daí, e uma, eu já tenho trinta e um anos. Eu não sou nenhuma criança. Posso ter meus probleminhas assim de recai porque, pra mim não é defeito e também não é normal, entendeu, mais aí é também por causa de muita pressão. É muita pressão demais. Que nem agora ela não quer trabalhar. Vai lá na Roberta, vai lá arruma o maior escarcéu e eu vou estar no trabalho. A hora que eu chego, ela acha que eu sou obrigada a ficar escutando? Eu não sou obrigada, eu falei pra ela, eu não sou obrigada, meu, chuta, xinga quem você quiser lá. Deixa seus problemas lá, quando você vier pra casa, fica de boa. Só que aí ela não consegue. Ela quer me atormentar a vida, eu já falei pra ela, que se for o caso pra mim saí daqui pra ela me deixar em paz eu saio. Eu tenho capacidade de pagar aluguel e saio. Eu saio.

O Vitor já sabe que a gente está para se separar, ele já sabe já. Os meus filhos nem ligam. Eles não ligam. Eles já falaram: Se a Senhora se separar, faz um churrasco que só vai ter guaraná para nós



encher a cara de guaraná. Eles falaram mesmo. O Johnny vira e volta, quando nós se pega mesmo feio ele fala: Eu não sei por que você tá com ela ainda, a senhora também não tem vergonha na cara né? Nem ela tem vergonha. Aliás, as duas não têm vergonha na cara. O Johnny fala mesmo ele não tá nem aí, e ele enfrenta ela, ela não tá gostando, que ele já tá vendo já, e ele já tá crescendo. O meu maior medo disso daí, se eu continuar com ela é ele crescer revoltado, dá um pau nela e for morar com a Silvana, ele já falou já.

Ele quer mora com a Silvana, a madrinha dele. Ele quer morar com ela, meu maior medo é: Se eu continuar nessa daí, ele vai cresce revoltado, comigo, mais com ela, e bater nela quando eu não estiver que ele já a enfrenta, ele não tá nem aí. Ele enfrenta, ele já falou: Pode me bater, eu vou crescer você vai ficar velha e eu vou te bater... Ele já falou pra ela, eu falei: Johnny, ele Johnny não Negão, o certo é o certo.

Eu já pensei já o que quero fazer da minha vida. Mas não adianta, eu vou, eu estou na minha casa, ela tá na minha casa, ela não aceita que eu falo pra ela, estamos separadas! Pega suas coisa e some. Ela não aceita. Eu aceito, ela não aceita de jeito nenhum. Ela não quer aceitar... Esse que é o problema (risos) Que é o fim da picada!

Olha, eu só tenho medo da morte. De me levar e deixar meus filhos pequenos, que eles são pequenos!

Às vezes o meu patrão vem aqui ele vê quando ele chega a Talita já fala: Viu ele já chegou, vamos descer? É sacanagem, ele mora em Votorantim, ele vem de vez em nunca aqui, pra ficar eu ela, a Tati ele conversando, não sei o que ela vê que já fala: vamos descer. Vamos descer, o c \_\_\_\_\_ fia desce você! Aí ela desce, na hora que eu desço a casa cai: Que não sei o que, que não sei o que! Eu de raiva enfio o fone no ouvido, ela vai e atira o celular na parede, é aí aonde que eu vou dou um murro na cara dela, pra mim já não dá mais.

Pra mim já não compensa já, ficar batendo nela, pra mim já não vejo mais graça nisso daí, ficar batendo num compensa, num vale a pena. Eu não curto isso daí, não curto mesmo, pra mim já era. Só que ela não quer aceitar

Pra eles é uma tortura, de ver todo dia brigando. Ela todo dia briga com Claudinho, eu não aceito, meu ela já amanhece xingando o moleque de lerdo, de retardado, eu não curto isso aí Giselli, eu já não falo isso pros meus filhos, pra mim num tive que escutar ninguém falar deles. Eu sou o tipo dessa pessoa assim

Eu já num bato, pra ninguém bater, mas eu já num xingo, xingo sim xingo de filho da puta, que eles são criança, que eles têm que crescer logo, casar pra eu ir lá encher o saco deles. Eu falo isso quando eu estou nervosa, mas aí o Johnny já fala: Ó eu vou cresce, e se a senhora tiver aí, você já sabe né? Eu vou bater nela e eu não quero você nem na porta da minha casa! Ele fala já pra mim e já a enfrenta.

É esse meu maior medo, do dia que eu tive trabalhando ele quebrar ela. Que ele enfrenta ela, ele já tá quase do tamanho dela e você acha? Eu não sei como é que eles tão aqui em cima perto de mim.

Se depender dela, eles ficam vinte e quatro horas dentro de casa. Eu não acho certo isso daí, que ela teve uma convivência diferente com a mãe dela, do que ela viveu quando ela era criança, ela quer passar pras criança e eu não aceito, eu não aceito, eu acho assim, se você teve uma infância, você não pode você leva o que você quis é pra sua vida. Que nem: Eu vi meu pai espancando minha mãe. Quando nós crescemos, nós demos um pau nele, que é o pai da Tânia e do Fabrício, eu falei: Ó nós vai te dá um pau, que é pra nunca mais você bater nela, que independente que ela é sua mulher, independente que você cuidou de nós, isso não te dá o direito de toda vez você beber e querer bater nela. Nós demos um pau nele. Ele só não foi parar na UTI porque nós não deixamos. Depois que nós batemos nele, ele ficou uma seda com a minha mãe.

Aí eu peguei e falei: Ó, eu não vou pegar isso e levar para minha vida. E não levo mesmo, não carrego pra minha vida e ela, coisas que ela viveu quando era criança que ela quer carrega pra vida dela, junto com os filhos dela. Ela já grita com o moleque, já quer bater no moleque, o moleque tem seis meses. Você acha que um moleque de seis meses vai entender? Ela grita direto com o moleque. Ela só não bate, que ela sabe que quando ela bate ela marca, que ela sabe que todo dia eu olho os quatro. Bateu? O Johnny fala bateu, o Vitor e o Claudinho falam que não, com medo. Falo: pode falar Johnny, bateu? Ela bateu sim Negão, porque ela sabe que eu falo, não bateu Talita? Ela falou: Eu bati, eu falei tá vendo como é que é? Os dois já não falam com medo dela. O Johnny como já tá maiorzinho, enfrenta ela, fala.

Pra ele, ele não tá nem aí, fala mesmo e já era. Mas tirando essa parte da Talita que é uma merda, minha história de vida hoje em dia eu estou bem, independente das minhas recaídas.

Em relação da minha vida, pra mim está boa, porque um pouco foi a *Associação*, um pouco foi o meu esforço de vontade, um pouco foi pelos meus filhos, pra mim, eu acho que se eu tivesse nessa vida, sinceramente eu não estaria nem aqui, e outra que eu não estaria com os meus filhos. Eu estou hoje mesmo, hoje em dia aqui por eles, que se não fosse por eles eu não estaria aqui, eu ia fazer o que aqui sem filho?

Então, eu dou graças á Deus, um pouco à *Associação*, um pouco pelo meu esforço e um pouco por causa deles, que eles são a minha vida. Se eu perder um deles eu sumo daqui. Eu já avisei até a Talita, se ela fizer alguma, é que nem a Mari falou, a Mari via ela direto aí espancando meus filhos, e eu chegava do serviço eles ficava tudo marcado eu perguntava o que aconteceu? O Johnny fazia assim com o olho e ela percebia, eu perguntava: ela te bateu? Não! Mas ele arregalava os olhos! Não! Falei: Johnny o que aconteceu? Ele fazia assim com o olho pedindo pra não falar!

Teve um tempo atrás que a Talita estava no banheiro com ele, ela deu um tapa no Claudinho, ele bateu a cabeça naquela pia de lavar a mão. Ele bateu a testa. Ele falou: Aqui tá roxo? Eu falei: não.

Tá meio roxinho o que é que aconteceu? Ele disse: Ah, ela me deu um beliscão. Eu falei: Puta, mas um beliscão para um tapa e um barulho, e quando você bate em cerâmica, dá um eco. Eu falei: Tá bom, pra mim não foi nada. Aí o que aconteceu? Ele foi pra escola e chamaram o conselho pra mim. Quando eu cheguei ao conselho tinha dois PM já pra pegar ele, aí eu já sabia, catei ele e falei: Ó, o negócio é o seguinte, se encostar a mão no meu filho, eu posso ir pra cadeia, mas que eu quebro essa porra tudinho, eu quebro! Calma mãe, a Senhora tá nervosa. Calma o caralho, calma nada. Ah, mas a senhora espancou seu filho. Eu falei: Quem espanco? Aonde? Eu falei: E nisso, já tinham passado na escola, como ele é branco, roxeou essa parte tudo aqui assim.

O Johnny é preto, quase não fica marca (risos), mas é o Cláudio, enquanto eu estava trabalhando, foram na escola, cataram ele e levaram pro conselho, eu vim chegar aqui eram quatro horas da tarde que uma das meninas me deu o recado: Negão, vai ao conselho!

Acho que têm uns dois meses atrás. Corre, vai ao conselho, que o seu filho tá lá no conselho!

Como tá no conselho se ele tá na escola?

Ele tá no conselho tá com a cara roxa.

Eu falei: Nossa! O que será que aconteceu? Falei pronto, aconteceu alguma coisa na escola. Já pensei: Vou catar esse filho da puta de paulada! Aí chegou lá tinha dois guarda, tinha três na verdade. Que dois era homem e um era mulher. Que como eu sou mulher eles não podem encostar a mão, só mulher. Eu cheguei, olhei só castelando, já me tremendo que eu não sabia o que era. Eu falei: O que é que esses dois policiais tão fazendo aqui?

Pra segurar você.

Pra me segurar pra quê? Eu não matei ninguém, não fiz nada.

É que a senhora espanco seu filho.

Eu: Como é que é essa história?

É a senhora espanco seu filho.

Eu falei: Eu não espanquei ninguém, poder chamar ele e falar. Só que aí ele não fala, e eu sei que foi ela. Ele não fala!

Falou que não fui eu, ele falou que tinha caído na escola e a escola falou que ele não caiu que ele já veio de casa assim. E até hoje eu pergunto pra ele, ele fala que não, e eu pergunto pra ela, ela fala que não, mas eu sei, eu escutei o baque, na hora que eu escutei o baque eu levantei, eu perguntei o que é que aconteceu aí ela falou que deu um tapa nele e ele bateu na porta, só que antes da porta, na hora que ele foi cair que essa parte aqui foi na cerâmica, e a cerâmica quando você bate faz um barulho e eu ouvi.

Falei: Firmeza, falei se você não fez isso tá bom, mas se ele tivesse falado que tinha sido eu, eu tinha ido pra delegacia, e já estava lá já os dois PM e a guarda municipal, a mulher nossa, na hora que eu vi aquilo, já queria catar já, passei a cadeira na mão. Falei ó, o primeiro que encostar a mão em mim leva!

Aí já catei o Claudinho, segurei, coloquei o pescoço dele aqui e fiquei com a cadeira na mão. Falei o Primero que catar ele eu vou moer. Não mãe, vamos conversar!

Eu falei: Eu não quero conversar, eu não bati no meu filho! Nossa me deu um desespero, minhas pernas começaram a bambear e eu já comecei a chorar, gritando, falei: Ninguém vai encostar a mão no meu filho!

Não mãe, se acalma!

Se acalma o c \_\_\_\_\_! Eu estou trabalhando, eu não fico em casa coçando que nem vocês ficam aí!

Não, mas isso daí é desacato!

Eu falei: Problema seu, eu não estou nem aí.

Não, vamos conversar!

Aí acho que a guarda municipal viu que eu já estava ficando muito nervosa, disse:

Não, a senhora quer tomar um copo de água com açúcar? Tomei, eles chegaram, conversaram.

Falei: Pode pergunta pra ele, se quiser levar ele na sala. Que sempre quando acontece assim eles chamam primeiro a criança, conversam a sós na sala, e depois eles nos chamam. Só que aí ele não falou.

E ela falou: Foi a madrasta dele não foi.

Eu falei: eu não posso dizer. Também não ia falar, que se eu falasse eles iam pegar o Vitor dela e o bebê. Eu falei: Não foi ela, eu não sei o que aconteceu.

Mas a escola falou que ele já veio assim de casa.

Eu falei: Eu não fico em casa moça, eu trabalho.

Não, mas eu estou falando que foi a madrasta.

Eu falei: Eu não vou te dizer.

E ele fala pra mim que não foi e o Johnny bate o pé que foi. E eu sei que foi ela, mas que eu pergunto pra ela, ela fala que não. Várias vezes já, eu já peguei ela, é ela espancando as crianças, a sorte deles é que toda vez que ela vai bater eu estou, que se deixar ela espanca. A última vez que ela bateu no Vitor ela foi parar no conselho. O moleque ficou com o saquinho vermelho e um monte de vergão.

Ela já quebrou um cabo de vassoura na cabeça dele. Por isso que ele não quer ficar com ela. Por causa disso.

Mas eu sou obrigada a saí daqui, pagar um aluguel, sendo que eu tenho uma casa? Eu já falei pra ela, se tiver que ficar aqui nós duas sai no tapa todo dia, mas eu não vou largar minha casa porque você quer. Você que tem que toma vergonha na sua cara e ter atitude, aceitar e subir pra sua casa e deixar a minha vida, porque eu já não vejo mais ela como minha mulher, eu a vejo como minha amiga, quando for pra ter relação, eu já travo já, eu não consigo mais, ela sabe disso. Não consigo mais, não sei o que aconteceu, acho que por tudo, já afetou muito o meu cérebro, então hoje, por eu tá com essa

idade, eu quero viver minha vida sem confusão, aliás, eu não sou muito de confusão, eu sou mais de debochar da cara dos outros, debocho mesmo que eu não estou nem aí. Em matéria de confusão assim eu estou cheia já. E ela é barraqueira. Olha como que ela é: Ela vai segunda-feira fazer barraco no escritório da associação, ela vai chegar pra quem que vai sobrar.

Então, isso é que é foda, é isso que vai me cansando sabia? É isso daí. Eu acho assim, meu arrumou confusão lá fora? Deixa confusão da porta pra fora meu, vai entrar pra dentro de casa pra curtir a família, a família não é a culpada dos seus problemas. Eu acho assim, que cada problema tem uma solução, mas agora, ela só foi na terça-feira pra caçar confusão, que ela não quer trabalhar, ela não quer, dá pra perceber, ela não quer trabalhar, ela vai mesmo pra caçar assunto pra Roberta mandar ela embora. Como a Roberta é pirracenta ela não vai mandar ela embora. E vai ficar nessa. Aí ela se estressa, aí eu cabo me estressando mais do que eu já sou. Aí fica nisso daí entendeu?

Penso num futuro vivendo com meus filhos. Estudo? Eu nem quero mais, que até pra escola ela estava fazendo escândalo na porta da escola. Estava fazendo supletivo aqui, estava na oitava serie.

Estava indo aí num dia ela vai surtar na porta da escola? Que vergonha que eu fiquei...

Eu não sabia nem onde enfiar a minha cara, eu falei: ó professora, desculpa. Ela disse: Não, pode ficar sossegada, se você quiser volta depois outros dias sua vaga tá aqui. Mas eu não tenho mais coragem.

Aí eu vou lá pra escola todo mundo ficar me olhando eu já não curto mais isso daí não. Ai, o que eu quero pro meu futuro é: Continuar trabalhando, acabar de pagar minha casa, meu carrinho, e continuar trabalhando e viver minha vida com meus filhos até eles casarem e eu ir pra casa deles, de bengala.

Eu quero minhas duas casas, a que eu estou pagando no consórcio e essa daqui. Eu vou lutar por essa e por aquela. Porque aquela como é em Sorocaba, então já fica mais perto do meu trabalho. Final de semana eu venho pra cá com meu carrinho, entendeu?

Eu vou começa a tirar minha carta segunda-feira, tá mil e duzentos. Pra moto, não pra moto e carro, porque quando eu pegar o carro eu já tenho carta.

Bem, não tenho *mais* nada pra *falar*, não tenho *mais* nada não, pelo menos eu conversei, eu desabafei! Olha que belezinha!

## APÊNDICE C – Entrevista Erika

Descrição realizada a partir de uma entrevista gravada e transcrita. Foram feitos ajustes e correções de português e de gramática a fim de tornar-se um texto descritivo e fluído. Na medida do possível, foi mantida a forma coloquial em que foi narrado.

Meu nome é Erika. Eu tenho 30 anos. Nasci em caieiras. Fui morar com minha avó eu tinha dois meses. E aí quando minha avó faleceu eu fui morar com meus tios. Nós somos em cinco irmãos. Fui morar com minha avó, porque minha mãe não queria. Ela me deu para minha avó, não só eu como ela já tinha dado meus dois outros irmãos mais velhos.

Aí ela foi morar com outro cara. Arrumou outro filho e aí ela ajudava dando dinheiro para minha avó por mês para cuidar da gente.

A gente era cinco do mesmo pai e quatro não. Duas é do mesmo pai e os outros dois é pais separados.

Quando eu tinha 10 anos, eu conheci minha mãe, foi no velório da minha avó. Porque quando ela ia na casa da minha avó, ela ia de noite a hora que a gente estava dormindo, então eu não a via.

Eu nunca tinha visto ela. Quando minha avó faleceu, eu fiquei com meu tio, aí depois ela mandou buscar minha irmã. A gente morava na Bahia, o pessoal da igreja que ajudava a minha avó. A gente morava na cidade de Serrolândia, interior, interior. Interior.

Bem então fui morar com meu tio, só que esse meu tio abusou da filha dele, mais nova do que eu. Então eu saí correndo dele, porque senão ele ia abusar de mim também.

Fui morar com outro tio meu que fazia uso da bebida.

Só que tinha muita briga com a mulher dele, muita briga mesmo. Porque ele batia nos filhos dele, brigava com a mulher dele e em mim ele não colocava a mão.

Eu fui sozinha morar com ele, meus irmãos não foram porque quando minha avó morreu, cada um foi para uma casa.

Eu tenho uma irmã que deve estar com uns 27 anos, 28, que eu nunca mais vi. Nem sei onde é que mora. Foi para outra família. Eu tenho outra irmã, que seria a caçula dos cinco filhos do meu pai, que foi uma família assumiu, até trocou o nome dela.

Ela foi adotada.

Então esse tio me protegia, e a mulher dele tinha ciúme. Uma vez eu fiquei internada e ele foi para o hospital comigo, ficou lá cuidando de mim. Ele falava assim: Eu vou. Porque eu não posso deixar você na rua. Não posso deixar você largada. Sua mãe já não quis saber de você, a vó que cuidava morreu e eu vou deixar você largada?

Ele era irmão da minha mãe. Eu só fui morar com minha mãe quando já estava com uns 12 anos.

Não deu mais para eu ficar com o tio porque ele se separou da mulher. Ela pôs ele para fora, a casa era dela. Tive que ir morar com outra tia minha, que é irmã da minha mãe e ela tinha um monte de filho, uma penca de filho. Só que ela bebia, o marido dela bebia, ai a casa era uma sujeira, uma gororoba pra gente comer. Depois fui morar em outra casa, era assim todo dia eu dormia na casa de alguém, dos vizinhos.

Só que quando eles começavam a quebrar o pau, eles me colocavam pra rua.

Eu já tinha uns primos que eram envolvidos com droga. Tudo, lá na Bahia mesmo.

Depois eu fui morar na casa de uma mulher que não era parente.

Eu fui criada sempre numa ilusão: que meu pai ia vir me buscar, que ele ia me levar pra ir morar com ele.

Os meus tios sempre falavam isso pra mim. Eu nunca tinha visto a cara dele.

Numa época, fui morar no sítio com uma mulher, eu fiquei lá, até que um dia chegaram e falaram para mim que meu pai estava na cidade e que ele queria saber de mim.

Aí eu peguei e quebrei o pau lá porque eu queria ir embora para conhecer meu pai. Falei: eu não quero ficar aqui porque eu quero conhecer meu pai. Eu fugi e fui pra lá. Só que era mentira.

Como eu fugi da casa da mulher eu encontrei uma mulher que era prima da minha mãe, que estava vindo embora pra São Paulo. Minha mãe tinha uma tia que chama Junina, ela morava em Mairiporã (SP), ela fez minha mãe mandar dinheiro pra eu vir junto com esse pessoal.

Eu achei que estava vindo pra São Paulo morar com minha mãe. Eu vim morar com minha mãe, minha irmã mais velha a Nega, já morava com ela. Ela morava em um cômodo. Durante o dia ela me deixava fechada o dia inteiro no cômodo, me trancava. Eu tinha uns 12 anos, me deixava trancada, falava que não era pra eu sair, eu fugia pela janelinha, pra brincar porque eu não ia à escola, ficava trancada dentro da casa o dia inteiro! Nem banheiro eu tinha pra usar, ela deixava um baldinho pra eu usar durante o dia.

Eu ficava sozinha. Então, eu comecei a fugir pela janelinha, pelo vidro. Foi quando eu fui conhecendo o pessoal, os vizinhos, fazendo amizade. Ela ia trabalhar, trabalhava durante a semana em casa de família e de final de semana em restaurante. Ela trazia comida pronta, era só esquentar.

A minha irmã, Nega, era casada com o Fabio. Morava com ele na casa da minha mãe, nesse cômodo, morava: eu, a nega, a minha mãe e o Fábio.

Mas todo dia minha mãe trocava de parceiro. Todo dia, todo dia, ia um homem na casa dela.

Ela trabalhava em casa de família, mas todo dia ela tinha um parceiro, e ela bebia. Ela dizia que era namoro, não era prostituição. Dizia que era namoro, mas todo dia era um, ela cheia dos namorados. Ai eu comecei a sair, porque meu cunhado tinha um grupo de pagode.

Ele ia tocar e eu ia junto com a nega. Eu tinha uns 13 anos. Eu chegava lá, minha mãe também ia, mas dava em cima de todo mundo.

Ficava se esfregando nos meninos novinhos no pagode. Todo mundo falava: olá sua mãe lá! Dava muita vergonha! Aí eu comecei a beber, no que eu comecei beber, logo depois, uns seis meses, eu comecei a usar droga, comecei com a maconha.

Como eu estava começando a dar trabalho, ela foi atrás do meu pai. Ela conseguiu achar o endereço do meu pai, que meu pai tinha que cuidar de mim, porque ela não queria saber de cuidar de mim. Nisso a minha mãe estava grávida de novo, só que ela queria ficar com o marido da minha irmã, ela queria pegar o meu cunhado, o Fábio. Minha irmã descobriu, e teve uma briga com ela, ela colocou minha irmã pra fora, minha irmã também estava grávida. Com 15 anos e grávida, e ela colocou minha irmã pra fora.

Minha irmã estava grávida do primeiro filho. Minha irmã falou assim: Eu vou embora mas, pelo menos eu vou ficar com o pai do meu filho, e você que está grávida e nem sabe quem é o pai!

Eu me lembro de tudo isso. Depois de um tempo ela ganhou o neném. Eu vi o neném porque eu fui ao hospital. Porque ela não levou pra casa já tinha uma mulher lá esperando a criança pra pegar.

Nessa época eu já estava usando pó, esse foi o primeiro dia. Também quando ela chegou do hospital foi também o primeiro dia que desceu pra mim

Lembro que ela falou assim: Vamos ao mercado? Eu falei: eu não, não vou ao mercado com você, eu vou no mercado com você pra quê? Pra todo mundo ficar perguntando: Cadê seu filho? Pra você falar que você deu? Eu tenho vergonha de você, eu falei quanto mais filho você vai arrumar e vai dar? Ai ela foi para a casa do meu pai no fim de semana, durante a semana na quarta feira ela não foi trabalhar. Eu perguntei pra ela: por que você não vai trabalhar? Ela falou: hoje eu não vou!

Quando foi umas duas horas da tarde chegou um homem batendo na porta, ai eu fui abrir a porta, ela estava deitada assistindo televisão e eu estava sentada também assistindo. Abri a porta e fui até ela, e falei: tem um homem te chamando aqui, ai ela falou assim pra mim: Ah, você não vai pedir benção não? É o seu pai! Eu disse pra ela assim: Pode vir um mendigo aqui e falar que é meu pai eu, não conheço nunca vi foto, eu vou acreditar!

Ele falou que queria ver minha irmã. Aí ela me pediu: Vai levar ele na casa da sua irmã! Eu falei: não vou levar, eu vou lá sozinha! Aí fui lá sozinha e chamei minha irmã, a minha irmã ficou super feliz, porque minha irmã também não conhecia ele. Na hora que eu cheguei falei: Nega, o pai está lá embaixo!

Ela foi até a casa da minha mãe ficou muito contente de ver ele. Olhava pra ele, abraçou, toda contente! Eu não quis não, não abracei, também não conversei. Demorou, acho que, uns dois meses a minha mãe me levou na casa dele, pra morar com ele. Me levou sozinha, sem a nega.

Aí eu cheguei lá, a mulher dele não me aceitava, eu ia ajuda a fazer serviço ela falava que não precisava, que o serviço dela ela fazia. Aí meu pai chegava bêbado, ele trabalhava, só que ele bebia todo dia, ele vinha do serviço, já passava no boteco. Chegava em casa, ele me batia, ele fazia eu ficar de calcinha e sutiã pra me bater, deixava meu corpo todo marcado. Até que eu fugi dele, a filha da



minha madrasta me levou pra casa minha mãe de volta. Eu cheguei lá minha mãe na hora falou que não me queria lá, que eu era um estorvo na vida dela, que ela ia me entregar para o conselho tutelar. Ela foi e me entregou para o conselho com 14 anos.

Aí o conselho começou a chamar meu pai e minha mãe, mas nem ela nem meu pai me queriam. Nessa fase eu já estava usando pó. O tempo que eu fiquei no meu pai eu não usei. Mas eu fiquei dois meses só na casa do meu pai.

Aí a conselheira foi, conversou comigo e falou que eu tinha que passar com a psicóloga do fórum, aí eu comecei a ir ao fórum passar por atendimento. Eu continuava morando com minha mãe, e ia fazer o atendimento. Mas minha mãe ia comigo e ela me xingava muito, falava que eu não a obedecia, que eu dava trabalho e que eu não era mais mocinha, mas até então eu não tinha tido relação com ninguém, nunca tinha saído com homem nenhum.

Eu desmentia ela na cara dela. Um dia eu fui e falei com a psicóloga e com o juiz, falei: Olha ela fez um aborto esses dias, todo dia vai um homem dormir lá! Lógico que não me quer na casa dela, tem um monte de homem, todo dia vai um homem! Lógico que eu sou um estorvo na vida dela!

Mas como nada mudava, ela começou a trancar tudo dentro de casa, trancar os armários pra não comer comida, colocava cadeado no armário, no guarda-roupa. Eu ia e estourava tudo, eu estava com fome eu queria comer! Ela disse que não ia dar mais comida não e que eu tinha que ir embora pra casa do meu pai e colocou chave nos armários e eu estourava o cadeado, aí ela não comprava roupa pra mim e eu catava as roupas dela pra usar, como que eu ia ficar sem roupa? Eu estourava as coisas dela.

Ela trabalhava em casa de família eu ficava o dia inteiro, sozinha. Aí eu comecei a usar droga de novo, e comecei a vender na pracinha cocaína. Um dia eu fui pega, fui internada na Febem, fiquei três meses lá. Ninguém foi me visitar. Quando eu saí, eu fui pra casa do meu pai, o juiz determinou. Aí cheguei no meu pai, ele me deu uma surra, uma surra, uma surra, que eu fiquei toda marcada. Eu ainda consegui correr dele, e fui dormir na casa da vizinha dele, debaixo da mesa. No outro dia eu fui lá na casa da filha da minha madrasta e falei: Nice, me leva embora pra Mairiporã, meu pai morava em Francisco Morato. Ela falou: Não eu vou levar, o Vanderlei vai levar você!

Aí ele falou: eu vou levar você até o conselho tutelar e o conselho que vai te levar para sua mãe. Aí eu fui até o conselho, mostrei pra conselheira as marcas e falei que queria ir embora. Ela disse: Mas você vai embora como? Eu disse: Eu vou, eu vou pro fórum, quero ir daqui direto pro fórum! O fórum funciona a partir de uma hora e eu vou falar com o juiz porque eu vou ficar na casa do meu pai apanhando? Então é melhor ficar na rua!

Então, a conselheira entrou em contato e me levou pro fórum, aí eu cheguei no fórum e mostrei meu corpo todo marcado.

O juiz mandou a assistente social ligar no serviço da minha mãe, que minha mãe tinha até seis horas pra me pegar no fórum. Eu fiquei da uma até as sete da noite no fórum esperando e nada.

Ai foi quando o juiz deu minha primeira ordem de abrigo, com 14 anos. Eu não tinha um documento, roupa, nada. O juiz me mandou pro lar Santa Terezinha. Eu fui pro lar. O tempo que eu fiquei no lar, eu não usava nada de droga, só que eu fumava cigarro. Eu era a única menina que fumava, era um orfanato e tinha um monte de crianças. Um dia, eu fugi do lar e fui pra casa de uma mulher que era traficante, que eu tinha conhecido na época em que eu estava vendendo droga.

Como eu já tinha vendido pra ela, ela falou: Erika, você pode ficar aqui na minha casa, mas vai ter que vender. Eu falei: Está bom, eu vou vender! Eu comecei a vender de novo e ficava na casa da mulher. A casa dela era duas, três casas antes da casa da minha mãe, na mesma rua.

Eu passava e ela virava a cara, falava que eu não era nada. Até que um dia, essa mulher precisava levar uma droga pra Minas, que a filha dela, que também era traficante, estava precisando. Ai eu fui de ônibus levando a drogas, sozinha. Eles me puseram dentro do ônibus no terminal do Tiete e disseram: Olha você vai descer lá na rodoviária de Santos Dumont! Chegando lá, vai ter uma pessoa pra te pegar, ai eu fui, eu fiquei três meses lá em Minas, na casa da filha dela.

Eu fiquei lá, só que aí eu liguei, caí na besteira de ligar pra minha mãe e falar onde eu estava. Minha mãe foi no conselho tutelar, eles acionaram o conselho de lá de Minas. Eles ficaram com medo de dar problema por eu ser menor e me puseram no ônibus de volta. Aí eu voltei, fiquei de novo na casa dessa mulher e continuei vendendo. Eu usava maconha e pó nessa época. Ganhava e usava. Só o crack que ainda não.

Ai o fórum deu busca apreensão em mim. O oficial de justiça chegou e eu tinha estourado a casa da minha mãe, pra dormir, eu pensava: de noite eu vendo e de dia eu vou pra casa da minha mãe! Então eu estourava a casa dela pra eu dormir.

Ai chegou o oficial de justiça e falou pra mim que estava atrás da Erika. Aí eu falei não, eu não sou a Erika, a Erika não está aqui, eu sou a irmã dela!

Ele falou assina o papel que eu vim aqui e eu falei: Eu não! Eu não sei ler, não sei assinar, não sei escrever meu nome!

Ai ele foi embora, eu fiquei com medo porque eu já tinha ido para a FEBEM e não queria voltar pra lá. Já tinha ido pro abrigo também.

Um dia eu estava dormindo e minha mãe foi no conselho tutelar de novo. Ela falou: Todo dia ela está indo pra minha casa dormir. No outro dia, ela veio com o conselho e com um policial, eu estava dormindo e eles pegaram! Eu dormindo! Eu fui na viatura e ela na perua do fórum para uma audiência. O juiz disse: Olha, essa audiência é para definir o que vai acontecer com você, sua mãe tem que assumir você ou seu pai.

E eu falei, mas eu não quero ficar com nenhum dos dois porque eu vou pra casa meu pai ele me bate eu fico na minha mãe ela me expulsa! Eu vou ficar na casa da loira lá! Ele disse: La você não pode ficar porque sua mãe fala que lá é ponto de tráfico. Ai ele me mandou para um outro abrigo, um lar.

Eu falei: Vocês vão me levar pro lar mas, eu vou fugir, eu não vou ficar. Mesmo assim, eles levaram e no mesmo dia eu fugi e voltei lá vender de novo. Aí, um dia a mulher me chamou de nóia.

Ela disse: Vê se não vai usar meus pó sua nóia! Eu enfrentei: Ah é?

Ela: Se você usar eu vou matar você! Então eu falei: Vai matar? Peguei e abri todo o pacotão que ela me deu pra vender e cheirei na frente dela, na frente dela na cozinha! Se vai matar, então pode matar porque quando eu pra FEBEM na primeira vez, que eu fiquei três você não mandou um cigarro pra mim, eu já estou indo pra minha segunda passagem de trafico vendendo droga pra você e você nunca me deu nada, agora você vem me xingar de nóia e quer que eu pague a droga que esta aí, eu não! Eu não vou pagar nada! Você vai me matar?

Então ela me mandou sumir da casa dela: Pode sumir que eu não quero mais você aqui! Vou te dar dois pacotões pra você vender e você vai ter que me trazer o dinheiro!

Eu falei: você vai me dar? Eu vou usar!

E ela me deu e eu usei, tudo, usei tudo ai eu fui fazer um corre, fui pro bar, no estacionamento e comecei a me drogar, ai eu voltei de novo pra FEBEM, eu tinha uns 15 anos. Ai quando eu saí da FEBEM, foi quando aconteceu que eu fiquei grávida.

Eu saí da FEBEM depois de seis meses, mas tinha que ir a cada 15 dias assinar um documento no fórum e passar com a psicóloga.

Nesse período me colocaram no mesmo lar de novo, e a cada 15 dias eu tinha que ir pro fórum, a (irmã) me levava pro fórum. Até que teve um dia em que ela não pôde me levar no fórum. Ela ligou lá e combinou coma psicóloga que ia me deixar ir sozinha de ônibus.

Ela disse: a hora que ela sair dai vocês ligam pra mim que eu quero ver o tempo que ela vai chegar. Ai eu fui ate o fórum passei com a psicóloga, assinei o documento e não voltei pro lar.

Eu fui pra casa de uma outra mulher que eu tinha feito amizade e que vendia também.

Eu fiquei lá, numa cidade chamada Terra Preta do lado de Mairiporã, lá eu comecei a vender de novo, e a usar de novo. Aí lá eu conheci o crack. Fiquei uns três meses lá, depois voltei pra Mairiporã. Foi quando eu estava indo pegar droga dessa mulher, eu estava subindo a escada, a hora que o cara me empurrou e me estuprou.

Ele é o pai da Fernanda, minha primeira filha, nesse dia eu engravidei, só que eu não sabia eu nem entendi direito o que era aquilo. Aí um dia eu estava descendo, de bermuda e camiseta, blusinha e bermuda, minha mãe foi e falou assim:

Você voltou a vender pra loira dai? Voltei! Ai ela falou assim pra loira: A nina está grávida!

Meu apelido de criança era nina! A nina está grávida! Ai ela foi no fórum e me entregou no fórum de novo. Ela falou: olha, ela está vendendo droga! Ela está nesse endereço e está grávida. Eu estava morando com a loira de novo, ela me aceitou de volta. Eu estava grávida e usando pó e crack.

Um dia eu pedi pra loira: eu preciso de dinheiro porque eu vou tirar, preciso comprar cytotec!

Ela falou assim: Eu tenho um carinha da farmácia que compra droga de mim, ele não sai daqui. Vou te dar o cytotec. Faz assim: Eu compro e você vai vendendo e me pagando você vai ter que me pagar todo o meu dinheiro 800 reais. Era uma coisa que estava começando, não era, era fácil de se achar. Eu tinha 16 anos.

Aí eu fui falar pra ela que eu concordava. Eu falei: Pode pegar lá! Conforme eu vou pegando eu vou, você vai descontando! Ela foi e conversou com o carinha, ele foi aplicar em mim, ia por dois e tomar dois. Mas ele me perguntou: Você está de quanto tempo? Eu falei: ah, eu acho que eu só estou de cinco meses! Ai ele falou: Oh loira, estou fora, se eu der, se eu aplicar nela vai os dois pro saco, não só a criança como ela também, não tem como mais. Ele falou: Oh, seu dinheiro está aqui e eu estou levando o remédio de volta pra farmácia.

Ai eu fui parar de novo no fórum. Eu estava na pracinha usando, e teve uma batida na praça e os policiais me pegaram e eu estava de busca apreensão ainda, Aí o juiz me mandou lá pro SOS criança. Me mandou lá pra São Paulo no Brás. No SOS eu conheci o fervo de São Paulo, todas meninas do centro, era outro ritmo. Eu ficava o dia inteiro no SOS, era um abrigo que aceitava menina grávida. E ai só que no mesmo dia eu saí, em uma semana eu já tinha conhecido um monte de lugar no centro pra usar crack.

Eu saía e ficava na rua. Até que o juiz determinou que eu voltasse pra FEBEM. Eu voltei pra FEBEM por três semanas. Ai a assistente social da FEBEM falou: Não tem como ela ficar aqui, ela está grávida de sete meses! E se tiver uma confusão aqui e derrubarem ela?!

Ai me levaram pra um audiência no fórum do Brás! Eu cheguei e o promotor da 4ª vara perguntou: De quanto tempo você está? Eu estou de sete meses! É, então você vai lá pro amparo maternal! Vamos colocar você lá no Amparo, e você só vai sair de lá com autorização judicial. Você não pode ficar na FEBEM porque você está grávida. Eu fui pro amparo, fiquei onze dias, mas logo depois que eu cheguei no Amparo eu ganhei de 8 meses.

A mulher queria tirar o neném, a Fernanda de mim, eu fiz um fuzuê com o pessoal do Amparo, por eu ser menor, por eu estar com problema na FEBEM, eu liguei no fórum e inventei um monte de coisa da mulher. Fiquei 15 dias só depois que eu ganhei a bebê. Aí eles me levaram pra outro abrigo, como eu tinha que cumprir no negócio da FEBEM, eles me levaram pra Casa da Menina Mãe. Era meio que um núcleo da FEBEM lá na Penha. Lá já podia ficar mãe e criança. Ai eu fiquei quatro meses lá.

Eu tinha 16 anos, depois de lá o juiz determinou que eu tinha que participar de um projeto, de algum projeto, e foi o Quixote que eu fiz, ai eu fui pro Quixote. Mas sabe, eu não cuidava da Fernanda, a gente nem dormia juntas, porque lá tinha um quarto pra nós e o berçário pras crianças. E tinha gente pra cuidar das crianças, o máximo que eu fazia era lavar a mamadeira e colocar um pouco de leite, às vezes só, e mais nada, trocar fralda eu não trocava...Não pegava nem ela no colo. As vezes

lavava roupa. Eu não me sentia a mãe dela. Eu tinha um ódio quando eu via ela, eu tinha vontade de bater nela!

Ai eu comecei a frequentar o Quixote, depois de quatro meses que eu estava lá na casa a FEBEM não queria mais trabalhar com meninas mães, com auto infracional.

Então a fundação Francisca Franco assumiu a casa, mas Fundação Francisca Franco não trabalhava com menina-mãe que devia pra FEBEM. Eram só quatro meses, e nesses quatro meses o juiz tinha que decidir se a menina ia embora pra família ou voltava pra FEBEM sem a criança, a criança pra um abrigo.

Só quatro meses, como eu já estava lá há quatro meses eles me pegaram, me colocaram numa Kombi e me levaram para o fórum de Mairiporã, que os fóruns são todos divididos por comarca eu não podia ir para o fórum de São Paulo.

Porque no fórum de São Paulo eu já tinha um processo, uma se eu aprontasse qualquer coisa era pra eu recorrer a FEBEM, me levar pra FEBEM, até que existia um processo no fórum de Mairiporã como menor carente abandona com ordens de abrigo, só que ao mesmo tempo eu tinha essa ordem, mas eu devia, ai eles me levaram pro fórum de Mairiporã. Voltei pra Mairiporã e voltei pro orfanato de novo, pro lar.

Porque o juiz determinou pra me acolher, eu e a Fernanda lá no lar. Ai eu cheguei lá, a irmã falou: Ah você! Ela não queria me aceitar, mas foi obrigada a me aceitar de volta, ela falou: Você vai fugir! Lá eu também não cuidava da bebê, porque tinha as tias que cuidavam. Era tudo separado, só na hora do almoço que a irmã me fazia eu lá, pra dar comida pra ela e dar banho, e ajudar a cuidar das crianças.

Mas ainda tinha uma audiência no fórum, aí na audiência eu disse que queria fazer, frequentar o Quixote, voltar a frequentar o Quixote, que eu queria continuar, que eu queria fazer atendimento com a psicóloga. Eu expliquei que o projeto dava o passe do metrô, e que se o juiz determinasse eu poderia ir até o terminal do Tietê, e do Tietê eu iria pro Quixote.

Aí o juiz determinou que eu fosse pro Quixote três vezes por semana. Mas eu ia sozinha, porque não tinha ninguém pra me acompanhar. Aí eu fui, fiquei quatro meses indo e voltando certinho, sem usar droga, sem nada, eu ia e vinha certinho. No Quixote era legal, eu fazia as atividades, estudava, participava dos grupos. Fazia terapia. E o Quixote tinha que mandar relatório sobre mim, porque era assim, eu tinha uma declaração que a irmã fazia, e, lá no Quixote eles tinham que preencher com o horário que eu chegava e o horário que eu saía e aquela declaração ia pro fórum toda a semana.

Ai o juiz determinou que a prefeitura deveria pagar o meu passe, que eu deveria pegar de graça de lá. Bem, ai eu fui pro Quixote, um dia, como eu já tinha ficado com mulher eu descobri que a Regiane, a primeira sapatão que eu tinha ficado estava por lá, na rua, lá na praça da Sé.

Eu fiquei com mulher a primeira vez dentro da FEBEM com 14 anos, na minha primeira passagem. Eu nunca tinha tido contato com homem, além do abuso. Nunca tinha beijado homem nem transado. Aí eu fiquei com a Regiane na FEBEM, e eu fiquei sabendo que ela estava na rua e eu já fui pro Quixote numa sexta feira, em que falei pra educadora do Quixote (tinha uma educadora legal): Tia eu preciso ir lá na praça da Sé, mas eu não vou fazer nada, não vou usar droga, não vou fazer nada, eu só quero ver a Regiane, mas assina pra mim pra eu sair as 17hr daqui? Aí ela foi e assinou.

E depois eu ia embora, eu fui pra praça da Sé, cheguei na praça da Sé e comecei a cheirar cola. Eu nem encontrei ela porque ela já estava na Cracolândia. Aí eu comecei a cheirar cola, comecei a baforar cola. Passei a noite inteira usando, fui pega às 8 horas da manhã roubando, eu e mais três. Aí levaram a gente para o SOS, nisso chegou a assistente social. Ela me chamou pra conversar, falou assim: Aonde você estava? Ela ligou lá pra irmã falando que eu tinha usado droga, que eu tinha sido pega em flagrante roubando e que eu estava no SOS. Só que como existia uma ordem de abrigo de menor eu não podia dar entrada na FEBEM, e também por eu ser de fora, de outra cidade, eles tinham que me levar pro fórum, pra lá no fórum o juiz decidir o que ia acontecer comigo.

A irmã falou: Pois aqui ela não volta mais! A assistente social me disse: Então eu vou te levar pra um abrigo, um abrigo aqui em São Paulo e vou pedir uma audiência porque o juiz da sua cidade vai ter que decidir o que vai acontecer com você. E eu fui pra um abrigo da Vila Maria. Lá eu arrumei briga, depois fui pra outro abrigo na Bela Vista, eu passei por um monte de abrigo. Eu brigava com as meninas e era expulsa. Eles me mandavam ir pra escola e a gente saía pra cheirar pó, eu não ia pra escola.

Eu nem lembrava da neném. Um dia eu cheguei e falei que eu não queria, cheguei na assistente social do fórum e falei: Eu não quero ficar com ela, eu não quero essa criança! Vocês vão me deixar com ela eu tenho vontade de judiar dela! Aí me puseram numa avaliação com a psicóloga e depois com a promotora: Ai ela falou que eu ia ter que falar com a promotora, eu ia ter que falar tudo o que eu tinha falado pra ela na frente da promotora. Ai eu fui e falei.

Eu falei na frente delas, fui pra audiência no fórum e o juiz determinou que eu voltasse pro lar das irmãs mais uma vez. O juiz disse que eu tinha que ficar no lar e era lá que eu ia ficar que não iam ficar me mandando mais pra abrigo em São Paulo, que se ele me deixasse em São Paulo ia ser a minha perdição. Ele disse que eu tinha que ficar lá e que a irmã tinha que me aguentar lá, que eu era menor. Bem, um dia eu sai pra ir assinar o papel do fórum, eu já estava com uns 17 anos e encontrei a minha mãe e eu discuti com ela na rua. Eu já tinha ido no fórum e estava voltando sozinha. Eu cheguei no lar e apertei o interfone e entrei, ai no que eu entrei, eu passei na secretaria e fui pro quarto. Ai a irmã, a chefona, estava descendo as escadas, me viu e falou assim: Você fumou maconha sua nóia, sua drogada?

Eu falei: não, não usei! Falei: eu estou careta! Ela virou e falou: A sua mãe é uma vagabunda, se sua mãe prestasse você não estava aqui! Ai eu fui e falei assim pra ela: ela pode ser vagabunda, mas

você é mais! Ela ameaçou de dar na minha cara. As crianças choravam, ela batia nas crianças. Quando ela veio dar na minha cara, eu falei assim: Se você dar na minha cara, eu vou arrebentar você! Porque na minha cara ninguém dá não! Ela abaixou a mão, no que ela abaixou, ela levantou de novo a mão pra dar em mim, eu peguei e dei na cara dela! Eu falei: eu vou entrar la no berçário pra ver a Fernanda e você não vai me impedir, você acha que você é quem? Você não é nada o juiz manda em você!

Eu falei assim: Ela foi e ligou no fórum, a promotora não gostava de mim, ela ligou direto na sala da promotora falou que eu tinha chegado drogada quebrando tudo lá na sala. A promotora mandou a viatura ir me buscar e me levar pra delegacia e não pro fórum, porque ela sabia que se me mandasse pro fórum o juiz ia mandar voltar pra lá.

Eu fui, eles me mandaram pro SOS, eles não quiseram me aceitar. Eles disseram que não tinha como me aceitar, porque eu estava com B.O. de agressão. Disseram que o certo era dar entrada na FEBEM, só que existia uma determinação judicial de que eu devia estar em um abrigo.

Eles não sabiam o que fazer aí eu fui e falei assim pra moça do fórum, falei assim pra conselheira, então me deixa na casa de uma pessoa que é assim ela é uma pessoa que não mexe com droga, realmente ela não mexia. Aí amanhã, ela me leva no fórum.

Ela falou assim: mas você sabe onde é que é? Porque a conselheira tinha que me deixar em algum lugar, aí nos fomos para a casa da Jussara. Que não tem nada a ver com o rolo, mas era ali do bairro.

Ai ela assinou o papel, ela se comprometeu com a conselheira que me levava no fórum. Ai eu sai da casa dela, fui até o Lar onde a Fernanda estava e falei pra irmã que eu ia por fogo no orfanato e falei: Eu vou por fogo em tudo! E você, eu vou começar pelo seu véu aí!

Aí no outro dia, eu fui pro fórum, e o juiz me mandou pra um abrigo em São Paulo, 15 dias. Ai eu fiquei no abrigo nove meses em São Paulo, eu já estava quase com 18 anos. Depois o juiz me mandou voltar pro lar. Então eu disse para o juiz.

Se você me mandar pro lar eu vou fugir, não vou ficar!

O juiz determinou que eu deveria visitar a Fernanda, a cada 15 dias e devia ir ao psicólogo e o educador tinha que ir junto comigo toda a sexta feira.

Eu fiquei no abrigo em São Paulo, na Bela Vista. Eu continuei frequentando o Quixote.

Nessa época, eu já tinha namorado com mulher, eu namorei com a Rita um tempo, depois eu namorei com a Vanessa. E nunca tinha namorado homem.

Até que um dia estava marcado pra ir domingo visitar a Fernanda, eu fugi no sábado a noite do abrigo, eu a Daiane, a Juliana, e mais umas meninas.

Nós estávamos na mesma briga, nós fugimos e passamos a noite inteira usando a droga, crack, pó, lá na Praça da Sé.

Eu voltei pro abrigo na segunda feira, outro abrigo porque depois de uma semana na rua, eles fizeram arrastão no centro e eu fui no meio do arrastão pra tirar os adolescentes da rua.

Eu fui e fiquei no 100% gente que era na aclimação. Era um outro abrigo que acolhia maior até 21 anos. Eu comecei a frequentar, até que o juiz determinou que a minha visita pra minha filha, fosse no fórum que eu tinha que passar, ficar no fórum junto com psicóloga, a promotora e a assistente social do abrigo que eles queriam ver minha reação com a menina. Eu ia pro fórum, eram duas horas de visita, eu não pegava ela estava no carrinho e eu nem tchum pra ela.

Eu falei: “Não sei o que vocês estão tentando porque eu não quero, eu não quero ser mãe, ela veio de uma forma que eu não quis, não foi uma coisa que eu quis, vocês vão “coisar” porque eu vou judiar dela, então é melhor vocês darem ela pra outra pessoa que cuide”.

Em vez de tudo isso, o juiz chamou meu pai e minha mãe na audiência eles tinham que alugar uma casa pra mim, ou me levar morar com um deles, ou com a minha mãe ou com o meu pai. E que se nenhum dos dois quisesse, eles tinham que alugar uma casa pra mim e pagar o aluguel.

Minha mãe falou:

Eu não vou pagar o aluguel pra ela porque ela vai usar, vai encher de tranqueira e a menina vai ficar jogada. Por mim ela fica na FEBEM até os 21 anos dela e a menina pode ir adotada. Minha mãe assinou o papel que ela não queria saber nem de mim, e nem da menina ai o juiz determinou que minha mãe devia pagar pensão pra mim, minha mãe e meu pai, depositada em juízo pra quando eu fizesse 21 anos pudesse mexer.

Eles davam a pensão, a pensão alimentícia, minha mãe dava 40 reais, ai como eu fumava ela tinha que depositar no abrigo pra comprar cigarro.

Nessa época, eu estava namorando uma menina do abrigo, mas quando descobriram transferiram ela de abrigo.

E me transferiram quando descobriram que eu cheirava dentro do abrigo. Descobriram que eu levei pra dentro do abrigo, eu peguei uma advertência de 20 dias de afastamento. Eu fui pro SOS, lá eu fiquei com a Erica - no SOS era liberado os educadores não estavam nem ai.

Não tinha regra nenhuma porque o SOS era uma casa de passagem você estava ali ate a hora de ir pro abrigo. Mas não podia usar drogas, mas a gente usava porque não tinha educador atrás 24 horas, porque o educador era assim, na hora da refeição passava no quarto chamando pra descer pra tomar café, ai a gente pegava um fila grande, eles marcavam que você desceu tomar café.

Tinha o cinema, tinha as atividades, tinha capoeira, mas não era obrigatório, participava quem quisesse.

E ai como eu ia pro Quixote eu não ficava muito, não participava muito das atividades.

De todos de todos o Quixote foi o único que eu não largava. No Quixote tinha culinária, a gente que escolhia o que a gente queria comer. Não tinha esses atendimentos formais, era diferente: tinha aula de percussão, de teatro. E o sempre tinha alguém conversando comigo, educador, psicólogo.

E ai a minha psicóloga falava que não era pra eu fazer aquilo e eu falava pra ela: e por um tempo! Eu ficava uma semana sem aparecer, às vezes ai os educadores faziam trabalho de rua e me



encontravam, então eu voltava. Tinha o projeto travessia que faz atendimento na rua, que eles vão conversar com você e se você quiser ir pra algum lugar, eles encaminham, eles tentam fazer a aproximação com a família. Eu comecei a frequentar o Travessia, ganhava 60 reais, uma bolsa pra quem frequentava todos os dias.

Eu comecei a ir pro Travessia de manhã e a tarde eu ia pro Quixote, tudo pra pegar o dinheiro ai conforme você ia participando dos projetos, ia aumentando um pouquinho.

Só que ai você tinha que ir pra escola, ai eu nunca aumentava porque eu nunca ia na escola

Eu usava esse dinheiro para comprar droga mas, por fora eu fazia os corres.

Nessa época eu roubava nos semáforos. Quando eu não queria roubar eu limpava vidro de carro no farol ou então eu ia encharcar nos pontos de ônibus. Pedir para as pessoas nos pontos de ônibus.

Com 19 anos eu conheci o Afonso. Foi meu primeiro homem. O pai da Rafa. Eu comecei a ficar com o Afonso, nos corres da rua.

Mas antes disso, assim que eu fiz 18 anos eu fui pra uma clinica, e depois eu comecei a frequentar um outro lugar chamado a Casa da Praça, no Santo Amaro, só que para participar de lá eu tive que dar nome falso. Porque nesse projeto eles só atendiam jovens até os 17 anos e meio.

Eu queria ficar lá, porque eu queria tomar banho, lavar roupa, comer, porque o tempo que eu estava lá dentro eu não usava droga. Um dia eu estava lá na frente, o marido da Cecilia (psicóloga) passou e me “caguetou”. Eu estava conversando com o educador na porta e ai ele passou e falou:

Oi Erika, como que você está? Não foi mais no Quixote? Não foi por maldade. Aí o educador foi até ele. Ai ele descobriu porque ele era o coordenador geral da casa, da Praça. O Rafi que é o marido da Cecilia, falou: Mas a Erika não é menor, a Erika é maior, ela frequentou o Quixote e aí ele contou. Aí eles conseguiram uma internação pra mim no Vale da Páscoa, em Palheiros, em SP. É, ai eu peguei e fui pro Vale. No Vale eu fiquei nove meses. Um dia eu liguei no fórum e fiquei sabendo que a audiência seria na terça feira e da ultima vez o juiz tinha me dado três meses pra eu procurar internação, pra contar pra ele sobre internação porque ia ser uma audiência pra decidir se eu ia perder ou não a guarda da Fernanda.

Na época, eu falei pra ele que eu ia pra clinica porque eu não queria perder a guarda dela. Eu fui pra clinica e o pessoal da Casa da Praça fez um relatório contando meu trabalho e que eu cheguei a comentar que eu queria a Fernanda, só que eu tinha dúvida. Eu entrei na clínica na sexta feira, e a audiência seria na terça.

Eles não me levaram para a audiência porque eu não podia sair. Depois de seis meses que eu estava na clinica. Com seis meses você pode sair e ficar uma semana fora. Nesse tempo ninguém me visitou. Na verdade quem me visitava era o pessoal da Casa da Praça, eles iam todos meses, os educador, a assistente social, e o psicólogo eles que visitavam. Eles tinham uma parceria, um abria a

vaga social e eles davam um apoio trazendo o pessoal pra casa e comida e as outras coisas. Só que eles tinham que me visitar, não podia ficar sem visitar, e ligar também.

Eu fiquei seis meses na clinica, um dia cheguei no irmão e falei pro irmão que tinha a Fernanda, que eu queria saber como estava. Sei que ele mandou a advogada da comunidade ver o que estava acontecendo.

Eu ia sair na segunda-feira pra ir pra casa de uma moça que eu conheci lá e que virou minha madrinha. Então eu falei que queria ser batizada. Eles aceitaram. Eles me batizaram e quando eu falei pra minha madrinha que ia sair ela perguntou:

Você vai ficar essa uma semana na minha casa porque o seu padrinho é ex-dependente químico é ex-dependente de álcool e eles são coordenadores do grupo de apoio.

Ele é ex-dependente e a minha madrinha é coordenadora do grupo de família e ele coordenador do grupo de usuário e a filha deles é dos filhos dos usuários.

Eles atendem as três partes, a família, o filho e o dependente. Ele me chamou e disse:

Erika você já perdeu a guarda, ela foi adotada. Ela já está com outra família. Na verdade o irmão não queria que contasse pra mim antes de eu sair, queria que contasse pra mim só na volta.

Mas minha madrinha resolveu contar antes de eu sair. Ela disse: Eu vou contar antes dela sair, porque se ela tiver que voltar ela vai voltar independente da resposta. Eu fui pra casa da minha madrinha fiquei lá uma semana e voltei pra clínica.

Eu falei pro irmão: Eu quero terminar a minha caminhada de nove meses e eu vou ser uma coordenadora de grupo de sala. Eu terminei os nove meses. Peguei meu certificado de que eu estava apta a conduzir a minha vida e de outras pessoas que aparecessem. Eu fiquei um ano e 11 meses bem, morando com a minha madrinha, morando na casa dela. Todo dia eu ia e coordenava os grupos e também fazia visita nos bairros junto com ela. Eu ia pra missa junto com ela.

Aí eu falei pra ela que eu queria ir pra Osasco na casa da Raquel que eu conheci e hoje é madrinha da Rafa, que eu conheci também na clinica, ela era voluntaria de lá. Então eu falei que ia na casa da Raquel, minha madrinha me deu 150 reais na minha mão. Eu cheguei na Barra Funda e, em vez de ir pra Osasco, eu fui pra Guaianases na casa da Vanessa que é uma pessoa que eu já namorei também. Chegando lá, vi todo mundo. Falaram assim pra mim: Vai ter um show de Rap vamos? Vamos! Aí não voltei mais, eu fui pro show e 2 horas da manhã, eu já estava louca louca louca de cocaína e de bebida, lança perfume. Fiquei lá usando. Três meses depois, fiquei lá em Guaianases, depois fui pra Paulista, ficava andando na rua porque eu não conseguia ficar em lugar fechado.

Voltei a fazer “corre”, roubar. Aí foi quando eu conheci o pai da Rafa. Estava pedindo dinheiro no ponto de ônibus e ele roubava também. Conheci e fiquei com ele.

Eu nunca tinha ficado com homem. Foi a primeira vez. Depois que eu fiquei com ele, eu fiquei com outros moleques, mas não tive relação, nada. Com o pai da Rafa quando eu comecei a ter relação com ele eu fui e contei pra ele, antes que alguém chegasse, eu falei que nunca tinha tido relação com

homem, nem ficado com homem e eu falei o que aconteceu comigo do abuso. Quando a gente ia ter reação era um trauma, eu pedia pra ele parar e ele parava. Por isso que a gente conseguiu ficar quatro anos juntos. Ele nunca forçou. A gente morava na rua, em casa invadida, casa abandonada. Pra comer, pra usar droga, a gente roubava. Só que ele não aceitava que eu usava droga, ele me arrebitava no cacete. Ele usava, mas não aceitava que eu usava.

Quando ele saía pros “corre” com os meninos, eu saía com as meninas. Só que se eu ficava com as meninas, ele falava que eu ficava (de beijar) com as meninas. Quando eu estava com os meninos ele nem ligava, agora quando eu estava com as meninas ele falava “Ahhhh...”. Mas eu não, não ficava. Eu gostava dele. Foi onde eu engravidei do meu primeiro filho com ele. Só que um dia roubando perdi, tive um aborto, estava grávida de três meses e por conta da droga também, do crack.

Aí eu perdi, eu nem sabia que eu estava que eu fui no banheiro e saiu. Ele me levou pro médico e eu fiquei internada, teve que fazer curetagem que eu já estava de três meses. Eu falei pra ele que eu queria sair da rua, que eu queria parar de usar droga, que eu não estava aguentando mais. Eu estava já cuspidando sangue de manhã, quando eu acordava. Eu falei: Eu não aguento mais essa vida, vamos (nos) internar! Então ele foi e pediu ajuda pra mãe dele. Ela conseguiu internação pra ele no mesmo dia.

Ele foi, só que quando ele chegou na clínica, ele disse: Como que eu vou ficar na clínica sabendo que minha mulher está na rua? Então vocês vão ter que arrumar internação pra gente ser internados no mesmo dia, porque pra largar ela na rua eu não vou, e se acontecer a mesma coisa ela também? Só que aí eu não quis nem saber dele. Eu falei que eu ia, eu ia, eu ia!

Eu fui na casa da praça e pedi ajuda na Casa da Praça de novo. Eu sei que eu sou maior e eu quero sair da rua eu não aguento mais ficar na rua, eu já estava com uns 20, 21 anos.

Então eles me levaram, fizeram um acordo comigo: Você vem de manhã e fica aqui. A tarde a gente te dá o passe e você vai pro Quixote. A noite a gente vai te encaminhar pra um albergue. Eu falava: Não! Eu não vou dormir num albergue eu quero ir pra uma clinica! Albergue eu não quero! Cheira pinga! Em albergue eu não quero! Então eu ficava no abrigo. Eu ficava o dia inteiro lá no Quixote e depois eu ia pra Casa da Praça, ia no Quixote.

Um dia eu liguei pra minha madrinha. Ela disse: Eu te dou 15 dias pra você me ligar, duas vezes por dia. Se você me ligar e falar que você quer ajuda, eu ajudo você. Ela entrou em contato com o pessoal do Quixote, pra ver se eu estava indo lá.

Nisso o Afonso começou a me bater, porque ele achava que eu não estava indo na Casa da Praça. Ele ficava na rua e eu ia cedo pra Casa da Praça. Ele me batia falando que eu ia dar pra alguém. Falava que eu estava ficando com alguma menina.

Nesses 15 dias, eu não usei nada, Até que saiu minha internação. Mas pra eu entrar na clínica, eu tinha que fazer todos os exames. Eles não me aceitavam sem exame e tinha que ajudar de alguma forma.

Minha madrinha conseguiu conversar lá. O Quixote dava uma cesta básica, a Casa da Praça produto de limpeza, e minha madrinha dava mais 200 reais por mês.

E o Afonso na rua. Eu fui pra clínica na sexta. Na segunda-feira, eu fui pro Quixote, eles me levaram pro hospital São Paulo fazer todos os exames. Eu fiz os exames de tuberculose, tudo. O Afonso descobriu onde eu estava. Ele foi na clínica e fez o maior barulho na porta da clínica.

Era uma clínica em Várzea Paulista. Depois de um mês, a cada 15 dias minha madrinha tinha que me pegar na clínica. A cada um mês sem sair, sem ter contato, ela tinha que me buscar. Eu ia pra casa dela e frequentava o grupo de apoio.

Só que a mulher da clínica fazia a gente vender coisas na rua, a gente fazia artesanato, se a gente não vendesse, tinha que trocar por comida. E bem na frente da clínica tinha uma biqueira. Eu pensava: Eu não quero usar eu não vou usar. Eu comecei a passar mal, passar mal, passar mal. Ela ligou pra minha madrinha porque ela não levava a gente no médico. Minha madrinha morava do outro lado da cidade, minha madrinha morava em Campo Limpo Paulista e a clínica era em Várzea Paulista, mas mesmo assim ela foi.

Ela me levou pro médico. Fiz vários exames. Duas horas depois saiu que eu estava grávida do Rafael. Minha madrinha pegou e falou que me ajudava, mas que pra ela me ajudar eu tinha que largar do Afonso. Eu falei que não ia largar dele, que eu não ia largar dele, que eu não podia fazer isso com ele e eu não sei o quê. Ai ela falou, então nos vamos repensar como é que a gente vai fazer se você ficar com ele eu não te ajudo, eu falei não tem problema eu fico seis meses na clínica e eu vou pra *Associação*. Eu já sabia da *Associação* por causa do Quixote.

Eu fiquei seis meses na clínica, fiz minha triagem e vim pra *Associação*. Eu já conhecia a Roberta desde os meus 16 anos porque ela trabalhou no Quixote quando veio da Europa. Eu ouvia falar que era um abrigo que a mãe pode ficar com o filho assim por mais tempo porque na casa da menina mãe só podia ficar seis meses.

Fui pra *Associação* grávida do Rafael. Ganhei o Rafael, ganhei em novembro. Quando foi em fevereiro eu fui embora pra casa da madrinha da Rafa, em Osasco. E ai eu comecei a fazer visita pro Afonso que estava preso. E eu engravidei de novo. Quando ele foi preso ele nem sabia onde eu estava, que eu estava grávida do Rafael, nem que ele já tinha nascido.

Depois que eu vim pra *Associação*, eu consegui entrar em contato com a mãe dele e contar, ai a irmã dele foi numa visita e falou a Erika está grávida, está na *Associação* em Sorocaba. Ele foi pego roubando. Na época era a Silvia, assistente social da *Associação*, ela correu atrás do papel pra eu poder registrar o Rafael no nome dele. Ele assinou o papel, eu e ela fomos lá no cartório e registramos o Rafael.

Quando eu fui embora pra Osasco, que eu sai da *Associação*, fui pra Osasco eu comecei a fazer visita pra ele, aí eu engravidei da Rafa, quando o Rafael tinha 6 meses, eu engravidei fazendo visita íntima. Voltei pra rua, porque fiquei com medo de ficar grávida, da madrinha da Rafa descobrir

e me por pra fora. Eu morava na casa dela, fiquei com medo dela descobrir que eu estava grávida e me por pra fora com o Rafael e então antes dela me expulsar eu comecei a ficar na rua com o Rafael, visitando o Afonso, e comecei já a usar droga de novo.

O bebê ficava do meu lado no carrinho, e aí a Roberta da *Associação* ficou sabendo que eu não estava mais em Osasco. Consegui mandar um recado pra mim pela avó do Afonso, que se eu quisesse voltar eu podia voltar.

Mas avó do Rafael me falou que ia no fórum tentar pegar o Rafael pra ela. Lá no fórum João Mendes. Eu falei: O meu filho você não vai pegar, por que eu vou voltar pra *Associação*. Eu tinha uns 24 anos. O Rafael nasceu em 2004. Eu fiquei grávida da Rafa em 2005, e ela nasceu em 2006.

Aí eu fui no Quixote e falei que queria voltar pro *Associação*. Então eu voltei. Depois de quatro meses, o Rafael ficou muito doente, ficou 15 dias na UTI e faleceu. 13 dias depois que ele faleceu, a Rafa nasceu. Ele faleceu dia primeiro de fevereiro de 2006, e o enterro dele foi no dia dois. Dia 13 de fevereiro eu ganhei a Rafa. Mas eu queria largar a Rafa.

Ela nasceu de oito meses. Todos os meus filhos não chegaram a nove meses, a Fernanda eu cheguei ate os oito, o Rafael até os oito e a Rafa ate os oito. Eu queria largar tudo porque eu queria o Rafael, não queria a Rafa, mas eu fiquei na *Associação*.

O Afonso soube que ele tinha morrido, que a Rafa tinha nascido. Quando a Rafa tinha quatro meses, eu levei ela pra visitar ele na divisa do Mato Grosso. Eu fui sozinha, a *Associação* me deu o dinheiro e tudo, pra ele poder conhecer a Rafa. Ai eu fui, vi, ele saiu, e a gente ia ficar uma semana juntos. Mas quando ele saiu, ele começou a me bater falando quando eu não queria ter relação com ele. Ele falava que eu estava dando pra outro.

Nesse tempo, eu não fiquei com ninguém. Nem quando eu estava na *Associação*. Eu falei que não, que eu não queria, que eu não queria. Aí ele me deixou sem dar mama pra Rafa.

Aí eu decidi ir embora. Eu falei: Eu vou embora, eu vou pra *Associação*! Ele falou: É? Eu vou matar aquela mulher da *Associação*. Ela que fez a sua cabeça contra mim, por isso que você não quer nada comigo. E ainda pra ajudar a mãe dele tinha falado que só tinha sapatão na *Associação*, por isso que eu gostava de ficar lá, porque só tinha sapatão.

Eu falei pra ele que eu não queria mais saber da vida do crime: Eu não quero mais saber, eu tenho um filho, filha, eu já perdi um, se eu voltar pra cá eu vou voltar pra mesma bosta! Eu já tentei sair de lá e não consegui ficar bem, eu vou ficar lá! Quando eu voltei pra *Associação*, eu falava que eu queria ir embora pra São Paulo.

Mas daí a Roberta chegou e fez a proposta pra mim, pra ser funcionaria na padaria. Quando você voltar, você volta de funcionária! Eu estava sem usar, aí eu voltei.

Até que um dia a Roberta falou: Vamos marcar a sua saída, sua reinserção?

Ele bateu em você nesse tempo que você ficou visitando? Um dia eu falei pra Roberta, que não queria ir mais pra São Paulo.

Nisso a Roberta marcou um encontro com o Afonso e disse pra ele: Você vai para uma internação, enquanto isso a Erika fica trabalhando aqui. Aluga uma casa e trabalha pra *Associação*. Você faz o processo de nove meses e eu arrumo um serviço pra você depois. Mas ele não quis.

Mas eu gostava de estar na *Associação*, porque eu me sentia bem, eu não usava droga, eu estava fazendo diferente, começando a fazer a história da minha filha ser diferente da minha.

Lá eu podia ficar com a minha filha. Aqui a gente que cuidava, que fazia, e nos abrigos não, a gente não faz nada. Come, bebe e dorme. Na *Associação* é o contrário, você pode fazer tudo.

Eu já trabalhei em vários projetos. Na padaria, primeiro eu fui aprendiz no projeto. Depois eu virei coordenadora. Na época a padaria foi ampliada em três bairros de Sorocaba, eu coordenava um.

Minha reinserção estava marcada para o dia 28 de novembro de 2006. Mas daí numa briga, eu dei um cacete na menina dentro do abrigo.

Então a equipe pediu pra adiantar minha saída. Eu bati porque ela estava de fofoca com o meu nome, arrebentei ela no cacete. Eu já estava bem já, já tinha passado aquela fase difícil, a Rafa já estava na creche. Ela tinha 4 meses, mas ela já ia pra creche.

Ai a coordenadora do abrigo chegou e falou que a Roberta tinha dado ordem que eu tinha que adiantar minha saída.

Eu falei: Pois eu quero sair hoje da lua nova. Eu não tinha nem casa alugada, mas eu disse: Eu quero sair hoje porque se eu ficar aqui eu vou bater em funcionário. Eu estou cansada de abrigo, eu já estou cansada! Vivi quase minha vida inteira em abrigo e já estou a um ano e dois meses aqui de novo, eu não quero mais, chega!

Esse vai ser o primeiro e último abrigo que minha filha vai passar. Eu vou embora! Mas pra onde você vai? Nisso tudo eu já tinha conversado com a Elisângela, que morava em casa de aluguel, já tinha conversado com a Cláudia (educadora).

Fui pra casa da Elisângela dividindo aluguel. Ela as duas filhas dela, eu e a Rafaela. Enquanto isso eu fui correndo atrás de uma casa, foi quando eu cheguei e dei a notícia que tinha arrumado uma casa no Braquiara (Bairro de periferia). Eu fiquei quatro meses ainda morando com a Elisângela. Nessa época eu trabalhava na padaria de segunda a sexta e Rafa ia pra creche.

No domingo, eu fazia meio período de turno de aprendiz e educadora. Pra eu receber o salário, de segunda sexta eu tinha que trabalhar de final de semana no abrigo. A Rafa ficava comigo no turno, ou então ficava na casa da Cláudia (educadora).

Até que achei a casa e fui morar no Braquiara. Nesse época eu comecei a namorar com um carinha, o Cassiano. Meu segundo homem. Só que eu não deixava ele ir em casa, ele só ia em casa quando eu queria. Pro Cassiano ir em casa ele ligava perguntando se ele podia ir, Eu até ficava com ele, mas na hora de ter relação não conseguia.

Aí ele foi internado numa clínica porque ele era usuário também eu ia visitar ele uma vez por mês. Quando deu o tempo de seis meses na clínica, ele veio e eu não dei um pingão de atenção para ele. Eu não estava mais afim.

Eu trabalhava na padaria que ficava em Sorocaba perto do shopping. Eu vinha trabalhar e ele ficava em casa, eu chegava a noite eu não falava com ele, virava pro canto, falava que estava com dor e ia dormir. No domingo de Páscoa, ele marcou um horário pra ir me buscar em casa de manhã. Ligou às duas horas da tarde falando que ele estava indo. Eu falei: Nem precisa vir mais que eu não vou! Eu não sou trouxa, eu não sou palhaça, estava pronta desde as nove da manhã.

Depois disso, eu nunca mais falei com ele. Ele acabou falecendo depois de um tempinho.

E você não vem, nem precisava vir mais pode ficar por ai mesmo, ai depois disso nunca mais eu falei com ele e ele faleceu a um tempinho. Depois mudei de projeto, comecei a trabalhar no projeto da empreiteira para a construção das casas.

A gente trabalhava em esquema de mutirão. Às vezes aos finais de semana. Às vezes dia de semana. Cada menina que trabalhava na construção de sua casa, teria direito a uma casa para morar com seus filhos. Mas depois que saíram as casas do primeiro condomínio eu não quis mais, por causa da fofoca. Além disso, eu já estava trabalhando na Padaria. Preferi ter a minha casa mesmo, sem misturar com as coisas da *Associação*.

Interrupção...

Bem quanto a namoro você sabe, que eu estou com a Rose há quatro anos. Ela me ajudou a fazer a minha casa, nossa casa. A mãe dela deu o terreno e eu ajudei a comprar os materiais e os móveis. Adoro minha casa, minhas coisas.

Depois já faz um tempo que trabalho como educadora. É o trabalho que mais gosto, ajudar as meninas novas, assim que chegam. É como se eu lembrasse de mim mesma..

Às vezes não é fácil, porque tem dia que a gente também não está bem e tem que ir trabalhar, mas eu vou. Tem época que a gente fica sem pagamento, isso me deixa muito brava. A gente trabalha e quer receber direito, aí atrasa o pagamento, atrasa as nossas contas também.

Eu tenho algumas dívidas no cartão e no cartão de crédito, de coisas que eu compro pra mim e pra minha casa, não posso deixar sujar meu nome, meu nome é muito importante pra mim, porque senão depois eu não posso comprar mais nada..

Quando não tenho dinheiro fico nervosa.. mas fico mais nervosa quando brigo com a Rose. Você sabe que ela não é fácil, toda hora alguém vem fazer fofoca de que ela me trai, que tá com fulana ou cliclana.. Mas é difícil ficar sem ela. Fora que quando a gente briga, eu começo a beber, beber todo dia... e tem a minha filha, né?

E seu eu ficar bebendo e o conselho tutelar tirar minha filha? E depois da bebida vem a maconha, a cocaína.. tenho medo sabe. De perder tudo, de voltar pra mesma porcaria de antes.

Por isso que eu ligo pra você, pra Roberta.. pra minha madrinha ou pra madrinha da Rafa, pra pedir ajuda, antes de recair mesmo..

Mas eu estou bem né, tenho a minha casa, minha filha e meu trabalho. Isso que importa. Eu gosto da Rose, mas ela nunca sei direito. Sei que ela gosta da minha filha, e a Rafa também gosta dela, por isso falo pra ela não brincar comigo, tem criança no meio..

Mas isso fica pra outra história né...?